VIETCONG

Viet Cong

Organização e Técnica da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul

EDIÇÕES G.R.D.

Douglas Pike

Viet Cong

Organização e Técnica da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul

Tradução de

Donaldson M. Garschagen

“SUGIRO QUE O TÍTULO DE MEU LIVRO SEJA VIETCONG — NÃO PORQUE O TERMO SEJA EXATO (NÃO É), MAS PORQUE CUMPRIRÁ A FINALIDADE DE UM TÍTULO; INFORMAR AO LEITOR DO QUE TRATA O LIVRO,”

NOTA DO AUTOR AO EDITOR.

PREFÁCIO

Muitas razões levam o mundo a ver com perplexidade e preocupação a guerra no Vietnã. Entre elas ocupa posição destacada a incerteza sobre o caráter e a natureza da Frente de Libertação Nacional. Será a FLN uma organização de frente comunista nos moldes clássicos? Será ela puramente um instrumento de Hanói ou desfruta de um apoio significativo no Vietnã do Sul? Como procedeu para aliciar seus seguidores, e quais são seus métodos, suas táticas, seus objetivos? Nunca se soube tão pouco sobre uma força.

No presente estudo, Douglas Pike utilizou materiais da FLN e de outras fontes vietnamitas para proporcionar respostas às perguntas que geralmente se fazem sobre o outro lado da guerra do Vietnã. O autor escreve sobretudo sobre aquilo que se chama de “a primeira guerra”, que terminou em fins de 1964 ou princípios de 1965. Desde muito a FLN trazia em si o potencial para conflitos internos que a esfacelariam, mas, no decorrer da “primeira guerra”, ela se tornou cada vez mais "regularizada” como uma organização comunista monolítica controlada por Hanói. Essa modificação no caráter da FLN, juntamente com um profundo envolvimento norte-vietnamita e com crescente envolvimento norte-americano, marcaram o fim da "primeira guerra” e o princípio da “nova guerra” que está em andamento. Acredita o autor que, em certas circunstâncias, no caso de uma resolução do conflito vietnamita, a divergência de

interesses, no momento suprimida, poderia ressurgir, principalmente entre os elementos "nortistas” e “sulistas” da FLN.

Este estudo focaliza sobretudo os métodos de organização e comunicação da FLN. O autor considera o desenvolvimento da FLN como decorrente de sua capacidade de introduzir numa desorganizada e incoerente sociedade asiática os benefícios políticos da organização disciplinada e da comunicação social manipulada. Julga, assim, que os princípios de organização eficiente sejam mais importantes que os apelos da ideologia comunista ou as frustrações causadas por condições sociais ou econômicas.

Douglas Pike serviu muito tempo na Ásia, passando seis anos no Vietnã como funcionário da Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA). Em 1964-65 foi-lhe concedido pela USIA uma licença para pesquisas no Centro de Estudos Internacionais do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, e para lá ele levou grande parte dos dados que coletara pessoalmente, no decorrer dos anos, sobre a Frente de Libertação Nacional. Durante o ano que passou em Cambridge, Massachusetts, ele preparou o presente volume partindo daquele material.

As análises, interpretações e conclusões são de inteira responsabilidade do autor. Este livro, como todas outras publicações do Centro, não reflete uma posição oficial da instituição nem, necessariamente, os pontos de vista de outros membros do Centro. O estudo de Pike não constitui polêmica a favor ou contra uma determinada linha política, e sim uma análise da natureza da Frente de Libertação Nacional, baseada sobretudo em materiais dos próprios comunistas.

Ao publicar este trabalho, o Centro de Estudos Internacionais espera contribuir para a maior compreensão de problemas específicos enfrentados hoje no Vietnã e de um desafio mais profundo de importância vital para a política exterior norte-americana. Somente na medida em que se aprender mais a respeito das realidades por trás desses movimentos rebeldes nas áreas em desenvolvimento é que será possível a formulação de políticas mais esclarecidas e eficazes para solucionar o desafio que representam. O estudo de Pike e outros volumes sobre o movimento comunista internacional preparados no Centro ajudam a deslindar a complexa trama de elementos nacionalistas, sociais, políticos e ideológicos que caracterizam o fenômeno do comunismo internacional e seus partidários locais.

MAX F. MILLIKAN

Diretor

Centro de Estudos Internacionais

Agosto de 1966.

PRÓLOGO

Desde outubro de 1960 trabalho junto à Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA) no Vietnã, salvo durante o ano acadêmico de 1964/65, que passei no Centro de Estudos Internacionais do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, como estagiário da USIA para estudar a comunicação internacional de idéias.

O livro propriamente dito foi escrito para uso pessoal. Começou como uma tentativa de registrar apenas certos acontecimentos ocorridos no Vietnã (o título original, para se ter uma idéia, era “Fatores de Comunicação da Luta de Guerrilhas Revolucionárias, tomando o Vietnã como Exemplo”), mas gradualmente foi aumentando o âmbito para incluir praticamente tudo na rebelião. Depois de terminado, o original foi lido por pessoas interessadas do governo, bem como por cientistas e numerosos vietnamitas. Nenhuma mudança substantiva foi feita subsequentemente. Escrevi sem instrução, encomenda ou prazo. Ninguém, do governo ou não, jamais me disse ou me "sugeriu” o que incluir ou omitir. Tenho uma dívida profunda para com o Centro de Estudos Internacionais do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, na pessoa de seu diretor Max F. Millikan, bem como para com membros do estafe, principalmente Jean P.S. Clark, William E. Griffith, Donald LM. Blackmer, Lucian W. Pye, James L. Dorsey e Amélia C. Leiss. Mas, em

termos de dívida, meu maior credor é Nguyen Hung Vuong, um amigo de Saigon.

É óbvio que todo o conteúdo deste livro é de minha única e exclusiva responsabilidade; tentei sinceramente ser objetivo, honesto e desapaixonado.

Embora o livro não apresente nenhuma tese no sentido exato da palavra, ele é orientado para os métodos e técnicas empregadas na comunicação de idéias, assim como para uma consideração das idéias comunicadas. A medida que o estudo se aprofundava tornou-se evidente que tudo quanto a FLN fazia constituía um ato de comunicação. A essência da terceira geração de guerrilhas revolucionárias no Vietnã do Sul é a organização. Os comunistas levaram para as aldeias do Vietnã do Sul uma significativa mudança social e fizeram-no sobretudo através do processo de comunicação. É desse processo que trato neste livro.

Este estudo focaliza principalmente fatos anteriores à primavera.de 1965, embora sejam feitas referências a acontecimentos do verão de 1966. Os dados em que nos baseamos são de três tipos: documentos internos da Frente de Libertação Nacional e do Partido Revolucionário Popular, capturados por unidades do exército vietnamita e a mim fornecidos por amigos militares, tanto vietnamitas como americanos. Além disso, tive acesso a aproximadamente 2.000 exemplares, de propaganda da FLN, produzidos e distribuídos no Vietnã do Sul, bem como as transcrições de transmissões diárias da Rádio Libertação, a emissora clandestina da FLN, da Rádio Hanói e da Rádio Pequim. O segundo tipo de dados foi uma série de cerca de 100 entrevistas com quy chanh, aqueles que voluntariamente abandonavam a FLN, enquanto estavam em acampamentos esperando voltar à vida civil.

O terceiro tipo consistiu de informes e julgamentos sobre dados fornecidos por amigos vietnamitas bem informados, funcionários do governo ou não, cujas fontes sobre a FLN nem sempre eu conhecia mas cuja veracidade ficou provada vezes sem conta. Além dessas fontes diretas, eu consultei naturalmente a literatura geral e acadêmica referente ao Vietnã. As obras de Mao Tse-tung, Vo Nguyen Giap e Truong Chinh constituem também fontes básicas de material.

Esta é em grande parte a imagem que a FLN faz de si própria, uma abordagem legítima, em minha opinião, mas que o leitor deve ter sempre em mente. Estamos lidando aqui quase sempre com materiais comunistas. Procurei examinar os dados e separar os mais importantes daquilo que ê apenas bombástico. Encarei o material com grande dose de ceticismo. O resultado não foi nem uma simples cronologia da campanha comunista nem uma interpretação impressionista dela. Ao invés disso, tentei relacionar os fatos e descrever os fenômenos mais significativos, em minha opinião, de um ponto de vista evolucionário.

Não obstante, o resultado está longe de completo. É possível que a omissão mais séria se refira aos conflitos internos dentro da FLN. Tínhamos muitas indicações da existência desses conflitos, demonstrados, por exemplo, em mudanças de pessoal. Mas pouco sabíamos sobre as essências dos conflitos. Tampouco conhecíamos o mecanismo para a resolução de divergências. E como não conhecíamos esses fatos, não dispúnhamos de nenhum meio preciso para estimar o grau de coesão nas fileiras da liderança, uma área importante em que laborávamos em ignorância. A segunda omissão importante refere-se ao estado moral da FLN e dos comunistas, principalmente nos níveis supremos, a qualquer momento dado. Tal avaliação é difícil até mesmo com relação ao próprio lado do analista. Nunca podíamos estar certos de que os relatórios sobre esse assunto não fossem

preparados deliberadamente para induzir a erro ou que não fossem resultado de otimismo. Como o moral é de importância capital na luta de guerrilhas, esta ê também uma séria deficiência.

Tendo vivido seis anos no Vietnã, de certa forma lancei raízes lá e passei a preocupar-me profundamente pelos acontecimentos. O flagelo do povo vietnamita não é uma abstração para mim, e não tenho paciência com aqueles que o encaram como tal. Uma vitória dos comunistas significaria a sentença de morte para milhares de vietnamitas, muitos deles naturalmente amigos meus, ou então, ao cárcere ou ao exílio permanente. Quando líderes americanos declaram que o que está em jogo é a determinação da liberdade de escolha para o povo vietnamita, isto para mim soa como uma realidade e não como uma frase inócua.

DOUGLAS PIKE

Saigon, Vietnã do Sul

Agosto de 1966.

I. HERANÇA

Apenas algumas correntes no longo e sinuoso rio da história vietnamita tem relação com nosso objetivo básico e devem ser mencionadas de passagem. Em primeiro lugar, o espírito de doc lap (independência), ou, mais precisamente neste contexto, o profundo ressentimento contra o controle estrangeiro, é um elemento preponderante na formação do cenário social vietnamita. O segundo, o regionalismo vietnamita, que é algo além de provincianismo e mais profundo que paroquialismo, é um fator vital. O doc lap teve origem na dominação chinesa, o regionalismo na marcha histórica para o sul, que começou no século X e continuou esporadicamente durante 800 anos. Um forte instinto de clã, combinado com um profundo sentimento de destino vietnamita, situados no ambiente de controle estrangeiro que lamentavelmente tem marcado a maior parte da história primitiva e posterior do Vietnã, produziram a terceira corrente, um conjunto extremamente significativo de atitudes com relação à organização social, e criaram aquilo que talvez seja a mais importante herança sociológica vietnamita: a organização clandestina. Combinados, esses fatores criaram uma paradoxal perspectiva individual das lutas da vida e dos problemas da sociedade — pacifismo tolerante envolvendo um núcleo de fanatismo militante.

Um acirrado sentimento de ligações associativas combinado com idéias de superioridade racial e destino manifesto, e

nutridos num meio de ocupação por uma potência estrangeira, produzem geralmente um conjunto de irmandades sangrentas, organizações nacionalistas militantes, associações clandestinas de finalidades gerais ou uma combinação de tudo isto. Tal foi o caso no Vietnã. Muitos dos grupos rurais tradicionais eram, senão clandestinos, pelo menos sub rosa, o resultado de cautela nativa. Seja como for, a tradição de clandestinidade estava firmada e a organização clandestina aflorou — se é este o termo correto — para dominar até hoje a política e a sociedade vietnamitas.

A organização clandestina do Vietnã repousava na suposição nacional de que a sociedade consistia numa legião de forças sociais perigosas e conflitantes que só poderiam ser enfrentadas por organização enigmática e participação secreta. No antigo Vietnã, o poder era algo por que se tinha de lutar, algo a ser agarrado e mantido com exclusivismo. Nenhum imperador jamais o compartilhou voluntariamente. Um pretendente ao trono ocultava suas intenções até estar pronto para atacar. Nem nos primeiros tempos, nem mais tarde, sob domínio francês, permitiu-se a existência de uma oposição legal. Qualquer oposição constituía uma ameaça direta e era esmagada sem esmorecimento onde e quando tentada ou denunciada.

Estava inteiramente de acordo com a tradição vietnamita que houvesse uma aceitação imediata, no domínio político clandestino do país, da organização de frente européia, no sentido “popular” de uma coalizão de grupos políticos formado temporariamente para algum objetivo específico com participação comunista (clara ou oculta) mas de natureza tal a beneficiar tanto seus membros comunistas como não-comunistas. O mat tran, ou organização de frente, harmonizava-se tanto com o temperamento do vietnamita, tomado individualmente, quanto com a natureza das

relações sociais no Vietnã e tornou-se uma arma política válida. A frente unida antifascista da política européia chegou à Indochina em 1938 como o Mat Tran Thong Nhan Dan Chu (Frente Unida Democrática). Em 1939 essa organização transformou-se no Mat Tran Dan Chu Bai Phong Phan De (Frente Unida Anti-imperialista). Outros grupos de frente se seguiriam: a Frente Unida Nacional (Mat Tran Quoc Gia Thong Nut), a Frente para Unidade Nacional (Mat Tran Doan Ket), a Frente Unida Nacional do Povo (Mat Tran Quoc Dan Doan Ket) e a Frente para a Democracia (Mat Tran Dan Chu Hoa).

Em 1941 o Partido Comunista Indochinês (PCX) formou o Viet Minh (contração de Viet Nam Doc Lap Dong Minh Hoi), denominado formalmente Liga para a Independência do Vietnã. Era uma organização de frente comunista, muito embora de seu nome não constasse o termo mat tran. O Viet Minh, por sua vez, tornou-se parte de uma organização de frente mais ampla chamada União Nacional do Vietnã, ou Associação Nacional da Frente Popular (Hoi Lien Hiep Quoc Dan Viet Nam), conhecida geralmente como Lien Viet. Formada sob a orientação de Ho Chi Minh, o Lien Viet procurava congregar organizações não só do Vietnã, mas também na Camboja, no Laos e até mesmo de países mais distantes. Nos primeiros anos da década de 1950 o Lien Viet foi absorvido por uma frente ainda mais ampla, a Frente Patriótica (Mat Tran To Quoc), formada evidentemente para atrair membros do Vietnã do Sul, no que não logrou êxito.

Comércio e religião levaram os franceses para o Vietnã. Lá deixaram não só um estilo de vida e a influência de idéias estrangeiras como também uma herança de amargura e ódio desconhecida em outras ex-colônias asiáticas, até mesmo na Indonésia — um fato irônico, porquanto durante sua breve estada na Indochina os franceses jactavam-se de suas boas relações com suas colônias. As economias da França e da

Indochina estavam entrosadas; a mão-de-obra indochinesa, por exemplo, era utilizada livremente para as minas da França. Uma doutrina, primeiro de assimilação e depois de associação, trouxe educação, cidadania dupla e outros benefícios da civilização francesa. A separação, ou rompimento, quando ocorreu, foi por isso proporcionalmente maior.

O aspecto mais importante dessa herança para nossa análise é o papel do nacionalismo e do comunismo.

Após um alvoroço febril, de fins da década de 1920 até meados da década de 1930, principalmente no sul mas também em todo o país, a atividade das organizações clandestinas começou a decrescer e a oposição militar aos franceses a diminuir. A aquiescência terminou, contudo, no fluxo social da II Guerra Mundial. Teve início então a reorganização administrativa final, de nacionalistas versus comunistas, que estabeleceu o padrão para as duas décadas seguintes.

Em 1941, ao mesmo tempo em que o Partido Comunista Indochinês formava o Viet Minh, seu maior rival, o VNQDD (o Partido Nacionalista [ou Popular] Vietnamita), organização dileta dos nacionalistas chineses, procurava atrair para seu redil todos os revolucionários vietnamitas — pelo menos todos os não-comunistas.

Seguiram-se três congressos nacionalistas de revolucionários, durante os quais a polarização se fixou. O segundo deles, realizado em Liuchow (China), em outubro de 1942, assistiu ao nascimento do Dong Minh Hoi, uma frente unida nacionalista dominada pelo VNQDD. Este segundo congresso marcou o apogeu do movimento nacionalista não-comunista na Indochina e um ponto crítico na história vietnamita. Por motivos nunca esclarecidos, os

nacionalistas chineses subitamente inverteram sua posição com reação ao Viet Minh e permitiram que fosse convocado um terceiro congresso com o propósito de estabelecer um governo provisório para o Vietnã. Esse terceiro congresso foi dominado pelo Viet Minh, por sua vez dominado por Ho Chi Minh. Como era de se prever, provocou uma sucessão de acontecimentos que levaram à emasculação comunista das organizações nacionalistas não-comunistas do Vietnã, inclusive o próprio Kuomintang.

Em março de 1944, a estrutura política no Vietnã consistia num único partido, o Partido Comunista Indochinês, que dominava uma organização de frente unida (o Viet Minh), que fazia parte de uma organização nacionalista de frente unida (o Dong Minh Hoi) como membro subdominante. Como consolo para os chineses, o Viet Minh ocupou menos da maioria das cadeiras no novo governo provisório. Tendo criado essa novel estrutura de transição, Ho Chi Minh ocupou-se inicialmente em consolidar a base do edifício governamental e depois em eliminar a principal organização rival, o VNQDD. Sob a ocupação japonesa, os acontecimentos na Indochina caminhavam para um clímax. Em março de 1945, os japoneses encarceravam os funcionários coloniais e as autoridades militares francesas, um ato que, com efeito, tirou as peias aos nacionalistas e comunistas vietnamitas nas zonas rurais, onde os franceses haviam mantido uma certa autoridade e onde praticamente não existia controle japonês. O Imperador Bao Dai reinava apenas nominalmente; as cidades eram administradas pelos japoneses. As potências aliadas reuniram-se em Potsdam e concordaram que, com o fim de desarmar os japoneses, os britânicos ocupariam a Indochina ao sul do paralelo 16 e os chineses ao norte dele.

O término da II Guerra Mundial ocasionou um súbito vácuo político no Vietnã para o qual ninguém estava preparado. A

influência japonesa na Indochina começara a desintegrar-se na primavera de 1945. Com as autoridades francesas detidas, após o chamado “golpe de estado japonês”, tanto os nacionalistas como os comunistas começaram a afirmar sua autoridade em toda a área do sul.

Grande parte do país estava nesse momento sob o controle pelo menos nominal das chamadas Comissões de Libertação Populares, uma estrutura organizacional que se estivera desenvolvendo durante a guerra e que surgiu em agosto como uma pirâmide hierárquica presidida por Ho Chi Minh. No sul os comitês eram conhecidos coletivamente como Comitês Populares do Vietnã do Sul. Em muitas áreas, principalmente no norte, esses comitês tornaram-se o governo de facto. Através deles, e ajudado por uma judiciosa prestidigitação política, Ho Chi Minh, na manobra mais audaz de sua carreira, afirmou sua autoridade sobre o Vietnã. Bao Dal abdicou em seu favor e tornou-se o Conselheiro Supremo do novo governo, transferindo assim para o novo regime o manto de legitimidade. Proclamou-se a República Democrática do Vietnã (RDV). O golpe deu ao Viet Minh um ímpeto que ele nunca mais perdeu e que seus adversários nacionalistas nunca puderam igualar. Firmou Ho Chi Minh e seus companheiros comunistas no comando da luta anticolonialista. Criou, em realidade e em mito, os alicerces sobre os quais pôde ser edificada a base de massa da organização comunista. E proporcionou aos comunistas o instrumento para anular a oposição, pois adquiriram o direito de argumentar — e o fizeram — que o Vietnã devia apresentar uma frente unida e falar em uníssono aos estrangeiros ocupantes,

A posição do Viet Minh com relação aos franceses resultou de uma armadilha preparada por Moscou e pelo Partido Comunista Francês. Moscou insistia que o Partido Comunista Indochinês seguisse a linha do Partido Comunista Francês,

que, atendendo a ordens de Moscou, insistia que o PCI se abstivesse de hostilidades abertas até que Moscou expedisse autorização.

O Alto Comissário Francês Almirante d'Argenlieu opunha-se às tentativas de aproximação entre seu governo e Ho Chi Minh e apresentou fortes objeções ao acordo básico de 6 de março de 1946 sobre a independência do Vietnã, no qual o governo francês reconhecia a República do Vietnã. Tentou contorná-la e formar uma federação da Indochina separada; e, sendo o governo francês o que era, ele conseguiu torpedear o acordo de março. Quando os representantes da RPV e do governo francês estavam formalmente reunidos em Fontainebleau com o objetivo de chegar a uma solução amistosa, d’Argenlieu, por seu próprio alvitre convocou a conferência de representantes da Cochinchina, da Camboja e do Laos, mas não da RDV. Essa manobra, tão espalhafatosa e óbvia, deixou o representante da RDV em Fontainebleau sem outra alternativa senão retirar-se da conferência. Assim sendo, d’Argenlieu, um mero funcionário, pôs a pique o que poderia ter sido o acordo que teria evitado a guerra do Vietnã.

II. O LEGADO DO VIET MINH

Guerrilhas revolucionárias

A luta de guerrilhas revolucionárias, principalmente na forma como surgiu no princípio da década de 1960 no Vietnã, era algo novo não só em grau como também em espécie. Na opinião de muitos é o esquema básico do comunismo para o controle das nações subdesenvolvidas da Ásia, da África e da América Latina. Os comunistas tentaram elevar as técnicas empregadas na revolução chinesa e na guerra do Viet Minh contra os franceses ao nível de ciência, de modo a serem capazes de prescrever uma receita que, se aplicada de acordo com as instruções, produziriam vitória inevitável. É precisamente seu rótulo à prova de erros, tipo “faça-você-mesmo” que torna a embalagem tão atraente para os descontentes de toda parte e faz ao mesmo tempo com que a destruição da ficção da infabilidade da fórmula seja tarefa primordial para os povos e nações interessados em manter a paz e ajudar as nações a se desenvolverem de maneira ordeira e construtiva.

A luta de guerrilhas revolucionárias, como praticada no Vietnã, era um modo de vida. As atividades militares e outras formas de violência eram concebidas como meios

para se contribuir para a luta sociopolítica. O principal esforço era comunicação; o principal meio, a organização criada com finalidade específica; a principal atividade diária dos funcionários qualificados, o trabalho de agitação e propaganda. A comunicação facilitava a organização, a qual facilitava a mobilização. O objetivo inalterável consistia em transformar o Vietnã rural num mar de aldeões irados que se insurgiriam simultaneamente na Rebelião Geral e destruiriam todas as fórmulas sociais. Destarte, o objetivo não era o violento protesto social comum, nem as costumeiras agitações revolucionárias que se têm observado em todo o mundo. A luta de guerrilhas revolucionárias era inteiramente diferente. Era um produto importado, a revolução trazida do exterior; seu capital de giro, a injustiça, era com frequência criado artificialmente; sua meta — libertação — uma fraude.

O conceito de luta de guerrilhas revolucionárias contraria as aspirações de um povo enquanto aparentemente as promove, manipula o indivíduo, persuadindo-o a manipular a si mesmo. Os comunistas de todo o mundo são capazes de afirmarem-se amantes da paz, mas não percebem a incoerência de advogarem uma guerra como instrumento de reforma social.

A técnica desenvolvida pela Frente de Libertação Nacional (FLN) baseava-se em grande parte numa miscelânea de máximas militares e aforismas semipolíticos avulsos acumulados, no decorrer dos anos, e extraídos principalmente das obras de revolucionários chineses e vietnamitas. Os recrutas decoravam esses preceitos e os líderes discutiam-nos constantemente em reuniões de estudo e em sessões de crítica e autocrítica. Alguns desses preceitos, obviamente inadequados ao Vietnã do Sul, eram provavelmente reverenciados apenas proforma. Outros, que tinham dado certo algures, falharam no Vietnã do Sul. Em

certos sentidos, a FLN era prisioneira da doutrina, pois um exame de documentos internos da FLN torna óbvio que muito esforço era dedicado à tentativa de adaptar fórmulas anteriores, em especial os famosos “três estágios” da guerra revolucionária, às condições de outro lugar e outro tempo. No fim, houve desvios sensíveis do original, e surgiu uma “terceira geração” de luta de guerrilhas revolucionárias, muito mais sofisticada que qualquer coisa anterior. Mas é disso, na realidade, que trata este livro — as técnicas da luta de guerrilhas revolucionárias criadas pela FLN, sui generis, no Vietnã do Sul e novas no cenário mundial. Não obstante, a “terceira geração” da FLN estava alicerçada firmemente nos três estágios enunciados por Mao Tsé-tung e definidos por Vo Nguyen Giap.

Mao não imaginou as operações de guerrilhas como uma forma independente de guerra, mas simplesmente como um aspecto da luta revolucionária. Havia, disse ele, três tipos de atividades políticas: aquelas dirigidas ao inimigo (principalmente esforços de proselitismo), aquelas dirigidas ao povo (trabalho de agitação e propaganda) e aquelas dirigidas às forças guerrilheiras e partidárias (organizacionais e doutrinárias). Dentro desse arcabouço enquadravam-se seus três estágios de guerra revolucionária. Pode-se afirmar que Giap delineou cinco estágios em lugar de três, ou que usou os três estágios mas os precedeu de dois outros estágios preliminares. No primeiro, que poderia ser chamado de estágio de guerra psicológica, estabelece-se uma base entre o povo, usando-se a guerra de propaganda e política; a insatisfação entre o povo é convertida em atividade canalizada; formam-se células; a maior parte da atividade realiza-se no nível individual e é, naturalmente, clandestina. Na segunda fase preparatória, que poderia ser denominada fase das pequenas unidades, começa o trabalho básico de organização: a formação de associações verticais e horizontais e a criação de companhias armadas

de propaganda, equipes de agitação e propaganda armadas que só combatem para se defenderem e cujas principais tarefas são trabalho de organização e agitação-propaganda.

No primeiro estágio principal, os revolucionários encontram-se na defensiva e o inimigo na ofensiva. Os guerrilheiros atacam, fogem e se escondem — principalmente se escondem. Principal meta: sobrevivência. A estratégia chinesa de trocar terra por tempo só se aplica, obviamente, a um país de vasta área territorial e de população esparsa. O Viet Minh não tinha espaço para manobrar e, por conseguinte, necessariamente dava maior ênfase ao trabalho de organização e à atividade clandestina. Os líderes formavam o núcleo numa área segura; esse núcleo então treinava recrutas que formavam pequenos grupos, geralmente de três a cinco homens (nunca mais de 50) em unidades de operação. Mais tarde, ainda nesse estágio, criavam-se unidades maiores de maneira coordenada, e conquistavam-se bases de retaguarda, chamadas "áreas libertadas". Giap, como Mao, pregava que os guerrilheiros deviam manter suas forças intactas, evitando batalhas de vulto. A tática básica é a emboscada, pois permite aos guerrilheiros escolher a hora e o lugar, e o inimigo, às vezes, fornece-lhes armas e constitui bom treinamento. Como um enxame de vespas iradas cercando um homem desprotegido, os guerrilheiros investem, fazem um ataque pungente e recuam rapidamente quando uma mão forte se levanta contra eles.

Um enorme esforço de organização marca o primeiro estágio. Aliciam-se aliados, formam-se organizações, forjam-se alianças, geralmente sob a bandeira de um partido político de frente unida. Uma intensa doutrinação política marca também a primeira fase. A população relativamente neutra é lentamente persuadida, por uma combinação de terrorismo seletivo, intimidação, persuasão e agitação

maciça, de que o futuro está ao lado dos rebeldes e não com o regime estabelecido. Isso é feito através de organização, estando as pessoas formadas num complexo de grupos sociais, seja movimentos de massa criados especialmente ou movimentos legítimos já existentes no país. Nunca a liderança é mais importante que durante o primeiro estágio, e ela emana do partido comunista local (o partido possui dois aparelhos, um aberto e outro oculto).

No segundo estágio, o sistema está mais ou menos em equilíbrio e os vietnamitas a ele se referem como o período de guerra móvel. A estratégia modifica-se, deixando de basear-se primordialmente na necessidade de conservar sua força e passando a objetivar, sangrar e enfraquecer o inimigo. À medida que as tropas inimigas tornam-se mais defensivas e estáticas, a guerrilha adquire uma orientação mais ofensiva e maior dinamismo. As forças guerrilheiras tornam-se maiores e menos primitivas. A guerrilha territorial ou regional é de transcendental importância, mas faz-se uso cada vez maior do exército de libertação estruturado, na forma de regimentos ou divisões. A guerra móvel domina a cena. A guerra móvel, um meio-termo entre a luta de guerrilhas e a guerra convencional, é taticamente uma série de ataques de bandos guerrilheiros muito dispersos contra alvos como postos avançados, comboios e patrulhas militares; do ponto de vista estratégico, consiste numa série de campanhas cuidadosamente calculadas no tempo e integradas. A mobilidade é ocasionada não por movimentação física, mas por golpes oportunos contra um inimigo ocupado em outro local.

Embora o esforço militar passe de equilíbrio para ofensiva total, as atividades políticas são altamente dinâmicas desde o começo e assim permanecem até o fim. O objetivo militar consiste em quebrar a influência do governo sobre a população, o objetivo político em romper os laços

psicológicos. Um grande esforço é também dirigido no sentido de se aumentar a eficiência da estrutura organizacional formada no primeiro estágio. A transição do primeiro para o segundo estágio é imprecisa e pode ser reversível.

O terceiro estágio, o princípio do fim, é chamado pelos vietnamitas de diversas maneiras, como fase do assalto frontal, estágio de contraofensiva ou, mais comumente, estágio de guerra convencional. Nesse ponto a luta perde muito de seu aspecto ideológico e torna-se menos uma guerra de pontos em debate, do que uma questão de pura força militar. Esse período marca a regularização da organização sociopolítica e o maior controle sobre a população nas áreas libertadas. Para Giap, o terceiro estágio era um verdadeiro conflito militar, mas ainda uma forma de guerra civil na qual os valores políticos continuavam importantes, muito embora os militares dominassem obviamente os acontecimentos. Giap previu também uma possível fase política intermediária, o governo de coalizão que seria infiltrado e finalmente tomado por meios não-militares, vale dizer, infiltrativos.

Analisando seu êxito muito mais tarde, os teóricos do Viet Minh atribuíram a vitória ao fato de haverem combinado corretamente os três elementos essenciais da Resistência: a organização de frente unida anti-imperialista e de base ampla que serviu como fundação para a luta, liderança pela classe trabalhadora e uso adequado da luta armada. A esses três fatores internos acrescentou-se um contexto externo vital, "a vitória da União Soviética na II Guerra Mundial e a da Guerra de Resistência do Povo Chinês”. Na verdade, organização, liderança e violência — mais auxílio externo — foram as razões essenciais para o sucesso do Viet Minh.

Contudo, esse raciocínio não leva em consideração a política e as atitudes francesas, tanto na metrópole como na Indochina. Paris tinha dificuldade em interessar-se sinceramente na guerra do Viet Minh, e os sucessivos governos franceses demonstraram uma singular incapacidade de travar a guerra com determinação de vitória, estabelecer um acordo ou retirar-se do conflito. O governo colonial indochinês, uma combinação de lógica inexorável e interminável corrupção, não estava absolutamente à altura da tarefa que enfrentou.

A estratégia do Viet Minh procurava antes de tudo anular a oposição a ele próprio dentro do campo anticolonialista e depois construir uma máquina altamente sensível que seria responsável pela organização e dinamização do povo, isolando os colonialistas. Seus objetivos foram alcançados sobretudo através de manobras organizacionais.

O maior talento de Ho Chi Minh estava claramente no campo da organização. A maioria de suas vitórias antes da criação do Viet Minh resultou de sua habilidade em criar, usar e no momento propício fundir uma sucessão de organizações de frente unida, cada qual um escalão mais alto que a predecessor, cada qual aumentando a força do Partido, aumentando sua base de apoio de massa e eliminando seus rivais. Sua técnica consistia na absorção de uma organização rival numa sociedade mais ampla, como meio de obscurecer sua identidade individual e como prelúdio à amputação de sua liderança, após o que ela se desintegrava. Essa destruição de organizações não era nova nem típica do Vietnã, mas ninguém jamais a realizou tão habilmente nem com tanto êxito durante tempo tão longo.

Vo Nguyen Giap talvez tenha sido o gênio da violência, Truong Chinh pode ter sido o teórico erudito, mas foram as

brilhantes manobras organizacionais de Ho Chi Minh que levaram à vitória insofismável.

Trabalho organizacional

No primeiro ano depois de finda a guerra, Ho Chi Minh provou de uma vez por todas seu inigualável talento para a fraude e a crueldade, bem como seu gênio organizacional no carreirismo político. Durante aquele primeiro ano crítico de após-guerra ele conseguiu manter um governo-enclave em setores do Norte; conservar relações razoavelmente funcionais com os nacionalistas chineses de Hanói, dos quais ele recebia, principalmente através de suborno, os materiais bélicos de que necessitava desesperadamente; e conter qualquer ação decisiva por parte dos franceses, que no momento se viam ou incapazes ou indispostos a aceitá-lo como peça permanente, esmagá-lo militarmente ou proporcionar aos vietnamitas uma alternativa aceitável.

Ho Chi Minh utilizou corretamente o ano da graça.

O ano começou com uma série de delicadas negociações, marcadas por uma boa dose de conspiração, com os nacionalistas não-comunistas, e terminou com a perseguição e a destruição de toda a oposição nacionalista. Em meados do ano, Ho logrou uma importante vitória organizacional, a criação do Governo de União e Resistência Nacional, um regime de coalizão, que seria o instrumento do Viet Minh na luta que se seguiu. O governo incluía marxistas, não-marxistas do Dog Minh Hoi, membros de grupos políticos e religiosos menores, inclusive católicos, e vietnamitas preeminentes que se proclamavam independentes. O Partido Comunista Indochinês foi abolido, e permaneceu na clandestinidade até 1951.

Do ponto de vista organizacional, Ho Chi Minh também fez progressos. Em março de 1946 fundou outra organização de frente, vulgarmente conhecida como o Lien Viet, ostensivamente uma frente mais ampla que as anteriores — sua plataforma, por exemplo, era simplesmente “independência e democracia” — mas, na realidade, um dispositivo para destruir os remanescentes das organizações nacionalistas e para estabelecer maior controle sobre a população. Em outubro de 1946, Ho Chi Minh reorganizou o governo, eliminando o que restava do Dong Minh Hoi.

No Sul, como no Norte, os oposicionistas foram perseguidos e assassinados. Os últimos vestígios dos trotskystas foram eliminados quando o Viet Minh matou todos os três líderes. Bui Quang Chieu, líder do Partido Constitucionalista, foi assassinado, bem como Ho Van Nga, líder do Partido Nacional da Independência, Dois mandarins, importantes figuras políticas, foram também assassinados.

O Viet Minh, conduzido por Ho Chi Minh, num fervor de atividade organizacional, insuflou vida num governo-enclave nativo. Com brilhantismo concebeu e criou uma força social de extraordinário caráter. Desde o princípio, esse arranjo sociopolítico foi capaz de promulgar suas próprias leis, aplicar justiça e criar, equipar e manter tanto um exército como uma força policial interna. Nos anos que se seguiram, suportou as tensões criadas por um bando implacável de colonialistas militares ajudados por um impiedoso exército de mercenários. Foi a organização que deu a vitória final sobre os franceses.

No Sul

A estrutura sócio-governamental do Viet Minh no decorrer dos anos, embora hierárquica, consistia principalmente numa cadeia horizontal de comitês em nível de aldeia; ao todo, de 1941 a 1955, houve cinco gerações sucessivas de tais comitês rurais. A unidade básica foi sempre a aldeia, e o órgão básico administrativo e judicial era o comitê, qualquer que fosse seu nome. Durante a guerra do Viet Minh, esses comitês estiveram unidos como raios de uma roda ao comitê em nível de província, e as províncias estavam diretamente subordinadas, nos primeiros anos, ao Ministro do Interior Vo Nguyen Giap. A área do sul era operada segundo um critério de redes de bases, e não como uma estrutura governamental Viet Minh, como ocorria no Norte. Calcula-se que dois milhões de sul-vietnamitas viviam sob esse sistema de bases e nunca viam um francês meses a fio; mais cinco milhões viviam nas chamadas “áreas contestadas”.

A sorte do Viet Minh no Sul poderia ser melhor sintetizada, paradoxalmente, como um fracasso bem sucedido. Desde o princípio o Viet Minh alienou os sul-vietnamitas. A política de terra devastada, copiada da revolução chinesa, assustou o Sul e mostrou-se impraticável. Os conchinchineses consideravam a Resistência como de orientação nortista: o foco da luta era no Norte, a maioria de seus dirigentes eram nortistas e os franceses eram mais vulneráveis no delta do Rio Vermelho. O canal de comunicação entre Hanói e Saigon era imprevisível e as ligações dentro do Sul eram difíceis. A liderança do Norte mostrava pouco conhecimento sobre os sulistas e ainda menos paciência com a letargia do Sul. Finalmente, a situação internacional era de molde a favorecer o maior ativismo da Resistência ao norte do paralelo 16. Contudo, o Viet Minh sulista conseguiu forçar os franceses a uma posição defensiva e depois passiva no princípio da guerra e finalmente arrancar deles o controle político em grandes partes do Sul, mas isso sucedeu à sua revelia, e não devido a combate.

Hoje em dia a maior parte dos vietnamitas afirmam que os franceses no Sul foram derrotados sem luta, o que consideram vitória mais meritória do que a obtida pelas forças no Norte. Mas a organização comunista foi simplesmente incapaz de consolidar sua posição no final da guerra. Seu maior fracasso nesse respeito foi sua incapacidade de obter uma aliança do Viet Minh com os nacionalistas sulistas, principalmente as seitas, pois a Resistência e os consequentes deslocamentos possibilitara-lhes tornarem-se mais fortes e criar suas próprias forças militares e unidades administrativas.

Aspectos militares

A organização das forças armadas do Viet Minh estava relacionada diretamente com a espécie de guerra que travava. Os franceses, cujas forças totalizavam aproximadamente 380.000 homens, manietavam-se a si próprios — o que é ilustrado pelo fato de 15 milhões de toneladas de concreto terem sido despejadas no delta do Rio Vermelho no primeiro ano da guerra — em fortalezas inúteis. Mais tarde, quando as tropas mecanizadas francesas foram introduzidas, não conseguiram igualar a mobilidade dos infantes do Viet Minh. Uma lição amarga sempre reaprendida em toda luta de guerrilhas é que se um grupo de guerrilheiros não deseja combater, é praticamente impossível obrigá-lo. O tempo trabalhou em favor do Viet Minh, o que geralmente não é o que acontece em lutas de guerrilhas; os franceses envolveram-se numa guerra cara e impopular, e precisavam não só de vitória, como também de vitória rápida. No fim, é provável que o tempo tenha sido o fator decisivo.

O sucesso da revolução chinesa e da Resistência Viet Minh teve como resultado atribuir às obras de Mao Tsé-tung e de Vo Nguyen Giap uma pretensão que elas não têm. Suas táticas, e isso é tudo que oferecem, podem ser derrotadas. Os franceses demonstraram isso na Argélia, onde militarmente venceram, em grande parte pela aplicação das lições aprendidas na Indochina. Tampouco Giap é o gênio militar que frequentemente se afirma. Do ponto de vista militar, pouco daquilo que ele, ou, aliás, Mao, disseram, não foi dito antes. Eliminando-se o palavreado, a guerra prolongada, ou guerra popular, pode ser sintetizada na seguinte regra: trave o tipo de guerra para o qual você está melhor preparado. A elaboração de estágios poderia ser sumarizada numa regra: faça mais quando for capaz disso.

Entretanto, aqueles que estão envolvidos profissionalmente com a luta de guerrilhas revolucionária, ou seja, oficiais militares, autoridades políticas, eruditos e jornalistas, tendem a cometer dois erros principais: são tentados quase irresistivelmente a elevar a dupla Mao-Giap à condição de semideuses; ou permitem que as espalhafatosas surtidas dos guerrilheiros obscureçam o trabalho de organização, muito menos vistoso, porém muito mais importante. A cobertura jornalística da guerra do Viet Minh tratava quase exclusivamente das operações militares dos guerrilheiros, embora o equilíbrio fosse restaurado nos anos seguintes com o aparecimento de livros sobre as atividades políticas e organizacionais. Da mesma forma, praticamente nada foi escrito a respeito da estrutura organizacional da FLN, nem mesmo sobre seus principais programas sociopolíticos. No entanto, sob qualquer critério — dinheiro, mão-de-obra, tempo dispendido — essas atividades dominavam o dia-a-dia tanto das fileiras como da liderança e, em comparação, reduziam a quase nada os aspectos militares.

Da mesma forma que sobrestimamos a importância militar da luta revolucionária de guerrilhas, também subestimamos seu poder como força social. A contribuição de Mao e de Giap para a teoria sociológica é um conjunto de instruções sobre como mobilizar o povo como força potente, o que inclui força militar, para finalidades políticas em circunstâncias nas quais não existem os controles ordinariamente disponíveis aos dirigentes empenhados em criar um complexo político-militar de âmbito nacional. Giap deu grande realce ao trabalho não-militar do Viet Minh numa entrevista concedida em 1964 a um jornalista cubano:

D*urante a Resistência, nosso povo, guiado pela liderança do Partido, consolidou e reforçou continuamente o governo revolucionário e utilizou esse governo como instrumento afiado para mobilizar e organizar o povo para lutar contra os colonialistas franceses, (...) para proteger a independência nacional e para salvaguardar as conquistas da Revolução de Agosto. Durante o período entre a Revolução de Agosto e a vitória da Resistência, nosso estado democrático popular — na realidade a ditadura revolucionária dos operários e camponeses — desempenhou um papel decisivo na completa consecução das tarefas estratégicas da revolução democrática nacional popular. {1}*

A vitória do Viet Minh sobre os franceses foi ratificada nos acordos de Genebra de 1954, que deram ao Vietnã uma identidade internacional independente, mas ao preço terrível de sua unidade interna. Deliberada e desnecessariamente, — do ponto de vista comunista — o país foi mais uma vez dividido, dessa vez ao longo da mais artificial de suas fronteiras, o paralelo 17, e tornou-se a

República do Vietnã ao sul (GVN) e a República Democrática do Vietnã (RDV) ao norte. Ironicamente, o acordo redigido em Genebra beneficiava todas as partes, salvo os vencedores.

Só o Viet Minh, o vencedor, perdeu ou foi ludibriado. De algum modo Ho Chi Minh foi persuadido — aparentemente através de um esforço conjunto sino-soviético — a aceitar a metade do país sob a alegação de que a outra metade seria sua logo que fossem realizadas as eleições, marcadas para daí a um ano. Sua disposição em aceitar a partição, depois de Dien Bien Phu, prova, como nada mais pode fazer, sua lealdade e fidelidade profundas para com o comunismo internacional. O choque com que um ano depois os norte-vietnamitas perceberam que haviam sido traídos deve ter sido realmente muito grande — nove anos de sacrifícios em nome de independência e unidade levados pelas águas do rio da abstração. (Em 1955 e 1966, os quadros do Viet Minh do sul nas fileiras da FLN expressaram a mesma amargura com relação ao acordo e mostraram-se contrários a qualquer acordo político que desse fim a luta posterior com receio de serem novamente logrados.)

Os dirigentes da RDV consideravam a partição como transitória, em decorrência, evidentemente, de um ingênuo excesso de confiança na capacidade da diplomacia francesa de assegurar eleições. A Ho Chi Minh e seu grupo, a situação interna parecia inteiramente sob controle: a RDV era monolítica, poderosa, e vencedora, ao passo que o Sul era fraco, dividido e governado pelo desacreditado e ineficiente Bao Dai. O comportamento dos dirigentes da RDV no primeiro ano depois de Genebra dá a entender que acreditavam na realização de eleições, de modo que a principal tarefa que tinham a cumprir no ínterim era manter o Sul politicamente desequilibrado. Não é muito claro por que motivo exato acreditavam nisso. Decerto ninguém

deveria ter acreditado seriamente que o governo sulista — ou, aliás, qualquer governo — permitiria eleições prescritas por um acordo internacional do qual não era parte, eleições que com toda certeza perderia.

Assim, ao Viet Minh e aos comunistas foram negados os frutos da vitória que acreditavam lhes pertencer honesta e moralmente. E quem os privou da vitória foram pessoas que sabiam por experiência própria o que era o comunismo e não queriam saber dele. Na famosa Operação Êxodo, norte-vietnamitas deixaram o Vietnã do Norte para se reinstalarem no Sul, semeando a população, numa proporção de mais ou menos uma para dez, com pessoas que conheciam profundamente e opunham-se tenazmente tanto ao comunismo como à RDV.

Viet Minh e Viet Cong

De muitas formas a guerra do Viet Minh, ou a Resistência, assemelhou-se à luta posterior no Sul: ambas possuíam uma essência política, ambas estavam envolvidas intimamente com a mobilização do povo, ambas exigiam auxílio exterior. Mas diferiam em três aspectos importantes que dificultam traçar paralelos significativos entre eles.

Em primeiro lugar, a luta posterior no Sul teve uma perceptível aura de importação que não caracterizou nem a guerra do Viet Minh nem a revolução chinesa. O caráter alienígena não era uma mera questão de auxílio ou liderança do exterior. A luta era, em essência, uma ofensiva expansionista dos norte-vietnamitas que afirmavam, e realmente acreditavam, que seu objetivo de reunificação tinha justificativa legal e moral. Contudo, devido ao realce dado à unificação, os sul-vietnamitas entenderam a luta não

como uma combustão espontânea, mas sim como uma criação deliberada de Hanói e dos norte-vietnamitas. Essa idéia repousava no fato do regionalismo vietnamita. A guerra do Viet Minh era anticolonial, claramente nacionalista e interessava a todos os vietnamitas — do norte, do centro e do sul — ao passo que a luta posterior, travada em nome da reunificação, não era vista pelos sul-vietnamitas nem como nacionalista, nem como patriótica, nem mesmo muito compreensível; um camponês sul-vietnamita, cujo sentimento de identificação nacional era baixo, via na reunificação pouca coisa que viesse a beneficiá-lo.

A segunda característica distinta, em parte consequência da primeira, é o fato de que os fatores sociopolíticos, inclusive a comunicação de idéias, tomaram um vulto muito maior que durante a guerra do Viet Minh. A emboscada de guerrilheiros podia ir para as manchetes, mas era a reunião de agitação e propaganda na FLN em nível de aldeia que mais contribuía para promover a vitória da causa. A indiferença do aldeão em relação à causa abstrata da reunificação obrigou a FLN a concentrar-se em queixas locais como meio de conquistar o apoio rural pois os problemas locais e as propostas para solucioná-los podiam ser compreendidos e avaliados por qualquer camponês. Finalmente, em todas as épocas a FLN fomentou publicamente o mito social de que a vitória seria alcançada não por ataques militares no terceiro estágio, e sim através da Rebelião Geral.

A terceira diferença básica era o meio social da luta. O grande fato da guerra do Viet Minh foi a présence francesa. Essa condição inexistiu mais tarde no Sul, e as tentativas da FLN de afixar o rótulo neocolonialista nos Estados Unidos não foram bem sucedidas nas áreas rurais. A situação geral no Sul era de confusão. Muitos vietnamitas achavam que não existia um certo ou um errado bem nítido. Podia-se ser patriota e apoiar a FLN, tanto quanto se podia ser patriota

apoiando o governo. Em suma, não havia uma linha conveniente, como o nacionalismo, que pudesse ser traçada para dividir os dois campos. O meio social da FLN era muito mais amplo do que o empregado pelo Viet Minh. O que mais surpreendia um observador com relação à FLN era sua totalidade como revolução social em primeiro lugar e como guerra em segundo. Ela buscava uma mudança drástica, não uma modificação das instituições sociopolíticas.

{1} Rádio Hanói, 15 de maio de 1964.

III. O AMBIENTE DE DIEM

Vulnerabilidade do governo

Três deficiências principais na situação do Sul tornaram o surgimento da luta de guerrilhas revolucionárias não só possível como provável. Foram essas deficiências uma estrutura sociopolítica fragmentada; falta de liderança adequada, principalmente capacidade de transigência política e um rígido conservadorismo dentro de um clima político que durante dez anos fora orientado no sentido de soluções radicais para problemas econômicos e políticos.

Do ponto de vista administrativo, o governo do Vietnã do Sul era em 1954 uma inacreditável balbúrdia. Os burocratas franceses que haviam dirigido o país e mantinham todas as posições chaves no governo colonial entraram em pânico depois de Dien Bien Phu e fugiram. No interior pouco governo havia além da estrutura aldeã tradicional. O novo governo, formado sob a direção de Diem após um referendo nacional de 23 de outubro de 1955, começou a funcionar no mais completo vácuo administrativo possível.

O mais sério fracasso da liderança do governo sul-vietnamita, contudo, foi sua incapacidade de enfrentar e derrotar em seu próprio território as várias organizações oposicionistas conflitantes. A principal ameaça era o aparelho comunista remanescente do Viet Minh, não tanto

devido à sua ideologia quanto em virtude de sua proeza na formação de organizações. Diem agiu abertamente e em duas direções, em ataques a quadros chaves e contra a própria organização, e sua campanha de Condenação do Comunismo do período 1957-1960 {1}. Mais tarde o ataque ampliou-se e passou a visar também àqueles cuja associação com o Viet Minh fora mínima, e teve início algo semelhante a uma caçada às bruxas. Não obstante, o processo não foi tão violento como posteriormente descrito. Tivesse Diem sido mais hábil na manipulação das organizações, não tivesse ele operado de uma base política tão fraca, tivesse ele possuído seu próprio partido político, tivesse ele se arriscado a aceitar oposição a seu governo — como fizera Ho Chi Minh repetidamente — o confronto violento que se seguiu talvez nunca ocorresse; é um dos fatores imponderáveis da História e meditar nele é fascinante, mas já agora inútil.

Esse estudo não trata dos esforços ou do fracasso do governo do Sul na mobilização da população ou da maneira como lidou com a questão de integração social, exceto na medida em que afetaram o cenário no qual os comunistas operavam, principalmente nas áreas rurais.

O cenário rural

Pacificação do interior é uma expressão tradicional que vem sendo usada há séculos no Vietnã para descrever esforços periódicos por parte do imperador para restaurar a ordem após um levante de camponeses ou depois de um sério irrompimento de banditismo. No princípio, foi primordialmente uma tentativa de estender o controle do governo às áreas dilaceradas pela guerra.

O programa de reforma agrária do governo do Vietnã do Sul, sob o Decreto 57, do período 1957-1960, tinha três cláusulas principais. Primeiro, procurava regular as relações entre proprietário e usuário; segundo, o programa comprava, dos grandes proprietários, arrozais maiores que 100 hectares por pessoa e os revendia aos camponeses; terceiro, o programa comprava e redistribuía terras de proprietários franceses.

Ao mesmo tempo o governo tomava posse de 195.738 hectares de terras de propriedade duvidosa, nunca antes registradas ou medidas, ou cuja propriedade por uma ou outra razão estivesse contestada. Com frequência eram terras que estavam sendo cultivadas e sua tomada criava muita má vontade entre aqueles que a estavam utilizando. Nenhuma parte da terra ou qualquer terra recebida de conformidade com o acordo de aquisição com os franceses foi redistribuída a indivíduos. Parte foi arrendada, com o governo transformando-se, na realidade, em senhor de terras; parte passou a ser cultivada por unidades do exército; e algumas terras, inclusive o restante das propriedades do ex-dono não redistribuídas, foi convertida em terra comunal, e o direito a ela passou para os conselhos rurais. Esses conselhos então, a cada estação, subarrendavam lotes mediante um leilão secreto com propostas lacradas, e as rendas assim auferidas eram canalizadas para os erários das aldeias. Embora na superfície esse sistema pudesse parecer equitativo, na prática o sistema de terra comunal mostrou-se mais corrupto que o antigo sistema de latifundiários. Os programas de posse de terra da GVN foram sabotados com sucesso pelos latifundiários, e em muitos casos pelos próprios funcionários do governo, que também eram proprietários de terras. O sistema de latifundiários, em si, nunca foi contestado, embora a FLN naturalmente fosse contrária à sua simples existência. Além disso, o governo sul-vietnamita nunca

enfrentou com êxito outros problemas de posse de terra. Em 1960 Diem anunciou que o programa de reforma agrária no Vietnã fora completado. Nesse ponto, a FLN adiantou-se com suas soluções para a multidão de problemas de posse agrária.

A agroville foi concebida, em 1959, principalmente em termos socioeconômicos do que militares. A idéia original, talvez sugerida pela comuna chinesa ou pelo kolkhoz soviético, era de que a agroville seria o instrumento para o desenvolvimento econômico das áreas rurais, para a "revolução social do interior do país".

Geralmente de caráter socioeconômico, mas depois quase-militar também, o centro de desenvolvimento agrário foi instituído como meio de proporcionar novas terras nas montanhas ou terra recuperada por aterro no delta do Mekong. Foi um empreendimento essencialmente do tipo pioneiro.

A vila estratégica (ap chien luoc) foi formalmente lançada por decreto presidencial a 3 de fevereiro de 1962. Em termos de finalidade, ocupava um meio termo entre a agroville, que era sobretudo econômica, e a vila de combate, que era inteiramente militar; era a unidade básica da guerra socioeconômica do governo Diem contra os comunistas. Proporcionava segurança mínima, certas oportunidades econômicas e algum grau de autodeterminação. Além disso, proporcionava ao governo um meio de controle demográfico. (O programa, como observamos, continuou depois de Diem, mas seu nome foi modificado para programa Aldeia Nova Vida. Posteriormente, todo o programa de desenvolvimento rural passou a se chamar programa de Desenvolvimento Revolucionário.)

O programa de vilas estratégicas do governo, depois de diversos começos falsos, iniciou-se com plena força em fevereiro de 1962. Para o vietnamita comum, a vila estratégica era apenas uma continuação do esforço de pacificação que o governo tentara de várias formas desde 1954. Para o governo Diem, era uma medida de intensificação de controle demográfico, com vistas a lhe possibilitar manter sua influência sobre a população rural vietnamita, agrupando-a fisicamente em unidades manipuláveis, separadas dos grupos guerrilheiros. Para os americanos, a vila estratégica era não só uma medida de controle demográfico como também uma oportunidade de trabalho de assistência social sistemática e significativa ou “conquista dos corações do povo”, para usar a frase costumeira de então. Aos olhos da FLN, a vila estratégica era um “campo de concentração”.

A concepção anglo-americana alicerçava-se na suposição de que derrotar a FLN exigia fazer com que o camponês vietnamita se defendesse a si mesmo contra o guerrilheiro, ou seja, que ele deveria contribuir ativamente para o esforço contra-rebelde e não simplesmente ser considerado como uma vaca passiva a ser protegida pelas forças armadas vietnamitas.

O objetivo psicológico preponderante consistia em fazer a aldeia optar pelo governo e comprometer-se publicamente contra os guerrilheiros.

Ao camponês vietnamita, o programa de vilas estratégicas pouco tinha a oferecer. Não só se esperava que ele contribuísse em muito, como ele estava privado de sua liberdade de movimento sem explicação adequada. Todo o programa tomou um caráter militar; suas metas eram enunciadas em grande parte em termos militares ou de segurança; e eram executadas principalmente pelas forças

armadas vietnamitas. O programa era concebido não como uma atividade policial, mas como parte de uma guerra. Acima de tudo, não levava em consideração o intenso esforço da FLN para demonstrar de todos os modos imagináveis que o programa era desnecessário e prejudicial.

Movimentos sociais

Durante a guerra do Viet Minh, o Cao Dai não perdera uma só oportunidade decorrente de fraqueza do Viet Minh para ocupar grandes áreas do Vietnã do Sul. Das onze sub-seitas, dez haviam sido contrárias a Diem e seus líderes fugiram para a Camboja ou refugiaram-se. A décima-primeira, que dera apoio a Diem, pôde continuar a existir como organização legal e a operar o templo sagrado na cidade de Tay Ninh. Depois da derrubada de Diem, os governos subsequentes fizeram um apelo ao Cao Dai para que voltasse para o lado do governo, um apelo que em grande parte foi atendido. Houve defecções em massa, durante as quais as unidades armadas do Cao Dai mudaram de lado.

Em 1952, a seita Hoa Hao formara o Partido Social Democrático como sua divisão política. Também ela desafiou Diem e seus exércitos foram esmagados pelo ERVN (Exército de República do Vietnã [do Sul]) em 1956.

A seita Binh Xuyen foi também esmagada por Diem, e o golpe vibrado contra a organização foi tão severo que ela nunca mais se recuperou.

A atividade do Dai Viet continuou depois da partição, com o elemento do Dai Viet na área de Hué mostrando grande hostilidade para com o novo governo Diem. Os Dai Viets, como o VNQDD, mostraram também algo como um

ressurgimento depois de 1963 com a derrubada do governo Diem, principalmente na área adjacente a Hué.

As forças armadas

Achavam os oficiais militares que Diem fazia politicagem na promoção de oficiais e na atribuição de missões; achavam também que com frequência ele ordenava operações militares baseadas antes em avaliações políticas que militares. Em 1962, o governo do Vietnã do Sul lançou seu Chiou Hoi, ou programa dos Braços Abertos, que era essencialmente um programa de anistia que procurava induzir deserções no exército da FLN.

A força militar vietnamita era então composta dos seguintes componentes: forças Armadas da República do Vietnã (FARVN) , que compreendiam o Exército da República do Vietnã (ERVN), inclusive uma brigada aerotransportada e diversos batalhões montanheses; a força Aérea Vietnamita (FAVN); e da Marinha Vietnamita, que incluía a força Naval, a força dos Juncos, a força Fluvial e o Corpo de Fuzileiros; a Guarda Civil (Bao An, ou, literalmente, “protegendo a segurança do povo”); o Corpo de Autodefesa (Dan Ve, ou, literalmente, “protegendo o povo”), uma força paramilitar responsável pela defesa das aldeias vietnamitas; a Milícia Rural (Thanh Nien Bao Ve Huong Thon), criada como grupo de juventude, estático, para defesa das aldeias, em substituição ao Corpo de Autodefesa; o Grupo Irregular de Defesa Civil (GIDC; em vietnamita, Luc Luong Biet Kich), um termo genérico usado para descrever uma ampla diversidade de forças militares várias no Vietnã. A força militar vietnamita abrangia também várias unidades especiais, utilizando montanheses nas serras, aos quais era

atribuída a tarefa de interditar a trilha de Ho Chi Minh, ou turmas de “matadores de caçadores”, na realidade bandos de contra-guerrilheiros.

Juventude

Na era de Diem, a juventude do Vietnã era notoriamente apolítica. Os estudantes evitavam a política e só demonstravam interesse por atividades sociais até que o conflito entre Diem e os budistas de alguma forma os inflamou. Uma aliança súbita e, a princípio, essencialmente espontânea formou-se entre os estudantes e os budistas; essa aliança foi um dos fatores que mais contribuiu para a criação das condições que derrubaram o regime de Diem.

Com a hierarquia budista agindo como planejadores estratégicos — e seu planejamento era brilhante — e os estudantes servindo como ativistas militantes, os centros populacionais do Vietnã tomaram-se um mar de fervilhante descontentamento. Os jovens vietnamitas e em particular os estudantes da Universidade de Saigon consideravam-se os heróis da derrubada do regime Diem. Julgavam que haviam sido eles a tocha que inflamara a explosão, que somente eles tinham tido coragem de sair às ruas para se oporem abertamente a Diem, e que, por conseguinte, faziam jus a participação nos governos post-Diem.

Diem criara o Corpo da Juventude Republicana anteriormente, mas em 1964 assistiu-se a uma proliferação de grupos de juventude privados no Vietnã, organizações que nem se alinhavam diretamente com o governo nem apoiavam a FLN. É fora de dúvida que agentes da FLN infiltraram-se em muitos desses grupos, mas era praticamente impossível calcular o grau de influência, tão

fluidas e efêmeras eram as organizações. Contudo, de modo geral parecia que os esforços da FLN eram mínimos.

O período Diem

O ponto de desligamento da alienação talvez tenha sido o ano de 1956. Poucos negariam que era impossível a Diem negociar com os comunistas. Tampouco ele podia tolerar oficiais sediciosos. As seitas tinham de ser detidas, pois a continuação de um governo marginal teria sido intolerável a qualquer governo nacional. Contudo, tendo-as esmagado, Diem podia ter esperado durante um intervalo decente e então estabelecido uma aproximação. As seitas representavam quase um em cada dez vietnamitas do Sul, e a alienação permanente pareceria inimaginável, mas no entanto Diem jamais teve sequer um gesto de conciliação em relação a elas. Um executivo mais habilidoso teria conquistado pelo menos parte do grupo “feudalista” e decerto teria adulado e conquistado alguns dos intelectuais como fizeram os governos subsequentes. A desilusão ganhou força (já então ativamente estimulada pela Frente de Libertação Nacional) no mal administrado programa de vilas estratégicas e depois entre os budistas. Depois de 8 de maio de 1963, toda a nação pegou fogo; bonzos imolando-se, estudantes provocando distúrbios, soldados recusando-se a abrir fogo contra multidões e encorajando abertamente os manifestantes. A patologia social espalhou-se como fogo na campina. Saigon, nesses últimos dias de Diem, era um lugar inacreditável. Sentia-se estar testemunhando o desmoronamento de toda uma estrutura social.

{1} Essa campanha, lançada em junho de 1957, foi responsável pela exoneração em grande escala de funcionários públicos considerados desleais ao governo; alguns eram comunistas, outros apoiavam Bao Dai, outros eram nacionalistas não-comunistas.

IV. DESENVOLVIMENTO DA FLN

Nos anos que se seguiram à assinatura dos acordos de Genebra, a RDV baseou sua meta de unificação do Vietnã sobretudo em fé na perícia diplomática francesa e em esperança ou expectativa que o governo Diem logo entraria em colapso. Quando se tornou evidente que nem seriam realizadas eleições nem o governo Diem cairia, a RDV adotou um rumo novo e mais agressivo. Funcionários do partido Lao Dong que residiam no Vietnã do Norte, em grande parte sulistas que haviam servido nas fileiras do Viet Minh, foram para o Sul e, juntamente com ex-funcionários do Viet Minh que haviam permanecido no Sul e com outros elementos dissidentes, deram início a uma campanha organizacional política-paramilitar que culminou, a 20 de dezembro de 1960, na criação da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul {Mat Tran Dan Toc Giai Phong Mien Nam Viet Nam), FLNVN, ou FLN, como foi abreviado mais tarde.

Antes da FLN

Os comunistas, as seitas religiosas e outros grupos ofereceram resistência ao governo Diem no período 1955-

1960. A violência no interior do país não era rara, embora até pelo menos meados de 1958 não existisse luta de guerrilhas no Vietnã do Sul, na definição geralmente aceita do termo. O governo atribuía a maior parte do terror e da violência aos remanescentes do Viet Minh.

Durante a luta contra os franceses, os elementos do Viet Minh no Sul haviam incluído, naturalmente, muitos elementos não-comunistas. Depois de 1954, muitos elementos do Viet Minh que haviam ingressado no novo governo de Diem, constituído na maior parte, mas não inteiramente, de comunistas, continuaram a oferecer resistência ao regime de Diem. Não se conhece com certeza sua força numérica nessa época. Em termos de atividade aberta, como incidentes armados ou distribuição de folhetos de propaganda, o período foi tranquilo.

Tal ação, por parte deles e das seitas religiosas, é compreensível, e podia-se esperar a emergência de um grupo oposicionista militante clandestino. Mas há uma enorme diferença entre um conjunto de grupos políticos clandestinos de oposição e a arma organizacional que surgiu, uma diferença em espécie e não só de grau. A Frente de Libertação Nacional não era simplesmente outro grupo subterrâneo nativo, ou mesmo uma coalização de grupos dessa natureza. Em um rolo compressor organizacional, concebido e organizado em âmbito nacional, e dotado de amplos quadros e fundos. Refletia um programa de construção social de tal escopo e pretensão que necessariamente deve ter sido criado em Hanói e importado. Uma organização revolucionária deve formar-se aos poucos; começa com pessoas que padecem de problemas genuínos, que se organizam lentamente e cuja militância aumenta gradualmente até que se alcança uma massa crítica e a revolução explode. Com a FLN aconteceu exatamente o contrário. Nasceu completamente maduro, e depois foi

minguando. As insatisfações foram elaboradas ou fabricadas quase como uma segunda reflexão necessária. A criação da FLN foi um feito de tal sagacidade, precisão e requinte, que quando se pensa em quem deve ter sido o planejador principal, só um nome ocorre à lembrança: o gênio organizador do Vietnã, Ho Chi Minh.

A doutrina inicial da FLN era a Khoi Nghia, ou Rebelião Geral, um mito social, talvez relacionável com o mito comunista da greve geral. Essencialmente, consistia na crença de que a FLN poderia desenvolver a consciência revolucionária dos vietnamitas nas 2.500 aldeias da nação a tal intensidade que em determinado momento áureo ocorreria uma rebelião, e o povo tomaria o poder político, dirigido, naturalmente, pela FLN. A tese era constantemente inculcada nos camponeses vietnamitas pelos quadro da FLN. Declarava, por exemplo, um documento de abril de 1961:

Devemos compreender todos os aspectos de (atividade) que levam à Rebelião Geral. Haverá diversas rebeliões, fracionárias, malogradas, etc., e o movimento de luta deve tornar-se impetuoso antes de podermos lançar a Rebelião Geral que nos dará a vitória final. (...) A luta nas áreas rurais será violenta e complicada. (...) Mas na luta temos muitos pontos fortes e vantagens, e o inimigo tem muitas deficiências e limitações. O movimento no sentido da Rebelião Geral sob a liderança do Partido se tornará mais furioso e propagado, até que ela finalmente ocorra.

Organização inicial

A fase de organização inicial foi o período entre meados de 1959, quando se tomou a decisão de formar uma organização, e dezembro de 1960, quando a nova criação foi revelada pela primeira vez. Em 13 de maio de 1959, o Comitê Central do Partido Lao Dong, reunido em Hanói, declarou que “chegou a hora de lutar heróica e perseverantemente para esmagar” o governo do Vietnã. O General Vo Nguyen Giap, Ministro da Defesa da RDV, declarou pouco tempo depois que “o Norte tornou-se um grande escalão de retaguarda de nosso exército. O Norte é a base revolucionária para todo o país”.

A RDV claramente envolveu-se no Sul em termos de know-how doutrinário e quadros civis e, mais tarde, em maneiras mais materiais. O que os quadros da RDV trouxeram de mais importante foi capacidade de organização, e através de seus esforços, a rebelião, previamente esporádica e amorfa, começou a tomar forma. No período 1958-1960, os esforços visando a rebelião envolveram violência como assassinatos, mas poucos ataques armados reais. Em parte, isso aconteceu porque os quadros tinham pouca capacidade militar, mas principalmente porque a doutrina era contrária à violência. Esse período foi dedicado à preparação da base, como bem exemplifica o ditado de que quando numa guerrilha começa o tiroteio, a parte atacada já está três anos atrás dos rebeldes. Em 1959 era evidente uma mão diretiva geral. A luta tornou-se um fator importado. Mas nessa época o produto de importação não foi material bélico. Foi algo muito mais necessário e valioso: perícia, orientação doutrinária, técnica de rebelião e, sobretudo, capacidade organizacional.

Para os verdadeiros fiéis que operavam em todo o Sul, esse período foi de reuniões sub reptícias, cautelosos balões de ensaio políticos, a reunião experimental de um grupo de liderança, e a sondagem de quadros potenciais cujos nomes

foram arquivados para futura referência. Significou trabalhar principalmente com não-comunistas e, em muitos casos, fazer segredo de que se era comunista. Que a atividade organizacional vinha sendo realizada intensa e sistematicamente há vários anos é tornado óbvio pela estrutura que finalmente surgiu. Uma tal máquina não poderia ter sido montada sem um esforço organizacional intenso e prolongado.

O instrumento deveria ser a frente unida, experimentada e comprovada. A primeira indicação pública nos círculos comunistas sobre essa decisão ocorreu no Terceiro Congresso do Partido Lao Dong, em setembro de 1960, quando os delegados ouviram a libertação do Sul descrita como “uma ação em dois estágios: primeiro, a eliminação dos imperialistas norte-americanos e da panelinha de Ngo Dinh Diem, (,..) depois o estabelecimento de um governo de coalizão nacional democrático (...) que negociaria a reunificação com o Norte”. Seguiu-se uma resolução do Partido Lao Dong que descrevia especificamente a natureza dessa frente unida:

P*ara assegurar o êxito total da luta revolucionária no Vietnã do Sul, nosso povo que habita essa região deve esforçar-se por estabelecer um bloco unido de trabalhadores, camponeses e soldados para a criação de uma frente nacional ampla e unida dirigida contra os Estados Unidos e os Diemistas e baseada na aliança operário-camponês. A frente deve levar a cabo sua tarefa de maneira muito flexível a fim de aliciar todas as forças possíveis, conquistar todas as forças que puderem ser conquistadas, neutralizar todas as forças neutralizáveis e arrastar as massas para a luta geral contra a panelinha EUA-Diem para a libertação do Sul e para a reunificação pacífica da Pátria. {*[1]*}*

Os comunistas têm asseverado que a PLN foi formada porque o povo reprimido e vítima de terrorismo do Sul precisava de uma base organizacional para sua Rebelião Geral, e o povo criou tal organização, a PLN, ajudado pelos comunistas, mas não dominados por eles. Os vietnamitas com quem o autor conversou concordaram que em 1958 grassava a intranquilidade no interior do país, mas todos insistiram que o governo de Diem não era absolutamente tão bem organizado ou eficiente como teria sido necessário para ser tão repressivo como afirmavam os comunistas. Afirmam que na época em que começaram os ataques armados abertos em 1960, Diem tinha apenas um ligeiro controle político sobre a maior parte do país e ainda não tinha nenhum controle sobre certas áreas isoladas.

De qualquer modo, a distinção crítica nessa conjuntura era a diferença entre o “o que" do ocorrido e o "porque” do ocorrido. O "o que” foi a criação da Frente de Libertação Nacional, que foi premeditada, planejada e organizada completa e minuciosamente, e depois organizada e posta a funcionar. Tal esforço tinha de ser filho do Norte. O "porque” é muito menos claro, pois levanta a questão de qual surgiu primeiro, a repressão ou o apoio à subversão. Pode-se argumentar que enquanto a FLN não era nativa como organização, seu apoio era. Resta pouca dúvida de que o terreno sul-vietnamita era fértil para a revolta armada; as pré-condições para a rebelião realmente existem, embora talvez não no sentido revolucionário tradicional. Contra essa cena de fundo nasceu e floresceu a Frente de Libertação Nacional.

A FLN era uma verdadeira organização de frente comunista. No fim de 1960, o Partido Lao Dong fez circular entre seus membros do Sul um memorando que descrevia a Frente

proposta e anunciava-se como membro organizacional da Frente. Declarava que a

F*rente de Libertação Nacional foi criada para unir estreitamente várias classes da patriótica população sul-vietnamita na luta contra os americanos e Diem, de acordo com os desejos dos sul-vietnamitas. Isto (a Frente) garante com segurança que a Revolução do Vietnã do Sul restaurará a paz com rapidez e êxito e efetuará a reunificação de nossa Pátria. {2}*

O documento comparava a FLN com as primitivas organizações de frente comunistas:

Em 1941, o Viet Minh foi criado para conduzir todo nosso povo de modo que a Revolução de Agosto fosse coroada de sucesso. Durante o período da Resistência, a Frente Lien Viet uniu todo nosso povo numa resistência bem sucedida. Na atual luta política a FLNVS está encarregada de conduzir a população do Vietnã do Sul numa luta bem sucedida pela libertação do Vietnã do Sul e de executar a unificação de nosso país.

O Partido Lao Dong no Sul não fundiu sua identidade pública; continuou a editar folhetos e a disseminar publicações clandestinas que levavam o imprimatur do Partido. Diversas dessas publicações declaravam que o Partido Lao Dong era favorável à paz (no sentido de paz mundial); à unificação; à independência (a dissolução do

governo de Diem); e, em alguns folhetos, mas não todos, à democracia, definida como a “formação de um governo progressista no Vietnã do Sul para resolver os problemas do povo (...) e escolhido por eleições gerais”.

Em seus anos de formação a FLN obscureceu mas não ocultou o fato de participação comunista ou do Partido Lao Dong; os membros do Partido eram instruídos a, se interrogados diretamente, não negar que o Partido era um organismo membro, e, exceto em áreas fortemente religiosas, os membros da FLN não fizeram nunca um esforço sério para ocultar a participação do Partido Lao Dong na Frente. No Sul o Partido Lao Dong foi rebatizado como Partido Revolucionário Popular (PRP), uma declarada organização marxista, e ingressou na FLN em 1962. Nessa época, a liderança de vanguarda comunista dentro da Frente, embora não a direção de Hanói, era não só admitida como enfatizada. Apenas em aldeias de refugiados católicos e entre certos elementos das seitas religiosas os ativistas e organizadores de agitação e propaganda foram instruídos a negar envolvimento comunista. Em todos os outros setores foram instruídos a levar a efeito como tarefa principal a idéia de “vanguardismo” do Partido que dirigia a Revolução, usando o argumento de que o Partido era singularmente capaz de fazê-lo devido à sua imensa reserva de experiência e sabedoria.

Assim, a FLN não era simplesmente uma organização nativa em que os comunistas tomavam parte. Tampouco era um mero fantoche da RDV. Os comunistas formaram a FLN para estabelecer uma organização única em torno da qual toda a atividade antidiemista pudesse se congregar e criar uma condição política bipolar. Isso atendia a diversas necessidades deles. Necessitavam de uma base de massa, porquanto o Partido Lao Dong não era uma organização com base na massa no Vietnã do Sul. Necessitavam de uma

estrutura governamental auxiliar para possível uso futuro. Precisavam de uma oportunidade para se infiltrarem em organizações não-comunistas e a participação na Frente proporcionava obviamente bom acesso a esses grupos. Necessitavam também de uma cunha divisionista, e a organização da FLN permitia aos comunistas jogar um grupo contra outro, forçando membros individuais a tomarem partido uns contra os outros e não contra os comunistas. É provável que há muito tempo isso estivesse patente aos olhos dos não-comunistas em escalões superiores da FLN, mas eles não estavam dispostos a fazer o jogo dos comunistas.

Dizia-se que a Frente de Libertação Nacional fora organizada por um grupo de aproximadamente dez pessoas, representantes de organismos específicos, e aproximadamente cinquenta outras que participavam como indivíduos. A maioria das figuras envolvidas estivera ligada entre si por muitos anos. Seu futuro presidente, Nguyen Huu Tho, por exemplo, entrevistado muito tempo depois, assim descreveu a história da FLN: “Embora fundada formalmente em dezembro de 1930, a Frente existira como meio de ação mas sem diretrizes ou programa desde 1954, quando fundamos o Comitê de Paz Saigon-Cholon. (...) Muitos dos membros do Comitê Central (da FLN) eram também membros do Comitê de Paz (...) (isto é) Huynh Tan Fhat, arquiteto, Ho Thu, farmacêutico, e Le Van Tha, engenheiro de rádio”. {3} O principal organizador e secretário-geral em exercício (alguns documentos apresentam-no como presidente) do comitê provisório criado na reunião inicial era Phung Van Cung, médico formado em Paris que deixou sua clientela em Saigon no outono de 1960 para unir-se à FLN mas que estivera envolvido com trabalho organizacional antes disso.

Os membros da FLN original e seus mais ardorosos seguidores nos primeiros anos eram tirados principalmente das fileiras dos comunistas do Viet Minh; alguns das seitas Cao Dai e Hoa Hao; um punhado de membros de grupos minoritários, sobretudo cambojanos e montanheses étnicos; jovens idealistas, recrutados de universidades e escolas politécnicas; representantes de organizações de agricultores de partes do delta do Mekong, onde existiam sérios problemas de posse agrária; dirigentes de pequenos partidos ou grupos políticos, ou profissionais a eles ligados; intelectuais que haviam rompido com o governo do Sul (principalmente membros de uma rede de Comitês de Paz que brotara em 1954 tanto no Norte como no Sul); desertores das forças armadas; refugiados de várias espécies do governo de Diem, como os alcaguetados por vizinhos na campanha de Acusação ao Comunismo, mas que fugiram antes da prisão.

A esses elementos originais logo somaram-se sulistas que haviam ido para o Norte durante o êxodo de 1954-56 e que infiltravam-se agora de volta. Cerca de 30.000 a 100.000 vietnamitas que viviam abaixo do paralelo 17 mudaram-se para RDV. Muitos eram Vietminhs e comunistas bastante conhecidos no Sul. Enterraram suas armas e prensas impressoras (o governo do Sul recuperou 307 esconderijos de armas no período 1955-1960) e foram para o Norte. Atrás deles ficaram muitos agentes inteiramente insuspeitos, aqueles de quem não se sabia serem Vietminhs ou comunistas ou que haviam mudado residência para outra cidade.

No sentido mais fundamental, o objetivo dos comunistas na FLN era obter o controle político da área abaixo do paralelo 17, completando assim a Revolução de Agosto. Os comunistas dispunham de várias alternativas, mas preferiram a sócio-organizacional que dera bons resultados

durante a Resistência do Viet Minh. Primeiro criaram a organização de frente. Depois procuraram empenhar o maior número possível de vietnamitas — mas em todo caso a grande maioria — numa revolta contra o Estado. Isso deveria ser conseguido organizando-se a população, ou para sermos mais precisos, os 85 por cento de camponeses da população, em unidades manipuláveis para realizar a revolta. O camponês vietnamita não era considerado simplesmente como um leão numa luta pelo poder, e sim como um elemento ativo na investida. Ele era a investida. Ele levaria a cabo o movimento de luta que ocasionaria a Rebelião Geral e a tomada do poder pelos comunistas.

{1} De um folheto do Partido Lao Dong amplamente distribuído no Vietnã, do Sul na época.

{2} Memorando datado de 30 de dezembro de 1960, assinado pelo Presidente do comitê provincial do Partido Lao Dong, província de Ba Ria (Pliuoc Tuy).

{3} Rádio Hanói, 5 de Junho de 1964.

V. O CAMINHO PAKA O PODER: O MOVIMENTO DE LUTA

O conceito

A palavra ‘luta”, uma tradução pálida do termo vietnamita dau tranh, não consegue transmitir o drama, o pavor e a totalidade do original.

O termo genérico “luta” compreendia dois tipos de movimentos de luta: a luta política e a luta armada, ou militar. Para a PLN, como para o Viet Minh e os comunistas chineses anteriormente, a vitória seria alcançada através do balanço adequado de atividades políticas e militares ou, em termos comunistas, pela combinação correta da luta política e da luta armada. Essas classificações são empregadas no decorrer de todo este livro, salvo que aqui o termo “programa de violência” foi substituído por “luta armada”, por se acreditar que este termo seja mais expressivo. A luta política não é considerada como tal, mas sim decomposta, para discussão, em seus três programas de ação — dich van, dan van e binh van — que, juntamente com as atividades de violência, constituíam todo o esforço revolucionário da PLN.

No sentido em que os termos são empregados aqui, dich van é o esforço da PLN para ganhar apoio entre a população rural em geral, dan van seu esforço nas áreas libertadas, e binh van suas atividades entre funcionários civis e militares do governo do Vietnã do Sul. Conjuntamente, os três programas de ação formavam a luta política, um dos fios da espada de dois gumes da FLN; o outro fio era a luta armada, não simples ataques guerrilheiros, mas raptos, assassinatos, execuções, sabotagem, ou o que é denominado aqui coletivamente como “programa de violência”.

O movimento de luta era o caminho para o poder. Declarava um antigo documento do PRP:

Pela aplicação do raciocínio criativo do marxismo-leninismo às condições do Vietnã, o Partido, com realismo e capacidade, estabeleceu a linha e a direção da Revolução no Vietnã do Sul, a qual é a luta política combinada com a luta armada marchando adiante rumo à Rebelião Geral.

Como um livreto de doutrinação do PRP indicava quando perguntava “o que devemos fazer diariamente para nos aproximarmos da Rebelião Geral?”, a resposta era:

Devemos fazer um esforço contínuo para fortalecer e desenvolver o Partido (...) e promover as relações entre o Partido e a massa a fim de assegurar a continuação da liderança do Partido. (...) Devemos incentivar a aliança entre operários e camponeses como a força básica da Revolução. (...) Devemos levar adiante o movimento de luta, desenvolver unidade entre as massas e conquistar apoio

entre os trabalhadores militares e administrativos do inimigo. (...) Devemos incentivar o movimento binh van. (...) Devemos realizar trabalho de agitação e propaganda entre as massas.

A fim de compreender plenamente o uso que a FLN fazia do movimento de luta como seu principal dispositivo ofensivo, é conveniente que examinemos sucintamente a idéia que a FLN fazia da estratégia contra-rebelde geral do governo do Vietnã do Sul. O governo não possuía qualquer programa nacional ou mesmo uma atitude oficial em relação ao movimento de luta da FLN, nem havia qualquer esforço sistemático, nos níveis operacionais distritais e rurais, para desenvolvimento de técnicas destinadas ou a degolar um movimento de luta no momento em que estava sendo lançado ou a neutralizá-lo quando ele já estivesse operando. A posição do governo de Diem consistia em fingir que o movimento não existia ou, se obrigado a tomar consciência dele, a caracterizá-lo como um insignificante e infeliz esforço comunista para provocar desordem. Os funcionários distritais e rurais eram abandonados a seus próprios meios quando confrontados com um movimento de luta, e suas reações dependiam em grande parte de suas personalidades. Outros funcionários tentavam melhorar a situação se estivessem em condições de fazê-lo; outros simplesmente ordenavam que a polícia e as tropas dispersassem as multidões. Ocasionalmente, uma autoridade tinha sagacidade política suficiente para considerar o movimento como uma oportunidade de tomar a iniciativa da FLN e aliviava uma dificuldade genuína e transformava a atitude da multidão de hostilidade em amizade; esses casos constituíam manipulações difíceis, pois envolviam ao mesmo tempo aquiescer a uma exigência sem parecer submeter diante da

força e também estruturar a solução de modo que a FLN não parecesse ser a responsável pela mudança.

Um dos primeiros documentos da FLN (1961) delineava alguns dos usos da confusão:

Após uma séria luta política (no nível rural) o inimigo é lançado em confusão. As autoridades administrativas, agentes de segurança refugiam-se ou rendem-se ao povo. Os quadros devem utilizar esse estado de confusão e procurar aumentar o deslocamento do inimigo. Os funcionários ou soldados que estão confusos ou assustados por estarem em dificuldades com o governo devem ser orientados no sentido de apoiar a Frente de Libertação Nacional. (...) Diga-se-lhes que uma vez que não desejam servir como bucha de canhão devem demitir-se de seus empregos ou desertar do exército. Aponte-se-lhes os erros que cometeram, louve-se-os por escolherem o caminho correto e elogie-se seu espírito progressista.

Durante todo o período 1960-1965, a FLN avaliou a base política do governo do Vietnã do Sul, considerando-a fraca e vacilante, exigindo doses constantes de força e repressão. A liderança percebeu o perigo inerente que havia nas tentativas americanas de criar no Vietnã vários tipos de trabalho de ação cívica que contrabalançassem o movimento de luta. O jornal Thong Nhat (Hanói), num editorial de 26 de junho de 1964, distinguia entre a guerra do Viet Minh e a luta posterior, entre o esforço militar francês e as medidas socioeconômicas posteriores. Dizia o editorial que os líderes post-Diem

(...) reconheciam que na guerra de hoje os fatores políticos são de importância decisiva; o lado que tiver o povo (..) é o vencedor. É por isso que os americanos incitaram Diem a ter um programa político mais atraente que o programa da FLNVS (...); é por isso que os imperialistas americanos (e seus novos lacaios) (...) fingem infantil e ridiculamente serem democratas e mais solícitos com o povo do que era Diem.

O prolongado e virulento ataque da FLN aos programas de ajuda econômica dos Estados Unidos indicavam um nervo sensível. Contudo, os programas de ação cívica em si mesmos não neutralizavam necessariamente a investida do movimento de luta, que era um esforço organizacional; qualquer esforço contrário tinha também de ser essencialmente organizacional.

O movimento de luta tinha uma longa e honrada história no Vietnã. Durante o motim da Baía de Yen, em 1930, longas filas de vietnamitas desarmados e expressivamente silenciosos desfilaram diante da residência do governador-geral francês. Nos primeiros tempos, o movimento de luta era pouco mais que uma técnica para provocar distúrbios e instigar violências populares. Mas nas mãos da FLN, ela evoluiu muito além disso. Em combinação com a arma organizacional e empregando várias técnicas de comunicação, o movimento de luta tornou-se um vasto esforço para organizar a oposição rural vietnamita e dirigi-la contra o governo a tal ponto que este não resistiria à pressão e cairia.

Luta política

O movimento de luta política operava em dois níveis. Em primeiro lugar, buscava metas intermediárias. Afirmava um antigo documento da FLN: “O movimento de lutas nas áreas rurais deve diminuir a pressão inimiga, opor-se às operações militares e ao terrorismo, opor-se à aldeia estratégica e à extorsão, e conter a tomada de terras, o sistema de trabalho forçado e a conscrição para o exército”. Outro documento do mesmo período declarava: “O movimento de luta nos (...) termos (populares) tem quatro metas: melhoria econômica, liberdade democrática, oposição ao belicismo dos Estados Unidos e de Diem e unificação. (...) Toda luta deve tentar alcançar essas quatro metas”.

O segundo nível era um esforço para aliciar, ativar e imergir as pessoas envolvidas no movimento na Revolução. O aliciamento de um camponês vietnamita num movimento de luta específica como uma demonstração ou seu recrutamento para um grupo de guerrilheiros impunha-lhe autocontrole. O comprometimento levava à adesão, atos públicos desenvolviam autodisciplina. O programa de violência desempenhava um papel vital, mas limitado, nesse esforço. O guerrilheiro era importante (a FLN empregava o slogan “Seja um guerrilheiro ou apoie um guerrilheiro”), mas a principal atividade cotidiana da FLN era a luta política, a “guerra do povo”.

De um ponto de vista funcional, a FLN considerava que suas atividades de luta nas aldeias que controlavam pertencessem a dois tipos: a “reunião de propaganda em amplitude”, na qual os membros individuais eram submetidos a estímulo exterior, e a “reunião para propaganda em profundidade”, na qual os membros reagiam entre si. A primeira era dividida em vários tipos de reuniões para objetivos específicos:

1. A reunião de luta. Pode ser uma demonstração que começava e terminava na mesma aldeia; ou podia ser uma reunião que culminava num movimento de luta numa repartição administrativa ou num quartel militar do governo. Teoricamente, era um meio de tomar o controle político da aldeia. Contudo, há poucos indícios de que tais resultados fossem comuns, se é que chegavam a se concretizar. Na prática, a reunião de luta não diferia muito da demonstração.

2. A reunião de denúncia ou, como era muitas vezes denominada, a reunião para contar desgraças. Podia ser uma reunião em que indivíduos descreviam seus infortúnios e atacavam seus inimigos. Um memorando datado de meados de 1962 referia-se a um incidente ocorrido numa típica reunião de denúncia do primeiro tipo: “Um monge Cao Dai de Tay Minh vivia na área e desde o período da Resistência não gostávamos dele. Ele foi denunciado como inimigo da Revolução e expulso”.

3. A reunião cerimonial. Essas reuniões destinavam-se a comemorar um acontecimento ou uma vitória da FLN. Em janeiro de 1962, na época da formação do PRP, foi enviado a todos os quadros distritais uma diretriz que detalhava como deveria ser realizada uma cerimônia em aldeias para comemorar a fundação do PRP. Em primeiro lugar, os membros do Partido deveriam reunir-se privadamente, criar os slogans a serem usados e planejar os acontecimentos do dia. A tarefa deles, dizia a diretriz, consistia em “fazer com que toda a população se rejubile com a fundação do PRP (...) e criar em todas as classes da população uma imagem forte do PRP. (...)”

4. A convenção popular. A natureza exata e o propósito desse tipo de reunião não estão claros. Um documento referia-se à convenção como “a forma suprema de vida democrática do povo”. Outro documento advertia os quadros

a não organizarem uma reunião de luta e chamá-la de convenção popular, “porque uma convenção popular deve incluir apenas pessoas da mesma classe social”. Relacionava as “quatro classes revolucionárias do povo”: os operários, os lavradores-camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional, afirmando que a convenção popular devia compreender ou o primeiro ou o segundo grupo, mas não misturá-los.

“A reunião para propaganda em profundidade” era na realidade uma combinação de sessão de doutrinação e reunião de sociedade de auxílio mútuo. Com frequência os quadros eram criticados por subestimarem essas reuniões, definidas como “encontros que reúnem uma pequena quantidade de pessoas, geralmente de três a cinco famílias, mas não mais de trinta pessoas, (...) nas quais há longas e profundas discussões políticas visando a promover o movimento de luta, (...) que procuram fornecer às massas informes sobre o sucesso da luta armada e política em todo o Vietnã (...) ou que promovem ódio e ressentimento”.

Uma das maneiras de se apreender a substância de uma demonstração de luta consiste em examinar as instruções especificas sobre sua utilização distribuídas aos quadros. Um manual para líderes muito disseminado, Necessidades da Revolução (datado de julho de 1962), instruía os quadros dirigentes a prepararem cuidadosamente o trabalho básico e depois, quando surgisse um incidente ou uma questão, os líderes de células e os quadros dirigentes deviam reunir-se e fazer planos, que incluíam: a) despertar o povo para a compreensão da necessidade de uma luta; b) reunir todos os grupos sociais cujos interesses e aspirações estejam envolvidos; c) determinar a data e a hora da luta; d) planejar lemas e determinar as formas de luta (reunião de massa, demonstração, petição, etc.); e e) determinar o alvo da luta (autoridades de aldeias, de distritos, de províncias ou do

governo central, acampamentos militares, etc.) . Ao preparar uma luta, nunca se esqueça de que ela será vitoriosa se trouxer benefícios materiais para o povo e ao mesmo tempo: a) obtiver para o Partido uma maior influência sobre o povo; b) aumentar a fé do povo no método de luta, demonstrando a força popular e tornando o povo confiante nos métodos de luta; c) causar dificuldades ao inimigos; d) expuser a verdadeira face dos entreguistas EUA-diemistas; e e) promover de modo geral o movimento de luta, principalmente nas aldeias.

A execução real do movimento de luta consistia numa direção de cena hábil e bem calculada no tempo. Os quadros dirigentes eram repetidamente advertidos contra a organização de um movimento de luta para alguma finalidade leviana, como num documento interno de meados de 1962: “Embora devamos intensificar e estender a luta face-a-face, não devemos nos esquecer o princípio de que uma ‘luta deve ser justificada, lucrativa, e mantida dentro de limites’. Evite fazer com que as pessoas se cansem, percam tempo, suas vidas ou suas propriedades. Só em circunstâncias especiais a luta deve ser resoluta ao extremo e chegar ao derramamento de sangue.”

A avaliação depois da luta era da máxima importância e os enganos eram evidentemente frequentes e sérios. Dizia Necessidades da Revolução:

1. Antecipe-se à reação posterior do inimigo e faça planos para neutralizar qualquer retaliação. Proteja os membros do Partido e os simpatizantes ferrenhos, ou qualquer pessoa cuja identidade tenha-se tornado conhecida ao inimigo durante a luta. Normalize as vidas do povo após a luta por meio de algum acontecimento especial, como um banquete, um programa musical ou uma competição esportiva.

2. Avalie os resultados da luta. Analise os sucessos e os reveses. Corrija os erros. Realize uma reunião dos participantes e discuta a luta.

3. Dentro do Partido avalie nossa organização interna numa sessão de crítica e autocrítica. Louve os que se portaram bem; discipline os elementos fracos dando-lhes educação e doutrinação. Recrute novos membros entre aqueles que se portaram bem durante a luta.

4. Após uma luta de vulto, preserve seus benefícios e mantenha a ofensiva lançando uma série de lutas contínuas em pequena escala.

O movimento de luta era a culminação de esforços cuidadosamente nutridos. “O entusiasmo pela revolução não basta", advertia um documento, "devemos saber como levar as massas à luta, pois é assim que conduzimos a Revolução".

O programa de violência

Aos olhos do mundo, a agonia do Vietnã na década de 1960 pareceu resultar principalmente da luta de guerrilhas, um engano que este livro procura corrigir. A luta de guerrilhas, ou, na terminologia da FLN, a “luta armada”, ou aquilo que na nomenclatura do autor é “programa de violência”, era apenas aquela pequena parte do iceberg revolucionário sobre a água. Seu funcionamento já é decerto familiar àqueles que, mesmo casualmente, seguiram os acontecimentos no Vietnã entre 1960 e 1965. Por conseguinte, não é nosso intuito aqui estudar a luta de guerrilhas no Vietnã, mas sim apenas aqueles aspectos que se relacionam ao movimento de luta geral.

O clima da opinião pública nas zonas rurais vietnamitas, a disponibilidade de materiais e mão-de-obra, os perigos inerentes ao uso da força, bem como abstrações como considerações teóricas, lições históricas e grande estratégia — tudo isso ajudou a formar o caráter e determinar o âmbito do programa de violência da FLN. Nunca tratada como entidade separada, nunca concebida em termos exclusivamente militares, e em tempo algum o principal esteio da Revolução, a luta armada ou programa de violência serviu para reforçar ou possibilitar as outras atividades de luta. Os “incidentes guerrilheiros’” de duzentos a quinhentos por semana que ocorreram no Vietnã semana após semana e mês após mês durante cinco anos serviram ao movimento de luta política. Ao mesmo tempo, a luta política, sobretudo nos primeiros momentos, preparou o terreno para a maior ênfase posterior que foi dada ao movimento de luta armada. A justificativa pública para o uso da força era que o inimigo não deixara outra alternativa à FLN.

Mais tarde, e mormente para o benefício dos quadros dirigentes, o uso da violência foi dado como doutrinariamente correto. Justificação nunca foi coisa fácil para a FLN. A abominação natural que os vietnamitas rurais sentiam pelo morticínio sistemático constituiu um problema sério e incessante que a liderança constantemente procurou resolver. Entre certos líderes, principalmente os recrutados localmente, simples e fervorosos em sua fé no mito da Rebelião Geral, o uso da força parecia tanto repugnante como desnecessário. Mesmo entre líderes mais sofisticados, corria a crença de que talvez houvesse realmente algo de verdade na idéia da Rebelião Geral, que talvez a FLN pudesse vencer através da simples luta política.

A reação da liderança a essas reações consistia em misturar completamente as lutas armada e política e sustentar que o resultado era essencialmente político; e administrar,

sobretudo aos quadros dirigentes, doses cavalares de doutrinação que “provava” que a vitória só poderia ser obtida pelo uso calculado de força e violência. Cada vez mais a luta armada tomava a vanguarda, tendendo a dominar o cenário e relegar a luta política ao segundo plano.

Parece ter havido várias razões para essa mudança. Em primeiro lugar, o combate armado era uma necessidade imposta pelo governo do Sul; a FLN era obrigada a contra-atacar para sobreviver. Isso resultou na criação de unidades guerrilheiras que tinham um matiz cada vez mais militar e uma capacidade militar correspondentemente melhorada. A medida que a eficiência militar das unidades aumentavam e elas começaram a vibrar golpes sérios ao ERVN, argumentou-se que grupos guerrilheiros maiores e mais numerosos significariam mais vitórias sobre o ERVN, bem como uma vitória final mais rápida. Em suma, teve início um ciclo de militarização. Em segundo lugar, a reinterpretação da doutrina — sobretudo pelos quadros dirigentes do Norte, veteranos da guerra do Viet Minh, mais militarizada — deu mais destaque à luta armada do que antes de 1963. Isso foi também um reflexo do aumento da influência ou intervenção da RDV na direção da luta no Sul. Relatórios de informações dignos de confiança do governo da República do Vietnã indicam que em agosto e setembro de 1963 pelo menos dois generais de Hanói chegaram às montanhas do Sul para atuarem como assessores, ou possivelmente comandantes, no movimento de luta armada da FLN. Eram militares profissionais, e seus conselhos ou ordens tiveram o efeito de militarizar as unidades guerrilheiras mais fluidas, mais retraídas, e de reestruturá-las como forças armadas mais tradicionais com tarefas militares mais ortodoxas. A terceira razão foi um aumento geral no emprego da violência em todas as áreas rurais por parte da FLN. O brilho da revolução começou a empanar para o camponês vietnamita no fim do regime Diem, e a simpatia pela FLN diminuiu. Isto exigia

medidas de controle mais rígidas e enérgicas por parte da FLN na administração da área libertada.

Seja como for, não há dúvida de que o desenvolvimento histórico da FLN de 1960 a 1965 caracterizou-se pela crescente utilização da luta armada e por maiores esforços no sentido de torná-la mais digerível dentro e fora das fileiras da FLN. Enquanto que para a FLN a Revolução durante o regime de Diem fora essencialmente uma luta política, a Revolução contra os governos post-Diem foi, basicamente, uma luta armada.

TABELA 5/1

ESTIMATIVA DE ATOS DE VIOLÊNCIA DA FLN, 1957-1965

Ano	Número total de incidentes	Ataques militares	Raptos	Assassinatos
1957-1960	n.a.	desprezível	2.000	1.700
1961	500	n.a.	n.a.	1.300
1962	19.500	13.000	9.000	1.700
1963	19.500	15.000	7.200	2.000
1964	25.500	15.500	1.500	500
1965	26.500	15.500	1.700	300

NOTA: Nunca houve no Vietnã estatísticas que proporcionassem relações precisas de atos de violência do Viet Cong. Os números que damos aqui são estimativas baseadas em estudos cuidadosos de dados do governo do Vietnã do Sul e de fontes norte-americanas.

A Tabela 5/1 fornece uma estimativa de atos de violência da FLN que resultaram da escalada na luta armada. Através de seus canais noticiosos a FLN despejou continuamente estatísticas sobre o programa de luta armada. Números detalhados e obviamente exagerados eram apresentados pelos meios de comunicação da FLN num fluxo interminável. Eram tão astronomicamente exagerados que até mesmo o desconto percentual tomava-se impossível. Todavia, as tabulações feitas indicavam uma aceleração no ritmo da luta armada de 1961 a 1965, que realmente ocorreu; indicavam também uma certa escala de valores e um conjunto de interesses prioritários da liderança da FLN; crença de que a luta armada era vultosa, fervilhante e imponente; afirmativas de que danos imensos estavam sendo infligidos à estrutura militar do governo; indicação de que uma meta fundamental do programa era a captura de armas; convicção de que as baixas americanas mereciam tratamento estatístico separado — e eram exageradas, provavelmente para efeitos psicológicos; finalmente, a preocupação da FLN com os engenhos bélicos do inimigo, principalmente o helicóptero, sem dúvida o mais sério instrumento militar que o guerrilheiro enfrentava.

Problemas doutrinários

Dois problemas doutrinários relativos ao programa de violência atormentaram a FLN durante todo o período. Um referia-se à adequação ou eficácia do terror. {1} O segundo relacionava-se ao papel final da luta armada e poderia ser enunciada em forma de pergunta: dadas as circunstâncias especiais no Vietnã do Sul e a reação dos EUA, deve a luta armada assumir finalmente o encargo da Revolução, como

determinada pela tese do terceiro estágio de Giap, e levar ao ponto culminante a ofensiva pelo poder, ou deve continuar-se a visar à Rebelião Geral, caso em que o instrumento principal continuaria a ser a luta política, com a luta armada, embora tendo aumentada sua importância, sendo ainda um esteio do esforço principal, o movimento de luta armada?

A FLN defrontava-se com três opções na redação do ato final do drama: a conclusão militar, ou terceiro estágio; a conclusão social, ou Rebelião Geral; e a conclusão de infiltração política e tomada do poder, ou o acordo negociado. Todas três soluções eram doutrinariamente aceitáveis. Tanto a natureza do movimento de luta da FLN como as prioridades empregadas, bem como documentos da FLN, provavam à saciedade que os primeiros doutrinários acreditavam que a Rebelião Geral e não o assalto militar do terceiro estágio de Giap é que seria a "culminação dos programas de ação e que daria a vitória final. Os primeiros teóricos concebiam a luta armada não como um esforço militar mas como uma série de ações violentas, algumas de matiz militar, que procuraram atingir aquelas metas que sozinho o movimento de luta política não podia atingir. A emergência de uma força militar com a finalidade de travar uma guerra mais ou menos convencional, semelhante aos estágios finais da guerra do Viet Minh, era considerada muito arriscada e inteiramente desnecessária. A fase da luta armada de Giap era concebida não como regimentos ou divisões enfrentando abertamente o inimigo, e sim como uma explosão coordenada de atos de violência, perpetrados por pequenas unidades, em todo o país. Mas a maior parte da população do país sairia às ruas, aos milhões, num imenso movimento de luta que paralisaria o que restasse do poder administrativo e militar do governo. Isto era a Rebelião Geral, que podia ser realizada sem o uso de unidades militares ou paramilitares maiores que um batalhão.

A Rebelião Geral era o mito social e não era, necessariamente, incompatível com o terceiro estágio ou o acordo político. Caso ocorresse o primeiro, o levante naturalmente realçaria o mergulho militar final; no evento do segundo, uma rebelião melhoraria a posição da FLN nas negociações. Em qualquer um dos casos, o inimigo seria enfraquecido.

O acordo político ou conclusão negociada das hostilidades como prelúdio para infiltração e tomada do poder evidentemente afigurou-se à maioria dos quadros dirigentes nativos do Sul como solução mais exequível do que o terceiro estágio. Publicamente a FLN afirmava desde seus primeiros dias que era a favor da formação de um governo de coalizão na qual participasse. Documentos internos insistiam também nesse ponto, afirmando que isso podia e devia ser a meta da FLN. {2}

O advento daquilo que a FLN chamou de Guerra Especial, ou seja, a reação militar dos Estados Unidos, suscitou a questão de se a vitória podia ser alcançada como fora na guerra do Viet Minh ou por meio de um acordo político. Desertores e documentos capturados indicam que em 1964 ocorreu uma divisão no nível do Comitê Central e talvez em Hanói, divisão esta na qual a doutrina predominante da Rebelião Geral foi posta em questão. Um grupo sustentava que uma intensificação dos programas de luta política, e talvez com uma escalada na luta armada, poderia finalmente aniquilar o aparelho administrativo e militar do governo do Vietnã do Sul, e dessa forma uma arremetida frontal nunca seria necessária. Outros defendiam uma maior militarização da campanha, um calculado desafio militar ao ERVN, e maior ênfase a ataques militares, inclusive assaltos contra instalações militares no Vietnã exclusivamente americanas.

O âmago desse debate era decidir se era possível ir à vitória na luta de guerrilhas revolucionárias por meio das lutas políticas e armada, cujos objetivos básicos eram mobilização da população civil e imobilização, mas não destruição física do complexo militar do inimigo. Não podia haver dúvida de que a arma organizacional era capaz de fazer muito em prol de uma revolução, mas subsistia grande dúvida quanto a se ela poderia levar a causa até a vitória. Tanto Mao como Giap afirmavam, naturalmente, que uma guerra de guerrilhas deve evoluir para uma guerra mais ou menos convencional na qual as forças armadas adversárias são derrotadas ou destruídas em combate direto. No final, os defensores da solução militar venceram o debate, e as atividades militares aumentaram de âmbito, ritmo e natureza. A nova atitude teve como decorrência uma nova reação americana: incursões aéreas contra o Vietnã do Norte o envio de tropas maciças para o Vietnã do Sul. O resultado da discussão doutrinária foi a decisão fatal de aplicar força bruta contra os Estados Unidos, uma batalha que o Exército de Libertação, mesmo ajudado por grande quantidade de tropas regulares do Vietnã do Norte, não podia ter esperança de vencer.

{1} O uso do terror pela FLN é estudado no Capítulo XIII.

{2} Para uma discussão mais completa da meta do governo de coalizão da FLN, ver Capitulo XIX.

VI. TRABALHO ORGANIZACIONAL

Introdução

O que mais caracteriza o Vietnã é a aldeia. Durante dois mil anos tem sido assim, e embora as duas cidades de Saigon e Hanói possam ter sido consideradas no exterior como Vietnã, para o vietnamita a aldeia era o coração, o espírito e a alma de sua terra. Às 2.561 aldeias do Vietnã do Sul, onde vivem dois terços da população, chegaram os comunistas, abertamente ou ocultos por trás de uma frente, determinados a transformar cada uma delas num instrumento para revolução. A aldeia sulista era fraca e vulnerável a essa espécie de assalto, e a assistência a ela nem sempre era pronta ou apropriada. Mas a aldeia mostrou reservas surpreendentes e forças inesperadas. Tornou-se o campo de batalha de um tipo especial de luta, em parte política, em parte militar e inteiramente social.

A forja da arma

A FLN inverteu a ordem habitual da formação de frentes: ao invés de começar com as organizações e criar a frente,

começou com a frente e criou as organizações e depois atribuiu-lhes a tarefa de provocar revolução através do mecanismo do movimento de luta. A FLN criou no papel uma rede nacional de associações de aldeias e a seguir passou a transformar em realidade essa estrutura.

A PLN criou uma legião de organizações sociopolíticas nacionais num país onde as organizações de massa, ao contrário de movimentos religiosos ou partidos políticos de elite, praticamente inexistiam. Isto é um ponto importante. Salvo a PLN, nunca houve no Vietnã do Sul um verdadeiro partido político popular. Embora nem mesmo os comunistas possuíssem uma organização de massa que correspondesse à teoria organizacional comunista, eram o grupo político mais coeso, disciplinado e experiente do Vietnã. Essa herança passou, para a Frente de Libertação Nacional.

Quatro anos de esforço infatigável, de 1959 a 1962, converteram a estrutura organizacional da FLN, que era um conjunto lasso e díspar de grupos dissidentes, num movimento coeso capaz de demonstrar uma eficiência coordenada rara numa nação em desenvolvimento. A partir de 1960, a FLN adquiriu uma estrutura que em certo grau afetava praticamente a todas as aldeias do país. Nas áreas que controlava, a FLN lançou sobre o camponês vietnamita uma rede de associações capaz de induzi-lo a apoiar voluntariamente a Frente ou, não conseguindo isto, fazer recair sobre ele todo o peso da pressão social, ou, falhando ambos esses objetivos, capaz de compeli-lo a dar seu apoio. A rede podia submetê-lo eficazmente à supervisão, doutrinação e exploração. Podia governar sua vida. Podia criar artificialmente problemas e angariar apoio voluntário em lugares onde pela lógica esse apoio não devia existir. A finalidade desse vasto esforço organizacional não era simplesmente controle da população, e sim a reconstrução da ordem social da aldeia.

O nível de aldeia

Foi na aldeia vietnamita que a teoria organizacional chocou-se nitidamente contra a realidade e a perfeição da organização nos níveis superiores começou a dar lugar às fantasias e fluxo da vida rural. Uma coisa era criar e controlar uma secretaria provincial de seis homens e outra, muito diferente, era dinamizar e dirigir o ímpeto de um movimento de massa composto de agricultores vietnamitas desconfiados e relutantes. Para atender ao objetivo, criaram-se dois sistemas de associações de libertação, um dos quais poderia ser chamado de administrativo e o outro de funcional.

A associação administrativa de libertação

A associação de libertação do tipo administrativo era uma organização de elite, estreita e de controle relativamente fácil para os quadros dirigentes. Assemelhava-se a uma organização governamental vertical que começava no Comitê Central da FLN, passava por vários níveis administrativos intermediários e chegava à associação de libertação do tipo administrativo da aldeia, que também era encabeçada por um comitê. Este era o governo '‘fantoche” de Hanói, ao qual as reportagens jornalísticas frequentemente se referem. A estrutura tinha sua gênese na experiência do Viet Minh; seus ancestrais foram os comitês administrativos e de resistência imaginados e criados por Ho Chi Minh.

Parte da estrutura da associação administrativa, a parte chave, na realidade, era a cadeia ascendente de comando.

Especificamente, essa cadeia consistia nos seguintes níveis, todos parte da hierarquia da associação de libertação do tipo administrativo.

1. Na cúpula, o Comitê Central da Frente de Libertação Nacional, a unidade que era também responsável pelo planejamento e supervisão da estrutura da organização.

2. Três quartéis-generais interzonais, nos quais (depois de 1963) o programa de agitação e propaganda era determinado, e que eram responsáveis por doutrinação e treinamento.

3. Sete zonas, na realidade sub-repartições para as interzonas, que existiam principalmente porque barreiras de viagens e comunicações não permitiam o envio fácil de diretrizes administrativas dos quartéis-generais interzonais para as províncias.

4. Aproximadamente 30 comitês provinciais, {1} as principais unidades operacionais da FLN, com a tarefa de administrar as associações de libertação e atribuir deveres militares às unidades guerrilheiras locais.

5. Os escalões inferiores — comitês distritais, municipais e rurais e organizações que executavam a luta política, o trabalho de proselitismo militar e a luta armada.

A associação funcional de libertação

A associação de libertação do tipo funcional {2} tinha base de massa e era mais sociopolítica do que governamental; era grande, incômoda, difícil de controlar uma vez organizada, mas plena de possibilidades. Essas associações existiam apenas em nível de aldeia e, à diferença das associações de

libertação do tipo administrativo, eram antes horizontais que verticais. Um sistema hierárquico de associações funcionais existia com efeito no papel, atingindo teoricamente o nível nacional na forma de congressos, mas esses congressos nunca se realizaram. Das seis associações funcionais, a liderança da FLN atribuía importância capital a três: a Associação de Libertação dos Agricultores (ALA), a Associação de Libertação da Juventude (ALJ) e a Associação Feminina de Libertação (AFL); as outras, as associações dos estudantes, operários e intelectuais (essa última geralmente chamada de Associação Cultural de Libertação), tinham importância um pouco secundária. A de maior importância era indubitavelmente a Associação de Libertação dos Agricultores (em vietnamita, Hoi Nong Dan Giai Fhong).

Todas as associações funcionais tinham o objetivo comum de congregar seus membros para dois propósitos: auxiliarem-se mutuamente segundo a tradição da sociedade beneficente vietnamita e promover a luta política. Todas as associações tinham um limite mínimo de idade de 16 anos. Exigia-se que os membros participassem ativamente no movimento de luta e aceitassem a disciplina. Em troca era-lhes garantido o direito de liberdade de discussão e de voto secreto nas reuniões da associação, a utilização da biblioteca e do fundo de empréstimos de emergência da associação. Prevalecia o espírito de “centralismo democrático” e a unidade-organização em nível mais baixo de todos era o grupo social ou ocupacional natural.

A associação de libertação do tipo funcional originou-se também do Viet Minh, que havia emaranhado a população em toda uma série de associações especiais. Os franceses davam-lhe um nome jocoso e havia-as de todos os tipos, desde as gerais, como os grupos de agricultores e de jovens, até sociedades especializadas como a associação dos

flautistas, todas dedicadas ao trabalho de doutrinação e propaganda.

Fases organizacionais

A atitude organizacional adotada pelos líderes da FLN era provavelmente o único caminho possível que prometia grande sucesso. Embora grande parte das decisões organizacionais da FLN no decorrer dos anos fosse tomada em reação às exigências da situação, três fatos são claramente perceptíveis no desenvolvimento da organização da FLN depois de 1960.

A primeira fase, o período inicial de organização, foi estudado no Capítulo XV. De modo geral caracterizou-se por uma polarização em torno da bandeira de oposição ao governo Diem e por uma tremenda expansão da organização da FLN. O estudo de documentos da PLN e alguns cálculos levam-nos a concluir que o número de membros da FLN dobrou entre dezembro de 1960 e princípios de 1961, dobrou novamente em fins desse ano, e ainda mais uma vez em princípios de 1962, Assim sendo, seu período de mais rápido crescimento foi entre fins de 1961 e princípios de 1962, uma expansão que parece ter sido consequência antes de intensa atividade organizacional do que de qualquer fator político externo, como, por exemplo, ações por parte do governo de Diem. Em princípios de 1962, o número de membros da FLN estava na casa dos 300.000 e permaneceu mais ou menos nesse nível até a queda do regime de Diem, quando perdeu aproximadamente 50.000 ou 100.000 membros. Durante 1965 e 1966 é provável que sua composição social tenha oscilado entre 250.000 e 300.000 membros. (A título de curiosidade: em 19 de dezembro de 1963 a Rádio Hanói

declarava que a FLN compreendia 30 organizações num total de 7.000.000 de membros).

Após as atividades iniciais, veio a fase de crescimento e expansão, em 1961. Nesse período houve a criação da rede nacional de associações funcionais e uma solidificação da cadeia hierárquica de comando da FLN, a estrutura da associação de libertação do tipo administrativo. A primeira organização funcional de vulto criada sob a égide da FLN foi a Associação de Libertação dos Agricultores, e nela concentrou-se a maior parte do esforço da FLN durante a maior parte de 1961. Criaram-se então outras associações funcionais de vulto, após o que, em fins de 1961, os esforços focalizaram-se no sistema administrativo, no qual a liderança das várias associações de libertação do tipo funcional em nível de aldeia foi combinada no comitê central da associação administrativa de aldeia. O esquema consistia em fundar associações funcionais separadas no nível de aldeia, a seguir criar organizações cruzadas como grupos de interesses especiais, e finalmente fundir a liderança das organizações individuais num comitê de libertação administrativo da aldeia.

A fase de fortalecimento interno durou desde a formação do Partido Revolucionário Popular, em janeiro de 1962, até o fim do regime Diem {3} (na realidade por volta de agosto de 1963, quase se tornou claro aos comunistas e a outros que o governo de Diem estava se desintegrando), No fim de 1961 completou-se o trabalho básico de organização, mas a estrutura era débil. Começou então o processo de refinamento, a atenção ao detalhe, que leva à perfeição. Isto envolvia não só extirpar os quadros menos competentes e elevar as qualificações para admissão, como também injetar mais marxismo no fluxo sanguíneo da organização. O perigo de que a FLN sucumbisse ao mero reformismo cresceu cada vez mais com a perspectiva da derrocada do governo de

Diem. Por conseguinte, a liderança determinou a intensificação dos esforços de doutrinação visando a evitar tal resultado devido a uma mudança no governo de Saigon.

O período também assistiu, em fins de 1962 e princípios de 1963, a uma séria crise na FLN, o surgimento do programa de aldeias estratégicas do governo do Vietnã do Sul. Esse programa não só forçou os líderes rurais da FLN a fugir como ofereceu aos camponeses organizações sociais e políticas alternativas. Ademais, uma vez que o programa redistribuía os camponeses e destarte misturava pessoas de diversas aldeias, as tentativas dos agentes da FLN de reconstruir a rede dentro da aldeia estratégica tornavam-se cada vez mais complicadas e menos bem sucedidas. Era difícil a um agente entrar e operar numa aldeia estratégica, e a liderança já não podia mais simplesmente mandar de volta a uma aldeia em organização um nativo cuja única recomendação era ter nascido e se criado lá. Esse fora o sistema anterior, e ainda que o agente carecesse de treinamento, obtinha razoável sucesso, uma vez que lidava sobretudo com parentes e amigos e precisava de pouca capacidade de organização. Numa aldeia mista, porém, os organizadores enfrentavam estranhos, e lidar com eles exigia talento de organização e persuasão, que faltava à maioria dos agentes. A sangria na força de trabalho de organização e recrutamento era grande, e as dificuldades defrontadas pela FLN cresciam sem cessar.

A fase da tomada do poder pelo Norte, ou fase da regularização, começou em meados de 1963, quando se tornou óbvio para todos que o governo de Diem tinha os dias contados, e continuou até o fim de 1965, quando o controle da FLN foi assumido por quadros dirigentes do Vietnã do Norte, que a dirigiam até mesmo o nível de aldeia. Teve início com o choque entre Diem e a hierarquia budista, que, à medida que aumentava, confrontava a liderança da FLN com

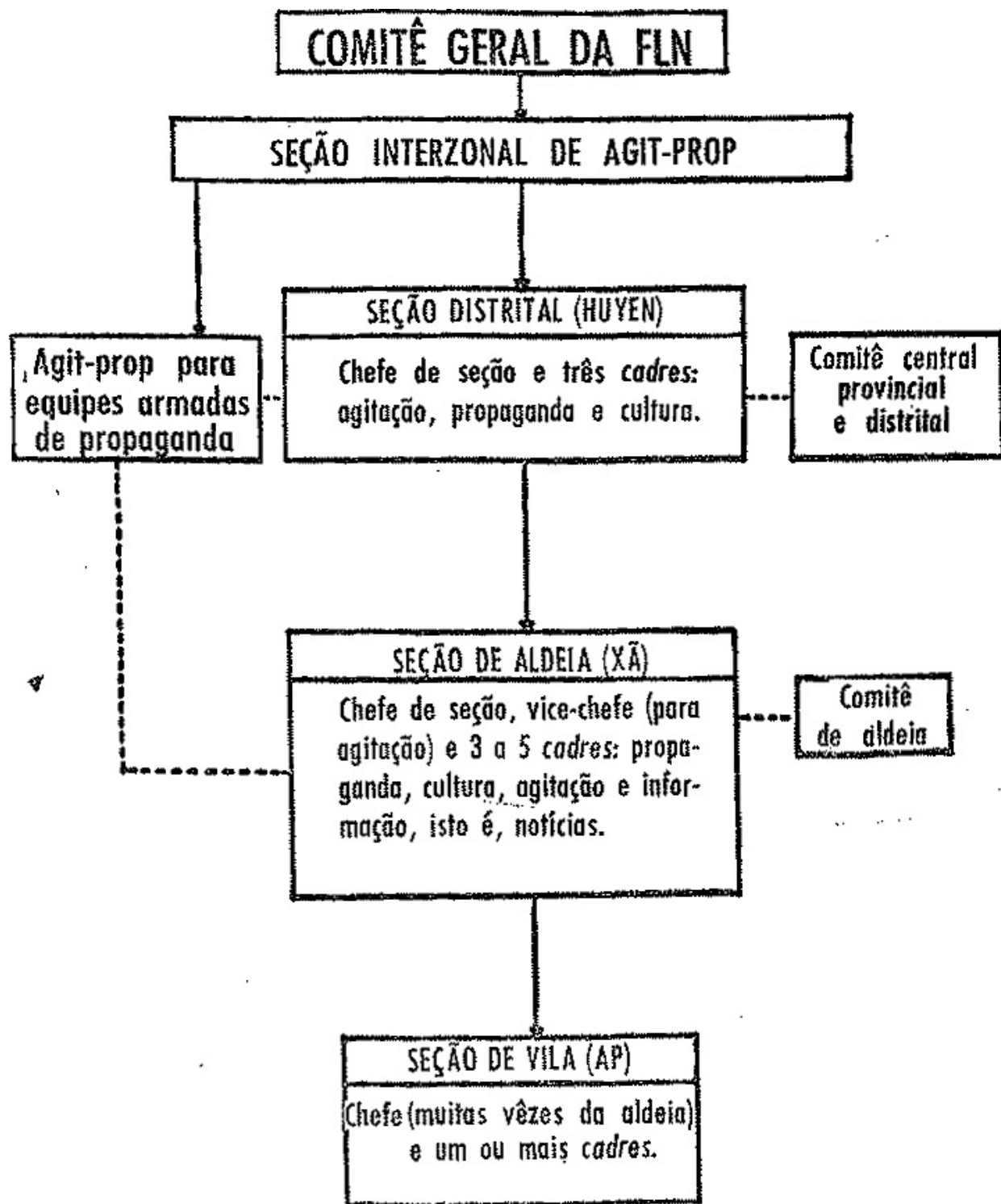
a perspectiva de que o principal alvo de sua propaganda, Diem, breve seria deposto.

É claro que a liderança da FLN antecipara uma mudança de governo anteriormente, pelo menos já em fevereiro de 1962, quando dois pilotos da força aérea vietnamita bombardearam o Palácio Presidencial em Saigon, quase matando Diem. Pouco depois a liderança da FLN começou tranquilamente a expurgar aqueles que considerava pouco merecedores de confiança, sobretudo membros da seita Cao Dai. Tivesse o atentado contra Diem sido corado de êxito, é provável que a FLN se tivesse cindido, os quadros do Norte versus os do Sul. Mas, advertida a tempo, a liderança pôde regularizar a organização de modo que, quando Diem foi derrubado, a FLN sofreu um choque traumático, mas não se esfacelou.

É irônico que durante esse período, quando o descontentamento no Vietnã do Sul se espalhava, a FLN, que durante tanto tempo fora a única oposição organizada a Diem, começasse a ver seu apoio popular desaparecer. Súbito, todos — intelectuais, budistas, estudantes, a oficialidade jovem — todos estavam empenhados em atividades antigovernamentais, quebrando o monopólio da FLN. Aqueles que haviam aderido à FLN por ser ela a única organização antidiemista viável, viram-se cercados por organizações antidiemistas. O resultado disso foi uma deserção da FLN que quase atingiu proporções de massa. Calcula-se que o número de membros da FLN diminuiu de 300.000 para talvez 200.000, com o ponto mais baixo sendo atingido em agosto de 1963, no momento em que as medidas repressivas do governo de Diem chegavam ao máximo.

A liderança da FLN previra, provavelmente, uma perda de apoio popular; pois em princípios de 1963, notórios técnicos comunistas da velha guarda, dos tempos do Viet Minh, que

haviam ido para o Norte, apareceram no nível provincial e, em agosto e setembro, no nível de aldeia. Muitos eram nativos das aldeias às quais retornavam. Foram francos com seus velhos amigos, admitindo abertamente que haviam vivido no Norte e que tinham voltado para o Sul a fim de ajudar a organizar o Partido no nível de aldeia e regularizar a FLN. Esses técnicos chegaram não como vedetes, mas para ficar e trabalhar, muitas vezes em tarefas subalternas; em poucos casos suas atividades poderiam ser chamadas de estratégicas. Geralmente moravam na selva em torno de uma aldeia, ou eram escondidos pelos habitantes do lugar quando chegavam soldados do ERVN. Em alguns casos serviam como assessores para os comitês provinciais e distritais; em outros casos, assumiram um papel mais autoritário, algo como um comissário político. Essas precauções mostraram-se acertadas, pois o fim de Diem impôs terríveis tensões e pressões à FLN. Sua justificação básica fora “Abaixo a camarilha EUA-Diem”. Diem, a personificação do mal para a FLN, era um tema de grande vigor, mas, sendo o homem mortal, também de imensa debilidade.

O processo de regularização — expurgar os vacilantes da organização — completou-se em termos práticos nos primeiros seis meses do ano, mas o esforço continuou, e na verdade, até meados de 1966, quando este livro foi escrito, ainda continuava. A tomada do controle da organização por quadros nortistas conjuntamente com um envolvimento americano mais profundo modificaram primeiro a face da FLN e, depois, de todo o movimento de rebelião.

Organograma 7-1: organização de estrutura de comunicação da FLN.

{1} Em meados de 1966, havia 43 províncias no Vietnã do Sul; nem todas, entretanto, possuíam comitês provinciais.

{2} Um estudo mais detalhado nas associações de libertação do tipo funcional da FLN é encontrado no Capítulo X.

{3} Diem foi derrubado em 1º de novembro de 1963.

VII. COMUNICAÇÃO DE IDÉIAS

Os três meios básicos através dos quais as idéias são comunicadas mais ou menos sistematicamente são os meios de comunicação em massa como o rádio, a televisão, os jornais, as revistas, os livros; os chamados canais informais de comunicações — informação oral, boato, mexerico, vendedores itinerantes; e os movimentos sociais ou organizações sociais, nos quais a própria organização atua como canal, transmitindo não só idéias como também atos, dados e valorizações. A PLN usava todos os três, mas confiava no terceiro, o movimento social, como seu principal meio de comunicação. É desse fenômeno, além de um outro dispositivo comunista de comunicação — o agitador-propagandista — que tratamos neste capítulo.

Em certo sentido, é falso e tendencioso considerar o esforço de comunicação da PLN como uma entidade separada. Na verdade, quase todo ato da PLN era concebido com um ato de comunicação. Seu sistema de comunicação não só comunicava informação, explicava-a em termos significativos e proporcionava-lhe um grau de valorização baseado em relevância individual, como também formava uma arma com que golpear as partes vitais do governo do Vietnã do Sul.

Teoria da comunicação

As características gerais do processo de comunicação da PLN eram as seguintes:

1. Os movimentos sociais criados especialmente, como as várias associações de libertação, tornaram-se o veículo básico de comunicação. Suas atividades eram dirigidas direta ou indiretamente pelos quadros e militantes de agitação e propaganda, que usavam ambos os canais tradicionais, tais como a comunicação oral e face a face e os meios de massa, os últimos utilizados principalmente com reforço.

2. Usando-se esse aparelho, empregava-se uma fórmula teórica que primeiro afirmava estar de posse da verdade em termos de apelos basicamente racionais. Em segundo lugar, usando apelos não-racionais, as emoções dos camponeses das aldeias eram desencadeadas, gerando-se paixões, sobretudo ódio. Em terceiro lugar, exigia-se um compromisso de ação, mesmo que um simples ato ou gesto simbólico.

3. Predominava a concepção comunista de comunicação, sendo o modelo a experiência chinesa, e não a soviética. Tal como na China, grande importância era atribuída a técnicas psicológicas de massa, como comícios, demonstrações, desfiles, movimentos, crítica de grupo e campanhas de denúncia individual, reuniões de bairro e trabalho, e outras formas de comunicação organizacional, muitas vezes com as organizações sociais de massa servindo como veículos.

4. A comunicação de idéias era vista não como um ato separado, e sim como parte integrante da Revolução. Baseava-se na distinção comunista ortodoxa entre o

agitador, no sentido de uma pessoa que apresenta apenas uma ou algumas poucas idéias a uma massa popular, e o propagandista, aquele que apresenta muitas idéias a uma só ou poucas pessoas; essa atitude era necessária, pensava-se, porque não se podia esperar que as massas entendessem o marxismo-leninismo, mas deviam, não obstante, serem imbuídas do espírito adequado, de modo que trabalhassem e se sacrificassem pela causa. A propaganda, por outro lado, consistia em doutrinação teórica dos membros do Partido.

5. Embora os esforços de comunicação fossem realizados simultaneamente em vários níveis e com temas diferentes e comumente contraditórios, o comunicador chave em todos os níveis eram o agitador-propagandista, não um mero técnico mas uma pessoa que nos escalões inferiores tendia a dominar todas as atividades, não apenas o trabalho de agitação e propaganda. Era considerado um instrutor que explicava as políticas e os programas da FLN em termos acessíveis ao camponês vietnamita comum, usando quaisquer argumentos que julgasse eficazes. Os meios de comunicação em massa, onde existiam, nunca eram considerados bastante fortes em si mesmos para convencer.

6. Embora os êxitos do programa de comunicação não se devessem tanto a seu conteúdo marxista quanto a seus argumentos pragmáticos, os apelos tinham raízes na doutrina comunista fundamental: o conceito de frente unida, a consciência de classe, e o determinismo histórico do inevitável triunfo da causa. A contaminação do sistema de comunicação era reduzida pela exigência que os ativistas usassem a Rádio Libertação e a Rádio Hanói como fontes básicas de material e pela vigilância de níveis superiores.

7. O sistema de comunicação da FLN sofria as deficiências comuns à comunicação comunista: obtusidade, formalismo, irrelevância e ultraconformismo.

Este sumário e as seções seguintes sobre os movimentos sociais como dispositivos de comunicações e sobre o trabalho de agitação e propaganda foram extraídos de dois documentos chaves que caíram nas mãos do governo do Vietnã do Sul em meados de 1962. O primeiro era um documento da FLN intitulado Diretriz sobre Informação, Propaganda, Agitação e Atividades Culturais para 1961. Fora redigido no nível do Comitê Central para uso no nível provincial e continha uma análise dos esforços de comunicação rural do governo sul-vietnamita, uma avaliação da opinião pública rural, um comentário sobre os esforços de comunicação da FLN durante 1961 e um plano geral para seu trabalho de comunicação em 1962. O segundo, um documento do PRP intitulado Treinamento de Trabalhadores de Propaganda, Culturais e Educacionais nos Níveis Distritais e de Aldeia, era destinado a agitadores e propagandistas de escalões inferiores e tratavam de técnicas e de organização específicas de agitação e propaganda, dos estafetas de equipes de agitação e propaganda e de turmas armadas de propaganda, e do uso da cultura ou educação (ou doutrinação).

O primeiro documento era altamente teórico, o segundo concreto e prático. Juntos, retratavam todo o escopo do processo de comunicação da FLN e do PRP; dezenas de outros documentos, assim como mais de 4.000 folhetos de propaganda da FLN juntados subsequentemente, ilustravam em detalhes os conceitos básicos delineados nas duas diretrizes principais. Ambos os documentos acentuavam a importância do trabalho de agitação e propaganda. O resultado final da atividade de agitação e propaganda, afirmavam claramente ambos os documentos, não devia ser a crença ou aceitação passiva pelo povo, mas fazer com que ele agisse contra o governo na forma de atividades de propaganda, uma das diversas formas que o movimento de luta podia tomar.

O movimento social como canal de comunicação

Com a organização social como dispositivo de comunicação atingimos o coração e a força da FLN. Aqui estava a solução do mistério que por tanto tempo deixara perplexos observadores bem-informados de como podia a FLN ter êxito diante da tremenda superioridade militar do governo sul-vietnamita e das doses maciças de recursos materiais americanos para programas de ação cívica a fim de aliviar problemas econômicos? A explicação do mistério não estava em ideologia superior, nem em pessoal mais dedicado, nem na conquista do apoio voluntário do camponês, mas sim no movimento social com a forma de um canal de comunicação fechado e que provia suas próprias necessidades; essa era a arma secreta da FLN.

Partindo da suposição fundamental de que se uma idéia pudesse ser fixada num grupo, este se tornaria forte, durável e infinitamente mais difícil de neutralizar, a FLN criou uma estrutura de comunicação que ultrapassava de muito qualquer simples organização de propaganda. Nas mãos dos quadros de agitação e propaganda, o movimento social, como dispositivo de comunicação fez as seguintes contribuições para a causa da FLN:

1. Gerou um senso de comunidade, primeiro desenvolvendo um padrão de pensamento e comportamento político apropriado aos problemas sociais da aldeia vietnamita em meio a aguda reforma social, e, em segundo lugar, proporcionando uma base para ação grupal que permitia a cada camponês ver seus próprios esforços adquirir sentido e efeito.

2. Mobilizou o povo, gerando descontentamento onde ele não existia, exacerbando-o e aproveitando-o onde ele existia, e incrementando, sobretudo no nível de aldeia, a proeminência de todos os apelos da FLN.

3. Modificou, pelo menos ligeiramente, a visão que os camponeses tinham do mundo, a atitude em relação ao governo, e as atividades diárias dentro e fora da aldeia. Alterou convicções subjacentes e até mesmo fez com que os camponeses fizessem coisas que redundavam em desvantagem própria.

4. Fomentou a integração da ideologia da FLN, transformando atitudes heterogêneas em homogêneas; canalizou e intensificou sentimentos, reações e aspirações rurais. Assim, mesmo quando a organização da FLN tornou-se coercitiva, seus membros continuaram a defender valores importados e alienígenas.

5. Facilitou em alto grau os esforços da FLN para polarizar as convicções, estereotipar as forças adversarias e de modo gerai mudar a atenção dos camponeses nas direções escolhidas pela liderança da FLN. Uma vez que a resistência à sugestão é mais fraca num grupo, o movimento social fez com que o camponês aceitasse argumentos falsos com mais facilidade e sucumbisse mais depressa aos apelos emocionais ou pessoais dos agitadores-propagandistas ou dos líderes da FLN na aldeia.

6. Uma vez criado o ímpeto no grupo, ele próprio tendia a restringir a liberdade de expressão aos sentimentos aceitáveis às normas de grupo criadas pela FLN. O indivíduo submergia, o grupo tornava-se a unidade, e grande pressão social era exercida sobre o dissidente, realizando assim o supremo objetivo da FLN — uma força revolucionária que regulamentava e perpetuava a si própria.

7. Finalmente, porque ajudava a cortar o entrelaçamento e comunicação social com o sistema social representado pelo governo sul-vietnamita, isolou os camponeses e ressaltou o senso de conflito entre os dois sistemas.

A equipe de agitação e propaganda

A instituição comunista do quadro de agitação e propaganda é geralmente bem conhecida, mas pouco compreendida. Sua utilidade para a FLN era tão grande que foi separada de todos os outros métodos de comunicação para consideração especial aqui. Comecemos examinando a visita de uma hipotética equipe de agitação e propaganda a uma aldeia vietnamita.

A equipe avizinha-se da localidade no fim da tarde e tem um encontro fora da vila com um membro ou simpatizante do Partido que a instrui cuidadosamente sobre os fatos ocorridos na aldeia ou vila desde a última visita da equipe. O representante do Partido relaciona os problemas locais, as animosidades e as pessoas mais antipatizadas do lugar.

Ao crepúsculo a equipe entra na vila com grande fanfarra, apertando mãos, saudando pessoas, carregando consigo uma aura de excitação, uma quebra da monotonia do lugar. Os habitantes são solicitados a se reunirem voluntariamente em algum ponto central. Um ancião, conhecido como irascível e intratável, anuncia em voz alta que por nada deste mundo irá ouvir um bando de desordeiros. O chefe da equipe desculpa-o ostensivamente. Contudo, no caso de um número considerável de habitantes indicar relutância em comparecer, o chefe da equipe torna-se severo e indica, por gestos e expressão, que vale a pena dar aos membros da

Revolução pelo menos uma oportunidade de anunciar sua mensagem. E assim os camponeses se reúnem.

A sessão tem início com uma curta palestra pelo chefe da equipe, na qual ele mistura elogios ao espírito dos habitantes, simpatia por seus infortúnios e a insinuação de que mais tarde apresentará uma mensagem de extrema importância.

Segue-se um interlúdio de cantos e quase recreativo. O chefe da equipe ou um de seus membros puxa uma canção folclórica tradicional apreciada por todos os sul-vietnamitas, e todos cantam. Quando termina, o que puxou a canção anuncia que escreveu nova letra para a velha melodia e que gostaria de ensiná-la aos ouvintes. Recita os versos, que transmite uma mensagem de consciência de classe e revolucionária, e depois de os camponeses terem aprendido a letra, todos a cantam diversas vezes.

Segue-se então o discurso principal, que dura até uma hora. O chefe da equipe recebeu previamente da seção de agitação e propaganda interzonal uma diretriz destacando temas atuais a serem ressaltados; são guerra biológica e cólera num contexto antiamericano. Esses temas são cuidadosamente fixados aos problemas locais. Diz o orador aos camponeses: “A colheita de vocês este ano não foi tão grande quanto nos anos passados. A razão disso é que os americanos estão realizando no Vietnã do Sul uma coisa chamada desfolhamento. Substâncias químicas estranhas são espalhadas por aviões, matando as plantas e as folhagens instantaneamente. É verdade que nenhum avião foi visto, porque nenhum operou dentro de um raio de cinquenta quilômetros da aldeia. Mas o vento pode carregar essas substâncias por vastas distâncias, até mesmo para o outro lado do mundo. O que aconteceu foi que algumas substâncias nocivas flutuaram por cima da aldeia e caíram

sobre as plantações, prejudicando seu crescimento e causando uma má produção”. Os camponeses acreditam também que haja cólera na aldeia. "Não se trata realmente de cólera, mas de uma doença microbiana incurável, também espalhada pelos americanos”. O líder continua a declinar temores, problemas e infortúnios locais, atribuindo-os todos a um ou outro ato dos americanos ou das autoridades de Saigon. Narra atrocidades cometidas em áreas próximas. Para terminar, diz aos camponeses que a única maneira de lutarem contra essa injustiça, a única maneira de sobreviverem, na verdade, é unirem-se à FLN e trabalhar em prol de uma Rebelião Geral, após a qual haverá paz, abundância econômica e liberdade para todos.

A reunião geral termina e começam as sub-reuniões. Os agricultores reúnem-se para ouvirem o representante da Associação de Libertação dos Agricultores da equipe, as mulheres ouvem a representante da Associação Feminina de Libertação e os jovens o da Associação de Libertação da Juventude. Nessas reuniões os apelos são elaborados e um tema empregado num grupo muitas vezes não condiz com o empregado em outro. Exemplo: informa-se aos agricultores que tudo quanto a FLN lhes pede é uma pequena contribuição financeira; às mulheres é dito que o exército da FLN protegerá a aldeia e proporcionará completa segurança; os jovens podem ser concitados a ingressar nas fileiras do exército da FLN e pode lhes ser dito que devem estar preparados para sacrificar até mesmo suas vidas pela Revolução.

Os camponeses reúnem-se então numa grande assembléia em que todos tomam parte. Pede-se que a plateia faça perguntas, inclusive as que critiquem a FLN. O chefe da equipe, perito em tratar o comentário mordaz ou a pergunta capciosa, responde com facilidade. Algumas perguntas

podem partir de membros ocultos do Partido que moram na aldeia.

No meio desse período de perguntas, o chefe de equipe, numa demonstração de onisciência, observa casualmente que sabe que existem agentes inimigos no grupo. Aponta o Sr. Ba e diz: “Sei que ele é um agente inimigo e que vai prestar relatório amanhã ao chefe da aldeia sobre esta reunião”. Os aldeões sabem que isto é verdade. Mas o chefe da equipe nada faz contra o Sr. Ba e simplesmente prossegue com a reunião.

Vem então a “pièce de resistence”, uma peça dramática representada pela equipe. É um drama altamente recreativo que se passa em Saigon, envolvendo um motorista de táxi representado pelo chefe da equipe, uma moça vietnamita representada pelo membro feminino da equipe, e um americano representado por outro membro. O americano aborda a moça e faz uma proposta indecente que é ouvida pelo motorista, que vem protegê-la. Há um prolongado diálogo entre o motorista e o americano, que diverte os camponeses. O drama transforma-se numa disputa verbal entre o vietnamita e o americano, e este termina completamente confuso, aviltado, desmascarado e derrotado. O motorista e a moça saem juntos.

Então a equipe parte, distribuindo folhetos à sua passagem ou afixando-os em árvores e paredes, e desfralda uma bandeira da FLN.

O agitador-propagandista

A atividade de agitação e propaganda repousava na suposição fundamental da FLN de que o intermediário

pessoal era a forma mais potente de comunicação. Sobre o agitador-propagandista, dizia-se-lhe sempre, repousava o fardo da Revolução. Um fluxo contínuo de mensagens de quartéis-generais superiores recordavam- lhe constantemente a complexidade de sua tarefa e o alto grau de perícia que ele devia empregar diariamente, pois a FLN sabia o que todos os comunicadores profissionais sabem: que a comunicação simples e pura dos fatos não consegue muitas vezes alterar as opiniões dos homens, que a opinião da maioria reforçada por pressão social vale muito mais que a opinião de peritos ou afirmativas da liderança, e que as pessoas tendem a interpretar erroneamente o que ouvem ou leem de forma a corresponder às suas próprias preconcepções, E a FLN sabia que, trabalhando dentro de tais complexidades, a técnica era tudo.

Depois da técnica, a personalidade do agitador-propagandista era de suma importância. O elemento ideal era um modelo de dedicação, sobriedade e capacidade. Os agitadores-propagandistas eram escolhidos, observava uma diretriz, "dentre aqueles de passado ilibado, de comportamento virtuoso e que sabem despertar as massas”.

À medida que a resistência armada do governo sul-vietnamita começou a destroçar os quadros de-agitadores-propagandistas e à medida que a FLN aumentava de tamanho, tornou-se necessário maior número de elementos, e aumentou a infiltração de agitadores-propagandistas treinados no Norte. Diversos elementos capturados deram aos interrogadores uma imagem verbal do treinamento que haviam recebido no Norte. Consistia em duas partes: uma sessão de doutrinação política e outra de técnicas de agitação e propaganda. A primeira, durando geralmente duas semanas, compreendia doutrinação com referência aos seguintes assuntos: o avanço mundial do comunismo; o progresso socioeconômico em andamento na RDV; o papel

da juventude, um alvo capital na tarefa de construir o socialismo e libertar o Sul; e a FLN e suas vitórias. No fim desse período, os ineptos eram extirpados e fazia-se a seleção final dos infiltradores. O grupo restante recebia então mais ou menos dez dias de treinamento adicional em técnicas específicas de agitação e propaganda.

Os limites exteriores de realização dos agitadores e propagandistas, em termos objetivos, pareciam ser os seguintes; na melhor das hipóteses, no caso de tudo correr bem, esperavam formar a opinião da aldeia a tal grau que o camponês viesse apoiar a causa por sua própria vontade; o mínimo que tentavam fazer, quando uma maior realização não era possível, era confundir as opiniões e emoções do camponês, de modo que ele se tornasse indeciso e, portanto, ineficaz em proporcionar apoio ao governo. Dentro desse âmbito, os agitadores-propagandistas procuravam instigar conflito segundo linhas clássicas. Trabalhavam com desinformação, exagero e distorção. Ocultavam ou deturpavam as intenções comunistas. Chamavam a atenção para os problemas da aldeia, ou os distorciam.

Antolhos e falta de especificismo eram as principais deficiências dos agitadores-propagandistas, que tinham instruções de deixarem seu trabalho crescer naturalmente, levado pelas necessidades de momento.

Nos primeiros tempos foi comum a utilização do artifício do “raiz-e-elo”. Um membro do Partido procurava uma raiz em perspectiva; encontrava-o, conversava com ele e o convencia, após o que o educava. Essa raiz tornava-se então um “elo” que procurava outras raízes, e assim se formavam uma “cadeia”. Isso não envolvia necessariamente ligação com o Partido ou qualquer tipo de organização formal. Era apenas uma cadeia de transmissão para propaganda.

As equipes de agitação e propaganda empregavam também uma grande variedade de truques psicológicos, dos quais citamos a seguir um exemplo. Após a importante vitória da FLN em Ap Bac, em 1963, unidades guerrilheiras que voltavam do campo de batalha passaram por aldeias carregando, sobre um objeto semelhante a uma padiola, alguma coisa volumosa coberta por um imenso pano azul. O grupo parava para beber água numa aldeia e os quatro homens que transportavam o aparelho coberto baixavam-se em torno e mostravam-se curiosos em saber o que estava sob o pano. O líder da unidade advertia-os a não se aproximarem. Então quando a curiosidade dos aldeões atingia o ponto máximo, o líder dizia: “Esse pano azul cobre uma nova arma secreta. Com ela derrubamos dezenas e dezenas de helicópteros do inimigo em Ap Bae”. A unidade dava por terminada a interrupção da marcha, os quatro carregadores levantavam a armação, ainda coberta pelo pano azul e partiam.

O comportamento individual dos agitadores-propagandistas recebia detida supervisão da liderança, pois eram eles os representantes da FLN em maior contato com os camponeses, e a opinião destes sobre aqueles em grande parte determinava-lhes a atitude em relação aos aspectos mais abstratos da FLH.

Organização administrativa

Embora o Comitê Central da FEN nominalmente controlasse a produção, o mais alto nível funcional — investido de grande latitude na formação da política de comunicação, determinação de temas gerais, planejamento e lançamento de campanhas específicas, direção dos vários programas em

andamento, treinamento e distribuição de agitadores-propagandistas — era a seção de agitação e propaganda de interzona, o mais importante componente dos quartéis-generais interzonais.

A seção de agitação e propaganda de interzona consistia num chefe de seção, uma subseção encarregada de administração e conservação e suas subseções operacionais. A seção tanto administrava as equipes de agitação e propaganda, compostos de aproximadamente 6.000 agitadores-propagandistas que operavam fora do nível distrital, como supervisionava, geralmente através de seções distritais pequenas e profissionais, os vários programas de comunicação no nível de aldeia.

As pessoas não eram deixadas a seus próprios meios, e sim supervisionadas estreitamente pelo agitador-propagandista, que atuava como catalisador. Nem na verdade os esforços do povo consistiam tanto em “propagandizar o inimigo” quanto em convencer a si próprios. Como observava a diretriz do FRP a seus quadros, “é verdade que as massas realizam o trabalho de agitação, mas é necessário educá-las para que percebam seus deveres de agitação, controlar suas atividades diárias de agitação e manter as organizações (de comunicação) de aldeia”.

VIII. O PAPEL COMUNISTA

Como vimos, os comunistas {1} desempenharam o papel dominante mas não exclusivo nos primeiros anos da FLN, ampliando gradualmente seu controle até que para todos os efeitos práticos estavam dirigindo os negócios da FLN em todos os níveis, desde o Comitê Central nacional até as aldeias. Isto foi um processo evolucionário gradual; o grau de controle que as várias organizações da FLN controlada pelos comunistas exercia sobre os camponeses diferia muito, é claro, de aldeia para aldeia.

De um ponto de vista administrativo, os comunistas são membros da Frente de Libertação Nacional enquanto mantêm sua própria organização, primeiro como membros do ramo sulista do Partido Lao Dong e depois como membros do Partido. Revolucionário Popular.

O Partido Revolucionário Popular

O PRP foi formalmente fundado a 19 de janeiro de 1962, segundo a proclamação de seu nascimento numa transmissão da Rádio Hanói de 18 de janeiro que mencionava a Agência de Notícias Libertação. O anúncio dizia que um novo partido fora formado por uma “conferência de marxista-leninistas realizada no Vietnã do

Sul em fins de dezembro sob a orientação de revolucionários veteranos". Mais tarde soube-se que se tratava de Vo Chi Chong, que se tornou presidente do Comitê Central do PRP, e Huynh Van Tam, nomeado secretário-geral. Tam foi mais tarde substituído (e enviado à Argélia como representante da FLN) por Tran Nam Trung. Tem-se afirmado muitas vezes que o líder da RDV Le Duan veio secretamente ao Vietnã do Sul nessa época e que assistiu à formação do PEP; isto nunca ficou provado.

O PRP referia-se constantemente a si próprio em declarações públicas como o "Partido marxista-leninista do Vietnã do Sul" e portanto nunca negou sua natureza comunista. Tampouco negava ser mais que um simples membro da FLN em igualdade de posição com os outros membros; ele era, insistia, a "vanguarda da FLN, o membro supremo". Publicamente negava ter quaisquer vínculos oficiais com a RDV e com o Partido Lao Dong, seu predecessor, além dos normais "laços fraternais do comunismo", mas uma diretriz secreta declarava que seus membros deveriam continuar a serem liderados pelo Comitê Central em Hanói.

O Partido Lao Dong, que o PEP substituiu, mantivera-se em grande parte encoberto no Sul após o fim das hostilidades em 1954, até que mudou seu nome para Partido Revolucionário Popular e começou a se organizar. Calculava-se em 1962 que o número de seus membros não passasse de 35.000, {2} e em princípio de 1966 o quadro de membros do PRP era estimado entre 35.000 e 100.000. Os membros do Partido Lao Dong, principalmente Viet Minhs que haviam estado entre os mais importantes fundadores do PRP, embora nunca mencionados como membros do Partido Lao Dong em declarações públicas, em 1962 assumiram posições de liderança no PRP. O Partido realizara uma espécie de atividade aberta de segunda ordem no período 1955-1962. Às ocultas continuou seu trabalho de organização e

penetração, mas também essa atividade era limitada, uma vez que a maior parte do esforço de seus membros era dedicado a promover os objetivos da recém-criada FLN. Não foi senão em fins de 1963 que o PRP começou a concentrar seus esforços em sua própria organização interna.

O PRP continuou a empregar a rede de ligação e outros canais de comunicação criados por seu antecessor, a ala sulista do Partido Lao Dong. Sua linha de transmissão para o Vietnã do Norte era o aparelho do Partido Lao Dong. Em Hanói, criaram-se comitês especiais subordinados ao comitê central do partido e ao governo da RDV para supervisionar as atividades do PRP e da FLN e para atuar como canal de política entre a liderança no Sul e o Politburo em Hanói. Além disso, o Conselho de Defesa Nacional da RDV e do Ministério de Defesa Nacional tratavam de atividades militares no Sul e representaram o começo de uma cadeia direta de comando com unidades do EPVN que operavam no Sul.

Uma declaração que circulou entre os quadros da FLN na ocasião da formação do RRP afirmava que o movimento revolucionário no Sul carecia de organização e liderança e que o PRP fora criado como a organização suprema que proveria ambas as coisas e que levaria o povo à vitória. Publicamente a RDV tratava o PRP como um partido proletário sulista puramente indígena. Aos membros do Lao Dong, a RDV explicava que o PRP era simplesmente uma continuação do partido mais antigo. Um documento do Partido Lao Dong capturado e entregue à Comissão Internacional de Controle (CIC) pelo governo sul-vietnamita em 1962 declarava que a criação do PRP é uma estratégia necessária exigida dentro do Partido e para iludir o inimigo. O novo Partido deve manter o aspecto exterior de uma separação do (Partido) Lao Dong de maneira a que o inimigo não possa usá-lo em sua propaganda. (...) Dentro do Partido é necessário explicar que a fundação do PRP tem a finalidade

de isolar os americanos e o regime de Ngo Dinh Diem e combater suas acusações de uma invasão do Sul pelo Norte.

A natureza comunista do PRP, declarava outro documento, devia ser ocultada ao público em geral, e o documento instruía os dirigentes a realizarem sessões de estudo dentro do aparelho do Partido e de organizações da Frente e em assembleias gerais em aldeias. Prosseguia acrescentando: “Nas sessões de estudo dentro do Partido e em grupos da Frente, os propósitos (isto é, intenções) e slogans do Partido e sua plataforma devem ser discutidos e entendidos. Nas sessões públicas, só os slogans e a declaração do Partido — mas não os propósitos — serão estudados”. Os slogans usados na cerimônia evitavam cuidadosamente qualquer referência ao comunismo.

O PRP detalhou seu programa específico fazendo paralelo aos objetivos declarados da FLN, numa plataforma de dez pontos transmitida pela Rádio- Libertação, durante janeiro de 1962. O Comitê Central do PRP apresentou o que poderia ser chamado de sua plataforma de política externa em abril de 1962. Dispunha-se a buscar as metas da FLN de paz, neutralismo, independência e unificação; acusava os Estados Unidos de travarem guerra de agressão, mas não declarada, no Vietnã do Sul; agradecia à União Soviética, à China Comunista e às outras nações comunistas o apoio à causa vietnamita; concitava todos os povos amantes da paz no mundo a apoiarem a Revolução Vietnamita; concitava o povo americano a mostrar alguma atenção à política de seu governo no Vietnã; pediam à Grã-Bretanha e à União Soviética, co-presidentes da conferência de Genebra de 1954 sobre a Indochina, que executassem os acordos de 1954 ; denunciava o governo britânico por, sua posição no Vietnã; e insinuava que, a menos que os americanos deixassem o Vietnã, chamaria a RDV, China e a União Soviética em seu

socorro. {3} Em suma, era uma declaração de política comunista clássica sobre o Vietnã.

Imperceptivelmente, o tema de salvação nacional como meta começou a se fundir com o de criar uma sociedade coletivista. Isso era evidente tanto em declarações públicas como em documentos internos. Um manual de treinamento editado em 1963 para uso dos quadros do PEP que trabalhavam com organizações da FLN instruía-os a ressaltar que o PEP procurava “trabalhar através da FLN para obter a libertação, a neutralização e a unificação do Vietnã, mediante o estabelecimento de um governo democrático de coalizão.” Um manual de treinamento semelhante, datado de princípio de 1965, declarava que o PEP era “a vanguarda dos trabalhadores sulistas dedicado a realizar uma revolução patriótica, democrática e nacional a fim de introduzir o socialismo e depois o comunismo no Vietnã”.

Como observamos anteriormente, os quadros do PEP tinham instrução de silenciar o tema de socialismo-comunismo no caso de ser ele inapropriado às suas áreas, como, por exemplo, onde houvesse uma elevada concentração de vietnamitas católicos. É estranho, contudo, que em símbolos exteriores, como bandeiras, a marca comunista estivesse indisfarçada. A bandeira do PEP consistia num campo vermelho com uma foice e martelo brancos no centro. A bandeira da Liga de Juventude do PEP tinha um campo vermelho com três estrelas amarelas, e uma foice e martelo brancos no canto superior direito.

Como até 1962 os propagandistas da FLN houvessem obtido sucesso com o expediente de se manterem ostensivamente silentes a respeito de toda a questão de comunismo no Sul, era de parecer que a formação de uma nova organização revolucionária com participação comunista aberta fosse contraproducente. Certamente prejudicaria a imagem da FLN

no exterior — e tal sucedeu. Havia, porém, vantagens que em muito superariam as desvantagens; e havia pelo menos quatro razões para a formação do FRP.

Em primeiro lugar, havia a razão declarada: a revolução precisava de um motor melhor. Precisava de uma organização mais rígida e mais centralizada e de uma liderança mais eficiente. A neutralização do programa de vilas estratégicas do governo sul-vietnamita, principalmente, exigia métodos organizacionais mais rigorosos do que os necessários anteriormente e demandava a disciplina, a experiência e o conhecimento que, criam os comunistas, só eles possuíam.

Segundo, havia necessidade de um conteúdo ideológico mais forte que ajudasse explicar a Revolução a si mesma e ajudasse a consolidá-la. O comunismo era o cimento doutrinário, mas comunismo sem um partido comunista era impraticável. A liderança do FRP achava obviamente que a FLN era inconsistente, sobretudo por faltar-lhe um senso carregado de consciência de classe, algo que o comunismo lhe injetaria.

Terceiro, era necessária dar melhor apoio aos comunistas do Sul. No período de 1960-1962 quando se conversava com desertores que declaravam terem sido marxistas, com frequência percebia-se neles um sentimento de isolação ideológica. Muitos davam a entender sentirem-se cortados da corrente do pensamento comunista, cercados por não-crentes, incapazes de reprimir suas dúvidas sobre a correção de suas ações, sobretudo as que envolviam violência. Alguns explicavam assim sua deserção. A princípio, disse um, tudo fora simples e compreensível; capitalismo significava pobreza e escravidão; o comunismo, abundância e liberdade. Então ele veio para o Sul e encontrou aldeias prósperas, mais ainda do que no Norte, e pessoas que raramente sentiam o

peso da mão do governo, à diferença do governo onipresente do Norte. Os fatos sucediam-se celeremente à sua volta e, com sua compreensão inadequada do marxismo, as explicações realistas começaram a fugir. Começou a incerteza, seguida pela dúvida, seguida por uma quebra de fé, seguida por deserção. Se esses sentimentos eram endêmicos ou profundos não sabemos, mas é provável que constituíssem um problema sério o suficiente para que Hanói expedisse ordens de formação de um partido forte e aberto que escorasse os esteios no Sul e desse aos membros do Partido uma plataforma mais firme para se situarem.

Quarto, havia o medo, por parte da liderança de Hanói e dos comunistas do Sul de que a Revolução se aburguesasse, como continuamente ameaçava acontecer, principalmente entre os lavradores provinciais com seu estreito limite de interesses, que pouco ultrapassavam a reforma agrária. O PRP constituía um piloto automático que manteria a Revolução na rota e a levaria até seu destino. Toda a carga da luta nos primeiros anos era feita em termos antidiemistas. Com a queda de Diem temia-se que o fervor revolucionário se dissipasse e que a causa degenerasse em simples reformismo. Aliado a isso havia o medo de que a guerra pudesse ser vencida, mas a paz subsequente perdida. Na verdade, como vimos, algo parecido aconteceu. A auréola dourada da Revolução empanou-se e a luta continuou não por espírito, mas por causa da organização que lançara uma armadilha para seus seguidores e impedia-lhes a fuga.

A organização do PRP

A estrutura organizacional do PRP assemelhava-se bastante com a da FLN, Havia duas exceções: o PRP criou a estrutura normal comunista de células para unir os membros

individuais, e uma cadeia de comando separada para as áreas urbanas, semelhante à cadeia de comando rural, mas separada. Na base, tanto nas áreas rurais como urbanas, havia a estrutura de células, de três homens. Além dessa estrutura, havia o que se chamava de membro de combate, encontrado em todos os níveis da zona à divisão e cuja identidade não era conhecida por seus companheiros do PRP; e a liderança no nível do comitê central de interzona frequentemente considerava esse elemento útil, principalmente se a organização em seu nível estivesse comprometida ou destruída. O membro de combate atuava também como mensageiro secreto e provavelmente como inspetor do Partido (ver organograma 8/1).

As funções do Comitê Central do PRP eram tríplices: trabalho militar, manipulação da FLN e administração geral. O presidente Vo Chi Cong era responsável pelas atividades da FLN bem como pela supervisão do programa de proselitismo, pelo trabalho de agitação-propaganda e doutrinação e por recrutamento e ampliação da organização. Tran Nam Trung, o secretário-geral, dirigia os assuntos militares, isto é, o exército da FLN — mas, ao que se pôde determinar, pouco tinha a ver com as unidades norte-vietnamitas (EPVN) que operavam no Sul, que ao que parece mantinham com Hanói uma cadeia de comando para uso próprio. O trabalho administrativo na sede do PRP era dividido entre várias seções, que incluíam seções de economia e finanças, informações e contrainformações, e comunicação e ligação.

O comitê central de interzona era basicamente um escalão administrativo e de ligação cuja existência se devia ao fato de a geografia e necessidade de segurança impedir a completa centralização da liderança no Comitê Central. Consistia de mais ou menos 21 membros chefiados por um presidente, que, segundo os estatutos, devia ter cinco anos como membro ativo do Partido. Era auxiliado pelo presídio,

que consistia do secretário-geral, um vice-secretário e o presidente.

O comitê central provincial, ou o comitê central metropolitano, constava geralmente de oito a dez membros. Era também chefiado por um presídio (presidente, secretário e vice-secretário) e uma série de chefes de seção (para atividades militares, proselitismo, agitação e propaganda, finanças e produção econômica, ligação e comunicação, e informações e contrainformações). Os estatutos estipulavam que o comitê provincial devia ser eleito numa convenção bienal. Não há, contudo, provas de que tais eleições fossem realizadas; memorandos sobre o assunto capturados argumentavam que as eleições não podiam ser realizadas por motivos de segurança, justificando assim a nomeação do comitê pelo Comitê Central. Seja como for, em todos os níveis o comitê central reunia-se com pouca frequência; por conseguinte, a direção virtual ficava nas mãos do presídio.

O nível distrital — o comitê central distrital ou municipal ou cidade por setor de cidade — era provavelmente o mais importante elemento de nível inferior do PEP. Era responsável pela supervisão de toda a atividade do PRP dentro de sua área e tinha considerável margem de liberdade em sua ação. Era o ramo executante do Comitê Central.

A aldeia ou zona de rua era o mais baixo escalão com soma considerável de poder de decisão. Era o primeiro escalão do Partido em áreas geográficas específicas: aldeias, escolas, plantações de borracha, fábricas ou setores de cidades. Seu comitê executivo era composto de cinco a sete membros, e a ele estavam subordinados de três a doze divisões, ou chi bo. A liderança pertencia, via de regra, a um único dirigente do Partido em tempo integral.

A unidade básica do PRP, a qual todos os membros pertenciam, era o chi bo, ao qual se referia geralmente em

inglês como o grupo de divisões de aldeia ou de rua. Consistia de uma a sete células de três homens cada. O chi bo era o “elo com as massas” do Partido e competia-lhe ampliar ou manter a influência do Partido diretamente com o povo ou através da FLN e outras organizações. Cabia-lhe também a tarefa de reportar o sentimento ascendente local e de manter os escalões superiores informados sobre as condições e situações locais.

Os vários níveis do Partido pareciam estar bem integrados através da utilização do comitê entrecruzado; ou seja, em cada nível o comitê central era composto em parte dos dirigentes máximos do nível imediatamente inferior.

De cada membro do PRP esperava-se que fosse um ativista em tempo integral, e que, além disso, constituísse um exemplo de comportamento para todos os não-afiliados ao Partido. “Os membros do Partido devem ser cuidadosamente selecionados e doutrinados”, declarava um manual de treinamento. No princípio de 1966 houve indicações de que o PRP estava tentando ampliar sua base, transformando-a em algo semelhante a um movimento político de massa. Expediram-se instruções para a criação daquilo que foi chamado de “grupo simpatizante”, que aparentemente deveria ser um elemento que ocuparia uma situação entre o PRP e a FLN, ligado de perto ao PRP e uma reserva de onde o Partido poderia tirar novos membros.

Prevalecia ostensivamente no PRP um princípio comunista padrão de acordo coletivista conseguido através do mecanismo de “centralismo democrático”, definido em vários documentos como “decisões tomadas em reuniões de comitês pelo voto da maioria, a que os indivíduos devem então obedecer. (...) A minoria obedece à decisão da maioria (...), os escalões inferiores obedecem às decisões dos escalões superiores, todos os elementos da Revolução

obedecem ao Comitê Central. (...) Há um grito apenas, e mil ecos”.

As sessões de crítica e autocrítica eram consideradas parte integrante da vida partidária, bem como os esforços de um membro individual para promover seu próprio “espírito de auto-esclarecimento, automelhoria e voluntarismo”,

A disciplina era, evidentemente, rígida. Documentos capturados citavam frequentemente ações disciplinares tomadas contra membros individuais, geralmente devido a comportamento imoral ou corrupção. Havia três formas de disciplina: reprimenda, advertência oficial e exclusão. Tantos os membros individuais como as unidades partidárias estavam sujeitas a medidas disciplinares. Dizia o manual de treinamento: “A disciplina deve ser severa, pois só assim a ordem pode ser mantida e o progresso assegurado. Além da punição disciplinar, o Partido procura educar seus membros para que sejam capazes de reconhecerem suas deficiências em ato e pensamento”.

O PRP exigia que cada candidato às suas fileiras fosse proposto por dois membros que já fossem filiados pelo menos há três meses. Os estatutos do PRP estipulavam que um membro devia ser “um trabalhador; um camponês ou proletário urbano; um camponês de classe média ou da pequena burguesia; um estudante ou intelectual; um montanhês; ou um desertor (do ERVN) ”. Assim, parece que o principal requisito era que o indivíduo tivesse estado a apoiar ativamente a causa e possuísse boa folha de antecedentes a este respeito. Seus proponentes eram responsáveis tanto por sua doutrinação quanto por seu comportamento durante o período de experiência, que durava de quatro a seis meses, dependendo de sua classe social. Durante esse período de experiência, quando sua candidatura estava sob exame de níveis superiores, o candidato obrigava-se a se familiarizar

com os estatutos do Partido, frequentar as reuniões (embora não pudesse tomar parte nelas) e os cursos de doutrinação e pagar as taxas. Pouca era a diferença substantiva entre o Partido Lao Dong e o PRP.

De modo geral, o Partido parecia interessado sobretudo em duas atividades: controle político da parte militar da FLN e execução da luta política. Em todas as unidades do exército da FLN encontravam-se comissários políticos, sem dúvida todos eles membros do PRP. A tarefa desses comissários era assegurar que o comandante da unidade militar não se desviasse das instruções recebidas de níveis superiores; era também responsável pelo trabalho de doutrinação da tropa. As atividades políticas, inclusive o trabalho de proselitismo, eram administradas através do aparelho da FLN. Todo o movimento de luta envolvia também técnicos do PRP, mas também nesse caso a FLN servia como frente para as atividades públicas.

O FBP era uma organização de duas faces. No Sul afirmava ao povo vietnamita que não era comunista e sim marxista-leninista, insinuando uma fidelidade antes filosófica que política e uma espécie de comunismo nacional sem vínculos exteriores, leal apenas ao povo do Vietnã do Sul e a seus interesses. No Norte a EDV caracterizava o FBP como uma organização marxista-leninista de vanguarda, afirmando que o Partido estava na corrente do movimento comunista mundial, espiritual e materialmente ligado aos norte-vietnamitas, ao governo da RDV e ao Partido Lao Dong.

Juventude comunista

A Liga de Juventude do PRP e a Liga de Juventude de Vanguarda

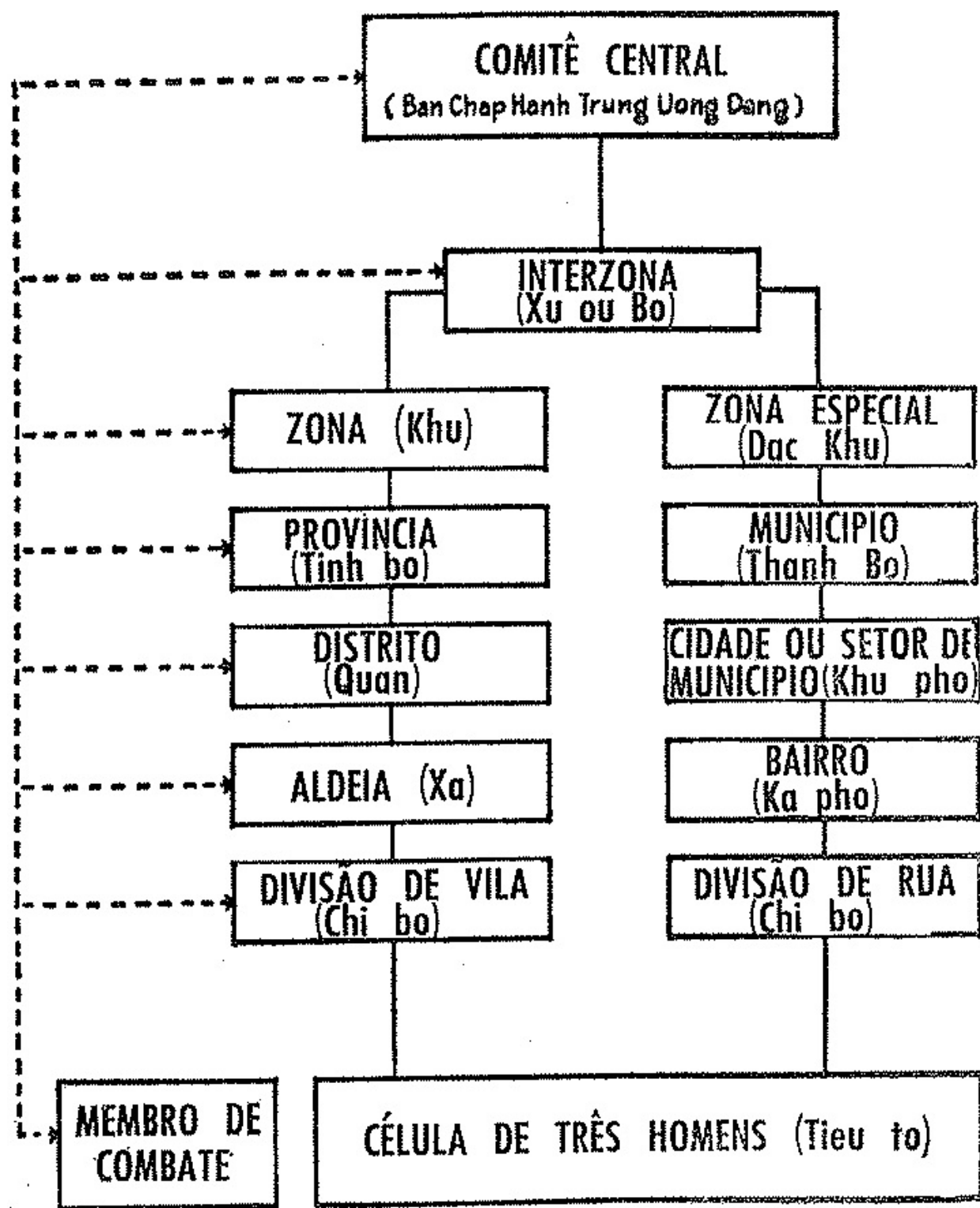
O braço direito do ORO era sua Liga de Juventude (Doan Thanh Nien Nhan Dan Cach Mang), formada em meados de 1962. Havia anteriormente uma Liga de Juventude do Lao Dong ligada à divisão Sul do Partido Lao Dong, mas, ao que se saiba, era de pouca importância. A LJPRP foi, durante o período 1962-1964, uma organização rudimentar; não obstante, indícios fragmentários mostram-na como bem disciplinada, altamente dedicada e camuflada. Evidentemente muito pequena era a divisão entre o Partido e seu ramo juvenil.

Ao se conversar com desertores e estudar os documentos das organizações de juventude, tinha-se a impressão de que o Partido estava mais interessado em criar um aparelho juvenil forte do que em usá-lo, naquele momento, para qualquer finalidade específica, A Liga servia como reserva de pessoal para o Partido, ou, nas palavras de um livreto, "a Liga é o cadinho para o fornecimento de membros jovens e de quadros valorosos para o próprio Partido". Da Liga o Partido tirava voluntários para missões perigosas.

Podiam ser membros da LJPRP jovens de 16 a 25 anos, embora digam os desertores que esses limites de idade não fossem cumpridos rigidamente. Moças principalmente, eram convidadas para participar. O quadro de membros estava aberto a todas as classes sociais, embora os mais procurados fossem os jovens proletários.

As condições de participação eram, essencialmente, as mesmas que prevaleciam para o Partido. A Liga não possuía uma estrutura hierárquica de âmbito nacional. Existia apenas em nível de aldeia e estava diretamente subordinada ao comitê central de aldeia do Partido.

A Liga de Juventude de Vanguarda do PRP, uma organização declaradamente marxista-leninista para jovens de 12 a 15 anos, foi criada em 1962. Era uma espécie de Jovens

Pioneiros e servia como membro júnior ou suborganização da Liga de Juventude do PRP e como irmão caçula do Partido. Estava, aberta a todas as crianças, “sem distinção de classe social, credo ou religião”. Seu objetivo declarado era o de “ensinar a juventude a amar a pátria e as massas; a odiar os imperialistas norte-americanos e seus lacaios feudalistas; aumentar os laços de união da juventude no Vietnã do Sul; e orientar a participação da juventude na Revolução, oferecendo-lhe ações apropriadas à sua capacidade de contribuir para a libertação do Vietnã So Sul”. A Liga de Juventude de Vanguarda existia como uma organização em nível simples de 3 a 25 membros dentro da aldeia. Era administrada por um dirigente importante da Liga da Juventude, que por sua vez era nomeado pelo comitê central da aldeia. As crianças pagavam taxas nominais e elegiam seu próprio presidente para “presidir” suas reuniões.

Organograma 8-1: organização do Partido Revolucionário Popular.

{1} Para efeitos práticos um comunista é aqui definido como uma pessoa que a) afirma acreditar no marxismo-leninismo e b) é leal e obediente aos dirigentes de Hanói.

{2} Thu Do (Hanói) de 3 de fevereiro de 1963 declarou que o Partido Comunista Indochinês foi formado em março de 1929 com sete membros, que o número de membros em 1945 totalizava 5.000 e que em fevereiro de 1963 atingia 500.000. Presumivelmente, esses números não incluíam os membros do PRP. Thu Do apresentava a seguinte composição do quadro de membros: com menos de onze anos de participação, 9 por cento; entre onze e quinze anos, 50 por cento; entre dezesseis e trinta anos, 37 por cento; acima de trinta anos, 4 por cento.

{3} Rádio Hanói, em inglês, 24 de abril de 1962.

IX. A ROTA DO FLN

Do ponto de vista organizacional, a FLN atravessou as três fases distintas estudadas no Capítulo IV. Do ponto de vista operacional, atravessou também, três fases: a fase de propaganda do movimento social, completada no princípio de 1962; a fase de movimento de luta política, que terminou com a derrubada do regime Diem em novembro de 1963; e a fase de legítimização-militarização, que terminou com a decisão dos Estados Unidos de participarem ativamente na luta do Vietnã do Sul e de dar início a ataques aéreos contra o Vietnã do Norte.

A fase de propaganda do movimento social

Os primeiros anos da FLN foram dominados por duas atividades principais. A primeira foi o trabalho de agitação e propaganda, que abrangeu uma campanha doutrinária informativa e interna, destinada a publicizar a Frente e na realidade propagandear o fato da Revolução ao camponês e neutralizar a apatia pela transformação de seu descontentamento em ódio e pela conversão de suas queixas em hostilidade. A segunda atividade principal era o trabalho de propaganda da organização social, utilizando os

vários grupos e associações da FLN especialmente criados para mobilizarem a população. Esses dois esforços convergiam, e na verdade tornavam-se um só, no nível de aldeia. Durante essa primeira fase houve também grande recrutamento interno, formação de quadros de núcleos, e trabalho de doutrinação e treinamento tanto na FLN como no Partido comunista no Sul,

Os primeiros tempos da primeira fase foram dedicados a ganhar ímpeto. Lançou-se o ambicioso programa de construção da organização que serviu de base para o movimento de luta. Com exceção dos grupos de juventude, a FLN era descrita aos camponeses como de natureza estática, passiva ou defensiva, semelhante à associação protetora vietnamita tradicional.

O objetivo da FLN consistia em diminuir a influência administrativa do governo sobre a aldeia, que com frequência era fraca, mesmo sem a pressão da FLN. Os funcionários públicos eram expulsos na área. Ao mesmo tempo a FLN começou a insinuar publicamente que era quase um governo.

A FLN concitava o governo a medidas cada vez mais repressivas, e gradualmente o governo viu aumentar o abismo que o separava dos camponeses. Isso porque a reação da FLN à ação militar do governo consistia em proclamar-se a protetora do povo. O camponês, na medida que considerava a ação do governo contra sua aldeia como excessiva e injusta, apoiava a FLN, que se lhe afigurava uma proteção real e valiosa para ele e para sua aldeia.

A ação militar do governo proporcionava também à FLN a justificativa para que ela própria empregasse força. Um tema constantemente martelado no período inicial era: “O inimigo

traz violência; só desejamos lutar pacificamente por nossa causa”.

É verdade que no período 1960-1961 a liderança não deu muita prioridade ao programa de violência, como pouco era o apelo direto a qualquer segmento da população para que empregasse técnicas terroristas. É possível que isto tenha sido uma manobra tática. Entretanto, o período 1959-1961 não foi isento de sangue — longe disso. Em 1959, embora não houvesse estatísticas exatas, pode-se afirmar, sem medo de erro, que uma autoridade do governo ou a ele favorável fosse assassinada dia sim dia não. Em 1960 esse número elevou-se para talvez cinco por dia subindo lentamente durante o ano. Mas não chegou nem perto do número atingido depois de 1962, que incluía as baixas do Exército da República do Vietnã, de 2.000 mortes por semana. Houve violência durante o período em discussão, mas nem em âmbito hem em intensidade pode ser comparada com a reinante nos estágios posteriores.

Praticamente todo esforço concentrava-se no movimento de luta, e os vários atos do programa de violência destinavam-se a apoiar esse programa, como, por exemplo, o assassinato de um chefe de aldeia. A liderança da FLN acreditava evidentemente que o vacilante governo Diem poderia ser derrubado através da criação deliberada de anarquia, e que isso poderia ser concretizado através do movimento de luta política.

O fim da fase de propaganda do movimento social foi marcado pela reunião do Primeiro Congresso da FLN, em fevereiro-março de 1962. Entretanto, esse evento foi mais simbólico do que real; o que realmente marcou o fim do período foi a conclusão a que chegou a liderança, e anunciada no congresso, de que por si só o simples movimento de luta jamais seria capaz de levá-la ao poder.

Diem mostrava-se mais resistente do que se esperava, pelo menos em parte devido à assistência americana. A liderança compreendeu que estava se defrontando com um conflito prolongado para o qual não se preparara bem. O trabalho fundamental de organização estava findo.

A fase do movimento de luta política

Paulatinamente a campanha tornou-se mais ativista, passando de reuniões organizacionais de direção interna para demonstrações exteriores. Na segunda fase, de princípios de 1962 a fins de 1963, o objetivo da FLN foi o de completar a mobilização dos vietnamitas rurais e, concomitantemente, destruir a administração do governo sul-vietnamita nas áreas rurais. O instrumento continuou a ser o movimento de luta, mas maior prioridade foi dada ao desenvolvimento da luta armada. As massas deveriam ser a dinamite e o agitador-propagandista o detonador.

Especificamente, a FLN procurava destruir a viabilidade da estrutura administrativa do governo sul-vietnamita nas áreas rurais. Em dado momento praticamente conseguiu esse objetivo, nos dias que se seguiram à derrubada de Diem, mas foi incapaz de capitalizar os acontecimentos no grau que esperara. A maior parte da atividade do período foi dedicado ao movimento de luta, empregando, quando adequado, o uso judicioso de violência. Durante essa época, observadores americanos e muitas autoridades sul-vietnamitas tenderam a considerar a situação como de impasse ou deterioração para o governo: o Exército da República do Vietnã não conseguia “localizar, encontrar e destruir” as guerrilhas da FLN; o programa de vilas estratégicas encontrava séria resistência. Contudo, a FLN via

os acontecimentos com igual desalento. Relatórios internos do período ressaltavam repetidamente o julgamento de que a Revolução não estava progredindo com a necessária rapidez, que havia encontrado muito mais resistência e hostilidade que o previsto, que os esforços de contra-rebelião do governo Diem, mesmo que impopulares, poderiam ferir fatalmente a Revolução. Evidentemente, era pequena a perda de fé a longo prazo entre os líderes e os verdadeiros crentes, mas temiam que o governo sul-vietnamita pudesse, através de medidas a curto prazo, destruir a estrutura da FLN e esmagar a rebelião. Essa atitude chegou ao auge em abril de 1963, que, inversamente, marcou o ponto alto do governo de Diem.

A atitude otimista de fins de 1961 e princípio de 1962 deu lugar a um forte pessimismo um ano depois em decorrência de dois acontecimentos: o advento de auxílio maciço norte-americano e o programa de vilas estratégicas do governo sul-vietnamita. Um dos aspectos desse pessimismo foi a compreensão, por parte da FLN, de que se defrontava com uma "luta prolongada de infortúnios", uma frase que com frequência cada vez maior começou a aparecer nos relatórios e diretrizes internas do período, como um tema sinfônico. Um dos problemas mais delicados da liderança era informar tanto aos quadros como aos membros comuns que o caminho avante seria longo e difícil, sem destruir a fé ou diminuir o fervor.

Foi dada a ordem de apertar o cinto e se preparar para uma luta prolongada cheia de infortúnios. Cautela tornou-se a palavra de ordem, consolidação a principal preocupação. Especificamente, as ordens eram:

Em vista das medidas cada vez mais inflexíveis efetuadas pelo inimigo, e em vista de nossas deficiências, sobretudo no desenvolvimento e na consolidação de nossas forças, devemos (...) do ponto de vista de liderança geral, durante um período bastante longo, ater-nos à política de consolidação de nossas forças. (...)”

Simultaneamente, os membros da FLN e os quadros do Partido eram concitados a ampliarem a base de suas organizações particulares, bem como da própria FLN. Lançou-se uma campanha de recrutamento em nome da FLN e os obstáculos mais severos do período inicial foram abandonados.

O ano de 1962 tornou-se em grande parte uma operação de consolidação, e até mesmo a avaliação pública da RDV no final do ano foi pessimista. Na primavera de 1963, a fé no mito da Rebelião Geral começou a desintegrar-se.

A fase de legitimização-militarização

A FLN primeiro organizou sua causa, depois dinamizou-a e então procurou legitimizá-la. Parte da terceira fase deveria ter sido a tomada política do Vietnã do Sul. A fase começou com a derrubada do governo Diem e terminou com a decisão dos Estados Unidos de exercer seu pleno poder militar no Vietnã do Sul.

A FLN tentou em todas as ocasiões dar às suas ações uma aparência de legalismo. Já em dezembro de 1961 o Hoc Tap referia-se ao ERVN como “as tropas rebeldes de Diem". Mais tarde a FLN asseverou com frequência ser o único governo

legal no Vietnã do Sul e que as forças do governo eram os rebeldes.

Em meados de 1964, todo o comportamento e os pronunciamentos públicos da FLN tornavam evidente que ela pretendia converter seu poder político latente em realizações políticas específicas que acabariam por significar controle do Vietnã do Sul pela FLN. Isto seria alcançado ou através do terceiro estágio de guerrilhas revolucionárias ou na mesa de conferência. A maior parte do esforço durante o período foi de molde a indicar que a FLN buscava um acordo negociado, um governo de coalizão liderado pela FLN. É possível que a liderança procurasse seguir um caminho duplo, quer como tática ou por contingência. Seja como for, no fim do verão de 1963, a luta política perdeu prioridade para a armada. Na verdade, talvez se possa determinar o momento exato em que tal se deu. Foi na primeira semana de setembro de 1963, quando os dois generais da RDV convocaram a “conferência militar", realizada evidentemente pouco além da fronteira da Camboja, do lado oposto ao planalto de Darlac, quando as unidades militares da FLN foram reorganizadas e tiveram seu desenvolvimento acelerado. A conferência foi seguida em outubro por uma série de cursos especiais de treinamento de duas semanas em toda a área libertada, quando as unidades guerrilheiras receberam novo treinamento em táticas convencionais de pequenas unidades militares, defesas antiaéreas e técnicas de sabotagem.

Outra indicação foi o aparecimento de unidades guerrilheiras que usavam distintivos, violando uma regra fundamental da luta de guerrilhas. Em fins de 1963, os membros dos grupos guerrilheiros começaram a usar lenços de um vermelho vivo em volta do pescoço, e o lenço vermelho logo se tornou um símbolo da FLN; seu aparecimento e o significado psicológico de se julgar

necessário distinguir o soldado do civil indicavam o dedo do soldado profissional.

O fim do regime Diem, determinou-se mais tarde, era vista pela liderança da FLN como, na melhor das hipóteses, uma bênção ambígua. Diem representara uma séria ameaça para a rebelião, mas constituíra por outro lado um excelente símbolo no qual o movimento de luta podia-se basear. E uma vez que a estratégia do movimento de luta exigia uma população militante, um governo forte e repressivo era preferível a um governo fraco mas popular. Nenhuma ameaça a longo prazo contra a FLN afigurava-se maior que a formação em Saigon de um governo popular e democrático.

O Presídio do Comitê Central da FLN reuniu-se em sessão extraordinária em 17 de novembro para avaliar a nova situação e determinar nova política para uma situação radicalmente alterada. Para a FLN, ela significava tanto crise como oportunidade. A virtual anarquia no interior do país apresentava-lhe uma oportunidade inédita para ampliar seu controle. Mas, por outro lado, a FLN enfrentava um novo inimigo com nova força, um inimigo muito menos vulnerável do que o antigo governo. Nas campanhas maciças de agitação-propaganda e doutrinação da FLN, toda a problemática do Vietnã fora personificada em Diem, e quando este caiu, o mesmo ocorreu às campanhas. Como medida de consolidação, o Presídio ordenou que se desse início a uma campanha dupla: tentar atribuir a si a derrubada de Diem e depreciar o novo regime. O primeiro esforço foi em grande parte isento de êxito, em parte porque o novo governo sul-vietnamita moveu uma intensa campanha de informação no interior para neutralizar o esforço da FLN. Tampouco a campanha de depreciação teve muito sucesso; os propagandistas simplesmente careciam de provas convincentes com que persuadir os camponeses céticos da vilania do novo governo.

O Comitê Central determinara às unidades militares da FLN que dessem início a um esforço máximo contra o ERVN logo que se soubesse da ocorrência de um golpe de estado. Nos primeiros cinco dias após o golpe, os incidentes militares do exército da FLN aumentaram 50 por cento. Duas semanas depois a incidência semanal chegou a 1.021, a maior já registrada. A média em novembro foi de 745, duas vezes maior que a média mensal durante os primeiros dez meses do ano. Evidentemente, a FLN procurava sobretudo experimentar as defesas do novo governo. O ERVN conseguiu amortecer todo o ímpeto do exército da FLN, e a ofensiva esmoreceu. Mas a nova ênfase em ações militares nunca mais cessou. Em termos comunistas, a luta armada assumira o primeiro plano.

A militarização do esforço, que incluiu o envio para o Sul de milhares de soldados do exército regular do Vietnã do Norte, tinha atrás de si vários motivos. Em primeiro lugar, as tropas dariam o “coup de grâce” que destruiria o governo sul-vietnamita e suas forças armadas. Em segundo lugar, a ordem tinha em vista antecipar-se a uma possível reação americana como o envio de grande número de tropas para o Vietnã do Sul. Evidentemente as lideranças da FLN e a RDV acreditavam nessa possibilidade mas acreditavam que os Estados Unidos não poderiam nem quereriam fazê-lo se compreendessem que enfrentariam grande número de soldados profissionais norte-vietnamitas. Ambas as suposições eram equívocas. A terceira razão era o desejo de ter no Vietnã do Sul um número razoável de soldados leais a Hanói, o que impediria qualquer movimento separatista quando o governo fosse deposto.

Em retrospecto, parece que a decisão da RDV de enviar tropas para o Sul foi tomada com excessiva leviandade. A RDV foi, sem qualquer dúvida, vítima de relatórios excessivamente otimistas de seus quadros no Sul. De

grande importância foi também o fator moral, muito ilusório no Vietnã do Sul. Os primeiros ataques aéreos americanos contra o Vietnã do Norte e o anúncio de que grande número de soldados americanos em breve embarcaria para o Vietnã convenceram os sul-vietnamitas de que finalmente os Estados Unidos, a mais poderosa nação do mundo, vinha em seu socorro com plena força. A fé que tinham numa vitória fácil dos Estados Unidos não tinha justificativa, como mais tarde ficou demonstrado. Mas na época essa convicção generalizada teve o efeito de arrancar a vitória das mãos dos comunistas.

X. AS ASSOCIAÇÕES FUNCIONAIS DE LIBERTAÇÃO

Em apoio à FLN, e na verdade atuando como a base rural para toda a rebelião, havia um aglomerado de associações de libertação do tipo funcional mais uma legião de outras organizações sociais menores, mas ainda assim vitais. Como observamos no Capítulo VI, haviam seis associações libertárias do tipo funcional — as dos lavradores, a feminina, a dos operários, a da juventude, dos estudantes e a dos intelectuais ou dos que tinham orientação cultural.

A importância essencial dessas organizações para a liderança da FLN é evidente. O que é menos óbvio é a razão porque contavam com tanto apoio do próprio camponês nos primeiros tempos da rebelião. A resposta para isso reside principalmente no fato de que o camponês considerava que a associação de libertação tinha um significado pessoal para ele. Para o agricultor, por exemplo, a Associação de Libertação dos Agricultores significava reforma agrária; para a camponesa, a Associação Feminina de Libertação significava status e direitos mais equiparados aos dos homens. Assim sendo, o camponês via na associação de libertação, em termos de vantagem, uma oportunidade de benefício antes inexistente e por isso ele a apoiava

voluntariamente. Quando a FLN começou a se tornar coerciva, em meados de 1963, o camponês começou a retirar seu apoio voluntário tanto da associação de libertação do tipo funcional como da associação administrativa. Mas já então ele se encontrava emaranhado numa teia de controles da FLN e via-se obrigado a manter seu apoio embora não mais voluntário.

A Associação de Libertação dos Agricultores (ALA)

A ALA seria como espinha dorsal do programa de movimento social da FLN; foi a primeira a ser organizada, e rapidamente tornou-se a maior organização de massa da FLN, afirmando, em 1963, contar com 1,8 milhão de membros. A ALA era o principal instrumento e o esteio dos grupos políticos através dos quais os comunistas esperavam chegar ao poder. Nas costas do agricultor depositaram o fardo da Revolução, pois a ofensiva deveria tornar o lavrador o “senhor do campo”, e para isso o processo deveria ser o desenvolvimento de sua “capacidade de luta revolucionária”. Entretanto, valendo-se de sua experiência, os comunistas não confiavam e temiam o agricultor. Como seus irmãos russos uma geração antes, achavam difícil organizá-lo e discipliná-lo. Julgavam-no indigno de confiança para carregar a tocha revolucionária, capaz de tornar-se indiferente em relação à causa depois de haver concretizado seu próprio objetivo: terra para si. Na figura do agricultor os comunistas viam sua maior oportunidade de encontrar sua maior ameaça. Como os comunistas de toda parte, os teóricos da FLN lutaram por transplantar a revolução proletária industrial marxista para um ambiente agrário. Isso era geralmente realizado pela

substituição da palavra “operário” pela palavra “agricultor” ou “camponês” nos livretos de doutrinação.

A luta de classes tornou-se o tema dominante da ALA. A sociedade vietnamita, dizia-se ao agricultor, estava dividida em três classes: os opressores, a burguesia (que podia ou não ser os opressores) e os oprimidos. Os agricultores, por sua vez, dividiam-se em três classes; os lavradores sem terras, os lavradores pobres ou proletários e os agricultores de classe média. Os agricultores ricos, membros da classe opressora, eram definidos como “capitalistas do povo rural do lado do inimigo, que oprime o povo (...)”.

A campanha de organização era objeto de grande esforço. Uma diretriz típica assim começava: “A Associação de Libertação dos Agricultores é uma organização fundamental. É a organização revolucionária dos agricultores, e deve contar com grande quantidade de membros agricultores. (...) ” Em regra dizia-se aos organizadores que deviam buscar uma meta de participação de até 50 por cento dos camponeses onde o controle do governo sul-vietnamita era fraco; em aldeias em que houvesse controle nominal, a participação ideal era de aproximadamente 30 por cento; “e nas áreas fracas”, concluía o documento, “áreas religiosas, aldeias à beira de estradas principais, ou agrovilles, ou vilas estratégicas, (a participação) deve ser de aproximadamente 20 por cento”. Estavam excluídos de participação “agricultores ricos, espiões, e agricultores que tenham traído a Revolução”.

De cada membro esperava-se que fosse “influente junto a pelo menos três pessoas fora da associação (...) (e) se um membro não puder ser influente junto a ninguém, deverá ser excluído”. Portanto, a ALA era concebida como um instrumento influente de comunicação. Os membros realizavam trabalho de propaganda entre os camponeses

com a propósito de “fortalecer a Frente, elevar a consciência de classe dos agricultores, divulgar a ideologia da luta. (...)” Toda essas atividades eram de comunicação e, além disso, atividades de apoio às campanhas de emulação, participação nos movimentos de luta, atuação como organização de apoio mútuo ou cooperativa, auxílio à solução de problemas de posse agrária e, de modo geral, atividades que melhoravam a situação econômica da aldeia, Na área libertada, os membros empenhavam-se também em programas de assistência médica e educacional e em campanhas para aumento da produtividade agrícola.

A unidade básica da Associação de Libertação dos Agricultores, a célula, continha entre três e quinze pessoas. Reunia-se quinzenalmente e realizava eleições para escolher um novo chefe de célula (e vice-chefe) cada dois meses. De cada membro da célula esperava-se que mantivesse contato estreito com três ou quatro “simpatizantes”, parentes, ou amigos a quem pudessem influenciar, ampliando assim a esfera de influência da associação. Os membros da célula deviam unir-se a associações de libertação de outras aldeias e tomar parte em todos os outros projetos comunitários.

Uma aldeia que tivesse três células ou mais formavam uma Associação de Libertação dos Agricultores e elegia, por votação geral ou numa reunião de chefes e vice-chefes de células, um comitê executivo. Esse comitê compunha-se normalmente de três pessoas, embora as vezes tivesse até sete numa aldeia grande: um presidente, responsável pela agitação e propaganda, atividades de doutrinação, pelo movimento de luta e pela tesouraria da associação; um vice ou subchefe, responsável pelo trabalho de produção e pelo que se chamava de “proteção da colheita”, ou seja, desvio da produção local de arroz para os canais de mercadização da FLN; e um secretário, responsável por desenvolvimento

organizacional e ligação com outras associações de libertação.

As taxas mensais eram em média de duas piatras, e juntamente com os proventos de campanhas de arrecadação de fundos para projetos especiais, mantinham a organização. Os recursos financeiros eram necessários, segundo um documento, para "despesas tais como a publicação de documentos, viagens de representantes da associação, organização de cursos de doutrinação, material de escritório e empréstimos assistenciais a fazendeiros vítimas de acidentes ou desastres naturais".

Os estatutos da Associação de Libertação dos Agricultores estipulavam que as associações de aldeias deviam enviar delegados ao congresso distrital da ALA uma vez por ano a fim de elegerem um comitê executivo distrital; o mesmo devia ocorrer no nível provincial a cada 18 meses. Estipulavam também que congressos e eleições semelhantes deveriam ser realizados nos níveis de zona e interzona, mas não no nível do comitê central nacional. Entretanto, nada se descobriu que indicasse que a Associação de Libertação dos Fazendeiros existisse de fato acima do nível provincial. Pelo menos em algumas províncias um comitê central provincial da ALA administrava os assuntos da associação dentro da província, sob o controle estrito do comitê central provincial da FLN. No nível de zona e acima, os assuntos da ALA eram dirigidos pela mesma seção responsável por todas as associações de libertação do tipo funcional. Publicamente, entretanto, mantinha-se a imagem de uma estrutura separada para a ALA.

Equipes de Inspeção enviadas dos níveis distritais e provinciais visitavam frequentemente as aldeias, e vários de seus relatórios caíram em mãos do governo sul-vietnamita;

esses relatórios indicavam sérias deficiências e falhas no sistema da ALA. Mas a ALA era um instrumento eficaz de comunicação. O fato de ela não ser ainda mais eficaz não era tanto reflexo no dispositivo quanto no próprio agricultor. Embora ele estivesse disposto a apoiar a organização a curto prazo, o camponês nunca deixava de suspeitar das motivações da liderança.

A Associação Feminina de Libertação (AFL)

A mulher, frequentemente explorada pelos sistemas sociais asiáticos, representava uma potente fonte de apoio, um fato não desprezado tanto pelos comunistas asiáticos quanto pela FLN. Mesmo correndo o risco de ferir a susceptibilidade masculina, a FLN assumiu uma forte posição feminista, e a manteve sempre: “As mulheres representam metade da população e pelo menos metade do esforço revolucionário. Se as mulheres não participarem na Revolução, ela fracassará (...) Além disso, uma sociedade não pode progredir se seus membros femininos se atrasarem”.

A Associação Feminina de Libertação do Vietnã do Sul foi fundada a 8 de março de 1961. Estava aberta a toda mulher solteira ou casada maior de 16 anos que atendesse aos seguintes requisitos: "Ela deve (...) concordar em seguir os preceitos da associação; deve tomar parte ativa no movimento de luta que visa a destruir a camarilha Estados Unidos-Diem; e (...) deve ter um passado e uma identidade limpos”. As mulheres vietnamitas, acentuavam os documentos da associação, possuem virtudes como resistência, paciência, disposição para o trabalho árduo e sacrifício e portanto constituem boas revolucionárias. O

tema dominante na propaganda da AFL era exortação moral combinada com temores baseados no sexo. A futura presidente, Sra. Nguyen Thi Tu, relatando no Congresso de 1962, usou a palavra estupro mais de doze vezes em seu discurso.

A AFL, que deveria incluir pelo menos 20 por cento das mulheres de uma aldeia, devia dedicar a maior parte de seu esforço ao movimento de luta em nível de aldeia. A mulher tinha uma eficiência especial nesse papel, por ter a língua ferina, ser espírito vivo e frequentemente ser adversária a altura numa discussão com um soldado ou mesmo um funcionário do governo. Em circunstâncias semelhantes, a mulher era menos vulnerável a atos repressivos que o homem. As mulheres da associação realizavam intensas campanhas de cartas a soldados do ERVN, incitando-os a desertarem, e ajudavam os desertores a se reinstalarem na aldeia. A associação levava peças teatrais, em que atores mostravam as torturas e os maus tratos que as mulheres sofriam nas mãos do inimigo. Apelos de propaganda do movimento social por parte de agitadores-propagandistas dirigidos às mulheres enfatizavam os de natureza sexual (principalmente atentados ao pudor e tortura por soldados da ERVN); temas religiosos, por serem as mulheres vietnamitas muito mais religiosas do que os homens; democracia que incluiria participação feminina; e promessas de progresso econômico, uma vez que eram geralmente as mulheres que controlavam a bolsa da família vietnamita. Uma séria campanha foi empreendida para desenvolver a consciência de classe entre as camponesas.

Os métodos de admissão eram fáceis e simples: uma sócia regular apresentava uma candidata, cuja proposta era aprovada pelo comitê central da divisão, sem período de experiência. A AFL, longe de procurar ser uma organização pequena e disciplinada, procurava ter grande número de

sócias. (Em 1965 afirmou possuir 1,2 milhão de sócias.) A unidade básica da organização era a divisão, que operava na aldeia, no setor de rua ou no mercado. O mercado rural era dirigido essencialmente por mulheres, tendo clientes que eram na maior parte mulheres, e constituía um excelente centro de atividade política clandestina. A divisão, geralmente grande, ou seja, composta de 15 células ou mais, elegia um comitê executivo de aproximadamente sete membros, que por sua vez nomeava um comitê permanente ou presídio de três mulheres. Este último compunha-se geralmente de uma presidente, responsável pelas atividades de formação de organização; uma assistente, encarregada do trabalho de agitação e propaganda e doutrinação; e uma secretária, responsável pelas finanças. A associação funcionava frequentemente como uma organização clandestina, e o comitê executivo mantinha sua identidade em segredo.

O comitê executivo reunia-se mensalmente com a seção de dirigentes e líderes de células. Nessa reunião a presidente do comitê expunha o programa do mês seguinte, explicava as instruções recebidas de escalões superiores, passava em revista as atividades do último mês, e dirigia o grupo em crítica e autocrítica.

Acima da divisão havia quatro níveis superiores: o comitê central distrital, geralmente localizado na principal cidade mercantil da área; o comitê central provincial, na capital da província; o comitê central regional (equivalente à zona da FLN); e o comitê central da Associação Feminina de Libertação, em nível nacional e ostensivo, na sede da FLN. A presidente nacional, Sra. Nguyen Thi Tu, era apresentada como uma ex-professora em Saigon. De acordo com seu esboço biográfico fornecido pela FLN, ela teria participado ativamente de trabalho de assistência social em Saigon até

sua prisão pelo governo sul-vietnamita em 1955, após o que esteve presa diversos anos.

Os organizadores de grupos femininos da FLN enfrentavam uma tarefa que estava longe de fácil. Uma camponesa vietnamita era bem capaz de se mostrar tímida em relação a assuntos públicos, carecendo de agressividade e sendo mais propensa a suportar que a revidar. Com frequência faltava-lhe consciência de classe e, como consequência, fervor revolucionário. Não estava acostumada a normas e disciplina organizacional. Um documento interno queixava-se que "embora o movimento feminino cresça a cada dia, o nível político e revolucionário é baixo demais. De modo geral, a AFL é desleixada, frouxa e a qualidade de seus membros é baixa".

Os organizadores eram advertidos a seguirem o princípio de desenvolvimento da organização delineado em diretrizes. O oportunismo no trabalho organizacional, permitindo a uma organização seguir a direção desejada por seus membros, era um dos principais problemas da FLN, sobretudo em relação aos grupos femininos. As dirigentes da AFL pareciam divididas entre o desejo de criar uma organização de massa grande e imponente e o medo de que tal organização, depois de criada, se tornasse pesada, canhestra e impossível de controlar. A responsabilidade pela manutenção do controle foi passada para o quadro já sobrecarregado.

A Associação Feminina de Libertação diferia tanto da Associação dos Operários quanto da dos Agricultores no fato de haver um maior esforço visando à criação de uma estrutura de células uniformes em todo o país ao mesmo tempo que se dava à organização um maior caráter de massa. O grupo feminino diferia em outros aspectos das outras associações de libertação. Os benefícios a advir aos membros da AFL eram vasados quase exclusivamente em

termos de vantagens não-materiais, da mesma forma que as privações correntes da mulher eram expressas em termos psíquicos. A mulher vietnamita era capaz de trabalhar muito mais duramente que seu conterrâneo. Sabendo disso, a FLN passou a carga de puro trabalho pesado às candidatas mais prováveis em nome de idealismo. A mulher vietnamita cultivava as hortaliças, criava as galinhas e conduzia os sampans para entregar alimentos aos grupos guerrilheiros; dirigia o movimento de luta no mercado, desmascarava os espiões, e presidia as sessões de doutrinação da aldeia; fabricava as armadilhas com pontas, carregava a munição e cavava nas estradas os obstáculos trançados. A mulher era, na realidade, a besta de carga da Revolução.

A Associação de Libertação dos Operários (ALO)

As atividades da FLN nas áreas urbanas, principalmente na área de Saigon-Cholon, eram de natureza altamente clandestina e, sobretudo entre os trabalhadores, de eficiência mínima. A teoria de guerrilha revolucionária segundo a qual a FLN operava, determinava que tanto as atividades organizacionais quanto as comunicativas se concentrassem nas áreas rurais e que as cidades fossem deixadas para o fim da luta. A ALO exercia o máximo de sua influência entre os trabalhadores não-urbanos, principalmente entre os empregados das plantações de borracha. Nesse campo a ALO competia diretamente com o movimento sindical não-comunista dirigido por Saigon. Como os sindicatos ofereciam também aos trabalhadores benefícios diretos, como salários mais altos e melhores condições de trabalho, a ALO conseguia pouco êxito no recrutamento de membros. É importante observar que a FLN

era capaz de aliciar pouquíssimo apoio entre as grandes plantações de borracha de propriedade de estrangeiros e nas fábricas têxteis e outras fora de Saigon. Isto se devia sobretudo à oposição inteligente e militante apresentada pelo movimento sindical no Vietnã do Sul. O trabalho organizado no Vietnã do Sul, embora bastante sufocado pelo governo de Diem, conseguia manter uma integridade e uma identificação com o trabalhador que resultava num apoio contínuo por parte de seus membros. Ademais, sua liderança era especialmente hábil em combater a FLN em termos significativos no nível dos trabalhadores.

A organização da Associação de Libertação dos Operários do Vietnã do Sul (fundada a 1 de maio de 1961) seguia não linhas de classe, nem de indústria, e sim geográficas, congregando todos os trabalhadores de um distrito ou de uma área industrial.

Como uma nação subdesenvolvida e quase inteiramente agrícola, o Vietnã possuía poucos proletários no sentido comunista tradicional da palavra. O país não tinha grandes fábricas, nem massas operárias. As grandes empresas industriais existentes, como as fábricas têxteis ao longo da rodovia Saigon-Bien Hoa, apresentavam aos organizadores da FLN um campo de atividade difícil e geralmente pouco compensador. Os problemas de segurança eram vultosos, e o esforço tinha de ser totalmente clandestino.

Tem-se quase a impressão de que a FLN formou a ALO porque a teoria postulava que deveria haver um grupo operário como a base de massa para a Revolução. É claro que a FLN considerava a organização importante e gastava grande quantidade de tempo, dinheiro e esforço em desenvolvê-la. Parte do objetivo da ALO consistia em associar os proletários do Vietnã, os que existiam, com os agricultores. Disso resultava o uso constante da expressão

conjunta “operário-camponês” que aparecia em toda a literatura da FLN.

O anúncio da organização da ALO apareceu em 19 de maio de 1961. Seu propósito declarado, segundo seus estatutos, dos quais existem pelo menos meia dúzia de exemplares ligeiramente diferentes, era duplo: ligar os membros para fins de proteção mútua e derrubar o governo do Vietnã do Sul. Os membros tinham o direito de discutir as questões colocadas e de votá-las, ocupar cargos e participar em eleições, criticar políticas e programas correntes em reuniões da associação, tomar parte em grupos de estudo e recorrer à associação para ajuda financeira e de outra natureza em momentos de necessidade. Os deveres abrangiam participação no movimento de luta política, ocupação de posição de liderança com relação a companheiros operários, execução das diretrizes da associação sem contestação, recrutamento de novos membros, pagamento de taxas, comparecimento às reuniões e proteção dos segredos da associação. Esperava-se que os membros pagassem as taxas mensais e contribuíssem, para diversos fundos especiais mantidos pela organização para financiamento de suas operações.

A unidade organizacional básica da ALO era a empresa econômica ou, em alguns casos, o agrupamento social como a aldeia ou setor de ruas. Qualquer empresa que possuísse três membros podia formar uma célula e eleger um chefe de célula; a combinação de três células ou mais formavam uma divisão, que elegia um comitê executivo e, se bastante grande, uma secretaria permanente. As plantações e fábricas com 20 células ou mais criavam uma camada organizacional entre a célula e a divisão, chamada subdivisão, que consistia de cinco a sete células mais um paredro nomeado pelo comitê executivo. Acima da divisão ficava a interdivisão, correspondente ao distrito, e acima da

interdivisão havia a zona (cinco ou mais interdivisões), que, a grosso modo, equivalia à província. O Comitê Central nacional da FLN nomeava, os comitês executivos nos níveis de interdivisão e zona. Os primeiros documentos da ALO afirmavam a existência de um comitê central nacional para a associação na sede da PLN, chefiado pelo Presidente Fhan Xuan Thai, descrito em 1961 como “de 44 anos, membro da classe trabalhadora, natural da província de Vinh Long”, e um secretário-geral, Le Dinh Thu, natural de uma aldeia pertencente hoje ao Vietnã do Norte.

A maior parte da atividade da ALO, bem como do PRP entre os trabalhadores consistia antes em infiltração que trabalho direto de agitação e propaganda. O movimento de luta e a greve constituíam suas duas atividades abertas principais entre os trabalhadores, e a ALO tratava todas as disputas trabalhistas no Vietnã do Sul como se constituíssem seu domínio exclusivo. Procurava envolver-se em todas as disputas trabalhistas e atribuir a si qualquer ganho obtido, quer através de negociações pelos sindicatos legais ou através de greves. Em praticamente todos esses casos, a participação e as contribuições da FLN eram insignificantes.

Os temas empregados em folhetos por agentes e na produção para os meios de comunicação em massa eram os apelos comunistas clássicos: anticapitalismo e opressão do trabalhador. A unidade secreta de autodefesa, a estrutura celular, era concebida como um grupo urbano auxiliar que, quando fosse dado o sinal, se levantaria em revolta armada na fábrica ou na plantação de borracha.

A Associação de Libertação da Juventude (ALJ)

Desde o nascimento de seu movimento na Indochina, os comunistas lançaram sobre a juventude tremendas cargas de responsabilidade. Documentos capturados da FLN incluíam frequentemente livretos de doutrinação sobre a juventude e seu papel no movimento revolucionário na Indochina e narrava o heroísmo de revolucionários jovens. O primeiro partido comunista verdadeiro na Indochina foi o grupo de juventude, a Associação da Juventude Revolucionária, formada por Ho Chi Minh em 1925, e a história do movimento revolucionário está pontilhada com os nomes de grupos semelhantes. O principal uso estratégico que a FLN fazia da juventude era o ataque, numa frente ampla, contra todo o status quo social e o tradicionalismo.

A associação de Libertação da Juventude foi fundada em 25 de dezembro de 1961. O Presidente Dr. Nguyen Xuan Thuy, sobre quem pouco se sabe, viajou muito depois de assumir o cargo, evidentemente com a missão de angariar apoio nas nações comunistas para a Associação de Libertação da Juventude e para a FLN, Os estatutos da ALJ mencionavam especificamente o partido comunista (Lao Dong) pelo nome, a única associação de libertação a fazê-lo. Falava mais em disciplina que em direitos democráticos, mais de dever do que de vantagens. Ia direto ao âmago da arremetida comunista no Vietnã sem rodeios ou filigranas. Suas metas — derrubar o governo e pôr fim às operações do ERVN nas zonas rurais do Vietnã e unificar o Norte e o Sul — representam a essência, os objetivos supremos da RDV no Vietnã do Sul.

Os estatutos da ALJ não tentavam apresentar a fachada de uma hierarquia de estrutura hierárquica desde a aldeia até um comitê central nacional. A unidade básica da ALJ, a célula de aldeia, compunha-se de três a nove membros. A combinação de três células formava um comitê de divisão,

cuja extensão variava amplamente, mas equivalente aproximadamente à aldeia em área geográfica. Entre a estrutura celular de aldeias e o comitê de divisão havia uma seção de paredros composta de três a cinco membros nomeados pelo comitê central da divisão e a ele diretamente subordinado. Acima, da divisão ficava o comitê distrital, e acima dele um comitê provincial. Nos níveis de zona, interzona e nacional, os assuntos da ALJ estavam fundidos com os de outras associações de libertação funcionais, embora, como de costume, existisse um "presidente nacional" da ALJ, vale dizer, um oficial de estafe do Comitê Central nacional da FLN responsável pelos assuntos da ALJ.

A ALJ, declaravam seus estatutos, estava franqueada a qualquer rapaz ou moça entre 16 e 25 anos de idade que prometesse trabalhar em prol da derrubada do governo sul-vietnamita, concordasse em obedecer aos estatutos da ALJ e jurasse consagrar-se à causa. Entre os deveres dos membros estava dirigir a juventude rural na "oposição à conscrição militar, oposição à cultura americana, desenvolvimento de unidade na vila, educação de crianças, e participação em atividades guerrilheiras". Nenhum estatuto de qualquer outra associação de libertação falava de luta ou conflito armado ou em termos de arriscar as vidas dos membros em combate.

A arena da ALJ era a aldeia; sua organização era simples, quase elementar. Um esforço intenso era envidado no sentido de persuadir os jovens mais populares da aldeia a frequentar as sessões de doutrinação com vistas a transformá-los em membros do comitê de divisão e, no caso de se mostrarem afinados com os objetivos mais profundos da organização, destacá-los para posições de liderança.

Nas áreas mais seguras da FLN, a ALJ criava também um Grupo Rural Infantil como o elemento infantil da FLN, aberto

a crianças de ambos os sexos de 10 a 15 anos de idade e composto de células de seis a doze crianças, cada célula elegendo seu próprio chefe, mas sob a orientação de um membro da ALJ.

Na ocasião de sua fundação, a ALJ só era precedida pela Associação de Libertação dos Agricultores como organização importante de base popular da PLN, pois atuava como o elemento espiritual, a onda impetuosa do futuro. Gradualmente, porém, essa função foi transferida para a Liga de Juventude do Partido Revolucionário Popular, como parte da regularização da estrutura da PLN. Os membros da LJPRP tornaram-se a elite da juventude, deixando para a ALJ seus amigos menos dedicados.

A Associação Estudantil de Libertação (AEL)

Os organizadores da FLN distinguiam cuidadosamente entre jovens e estudantes, e fundaram uma organização separadas para cada um das classes. Isto era uma consequência direta da estrutura social vietnamita que, como a chinesa, dava ao intelectual ou ao estudante muito mais relevância que ao jovem rural, obviamente a AEL só operava onde houvesse um número razoável de estudantes e não existia absolutamente nas aldeias mais remotas do interior, onde a escolarização terminava depois de apenas três ou quatro anos de colégio.

A AEL foi formada em 9 de janeiro de 1961. Nunca adquiriu grandes proporções; em meados de 1964, afirmava possuir 10.000 membros. A participação da associação estava franqueada a estudantes secundários e universitários de

ambos os sexos, bem como a estudantes que faziam cursos no exterior. Além das metas habituais da FLN, a Associação apelava a desejos e problemas específicos de estudantes. Os deveres impostos aos membros da AEL eram leves e simples. Os comunistas achavam o estudante vietnamita dispersivo, refratário à disciplina, propenso a tentar "negociar” sua contribuição para a Revolução ao invés de se dedicar a ela, muito inclinado a adotar uma atitude de “esperar para ver quem vence” com a intenção de unir-se à luta mais tarde quando os sacrifícios não fossem tão grandes. Como grupo, os estudantes pareciam mais moles e menos idealistas que os membros da Associação de Libertação da Juventude.

A AEL adaptava sua estrutura organizacional diretamente ao estabelecimento educativo frequentado por seus membros. A escola individual era a unidade básica da associação. As células de três a cinco homens combinavam-se para formar uma subdivisão por classe anual; as subdivisões formavam uma divisão, que abrangia toda a escola e era chefiada por um comitê executivo. A ABL não possuía um sistema de comissários, mas seguia as políticas costumeiras das associações de libertação com respeito a disciplina, taxas, etc. Se numa dada área houvesse várias escolas, o nível imediatamente superior era o comitê interescolar; em caso negativo, o comitê de divisão subordinava-se diretamente ao comitê provincial da AEL. Parece que no nível de comitê central nacional as associações de Juventude e a Estudantil eram tratadas como uma só. O presidente nacional da AEL, por exemplo, era Nguyen Xuan Thuy, que, como observado, era também o presidente da ALI.

No dia 10 de junho de 1964, a Rádio Libertação anunciou a formação em Saigon de uma nova organização chamada Partido Clandestino da Juventude, um organismo da FLN, composto, dizia a declaração, principalmente de jovens de Saigon e de outras grandes cidades vietnamitas. O anúncio

surgiu numa época de grande atividade organizacional entre os estudantes da Universidade de Saigon, e havia dezenas de grupos estudantis de nomes curtos e longos e com objetivos claros e vagos. O objetivo do Partido Clandestino da Juventude não era claro, mas pelo visto constituía uma tentativa de insinuar a FLN nessa atividade estudantil como um legítimo grupo estudantil. O que não está claro é porque a liderança da FLN achou que a AEL não era o veículo apropriado para essa atividade. A razão mais provável é que isso constituísse uma tentativa de superar a antipatia que os estudantes universitários sentiam pela AEL. Essa antipatia tornou-se evidente depois da derrubada do governo de Diem. Em dezembro de 1963 líderes estudantis da Universidade de Saigon disseram ao autor que haviam sido procurados por elementos da AEL que procuravam estabelecer uma aliança ou esperavam recrutar universitários vietnamitas diretamente para a AEL; os líderes disseram ter rejeitado a proposta. A tentativa da AEL logrou muito mais êxito entre os universitários de Hué. Em termos de organização e operação, o Comitê Estudantil de Luta, formado em Hué e Da Nang em abril de 1966 era só FLN.

A Associação Cultural de Libertação (ACA)

A ACA era um grupo francamente de elite, composto de intelectuais, artistas e vietnamitas cultos, A organização foi formada em Saigon no princípio de 1961. A princípio congregava somente eruditos, escritores e poetas, mas gradualmente passou a incluir artistas, músicos e finalmente até atores, que serviam a causa dando espetáculos nas áreas rurais.

Ao primeiro congresso da ACA, realizado em maio de 1962, compareceram aproximadamente 70 pessoas, ao que parece todas de Saigon. Os membros redigiram uma carta aberta aos artistas e escritores vietnamitas na RDV, informando-os sobre o congresso, que, declarava a carta, “foi realizado para mobilizar todas nossas forças artísticas e literários, todas nossas mentes e almas para servir à segunda Resistência e levá-la a um fim triunfante”.

Nunca se obteve um exemplar dos estatutos da ACA, nem se sabe se chegaram a existir. É muito improvável que a ACA seja uma organização muito extensa. A observação demonstra que a organização foi formada com duas finalidades: (1) como um braço de externalização, e para esse fim a ACA expedia um fluxo contínuo de mensagens a artistas e escritores no exterior, e (2) para encorajar a produção literária, em prosa e verso, publicada sobretudo numa revista semanal chamada Cultura de Libertação, e para encenar peças em áreas rurais remotas. O presidente do comitê central nacional da ACA era Tran Huu Trang, um dramaturgo de Saigon cuja peça sobre o colonialismo francês foi encenada em Hanói em julho de 1964.

A ACA realizava uma intensa correspondência pública com o grupo de escritores da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, e foi convidada a enviar um delegado à conferência do grupo realizada no Cairo em fevereiro de 1962. Não há registro de que o tenha enviado, mas sabe-se que a ACA enviou um representante à reunião de escritores em Bali dois anos depois.

Membros e comissários da ACA, bem como de várias organizações especiais da FLN tentaram infiltrar-se em organizações culturais e profissionais equivalente nas cidades. Existiam talvez 1.200 intelectuais e artistas no Vietnã do Sul durante o período, quase todos em Saigon e

Hué. Consideravam-se guardiães da cultura e acreditavam corretamente que o grande prestígio que seu grupo havia desfrutado tradicionalmente diminuíra nos últimos anos. Agentes da FLN infiltraram-se em suas organizações e tentavam organizar demonstrações públicas; os principais temas de comunicação empregados eram hostilidade geral contra os Estados Unidos e paz.

Um exame dos documentos internos da FLN relacionados com atividades urbanas e entre trabalhadores deixa a impressão de que o esforço era mais reflexivo do que determinado, que a FLN não tinha nem fé nem paciência com esses grupos. Isto se devia tanto à avaliação dos indivíduos envolvidos quanto à relutância da FLN em se associar profundamente com grupos e organizações sobre as quais hão possuísse um controle primário e global.

XI. OUTRAS ORGANIZAÇÕES DA FLN

Além das seis associações de libertação funcionais principais e, naturalmente, do próprio Partido Comunista, a PLN era composta de uma multidão de outras organizações, que agrupamos aqui em três classificações: partidos políticos, grupos de interesses especiais e organizações orientadas externamente. Tal como as associações funcionais de libertação, a maioria dessas organizações não existia antes de 1960 e foram na verdade criadas especificamente como membros da FLN. Juntas, serviam para reforçar as outras atividades de movimento social da FLN. Como as associações de libertação, seus membros consideravam-nas essencialmente servidoras de seus interesses e só secundariamente como instituições revolucionárias.

Partidos políticos

As duas organizações rotuladas publicamente como partidos políticos eram o Partido Radical Socialista e o Partido Democrático do Vietnã do Sul.

O Partido Radical Socialista (PRS) remontava ao Partido Socialista da Indochina, formado no princípio da década de

1930 por elementos do Partido Socialista Francês, mas que se fragmentou na década de 1940 nos diversos e obscuros grupos socialistas vietnamitas pequenos e de menor influência. O PRS foi formado em julho de 1962, tendo Nguyen Ngoc Thuong, um ex-professor da Universidade de Saigon como presidente, e Nguyen Van Hieu como secretário-geral. A primeira menção pública do PRS surgiu no primeiro congresso regular da FLN em 1962. O presidente expôs um programa de oito pontos bastante semelhante ao manifesto de dez pontos da FLN, e em seu discurso evitou cuidadosamente a palavra "comunismo" e, ironicamente para uma organização de socialistas, utilizou parcimoniosamente a palavra "socialismo".

O Partido Radical Socialista atuava no sentido de atrair para a bandeira da FLN os vietnamitas inclinados filosoficamente para o socialismo econômico, bem como os ex-membros dos vários partidos socialistas indochineses. Servia também como plataforma intelectual da FLN, atraindo professores e universitários; a propaganda do PRS indicava claramente sua preocupação com intelectuais e estudantes, bem como seus esforços para estabelecer relações mais íntimas com intelectuais fora do Vietnã, trabalhando através do Comitê de Solidariedade Popular Afro-Asiática. Contudo, o PRS apelava não só a socialistas, ex-socialistas e intelectuais, como também a um segmento mais amplo da sociedade vietnamita. Saigoneses familiarizados com as nuances do pensamento político entre seus compatriotas asseveraram que o PRS denotava uma democracia ocidental, principalmente ao estilo francês.

Por outro lado, qualquer partido "democrático" no Vietnã sugeria aos vietnamitas não a democracia ocidental, e sim a chamada "nova democracia" da China Comunista. Os intelectuais vietnamitas seguiam os acontecimentos políticos chineses desde os dias de Sun Yat-sen, e a

revolução chinesa e suas realizações criaram uma reserva de admiradores que o Partido Democrático procurou atrair.

O Vietnã conhecera diversas agremiações políticas com o nome do Partido Democrático. Em 30 de junho de 1944, um grupo de nacionalistas vietnamitas fundou em Hanói o Partido Democrático do Vietnã. Este partido, ou seu sucessor com o mesmo nome, continuou a existir no Vietnã do Norte.

Não se sabe ao certo se o Partido Democrático do Vietnã do Sul tencionava ser uma divisão do Partido Democrático da RDV. Quando se uniu à PLN nos últimos meses de 1960, o presidente do Partido era Tran Buu Kiem e seu secretário-geral Huynh Tan Phat, tendo ambos galgado posições mais elevadas. De certa feita o Partido Democrático descreveu-se como “o partido dos capitalistas patriotas e da pequena burguesia” e em outra ocasião como "o partido dos intelectuais, industriais e comerciantes”. Uma análise de seus pronunciamentos públicos e de sua propaganda mostra que seus temas e interesses abrangiam toda a gama da atividade política e social, indistinguível em tom, ênfase ou posição da propaganda da própria FLN. Em janeiro de 1965 a Rádio Libertação noticiou que o Partido Democrático realizara um congresso geral “a que compareceram muitas personalidades, intelectuais, comerciantes, e industriais da área Saigon-Cholon (...) e outras cidades”. Informava que o congresso elegera um comitê central de 15 membros e relacionou 7 deles, a maioria quase totalmente desconhecida. Os apelos emitidos pelo congresso tinham base ampla e dirigiam-se aos “intelectuais, trabalhadores, comerciantes, oficiais patriotas (militares) e funcionários públicos vietnamitas”, o que indicava uma orientação urbana, mas quase mais nada.

Grupos de interesses especiais

Os grupos de interesses especiais da FLN incluíam os van hoi ou associações profissionais e algumas outras organizações religiosas, de minorias étnicas, e de veteranos.

Van Hoi

Termo genérico com o significado de "associação dos que exercem a mesma profissão’’, o van hoi agrupava jornalistas, médicos, professores e homens de negócios simpatizantes com a causa da FLN em grupos separados. Essas associações existiam como capítulos independentes de 10 a 18 membros em cidades e vilas, mas raramente em aldeias. As atividades de grupo consistiam em trabalho profissional e de interesse próprio, bem como atividades de molde a contribuir para a Revolução. Os diferentes capítulos eram agrupados numa organização nacional chefiada aparentemente por um comitê central, mas não havia qualquer nível administrativo intermediário.

A mais importante dessas organizações era sem dúvida a Associação dos Jornalistas Patriotas e Democratas, formada em princípio de 1962 por Nguyen Van Hieu, que em setembro do mesmo ano representou a nova associação na reunião da União Internacional de Jornalistas em Budapeste.

Ao que parece, a associação existia apenas no papel, ou como um grupo de jornalistas na sede do Comitê Central da FLN, até junho de 1963, quando foi formado um comitê central provisório para planejar um congresso organizado. Em toda a área de Saigon foram distribuídos folhetos anunciando tanto sua formação como o congresso. Em 26 de

agosto de 1963, o congresso realizou-se numa área remota da província de Tay Nihn. A Rádio Libertação informou que ao congresso compareceram 150 delegados.

A conferência relacionou as principais tarefas que a FLN estabelecera para a associação. A AJPD deveria "efetuar propaganda no exterior, (...) aumentar as atividades de propaganda entre os soldados do exército, (...) elevar a combatividade da imprensa (aplausos prolongados), (...) aumentar a exatidão da imprensa, (...) consolidar e ampliar a união entre os jornalistas, (...) e fazer maior uso da fotografia”.

Para administrar a organização foi eleito um comitê de 34 membros. O presidente era Vu Tung, redator- chefe do jornal “diário” da FLN na área de Saigon-Cholon, o Giai Phong (Libertação). Nomearam-se três vice-presidentes: Tan Duc, diretor da emissora Rádio Libertação; Nhi Duc, descrito como o ex-redator do jornal Saigon Moi (Nova Saigon) e o conhecido Nguyen Van Hieu, que já representava a FLN no exterior. O Secretario-geral era Thanh Nho, diretor da Agência de Imprensa Libertação.

Em janeiro de 1963, a FLN anunciou a formação de um grupo chamado Conselho Médico Civil e Militar. A Rádio Libertação informou que a organização seria chefiada pelo Dr. Phung Van Cung, sendo sua finalidade “fortalecer e desenvolver as atividades médicas civis e militares, atender as necessidades médicas nas crescentes áreas libertadas do controle EUA-Diem, (...)”

A Associação dos Professores Patriotas do Vietnã do Sul começou como uma organização local na área de Saigon. Foi formada, dizia um documento, quando 50 professores de Saigon reuniram-se fora de Saigon a 12 de julho de 1963, com Huynh Tan Phat, presidente do comitê central da Zona

Especial de Saigon-Cholon, da FLN, servindo como anfitrião. Pouco se sabe sobre suas atividades ou influência.

Grupos minoritários étnicos e religiosos

A FLN considerava a religião, bem como os esforços dos grupos minoritários étnicos em prol de equiparação de direitos, como parte integrante de sua luta e procurava de todas as maneiras associar-se com tais grupos. Contrariamente ao que se poderia esperar, entretanto, a FLN realizou pouco trabalho de organização entre esses grupos. Os budistas, membros de seitas, católicos, os montanheses e as minorias chinesas e cambojanas foram agrupados não em organizações de massa e sim seletivas e sobretudo ad hoc. Por questão de política, os líderes da FLN evitavam criar organizações religiosas e étnicas por medo que não pudessem ser inteiramente controláveis ou pudessem tornar-se hostis à causa da FLN, como realmente ocorreu com relação aos montanheses em 1962 e a Cao Dai em 1964. Um trabalho intenso era realizado entre os grupos minoritários étnicos e religiosos, naturalmente, mas não se poupavam esforços para incorporar os indivíduos nas organizações de massa ou, preferivelmente, no próprio FRP.

O esforço inicial da FLN no campo religioso concentrou-se nos cambojanos que viviam no Vietnã, a maioria dos quais eram budistas mais fervorosos que o vietnamita médio. Em janeiro de 1965, a Rádio Libertação anunciou a formação no delta do Mekong de uma nova organização religiosa, a Associação de Solidariedade dos Monges Patriotas do Khmer (Camboja), que, segundo a notícia, solicitara participação na

FLN e tinha entre suas metas o fortalecimento da solidariedade cambojano-vietnamita.

A Associação Patriota dos Budistas Crentes {1} parecia exercer o máximo de sua atividade no delta do Mekong e foi mencionada em publicação da FLN de princípios de 1961. A Frente empregava a Associação Patriótica dos Budistas Crentes como dispositivo para estimular apoio exterior para a FLN, e a associação parece ter sido fundamentalmente orientada do exterior. Por conseguinte, sua estrutura organizacional provavelmente existia apenas no nível nacional; não se sabe sequer ao certo se a associação pretendia ser uma organização de âmbito nacional.

A seita Cao Dai identificava-se mais estreitamente com a FLN, embora o membro Cao Dai da Frente fosse conhecido como o Comitê para Consolidação da Coexistência Pacífica. O grupo da Hoa Hao era conhecido como a Associação de Melhoria da Moralidade Hoa Hao. O principal porta-voz da seita na FLN era o Reverendo Nguyen Van Ngoi, que era ativo na seita Tien Thien da Cao Dai. Participava da organização de veteranos de guerra do Viet Minh, um grupo da FLN, e exercia também a presidência do comitê central da Interzona Sulina Central, uma posição chave. Embora nenhum anúncio tenha sido dado a público, é possível que ele tenha sido substituído; depois de julho de 1964 seu nome deixou de ser mencionado, e as declarações da Cao Dai passaram a ser assinadas por Ngoc Ngoai Nghiep, sobre quem nada se sabe.

Embora o esforço de nada valesse, a FLN tentou também exercer influência entre o milhão de católicos do Vietnã do Sul. Adotava a posição pública de que o governo sul-vietnamita, mesmo com Diem, era antirreligioso e que, embora o próprio Diem fosse católico, o governo era anticatólico. Em 1961 a FLN criou o Comitê de Ligação

Nacional de Católicos Patriotas e Tementes a Deus, com Joseph Marie Ho Hue Ba como presidente e guia espiritual. Era de descendência cambojana e era bastante conhecido na região do delta do Mekong como organizador da FLN e membro ativo de diversos movimentos de paz da FLN. Aparentemente o comitê era o que dizia ser, um comitê de ligação, e não uma organização de massa. A maior parte de suas atividades consistiam no envio de cartas a católicos do Vietnã do Norte.

O apelo temático da FLN aos crentes religiosos era liberdade de crença, uma liberdade nunca ameaçada seriamente no Vietnã do Sul. Até mesmo a luta entre Diem e os budistas, como declaravam os líderes budistas, era uma luta essencialmente política. No verão de 1963 a FLN tentou usar o movimento budista para seus próprios fins. Logrou êxito em aumentar sua influência entre os leigos budistas, mas nunca se descobriu algo que provasse ter obtido sucesso na infiltração do nível executivo em Hué ou Saigon. Depois de 1963, os budistas, movendo-se no sentido de uma terceira força, autenticamente neutra, foram atacados abertamente pela FLN, que acusou os lideres budistas de estarem vendidos aos Estados Unidos. Os meios de comunicação em massa da FLN dirigiram virulentos ataques verbais contra o líder moderado Tam Chau, mas só raramente atacavam o líder da ala esquerdista, Tri Quang.

Dos grupos étnicos minoritários, os montanheses foram os mais bajulados pela FLN nos primeiros tempos. Os chineses do Vietnã do Sul eram de modo geral ignorados, e os cambojanos eram habitualmente abordados como budistas e não como membros de um grupo étnico minoritário. Não existiam na FLN quaisquer associações funcionais de libertação exclusivamente para os grupos étnicos minoritários. Ao invés disso, eram incorporados diretamente a organizações principais.

O método de operação mais comum da FLN nas montanhas consistia em primeiro enviar um agente infiltrador, que podia ser um membro da tribo ou membro de uma tribo vizinha que falasse o dialeto. Após um trabalho preparatório de preparação do terreno, chegavam as equipes de agitação e propaganda. Se as coisas marchavam bem e as equipes davam os montanheses como receptivos, uma equipe de técnicos dirigia-se para a aldeia a fim de começar a dirigir as atividades dos nativos, como combate ou missões de transporte para os grupos guerrilheiros. Ao mesmo tempo, os técnicos recrutavam futuros líderes montanheses, que eram enviados para treinamento no Norte ou em alguma outra localidade fora de sua área nativa. As organizações formadas eram funcionais e geralmente tinham uma missão paramilitar ou de abastecimento. A única organização política era o Movimento de Autonomia das Montanhas, formado por uma convenção de 23 representantes de tribos montanheses em 19 de maio de 1961. Ibih Aleo, vice-presidente do Presídio do Comitê Central da FLN e antigo ativista nas montanhas, foi eleito presidente. A organização parece ter existido apenas no papel e ainda assim precariamente. Permaneceu inativa durante algum tempo, mas após o desastroso verão de 1962, em que ocorreu uma deserção em massa dos montanheses das organizações comunistas, o movimento foi ressuscitado. De modo geral, as relações entre os comunistas e os montanheses eram tempestuosas, incertas e não muito bem sucedidas.

O trabalho de comunicação entre os montanheses era quase exclusivamente pessoal. Um navio polonês transportou milhares de montanheses para o Vietnã do Norte durante a partição de 1954; dentre eles foram escolhidos os agitadores-propagandistas que voltariam para o Sul. As equipes de infiltração eram geralmente chefiadas por um vietnamita, e todas elas trabalhavam com afinco e dedicação. Vieram cedo, tendo a maior parte da infiltração

montanhesa se realizado no fim de 1959 e no período de 1960.

O montanhês é uma pessoa simples, e dotado de um senso de lealdade direto e concreto; é fiel aos amigos e mata os inimigos. Foi esse espírito que a FLN procurou utilizar, um fato compreendido por maior número de montanheses do que supunha a FLN. Chegado o momento da prova, a FLN descobriu que anos de trabalho paciente de nada valiam. As equipes das Forças Especiais Americanas começaram a trabalhar entre os montanheses em 1962. Estes as consideravam úteis, honestas e mais dignas de lealdade que os vietnamitas da FLN, e assim passaram a apoiar os americanos. À medida que os esforços americanos afastavam tribos inteiras da FLN, esta tentou uma abordagem muito mais drástica que por sua vez não só alienou ainda mais os montanheses como também afugentou mais ou menos 100.000 deles para longe das montanhas. O fracasso da FLN em manipular o profundo e generalizado ressentimento que os montanheses sentiam contra o vietnamita étnico é atribuído à natureza abstrata do apelo da FLN, como, por exemplo, a promessa de autonomia após a vitória; à desconfiança que os montanheses sentiam em relação a todos os vietnamitas, inclusive os da FLN; e ao trabalho exemplar das equipes das Forças Especiais Americanas.

Por motivos nunca esclarecidos, a FLN tendeu a ignorar os chineses que viviam no Vietnã. Diversos documentos internos referentes a trabalho de agitação e propaganda entre os grupos minoritários não faziam qualquer referência aos chineses, relacionando apenas os montanheses, os cambojanos e os chams. Da mesma forma, os meios de comunicação em massa da FLN ignoravam igualmente os chineses. Nos primeiros quatro anos de programação da Rádio Libertação, o autor deste livro só encontrou quatro

referências a residentes chineses. Tratavam-se de apelos aos chineses no sentido de não servirem ao ERVN ou de resistirem aos esforços do governo sul-vietnamita para formar unidades exclusiva- mente de chineses dentro da ERVN. A organização da FLN para os chineses era chamada Associação de Vietnamitas de Origem Chinesa. Parece ter tido um pequeno quadro social e ter desempenhado poucas atividades. Em outubro de 1964 a FLN começou uma campanha publicitária concitando os chineses de Cholon e de outras partes do Vietnã do Sul a se unirem ativamente à Revolução, citando a China como modelo a seguir. Ao mesmo tempo anunciava a formação do Comitê Provisório de Estudantes Chineses em Saigon-Cholon e outras cidades, que começou a emitir uma série de manifestos concernentes a disputas trabalhistas na área da capital.

Outros Grupos Secundários de Interesses Especiais

Em 1961 a FLN começou a estruturar um complexo de organizações de veteranos entre os camponeses vietnamitas, que atendiam a duas finalidades: aumentar e auxiliar o movimento de proselitismo militar, e criar um elo de frente nacional com as unidades militares. As principais organizações eram:

Associação das Famílias de Soldados Patriotas; Associação de Antigos Resistentes, composta de veteranos da guerra do Viet Minh; Combatentes Vietnamitas para Paz, Reunificação e Independência, uma organização secreta dedicada a operações clandestinas no seio das forças armadas vietnamitas; Liga de Soldados Devolvidos ao Povo, composta de desertores do ERVN, cujo principal objetivo consistia em

induzir outros a desertar; Conselho de Veteranos e Heróis Inválidos; Associação de Mães de Soldados; e Associação de Mães do Vietnã.

De vez em quando a Rádio Libertação mencionava outros grupos de interesses especiais, provavelmente organizações existentes apenas no papel.

Grupos de orientação externa

O punhado final de organizações que compunham a Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul relacionava-se com assuntos que ultrapassavam as fronteiras do Vietnã, sobretudo a disseminação de propaganda- e manutenção de contato com as organizações comunistas mundiais. A maior e mais importante dessas organizações orientadas para o exterior é o Comitê de Solidariedade Popular Afro-Asiática, criado em dezembro de 1961 para promover a FLN no exterior através do Comitê de Solidariedade Afro-Asiática no Cairo.

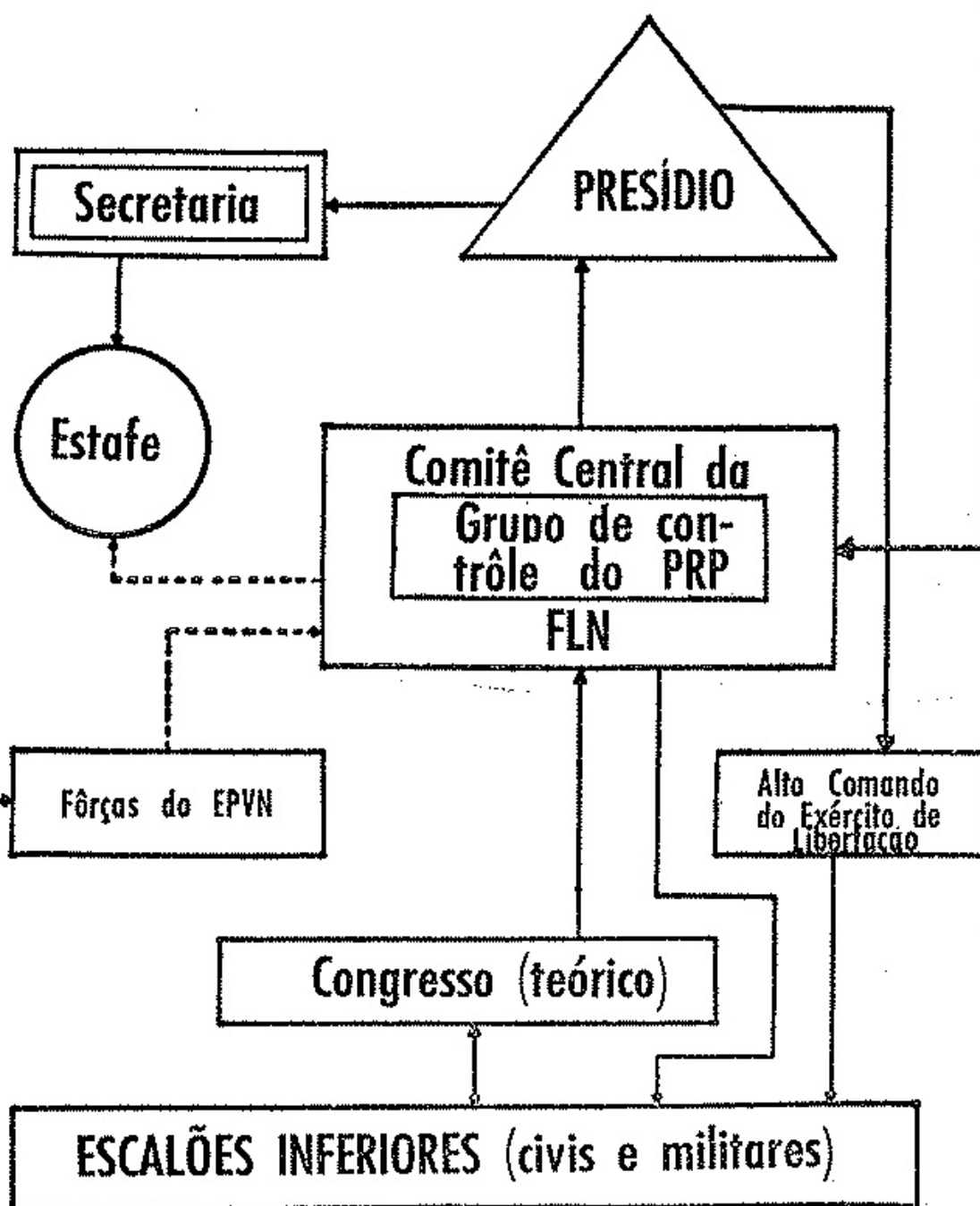
Além dessas havia diversos grupos menores de orientação exterior na FLN. A organização denominada Vietnamitas Proeminentes Residentes no Exterior mantinha contato estreito com grupos de vietnamitas emigrados, principalmente em Paris. A Sociedade Cruz Vermelha da Libertação começou a operar em 1963 lançando apelos contra a campanha de desfolhamento do governo sul-vietnamita.

{1} Em vietnamita, Hoi Phat Tu Yeu Nuoc. A organização budista da FLN era chamada às vezes de Associação Budista de Libertação.

XII. A ESTRUTURA DE COMANDO DA FLN

Sede nacional

A sede da Frente de Libertação Nacional compunha-se do Comitê Central; um Presídio, ou Politburo, composto de membros escolhidos do Comitê Central; uma Secretaria, nomeada pelo Presídio e chefiada pelo secretário-geral, também membro do Presídio e do Comitê Central; e um corpo subordinado tanto ao Comitê Central como à Secretaria. O Comitê Central do PRP, que era o dispositivo comunista de controle, e o quartel-general do exército da FLN estavam também sediados na sede do Comitê Central nacional. (Ver Gráfico 12-1). Teoricamente, o Comitê Central era eleito por um congresso constituído de delegados escolhidos no nível distrital, mas esse processo era antes manipulativo que democrático. O Comitê Central possuía originalmente 15 membros, mas o congresso de 1964 elevou esse número para 64. O Presídio consistia de um presidente, que acumulava a função de presidente do Comitê Central, e seis vice-presidentes, dos quais o sexto era secretário-geral. A Secretaria tinha um total de cinco membros, chefiados, naturalmente, pelo secretário-geral. Portanto, o organograma da liderança em princípios de 1965 era conforme se acha abaixo.

HANOI
HANOI
PRESÍDIO
Secretaria
Estafe
Comitê Central da
Grupo de con-
trôle do PRP
FLN
Fôrças do EPVN
Alto Comando
do Exército de
Libertação
Congresso (teórico)
ESCALÕES INFERIORES (civis e militares)

Organograma 12-1: estrutura da FLN

Periodicamente, de 1961 a 1964, o Comitê Central reunia-se na área pouco populosa da província setentrional de Tay Ninh. Quando o Comitê Central não estava em sessão, como ocorria no mais das vezes, a FLN era dirigida pelo Presídio e sua Secretaria. O secretário-geral era, sem dúvida, a figura mais importante na FLN. O alto comando militar, que era responsável pelo programa de violência, subordinava-se diretamente ao Presídio. Todas as outras atividades corriam através da Secretaria, dominada pelo secretário-geral.

Cinco eram as principais tarefas da sede nacional: supervisionar a criação dos comitês e associações da frente de libertação; dirigir o trabalho de agitação e propaganda e supervisionar a preparação de material para os meios de comunicação em massa; administrar os principais programas sócio-políticos da FLN — o movimento de luta, o programa de proselitismo militar, a criação de uma infraestrutura governamental; dirigir o programa de violência e estimular e desenvolver a capacidade militar e paramilitar em todo o país; e auxiliar no fornecimento de apoio logístico, dinheiro, alimentos, material bélico e mão-de-obra onde possível.

A Comissão de Relações Exteriores do Comitê Central nacional estava subordinada diretamente ao Presídio. A comissão era responsável pela redação das declarações sobre política exterior da FLN, ligação com governos estrangeiros, organizações e pessoas além das fronteiras do Vietnã do Sul e outros deveres, o que a tornavam uma espécie de ministério do exterior em embrião.

Uma segunda atribuição ou função da sede do Comitê Central subordinava-se também diretamente ao Presídio: o comando militar, responsável pelo programa de violência, a

luta armada. A partir de 1965, um grande número de tropas regulares do Vietnã do Norte (EPVN) foi enviado para o Sul. Sua cadeia de comando ao que parece estava ligada diretamente a Hanói, e não através do alto comando do Exército de Libertação ou do Comitê Central da FLN.

As relações do secretário-geral com o comando militar não são claras, embora o lugar que ele ocupava no Presídio lhe desse pelo menos um certo controle sobre o aparelho militar. Alguns vietnamitas e americanos acreditam que o exército da FLN fosse uma arma separada e autônoma, independente do Comitê Central e de seu Presídio e talvez subordinado diretamente a Hanói. A decisão de empregar um ato de violência num caso específico era uma decisão política baseada essencialmente em fatores não-militares. Dentro desse esquema, seria ilógica a existência de um setor militar independente que atuasse segundo a lógica do cálculo militar. Finalmente, como o grupo de guerrilheiro não possuía qualquer apoio logístico e dependia de apoio nativo, seu "arsenal" no campo era o comitê de libertação local ou o comitê central da FLN do nível em que a unidade estivesse operando. Isto ligava a unidade militar diretamente a seu equivalente organizacional. Se existia tal esquema de completa integração, é irrealista supor que fossem mantidas cadeias de comando separadas ou que o comando militar fosse uma entidade separada.

O Presídio era, assim, responsável pelo programa de violência e pelas relações exteriores. Todas as outras atividades — diretrizes expedidas, relatórios a níveis superiores, nomeações e distribuição de pessoal — eram realizadas através da Secretaria, dominada pelo secretário-geral.

A equipe da Secretaria compreendia a maior parte do pessoal real da sede do Comitê Central nacional e tinha pelo menos cinco seções importantes.

A seção de atividades organizacionais tratava de recrutamento de pessoal e ampliação de organização. À medida que a Frente crescia, era preciso delegar responsabilidades a níveis inferiores. Isto deixava a seção de atividades organizacionais com possibilidade de se dedicar principalmente a treinar, retreinar e doutrinar organizadores.

A seção de ligação permanente das associações de libertação, o segundo elemento importante de equipe da Secretaria, era a que dirigia realmente as associações de libertação do tipo administrativo e nomeava os comitês centrais nos níveis inferiores. Coordenava também as atividades entre as associações, atuava como seção moderadora e arbitrava disputas entre ou dentro das associações.

A seção de agitação e propaganda, o terceiro elemento dessa mesma equipe, organizava os vários órgãos de agitação e propaganda, inclusive as importantíssimas equipes de agitação-propaganda. Supervisionava o mais importante de todos os programas da FLN, o movimento de luta política.

O mortífero programa binh von, que visava à destruição das forças armadas da nação, era organizado e administrado pela quarta unidade principal, a seção de proselitismo militar, que se dedicava à destruição das forças armadas vietnamitas através de meios não-militares. Grande parte do trabalho de proselitismo era realizado no nível do Comitê Central, provavelmente em estreita associação com o alto comando do exército da FLN. Além de elaborar programas destinados a reduzir a eficácia do soldado individual do ERVN, essa seção treinava agentes especiais que faziam proselitismo indireto entre as famílias de soldados do ERVN; supervisionava as operações clandestinas dentro do próprio ERVN; e formulava a política e supervisionava o tratamento de prisioneiros de guerra, inclusive americanos capturados,

O quinto elemento principal era a seção administrativa da sede, composta de quatro subseções: de orçamento e fiscalização, informações, segurança e comunicação.

O conjunto da Secretaria mais o alto comando do exército da FLN, responsável pela luta armada, atuavam como manancial de toda a atividade da FLN no Vietnã. Um estudo da estrutura do Comitê Central pode fornecer uma imagem clara da escala de valores da liderança. A tarefa mais importante, a que tomava precedência a todas as outras atividades, era a ampliação da organização. Uma vez criada, a organização tornava-se o instrumento para direção do trabalho de propaganda do movimento social e da atividade de agitação e propaganda a fim de aniquilar o governo sul-vietnamita (a luta política) e destruir o ERVN através de um ataque combinado de persuasão (programa de proselitismo militar) e coerção (a luta armada). A organização hierárquica da FLN está mostrada no Gráfico 12-11.

Liderança nacional

Poucas informações dignas de crédito, vale dizer, informações de fontes não-comunistas, existem sobre os indivíduos que dirigiam a Frente de Libertação Nacional. O que se sabe provém quase inteiramente de fontes comunistas. Até onde o autor pôde determinar, nenhum jornalista ocidental ou não comunista jamais entrevistou o presidente do Comitê Central, Nguyen Huu Tho, embora pudessem ser encontrados em Saigon vietnamitas que o conheceram antes da FLN. O principal representante da FLN no exterior, Nguyen Van Hieu, conversou com jornalistas ocidentais e outros em Jacarta, Moscou e Berlim Oriental. Embora a cada ano um maior número de líderes da FLN viajasse ao exterior, a maior parte deles permanecia

desconhecida. Até mesmo a existência de algumas das figuras de menor importância estava em suspenso, como, por exemplo, alguns dos membros montanheses do Comitê Central.

A figura mais conhecida da FLN no Vietnã era Nguyen Huu Tho, presidente do Comitê Central, que dirigiu a Frente desde sua criação. O secretário-geral dirigia efetivamente a FLN, como frequentemente sucede nas nações comunistas: se o presidente é uma figura decorativa, com toda certeza o secretário-geral não o é; se o presidente não é marxista, o secretário-geral decerto o é. Phung Van Cing era o secretário-geral provisório antes do congresso constituinte de 1960. Desde então, três pessoas ocuparam esse posto vital: Nguyen Van Hieu, o hábil propagandista e gênio organizador; Tran Buu Kiem, um frio e inflexível perito em eficiência; e Huynh Tan Phat, arquiteto transformado em teórico.

Além do Presidente e do secretário-geral, o Presídio contava com cinco vice-presidentes: Vo Chi Cong; o Dr. Phung Van Cung; Tram Nan Trung; Thom Me The Nhem, cambojano étnico e monge budista; e Ibih Aleo, que representava os montanheses. Os dois representantes de minorias étnicas provavelmente exercia pouco poder efetivo no processo de decisões da FLN e eram considerados pela liderança como instrumentos para manipulação dos grupos que representavam.

Diversas dessas figuras eram freqüentemente mencionadas com relação à liderança do exército da FLN: Nguyen Don, Nguyen Chi Thanh (figura importante do Politburo de Hanói) e To Ky. É óbvio que a FLN fazia todo o possível para manter em segredo os fatos sobre a liderança militar.

O escritor J.P. Honey sugeriu que existia no Vietnã do Sul um nível de liderança ainda mais alto que os descritos acima, profundamente oculto e sob o controle direto de Hanói. Esse

nível seria responsável pela verdadeira tomada de decisões em alto nível no Vietnã do Sul. Afirmou esse autor que a existência de um grupo de quatro homens foi revelada a correspondentes estrangeiros na conferência de Genebra sobre o Laos em julho de 1962. {1}

O autor deste livro não tem dúvida de que depois de 1963 a direção da FLN estava em mãos de comunistas treinados e doutrinados em Hanói, talvez sulistas mas consagrados aos interesses dos líderes da HDV. Há provas que sugerem que o controle era efetuado através do Partido Revolucionário Popular, sucessor do Partido Lao Dong no Vietnã do Sul. A opinião de Honey coaduna-se com esse ponto de vista. Os quatro líderes a que ele se refere bem poderiam ser os dirigentes máximos do FRP, exercendo controle direto sobre o Comitê Central nacional, o Presídio e a Secretaria da FLN.

Interzona, Zona e Zona Especial

Abaixo do nível do Comitê Central nacional, ficava a estrutura de comando zonal: a interzona, a zona e a zona especial. O Vietnã do Sul, a área ao sul do paralelo 17, estava originalmente dividido em seis zonas de acordo com a estrutura organizacional do Viet Minh e usava até mesmo o sistema de numeração empregado pelo Viet Minh. É evidente que a estrutura demonstrou ser impraticável, pois em maio de 1963 foi imaginado e anunciado uma nova divisão.

O Vietnã do Sul foi dividido em três interzonas: a planície litorânea (Interzona Sul-Central do Vietnã — I), a área montanhosa (Interzona Montanhosa Ocidental — II) e a área vital onde localizava-se a Cochinchina (Nambo ou Interzona da Área Sul — III). A área Saigon-Cholon-Gia Dinh permaneceu como uma zona especial. As três interzonas

compreendiam sete zonas que não eram unidades de comando mas simplesmente subdivisões da interzona, criadas para facilitar os métodos de comunicação e ligação. Por conseguinte, a cadeia de comando descia da sede do Comitê Central até o comitê interzonal e deste, através do comitê de zona, ao comitê provincial.

Documentos internos da FLN, bem como prisioneiros e desertores, referiam-se ocasionalmente a sedes zonais, mas com toda probabilidade essas sedes não eram estruturas de comando com um comitê central e sim sedes temporárias criadas com a finalidade de realizar sessões de doutrinação ou conferências especiais de membros de comitês provinciais e distritais. A base de zona existia como câmara de compensação para diretrizes de quartéis-generais superiores, como centro de mensagens e posto de mensageiros, mas não como uma entidade com poderes de decisão. Dar-lhes este poder significaria violar um princípio organizacional básico da FLN: centralização no planejamento e descentralização em execução. Uma zona seria baixa demais na estrutura hierárquica para planejamento e alta demais para operações. Em meados de 1964, memorandos capturados indicavam que o Comitê Central tinha sob consideração ativa uma proposta de abolição da Interzona Nambo e elevar as três zonas por ela compreendida à categoria de interzonas, aumentando o número dessas de três para cinco. Essa manobra visava, dizia-se, a dar à estrutura da FLN maior correspondência com a do PEF. Não há dúvida de que a atividade zonal era intensa; era particularmente útil para o trabalho de coordenação e para conferências.

A cidade era de importância secundária para a FLN. Não obstante, a FLN interessava-se por uma estrutura organizacional na única área metropolitana do Vietnã do Sul, Saigon-Choldon e a área suburbana adjacente na província de Gia Dinh. A região tinha uma área de aproximadamente

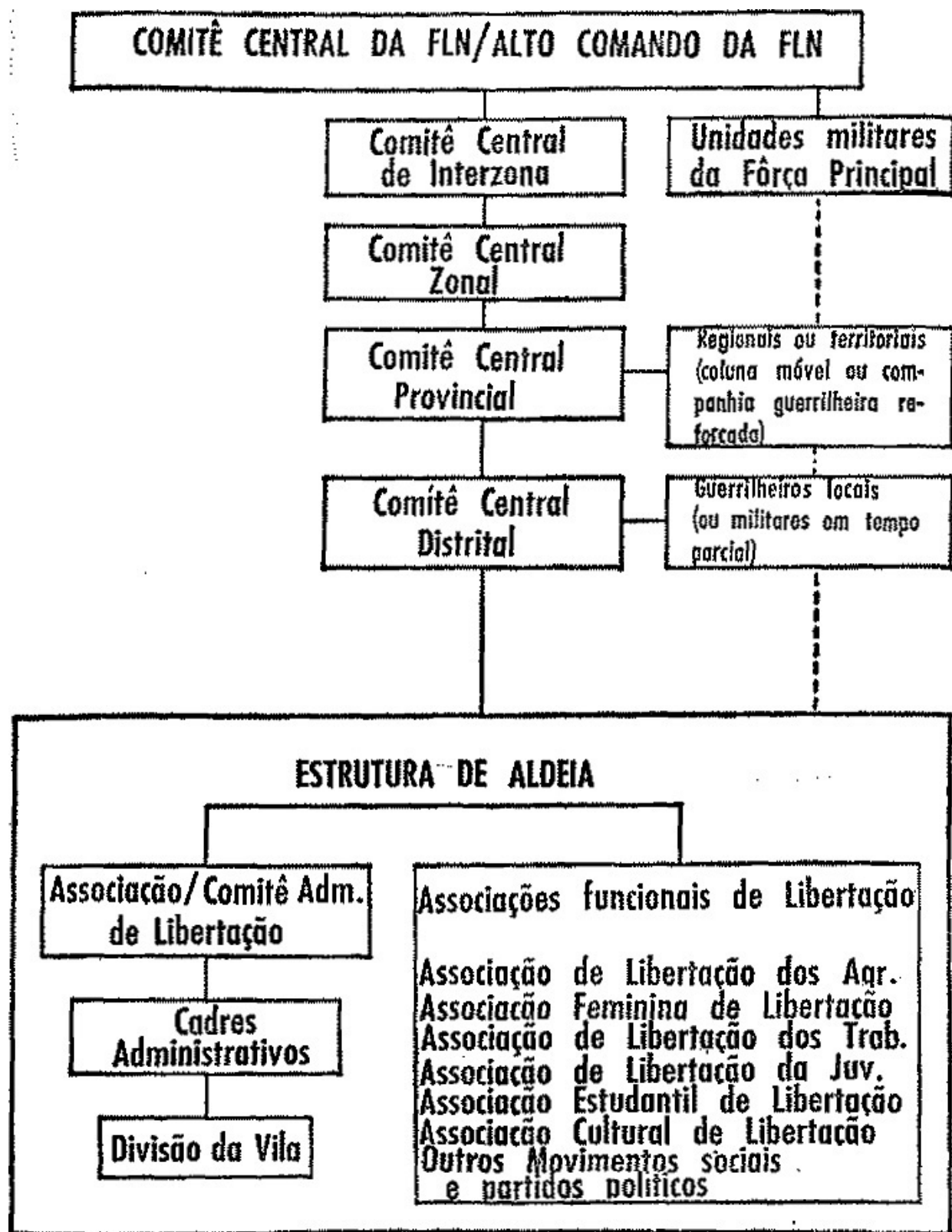
200 milhas quadradas e era habitada por pelo menos dois milhões de pessoas. For isso a FLN criou a Zona Especial de Saigon-Cholon-Gia Dinh (SCGD), subordinada diretamente ao Comitê Central nacional. O quartel-general da Zona Especial SCGD estava fora da zona propriamente dita, na floresta Boi Loi da vizinha província de Binh Duong.

Em janeiro de 1966, unidades militares sul-vietnamitas e americanas destroçaram parte se não todo o complexo de quartéis-generais da Zona Especial SCGD e capturaram aproximadamente 6.000 documentos, que provavam à saciedade que a principal finalidade da Zona Especial SCGD consistia em servir de quartel-general do PRF. Acreditara-se anteriormente nessa possibilidade, mas carecia-se de provas concludentes. Sempre se soubera que Huynh Tan Phat, secretário-geral do Partido Democrático, exercia intensa atividade no quartel-general da Zona Especial SCGD.

Nível provincial

O comitê central provincial era o mais importante escalão da FLN para a realização da luta de guerrilhas revolucionárias, o posto de comando do qual as diretrizes gerais superiores eram traduzidas em ordens operacionais específicas e enviadas para escalões inferiores. Abaixo do comitê central provincial não existia uma estrutura hierárquica firme e sim, dependendo do desenvolvimento da Revolução, uma rede de comitês de libertação distritais, municipais e rurais, associações de libertação funcionais, partidos e organizações políticas, e grupos de interesses especiais, alguns ligados estreitamente à FLN num padrão súpero-subordinado, outros meros aliados intranquilos. A relação entre o comitê central provincial com os escalões superiores variava amplamente tanto em natureza como em eficiência. Em talvez um terço

das províncias não havia em meados de 1964 um comitê central provincial ou existia apenas uma organização fantasma no papel. O desenvolvimento do comitê concentrava-se em províncias chaves, a maioria delas no delta do Mekong ou ao longo da planície costeira abaixo de Da Nang.

A principal tarefa do comitê consistia em supervisionar a luta política. Isto implicava em enviar diretrizes específicas para as associações de libertação das aldeias e para as associações e grupos funcionais. Essas diretrizes destinavam-se a mantê-las enérgicas, motivadas e orientadas na direção correta. A maior parte do trabalho de luta política consistia em atividades de agitação-propaganda, e para esse fim o comitê central provincial mantinha um fluxo contínuo de mensagens para as equipes e técnicos de agitação-propaganda nos comitês distritais e rurais. Seguia-se, em ordem de importância, a tarefa de administrar o programa de violência, a luta armada, e tomar as decisões referentes a assassinatos e atos de sabotagem e subversão, bem como a ataques militares por unidades militares e paramilitares. A maioria dos técnicos militares, como, por exemplo, os peritos em demolição e os especialistas em artilharia, eram encontrados no nível provincial. Também nesse nível encontravam-se os elementos que desfrutavam de influência especial em grupos étnicos e sociais e aqueles que ofereciam à causa um elevado grau de dedicação, que constituíam as turmas especiais de terror. A terceira área de importância primordial para o comitê central provincial era o trabalho de treinamento e doutrinação, parte da atividade administrativa geral da sede.

Organigrama 12-2: Comando da FLN

Nível distrital

Último escalão a ser formado, depois da criação da estrutura de comando e dos escalões inferiores (nível rural e municipal), o comitê distrital parece quase ter sido uma reflexão posterior. Alguns comitês distritais atuavam como comitês provinciais, outros simplesmente como linhas de transmissão da província para a aldeia, e ainda outros como comitês rurais ampliados com uma rede de células ligada diretamente a eles. O nível distrital foi criado em meados de 1962, quase um ano após a instalação do sistema de comitês provinciais. O esquema organizacional geral da FLN consistiu em criar primeiro a estrutura de comando suprema, o Comitê Central nacional, e simultaneamente formar em "áreas simpatizantes" as associações de libertação e os grupos políticos de organização mais simples; em seguida completar a estrutura de comando até o nível provincial; e finalmente preencher a lacuna criando os comitês distritais. Em certas áreas, o comitê distrital ou era considerado desnecessário, nunca sendo criado, ou ainda não fora criado em princípios de 1964.

Dois organogramas distritais capturados pelo ERVN em 1963 mostram que a estrutura do comitê distrital era semelhante à do comitê provincial.

De modo geral, o distrito dedicava-se a três funções principais: formação de organização, trabalho de agitação-propaganda e o programa de violência. Contudo, parece que depois de completado o trabalho inicial de organização, com o trabalho de agitação e propaganda dirigido pela interzona e a luta armada dirigida pelo comitê provincial, a distrito pouco teria a fazer.

Nível de aldeia

Para melhor compreendermos o trabalho da FLN no nível de aldeia, consideremos a aldeia imaginária de Hoi Xa e sua estrutura organizacional. Sendo uma aldeia contestada na disputa com o governo sul-vietnamita, em Hoi Xa a máquina da FLN estava bem desenvolvida. Para começar, possuía três associações funcionais de libertação: a dos agricultores, a feminina e a de juventude. Praticamente todos os habitantes da aldeia pertenciam a uma dessas três associações. Aos membros se ensinava que sua organização era democrática, cada qual com seus respectivos comitês nos níveis provincial, zonal, interzonal e nacional, cujos membros eram escolhidos por um congresso de delegados eleitos pelos camponeses, muito embora ninguém em Hoi Xa tivesse jamais votado em tal eleição. Os membros das três associações de libertação reuniam-se periodicamente para debates e elegiam seus próprios líderes de acordo com uma chapa preparada previamente, mas parecia que a maioria das decisões importantes referentes às associações eram tomadas pelos paredros, habitantes da mesma aldeia que não trabalhavam na lavoura, mas dedicavam tempo integral aos assuntos da associação.

Hoi Xa possuía também uma organização que englobava toda a aldeia, a Associação da Frente de Libertação Nacional de Hoi Xa, composta de representantes de associações, inclusive das três associações funcionais de libertação, e membros de grupos religiosos e partidos políticos locais. Chefiava a organização um comitê central tirado dentre as fileiras dos dirigentes das associações de libertação e nomeado, informava-se ao povo, pelo comitê central provincial da FLN. O comitê central da aldeia seria eleito, dizia-se, quando “as condições fossem adequadas”.

A hierarquia da FLN era constituída de três níveis: o comitê rural da FLN, o conjunto de associações funcionais de libertação que operavam na realidade antes no nível de vila que de aldeia, e a célula individual da associação de libertação. A estrutura variava amplamente, é claro, dependendo das condições de segurança da área. Não se deve esquecer que o comitê do PRP da aldeia era parte integrante, ainda que numericamente pequeno, do comitê da aldeia.

O comitê rural da FLN em nível de aldeia era chefiado por um presidente e um vice-presidente, e dele faziam parte representantes do comitê executivo militar da aldeia, das associações de libertação existentes e de outras organizações políticas, étnicas ou religiosas da área, e o Partido Revolucionário Popular.

As tarefas específicas do comitê rural, de acordo com um documento capturado em 1963, consistia em executar as diretrizes recebidas do comitê provincial, criar e manter grupos com elevada motivação, desenvolver a luta política e militar e fornecer homens, dinheiro e apoio logístico aos escalões superiores. Normalmente, o comitê rural reunia-se pelo menos quinzenalmente. Planejava movimentos de luta, desenvolvia atividades para manter os camponeses interessados e ativos na causa e, quando tal atividade era possível, desempenhava incumbências públicas básicas como cobrança de impostos, direção de escolas, e redistribuição de terras. As ligações com o comitê central provincial incluíam recebimento de diretrizes e prestação de relatórios, trocas de mensagens e reuniões periódicas.

O quanto de democracia existia realmente na associação de libertação das aldeias era uma pergunta de resposta tão difícil quanto importante. Evidentemente a “democracia” variava de aldeia para aldeia. Durante a Operação Sol

Nascente, o início do programa de construção de vilas estratégicas, camponeses que haviam vivido sob um sistema de associações de libertação revelaram que acreditavam terem tomado parte em eleições livres; se isto realmente acontecera não pôde ser determinado. Um documento da FLN aconselhava os dirigentes ser conveniente permitir aos membros das associações escolherem seus próprios líderes, mas instava que os dirigentes tentassem "orientar" as eleições. Em, outros casos, a liderança da aldeia era nomeada abertamente pelo comitê central provincial; os dirigentes diziam aos camponeses que não eram possíveis eleições no momento e citavam a cláusula dos estatutos das associações de libertação rurais que rezava: "Quando forem encontradas dificuldades, o comitê central será designado pelo nível imediatamente superior".

Sintetizando a estrutura organizacional da aldeia, em ordem inversa, para efeitos de clareza:

1. O membro individual da associação de libertação era recrutado para uma associação funcional determinada e colocado numa célula de três homens.

2. Sua célula fazia parte de um subgrupo de vila chefiado por um comitê de dirigentes. Os membros desse comitê eram membros da associação funcional de libertação da aldeia, que era o mais baixo nível oficial da estrutura associacional.

3. Sua associação funcional no nível de aldeia ligava-se a outras associações de libertação para formar a associação administrativa da FLN na aldeia. Essa associação "elegia" um comitê central, que orientava as associações funcionais individuais da aldeia, controlava as atividades militares na área e unia a aldeia à estrutura nacional através de uma cadeia de comando ascendente.

4. O FRP controlava, direta ou indiretamente, o comitê central da aldeia.

Estrutura de células

Depois do nível de aldeia e vila seguia-se a unidade organizacional mais baixa e mais fundamental, a célula da associação de libertação, a mesma célula de três homens que tão bem tem servido ao comunismo nos últimos cinquenta anos. Nas aldeias em que a associação era clandestina, a célula era uma unidade da máxima importância; quando uma aldeia tornava-se mais “segura” e a associação se regularizava, a célula era conservada como um dispositivo autodisciplinador e como unidade auxiliar para o caso de a associação vir a ser obrigada a voltar à clandestinidade.

O Quadro (“Cadre”)

Fenômeno do mundo comunista, o “Cadre” agia como uma combinação de sacerdote, policial e redator. Conduzia o povo no movimento de luta. Transformava em realidade os planos do comitê da aldeia. Trabalhava mais que qualquer outra pessoa, cometia menos erros e servia como modelo de comportamento e dedicação. Era em geral natural da aldeia, trabalhava em regime de tempo integral para uma associação de libertação funcional ou administrativa (ou no próprio Partido) e era mantido pelos camponeses ou por fundos da FLN ou do Partido. O fardo da Revolução repousava pesadamente sobre seus ombros. A extensão desse fardo é indicada numa série de notas que definiam o assunto considerado numa reunião de cinco dias de “Cadres” de

distritos. Entre as missões atribuídas a eles estavam as seguintes:

Consolidar a rede de informações, melhorar o sistema de apoio logístico, consolidar a rede de comunicações e informar sobre os melhoramentos. (...) proporcionar maior liderança para os guerrilheiros na luta armada e treiná-los especificamente no combate a táticas de guerra de helicópteros. (...) Trabalhar junto a grupos de juventude para estimular os jovens a se unirem a grupos guerrilheiros. (...) Instigar maiores esforços de sabotagem por parte dos membros das associações de libertação, assegurar melhor tratamento aos feridos e sepultamento adequado para os mortos, assegurar que todas as pessoas tomem conhecimento das políticas da Frente em relação a soldados capturados ou que se rendessem, assegurar que as unidades não usem as prezas de guerra para fins particulares, estimular os membros do Partido a estudar com mais cuidado as diretrizes políticas, realizar reuniões para estudar as deficiências e erros de membros do movimento de luta ou das unidades guerrilheiras. (...) Melhorar as relações do Partido com as organizações da Frente. (...) Motivar os camponeses e solucionar todos os seus problemas pessoais. (...) Estimular os jovens com o uso de argumentos ideológicos. (...) Trabalhar no sentido de conquistar o apoio dos cambojanos étnicos e combater os Khmer Serai. (...) Conquistar o apoio de grupos religiosos, principalmente o Cao Dai em Tay Minh. (...) Acelerar o movimento Hnh van. (...) Dar início a novas sessões de doutrinação para os membros do Partido. (...) Reconstruir o interior, organizar a sociedade e ganhar o apoio das massas.

Sobre o “Cadre” recaía toda a culpa por fracassos e erros. Os documentos da FLN estão cheios de queixas contra “cadres” medíocres. Era bastante típico um manual sobre comportamento de “Cadres” capturado na província de Kien Hoa em setembro de 1963. Afirmava:

Falta atualmente capacidade de liderança a nossos “Cadres” e sua contribuição é medíocre tanto do ponto de vista de quantidade quanto de qualidade. (...) Todos os “Cadres” atuais carecem de capacidade. Têm a ideologia errada e os conceitos errados sobre linhas de ação e políticas. Não são capazes de planejar programas ou imaginar atividade organizacional. Alguns deles, inclusive membros da seção de administração, são analfabetos. Isto os prejudica em seus estudos políticos, tanto quanto em suas atividades diárias.

{1} P. J. Honey, “North Vietnam’s Workers’ Party and South Vietnam’s People’s Revolutionary Party”, Pacific Affairs, Vol. XXV, No. 4 (Inverno 1962-63), p. 383.

XIII. VIOLÊNCIA

Introdução

Até meados de 1963 a FLN considerava a luta armada secundária em relação à luta política e considerava que o dever primeiro dos elementos militares fosse o apoio ao movimento de luta. Essa primazia das atividades não-militares, mesmo dentro do complexo militar, estava claramente enunciada num livreto de doutrinação da FLN que tratava da organização das forças armadas da Libertação. Declarava o opúsculo que os princípios organizacionais deviam ser seguidos a fim de garantir que a ação militar esteja subordinada à ação política, para que o exército se mantenha unido e para que o povo esteja unido estreitamente ao exército.

As forças armadas descritas em vários documentos da FLN contrastam agudamente com os complexos militares ocidentais; A FLN considerava especial não só o papel como também a própria natureza da força armada. O papel do Exército de Libertação era também considerado subserviente à FLN em termos civis-militares. Todo o exército estava ligado diretamente ao resto da organização, desde o Comitê Central nacional da FLN até o comitê rural. Os representantes do Exército de Libertação sentavam-se em todos os níveis como parte integrante da organização. O

exército da FLN não gozava de qualquer autonomia; o setor militar estava totalmente integrado com a operação geral. Além disso, dentro da máquina militar o oficial político, ou comissário, servia como mecanismo adicional de controle comunista sobre a oficialidade.

Estrutura das forças armadas

Talvez se possa explicar melhor a estrutura do exército da FLN se a abordarmos de um ponto de vista funcional. A estrutura militar geral no Vietnã do Sul era o Exército de Libertação, que por sua vez compreendia metade da força armada comunista total em todo o Vietnã, sendo a outra metade o Exército de Defesa da Pátria, ou Exército Popular, ou seja, o exército da RDV no Vietnã do Norte, o EFVN. O trabalho de doutrinação realizado pela FLN acentuava a diferença entre o Exército de Libertação e o Exército Popular:

No Norte existe um exército regular e moderno. É uma questão da diferença no estágio da revolução. A libertação já chegou ao Norte, enquanto ainda está em andamento no Sul. O principal dever do Exército Popular no Norte consiste em defender o território do Norte, a base segura. O principal dever do Exército de Libertação no Sul é a libertação do Sul.

De um ponto de vista funcional, o Exército de Libertação estava claramente dividido em (1) os elementos paramilitares, que eram geralmente locais, civis, em tempo parcial e estáticos e defensivos, e geralmente não muito doutrinados; e (2) os chamados elementos plenamente

militares, ou força Principal, que eram “militares”, em tempo integral, melhor treinados, e doutrinados mais extensivamente.

A nomenclatura correta da FLN para a força paramilitar, considerada coletivamente, era Exército Popular (ao pé da letra, tropas civis), mas como as unidades paramilitares empenhavam-se quase exclusivamente em luta de guerrilhas, o termo guerrilhas foi anexado ao nome, tornando-se Exército Popular de Guerrilhas.

A unidade do Exército Popular de Guerrilhas era encontrada no nível de vida como uma célula ou meio grupo, ou mais raramente como um grupo (isto é, 3, 6, 12 homens), e no nível de aldeia como um pelotão de três ou quatro grupos (36 a 48 homens). Aqui estava o guerrilheiro em tempo parcial, o tipo que o mundo mais conhecia, que lavrava sua roça pacificamente de dia e dinamitava pontes à noite. O vietnamita rural considerava o guerrilheiro como local e civil, não como um estranho e militar — ambas as distinções importantes no Vietnã. Esse guerrilheiro recebia pouco treinamento, talvez não mais que algumas palestras nas selvas fora de sua aldeia natal, palestras que constituíam antes doutrinação que treinamento militar básico. Suas armas eram primitivas, muitas vezes não sendo nem mesmo armas de fogo, e sim machadinha, lança e estaca de bambu. Os cursos de doutrinação tentavam convencê-lo de que um espírito de revolução era muitíssimo mais importante que uma boa arma.

Os membros do Exército Popular de Guerrilhas pertenciam a dois tipos funcionais: o guerrilheiro de aldeia e o guerrilheiro de combate. Em meados de 1965, atingiam cerca de 85.000. O guerrilheiro de aldeia, o homem que ocupava a posição mais baixa na escala, era frequentemente um vietnamita idoso; não tinha treinamento militar, suas armas eram

pobres e em geral era-lhe atribuída a defesa estática da aldeia. Sua presença na aldeia tinha para a FLN mais valor psicológico que militar. Uma turma de guerrilheiros de aldeia servia para colocar a aldeia ao lado da FLN, não se esperava que lutasse bravamente se o EEVN realizava uma operação de limpeza na aldeia. Isto não quer dizer que o guerrilheiro de aldeia fosse ineficiente ou carecesse de importância; muito pelo contrário, o fato de ele estar organizado numa unidade que optara por lutar pela FLN era de grande importância política.

O guerrilheiro de combate era menos estático e mais passível de ser utilizado em missões de combate fora de sua aldeia natal. Era geralmente mais jovem e mais bem treinado; sua missão mais frequente consistia em auxiliar a coluna, móvel ou outro elemento militar integral em operações, geralmente como carregador ou mensageiro ou em missões de propaganda e guerra psicológica. Uma instituição comum no Vietnã era “o gritador”, uma missão dos guerrilheiros de combate. Antes de um ataque a um posto do EEVN ou a uma aldeia hostil, o comandante militar da FLN reunia um certo número de guerrilheiros de combate que, a dado sinal, gritavam e batiam em árvores com paus, executando o que se chamava de tática de “grito em uníssono”, destinada a convencer os defensores do posto ou aldeia que enfrentaram uma legião de atacantes.

As unidades paramilitares serviam também como reserva de pessoal da qual se podia extrair os mais talentosos para serviço nas unidades plenamente militares.

A unidade básica tanto para os guerrilheiros de aldeia como para os de combate era a célula de três homens. Nas áreas controladas pelo governo sul-vietnamita, onde naturalmente a célula era clandestina, ela era conhecida como a célula secreta de guerrilheiros. Além da célula secreta de

guerrilheiros, havia um segundo tipo de célula que levava o nome inocente de célula de atividades especiais; este era o elemento mais perigoso em toda a estrutura paramilitar. Altamente motivada, disposta a correr grandes riscos, operando em território que conheciam intimamente, os membros da célula de atividades especiais atacavam a qualquer momento em qualquer lugar. Dessas células eram tiradas as equipes de assassinatos, os granadeiros voluntários, os pelotões suicidas. A maioria dos atos espetaculares de sabotagem, assassinatos de chefes de províncias ou fugas militares sensacionais foi obra de uma célula de atividades especiais, às vezes trabalhando com peritos em demolições ou com outros especialistas militares fornecidos pelo comitê central do nível provincial.

As unidades paramilitares eram também encontradas na chamada área libertada, mas seu papel nessas áreas é desconhecido.

Elementos plenamente militares

O termo “militar pleno” pode ser tendencioso, pois a FLN não era um exército comum que usasse táticas militares ortodoxas. As forças armadas plenas, ou Força Principal, continuavam a repousar sobre as táticas de guerrilhas; seus elementos eram autônomos e não faziam parte de um complexo militar mais amplo; pensavam como guerrilheiros, não como soldados regulares; o soldado plenamente militar não usava uniforme; muitas vezes sua unidade se desfazia entre operações, e ele vivia com a família. Além disso, as diferenças entre o exército da FLN e os exércitos ortodoxos se faziam em termos de infraestrutura e logística. O exército de qualquer nação moderna é rigidamente hierárquico,

desde o pelotão (ou soldado individual) até o alto comando (ou comandante supremo) e unido por uma rede de serviços não-orgânicos de apoio: comunicações, transportes, abastecimento; serviços verticais como ordenança, assistência médica e intendência; e serviços horizontais como artilharia, blindados e engenharia. A unidade guerrilheira, por outro lado, era concebida como um elemento autônomo, Se um líder guerrilheiro precisava de munição, não fazia uma requisição; planejava um ataque contra um arsenal inimigo. Se a unidade era atacada, ele não solicitava auxílio por ar ou apoio de artilharia; a unidade safava-se da melhor maneira possível. O consequente sentimento de isolamento era o que distinguia a mentalidade de um guerrilheiro da de um soldado regular; a psicologia dos dois era profundamente diferente. Para o guerrilheiro não havia frente nativa; o inimigo, mais numeroso e poderoso do que ele, estava em toda parte, ele nunca perdia inteiramente o sentimento de ser um animal caçado.

Da mesma forma que o elemento paramilitar do exército da FLN se classificava em dois tipos, assim também o elemento plenamente militar compunha-se de duas entidades básicas: os Regionais ou Territoriais, e a força Principal, denominada geralmente “chapéus duros” devido aos capacetes de metal ou fibra, semelhantes aos capacetes americanos da I Guerra Mundial, que eles e seus predecessores, os Viet Minh, usavam.

A princípio os Regionais foram organizados como equipes armadas de propaganda com a tarefa de fazer propaganda, usando armas só para defesa e talvez para magnetizar uma audiência. Mais tarde tornaram-se conhecidos como “companhias independentes”, para distingui-las da companhia que fazia parte dos batalhões da força Principal. A principal característica distintiva da companhia

independente era o fato de ela receber ordens do comitê central distrital ou, às vezes, provincial.

A força Principal compunha-se de dois tipos de batalhões: o independente e o concentrado. Os batalhões da força Principal faziam parte ou de uma estrutura de regimentos ou entidades que constituiriam os regimentos a serem criados no futuro.

A atividade militar, até mesmo a atividade militar guerrilheira, constituía uma percentagem relativamente pequena do trabalho diário dos membros do exército da FLN, quer das unidades paramilitares quer das unidades da força Principal. Oficiais vietnamitas calculavam que no período 1962-63 uma unidade da força Militar despendia em média um dia por mês em missões militares. Grande parte do restante do tempo era dedicado a trabalho de treinamento e doutrinação, agitação-propaganda e outras atividades publicitárias entre a população em geral, ou naquilo que se chamava produção econômica — sobretudo produção de alimento. A maioria das unidades tinham uma responsabilidade dupla por ação militar e produção de alimentos, ainda que certas unidades estivessem excluídas do trabalho de produção. O espírito da unidade guerrilheira ditava automanutenção; se possível a unidade independia de qualquer auxílio exterior, e quando necessário valia a pena comprar alimentos ou materiais. Isto também era uma herança do Viet Minh. Desertores declararam que seus oficiais, ao puni-los por desejarem depender de abastecimentos exteriores, citavam os discursos do General Vo Nguyen Giap a oficiais do Viet Minh que esperavam abastecimentos da China Comunista antes de planejarem uma ofensiva.

Uma característica da luta de guerrilhas é que o governo nunca sabe quantos inimigos enfrenta — todo ciclista, todo

vietnamita na rua podia ser um guerrilheiro — mas em princípio de 1965 pelo menos 55.000 e talvez 80.000 “chapéus duros” estavam combatendo no Vietnã do Sul. Alguns deles vinham lutando havia mais de dez anos e eram talvez os mais duros, os mais experientes guerrilheiros de todo o mundo. Por trás deles erguiam-se quatorze divisões de infantaria do Exército da Defesa da Pátria, o Exército Vermelho do Vietnã do Norte.

No período 1960-1961, foi dada grande ênfase, nas sessões de doutrinação, à necessidade de iniciativa individual pelos soldados do Exército de Libertação.

Lentamente, de maneira quase imperceptível, a ênfase transferiu-se do indivíduo heróico para a equipe militar. As narrativas na imprensa de lances de heroísmo individual foram substituídas por exemplos de destemor de unidades. No fim de 1964 era o Exército de Libertação é não o soldado heróico que prestava a mais duradoura contribuição para a causa e na realidade era dele que dependia a vitória. Coletiva ou individualmente, entretanto, ainda se valorizava a superioridade humana, o domínio do homem sobre a máquina.

Categorias de violência

Os atos de violência pelas forças armadas da PLN classificavam-se em cinco categorias básicas: assaltos militares ou paramilitares, isto é, a “luta de guerrilhas” comum, realizada quer ofensivamente contra vilas defensivas ou instalações militares americanas ou defensivamente no campo contra operações militares do governo, principalmente a limpeza de terreno ou o que a FLN chamava de operação “varredura”, um termo muito

utilizado na guerra do Viet Minh; a emboscada dirigida contra unidades militares ou autoridades civis em viagem por estradas ou canais; o molestamento sistemático de camponeses com o fito de coagir ou intimidar, mas normalmente sem lhes tirar a vida; sabotagem e subversão; e atos dirigidos contra indivíduos específicos, tais como raptos, assassinatos e execuções.

Assaltos militares e paramilitares

O esquema de assaltos contra o ERVN seguia o axioma maoísta: “Quando o inimigo avançar, recue; quando ele se defender, acosse-o; quando ele estiver cansado, ataque-o; quando ele recuar, persiga-o”. Precisão, velocidade e, acima de tudo, fraude caracterizava o ataque do exército da PLN. Os alvos eram escolhidos pelo menos em parte devido a seu significado psicológico em relação aos soldados da ERVN ou aos próprios camponeses.

Um incidente típico investigado pessoalmente pelo autor ocorreu a 2 de fevereiro de 1961 em Phuoc Trach, distrito de Go Dau Ha, província de Tay Ninh. Doze guerrilheiros entraram na aldeia de madrugada e mataram pelo menos três de seus defensores, sendo seu alvo o templo Cao Dai da aldeia, onde encontraram o objetivo, de seu ataque, o sacerdote leigo de 17 anos Phan Van Ngoc, que adquirira fama por sua hostilidade militante do púlpito contra a FLN, a que acusava de ser basicamente irreligiosa. Foi apunhalado até morrer e os guerrilheiros retiraram-se.

Tais ataques intimidavam não só os sobreviventes nas aldeias como outros em toda a região. De vez em quando, ao invés de simplesmente atacar e fugir, os guerrilheiros capturavam e conservavam uma aldeia ou instalação militar

durante um dia inteiro, geralmente em alguma efeméride politicamente importante. Isto: aconteceu desde os primeiros dias; a capital da província de Binh Long foi capturada e mantida durante 24 horas em meados de 1960.

A finalidade básica da violência na aldeia era a coerção da população em geral. Após uma série de atos terroristas na província de Quang Nam em outubro de 1962, começou a aparecer a seguinte mensagem nas paredes de casas e em árvores em volta da aldeia: “Se obedecerem nossas ordens, vocês serão perdoados pelo povo e pelo Exército de Libertação. (...) Se auxiliarem o inimigo, serão punidos. (...)” Até mesmo os ataques militares contra quartéis do ERVN não empregavam a matança em massa indiscriminadamente, exceto contra as unidades de elite altamente motivadas como os montanhistas e paraquedistas, contra os quais a FLN era implacável. Cada soldado morto pela FLN criava um núcleo de ressentimento entre seus camaradas, familiares e amigos, e a FLN procurava não ampliar esse ressentimento mais que o necessário. Os primeiros ataques procuraram fundamentalmente capturar armas e suprimentos ou dissolver operações contra-guerrilheiros. Mais tarde concentraram-se em baixar o moral do inimigo. Mas quase em todos os casos as ações militares do movimento de luta armada visavam a objetivos antes psicológicos que militares.

Nos primeiros tempos a FLN insistiu — e mais tarde tentou manter a ficção — de que não havia nenhuma diferença entre o soldado do Exército de Libertação e o civil em termos de atividades militares. Embora mantendo a ficção de que todas as pessoas podiam e realmente tomavam parte igualmente em combate armado, os líderes da FLN eram naturalmente obrigados a desenvolver competência militar técnica, liderança competente, disciplina e moral entre as

fileiras do Exército de Libertação, como os dirigentes de qualquer exército. Precisavam, e procuravam criar, uma força militar inteiramente profissional.

A maioria desses oficiais vinham das fileiras do Viet Minh e mais tarde, quando a ação começou a diminuir-lhes o número, do Vietnã do Norte. A maior parte da soldadesca vinha das aldeias mais remotas do Vietnã do Sul — e eram quase sempre recrutados jovens. A grande maioria da soldadesca do Exército de Libertação ou das unidades terroristas especiais da FLN estava na casa dos vinte anos.

A emboscada

O principal instrumento de todo guerrilheiro (e uma tática contra-guerrilheira básica), a emboscada, procurava infligir baixas nas tropas do ERVN; restringir o movimento de tropas e veículos; principalmente à noite, sendo a luta de guerrilhas praticada sobretudo à noite; reduzir o fluxo de abastecimentos militares; criar uma condição geral de tensão e um senso de insegurança nos espíritos dos soldados individuais; demonstrar o isolamento do ERVN do povo e de modo geral baixar o moral e a eficiência das forças armadas.

A emboscada constituí um excelente artifício psicológico. Um ataque contra uma aldeia ou posto militar era frequentemente lançado para atrair a coluna de revezamento, o principal objetivo. Essas emboscadas eram cuidadosamente organizadas e ensaiadas, muitas vezes durante semanas, numa selva remota. Além da emboscada deliberada que visava a um alvo determinado, tal como o carregamento semanal de suprimentos médicos ou um chefe provincial em viagem, o exército da FLN empregava também

a emboscada ao acaso, lançada numa rodovia importante ou canal antes da madrugada e lançando mão do que quer que aparecesse. Uma força de emboscada consistia geralmente de três partes: o grupo de emboscada propriamente dito, geralmente dividido em duas partes, uma imobilizando o emboscado e a outra avançando para o combate corpo-a-corpo; uma unidade de contra-reforço que emboscava qualquer grupo de revezamento que pudesse ser chamado pelo rádio; e uma força de proteção que cobria a retirada das duas primeiras, emboscando o grupo de perseguição.

Um exemplo clássico de uma emboscada de motivação política ocorreu em 22 de março de 1961, quando um caminhão que levava vinte moças, membros do Corpo da Juventude Republicana, foi emboscado na estrada Saigon-Vung Tau. As moças voltavam para casa depois de uma comemoração em Saigon. A unidade de emboscada abriu fogo contra as moças que viajavam desarmadas num caminhão sem escolta e matou nove delas. Um posto da Guarda Civil a três milhas dali, ouvindo o tiroteio, despachou um pelotão para investigar. O pelotão foi vítima de uma emboscada pouco antes de atingir o caminhão; foi despachada então um grande unidade e os guerrilheiros fugiram, em evidente desordem, por arrozais e entraram num pântano, perseguida pela unidade da Guarda Civil que, mal entrara no pântano, foi emboscada. Ao todo, morreram seis guardas civis e nove moças. Através dessa emboscada, os guerrilheiros conseguiram infligir perdas a uma unidade militar, presumivelmente baixando o moral de seus membros e talvez fazendo com que no futuro se mostrassem tímidos ou exageradamente cautelosos, demonstraram sua força aos camponeses da área e lançaram uma lembrança de tristeza sobre a comemoração de Saigon.

Acossamento de aldeias

A forma mais comum de molestamento de aldeias ou pequenos postos militares eram o fogo de franco-atiradores que disparavam armas portáteis. Raramente recebia muita atenção na imprensa devido a seus resultados inconsequentes. As vilas estratégicas serviam como alvos básicos. Periodicamente, de noite ou de dia, guerrilheiros aproximavam-se de uma aldeia e disparavam meia dúzia de tiros ao acaso contra a aldeia. Isto alertava os defensores, que não podia ter certeza de que um ataque de grandes proporções se estivesse ou não iniciando; era emitido um aviso pelo rádio ao quartel militar mais próximo, cujo comandante era obrigado a decidir se a ação era fogo de molestamento ou um ataque — e no caso de ser um ataque, se seu objetivo real era uma emboscada ou se o ataque era na verdade uma simulação destinada a afastar a unidade militar do local de um ataque verdadeiro em outra parte. Qualquer palpite que fizesse podia ser o errado. A decisão militar correta era geralmente nada fazer no momento e esperar os acontecimentos; isto fazia com que os camponeses duvidassem que a unidade auxiliaria a aldeia no caso de um ataque real; o fogo ao acaso continuava esporadicamente durante semanas, geralmente acompanhado por insultos, ameaças e apelos noturnos através de megafones. Às vezes, depois de algumas semanas de amolecimento, era lançado um ataque em grande escala. O fogo ao acaso era barato, custando apenas uma meia dúzia de projéteis, e podia ser realizado facilmente até mesmo por guerrilheiros inexperientes. Criava um forte sentimento de ansiedade dentro da aldeia, mantendo os camponeses insones, prejudicando suas atividades diárias normais. E aumentava a confiança dos guerrilheiros.

Sabotagem e subversão

Objetivos psicológicos dominavam também os vários esforços de sabotagem. Os guerrilheiros tinham ordens rígidas de não sabotar ou interferir com instalações econômicas fixas permanentes. A sabotagem de estradas e pontes era comum, tal como a destruição de equipamento telefônico e telegráfico. Comboios ferroviários eram frequentemente dinamitados para destruir a carga militar que transportavam, mas também para exercer pressão econômica sobre o governo sul-vietnamita.

Nas cidades não parecia haver fim para a engenhosidade empregada na sabotagem terrorista. A granada era o instrumento mais comum, muitas vezes lançada num bar por um menino que se afastava rapidamente numa bicicleta. Às vezes a própria bicicleta era o instrumento de morte, sua armação tubular oca carregada de explosivo plástico e de dispositivo de tempo oculto sob a sela. Terroristas entravam de bicicleta na área, encostavam-na ao edifício a ser destruído, armavam o detonador e retiravam-se. Atiravam-se granadas contra veículos estacionados; injetava-se veneno em garrafas de vinho por meio de seringas hipodérmicas; portas, gavetas ou motores de automóveis em que se camuflavam petardos — tudo servia à campanha de subversão. Com frequência, a simples ameaça de violência era suficiente para fins de subversão. Em novembro de 1964, uma jovem datilografa vietnamita de uma firma empreiteira de um programa de auxílio americano em Saigon foi apanhada com planos do programa na bolsa. Declarou aos oficiais de segurança que fora visitada em seu apartamento por um homem que lhe disse que, a menos que ela roubasse os documentos, sua família, que vivia numa

zona rural da província de Quang Tri, sofreria represálias. Às vezes as ações eram inexplicáveis. O autor visitou a aldeia de An Lac na província de An Giang em fins de 1960 e lhe foi mostrado um exemplo de sabotagem que ocorrera na noite anterior: alguém penetrara na escola da aldeia, amontoara os bancos e carteiras que incendiara. Só restavam as quatro paredes nuas. Os camponeses e a professora insistiam que não faziam idéia porque aquilo fora feito.

Na área libertada era feito uso extenso de petardos camuflados e minas. Armadilhas com granadas de mão eram colocadas ao longo de caminhos na floresta, na dobradiça de um portão que levava ao pátio da aldeia, em redes de pesca, árvores frutíferas, galinheiros e outros lugares onde soldados pudessem utilizar. Uma variação disso chamava-se o rifle-em-tripé, que consistia geralmente num rifle camuflado armado numa trilha de floresta com um arame disparador que detonava a arma contra o peito da vítima; um dispositivo semelhante utilizava arco e flecha para o mesmo fim. Minas, do tipo de pressão ou impacto ou ainda detonadas eletricamente, também eram comuns; geralmente eram colocadas sobre pontes ou perto, em vaus de correntes, em estreitas trilhas de florestas em filas abertas entre seringueiras, à beira dos diques de arrozais alagados, ou nas entradas de aldeias. Armadilhas de estacas eram usadas extensamente. Eram colocadas em arrozais, geralmente debaixo de água ou onde quer que fosse provável que o inimigo pisasse. Cavavam-se longas trincheiras, o fundo revestido de pontas de metal ou bambu, e a trincheira era então coberta de grama. Longas varas pontiagudas de bambu eram colocadas em pé em campos abertos como defesa contra helicópteros.

Para o camponês, as formas de violência mais efetivas eram o assassinato, a execução e o sequestro. Narrativas

bombásticas de movimentos de luta ou listas intermináveis de vitórias militares pouco significavam para ele. Mas quando em sua aldeia morria alguém que ele conhecia, uma marca de medo formava-se em sua mente. Eis um exemplo investigado pessoalmente pelo autor: em 28 de setembro de 1961, o Padre Hoang Ngoc Minh, benquisto sacerdote da paróquia de Kontum, caiu vítima de uma emboscada de guerrilheiros nos limites da aldeia de KondeJa. Seu carro foi detido por um obstáculo na estrada. O sacerdote foi tirado da viatura, e os guerrilheiros meteram estacas de bambu em seu corpo. Então o líder disparou-lhe um tiro de misericórdia na cabeça. O motorista Huynh Huu, sobrinho do padre, ficou seriamente ferido.

Tais incidentes eram relatados livremente nos meios de comunicações da FLN, onde adquiriam sempre um; tom moralista.

A característica comum dessa atividade contra indivíduos era o fato de ser dirigida contra o líder da aldeia, geralmente o líder natural — aquela pessoa que, devido a idade, sagacidade, ou força de caráter, os camponeses procuram para ouvir conselhos ou receber instruções. Muitos eram figuras religiosas, professores ou simplesmente pessoas íntegras e honradas. Como indivíduos superiores essas eram as pessoas mais inclinadas a resistir aos rebeldes quando entravam na aldeia e eram geralmente as primeiras vítimas. A liderança oposicionista em potencial era o inimigo mais temível da FLN. Continuamente, tranquilamente e com inflexibilidade sistemática, a FLN em seis anos praticamente eliminou toda uma classe de camponeses vietnamitas. Em 1966 muitas aldeias estavam praticamente despovoadas de seus líderes naturais, que constituem o elemento individual mais importante em qualquer sociedade. Essa perda para o Vietnã do Sul é inestimável, e será necessária uma geração ou mais para reparar o dano causado à sociedade. Por

qualquer definição, essa ação da FLN contra líderes rurais equivale a genocídio.

O plano de assassinatos parecia dirigido contra os melhores e os piores funcionários, contra o mais popular e eficiente funcionário público do governo e contra a mais corrupta e opressora autoridade local; tal política estimulava mediocridade entre os funcionários públicos.

Principalmente em seus assassinatos a FLN tentava manter uma aparência de legalismo, em parte como justificação para seu ato, em parte para dar ao camponês a idéia de que nada havia de capricho em suas ações, e que portanto o camponês não precisava temer a FLN, desde que compreendesse o que era "legal" e "ilegal", e ainda em parte para insinuar que a FLN ocupava a posição de co-beligerante. Os assassinatos eram realizados após um "julgamento", e um "aviso de morte" era afixado à vítima, cujo corpo era então colocado, às vezes com grande risco para os guerrilheiros, onde fosse visto pelos habitantes da aldeia.

Documentos internos referiam-se frequentemente a deficiências no programa de violências, discutidas nas sessões de crítica e autocrítica. As principais críticas, como demonstram as atas dessas sessões, referiam-se a temeridade em ataques, que resultavam em pesadas baixas bem como fracasso da missão, ou, em outro extremo, timidez e cautela excessiva, principalmente por parte de guerrilheiros que não se dispunham a enfrentar o fogo inimigo. As unidades da FLN enfrentavam amiúde e de bom grado o problema de oposição em sua área imediata, mas com muita relutância empenhavam-se em qualquer luta armada em áreas adjacentes. Finalmente, havia crítica contra dirigentes por "desleixo e indiferença na execução de tarefas". Um estudo desses documentos apresenta uma

imagem de alguns moços zelosos dispostos a executar qualquer ato de violência, qualquer que fosse o risco, e uma grande maioria que insistia em qualquer empresa devia ser sem riscos e a prova de erro. A técnica empregada pela FLN — ensinar os ataques da luta armada até que cada membro do grupo se desincumbisse de sua tarefa à perfeição — era provavelmente reflexo dessa atitude ou de deficiência por parte dos elementos empenhados no programa de violência.

Os usos do terror

Seria de parecer que o principal uso do terror pela FLN fosse inicialmente fazer publicidade de si própria, e que seu principal uso em todas as épocas fosse um meio de eliminar oposição. O terror era usado para imobilizar as forças, inclusive a autoridade do governo, que se; interpunha entre ela e seu domínio sobre as áreas rurais. Por essa razão havia pouco terrorismo em Saigon e praticamente nenhum contra altas autoridades do governo. A FLN, por exemplo, teve muitas oportunidades para matar Diem ou sua família; ao que se saiba, jamais sequer se tentou tal.

Não há como determinar se o terror era empregado pela FLN para finalidade de elevação do moral interno, mas aparentemente não era; os documentos internos referentes a críticas e autocríticas do programa de violência indicavam uma aversão bastante difundida pelo terror por parte das fileiras da FLN; atos de terror bem sucedidos provavelmente elevavam o moral entre os dirigentes. Tampouco o terror era utilizado pela FLN como provocação, ao que parece; pelo menos nunca se descobriram documentos internos que instruíssem os dirigentes nesse sentido; pelo contrário, os dirigentes do movimento de luta eram advertidos de

maneira especial a não permitirem que extremistas da multidão cometessem qualquer violência ou ato terrorista que provocasse o governo ou justificasse retaliação pela força. Se provocarão fosse um motivo teria havido maior uso de terror nas cidades.

Um subproduto do programa de violência da FLN foi a separação física e psicológica do camponês do governo sul-vietnamita. O programa de assassinatos, contudo, visava antes de mais nada à eliminação total da máquina do governo na aldeia; assim sendo, a mortandade resultante era antes caso de assassínio que de terror. Tampouco a FLN realizava o terror segundo um padrão acidental ou indiscriminado. Pelo contrário, o assassinato de indivíduos era realizado com grande especificidade. Por exemplo, se um cidadão era abatido num mercado, poucas horas depois uma campanha organizada de boato começava a assegurar que a vítima teria sido um agente secreto do governo. A FLN fazia um esforço combinado para garantir que não houvesse mortes sem explicações; às vezes chegava mesmo a publicar folhetos negando a morte de determinadas pessoas, asseverando terem sido assassinadas por bandidos mascarados como soldados da FLN.

Os dirigentes da FLN consideravam o uso adequado do terror como o terror aplicado de maneira judiciosa, seletiva e parcimoniosa. Usado dessa forma, o terror produzia paradoxalmente tanto sentimento pró como anti-guerrilheiros entre os camponeses. Por um lado, naturalmente, gerava medo e ódio, geralmente o primeiro predominando. Mas quando relaxado, como numa campanha terrorista de área, um exagerado sentimento de alívio espalhava-se pelos camponeses, que passavam a considerar os guerrilheiros quase tão humanos quanto eles próprios podiam sê-lo. O terror proporcionava melhores resultados na área libertada e era praticamente inútil contra

o inimigo ferrenho. De modo geral, entretanto, os teóricos da FLN consideravam o terror como a arma dos fracos, dos desesperados, ou do líder guerrilheiro ineficiente. Julgavam que a maior parte dos objetivos podia ser alcançado sem sua utilização.

A FLN tinha também diante de si a experiência do Viet Minh na qual o terror supressivo ou dissuasório era considerado como uma ação de consolidação até o estabelecimento do poder do Viet Minh entre os camponeses. De modo geral, a experiência do Viet Minh não recomendava particularmente o uso generalizado do terror desagregador.

Pelo menos um fracasso monumental no uso do terror condicionava também a atitude da liderança FLN. Esse fracasso teve lugar nas montanhas, no verão de 1962, e envolveu os montanheses. Depois de anos de cultivar pacientemente os montanheses, a liderança da FLN chegou evidentemente à conclusão de que a política não lograra resultados positivos e que uma linha mais dura se fazia necessária. Era verdade que apesar de esforços intensos os montanheses permaneciam hostis à FLN, principalmente a representantes vietnamitas da FLN. O programa de controle de recursos do governo nas montanhas (onde se podia morrer de fome) e o trabalho organizacional entre os montanheses, principalmente por parte das equipes das Forças Especiais Americanas, juntaram-se para criar um clima impraticável nas montanhas para os dirigentes da FLN. Quando o alimento escasseava, o dirigente da FLN seguindo uma nova política não hesitava em tomar o alimento ao montanhês e deixá-lo faminto. O acentuado aumento no uso do terror entre os montanheses que daí resultou destinava-se a coagi-lo a apoiar, alimentar e de maneira geral auxiliar os grupos guerrilheiros que operavam nas montanhas. A reação do montanhês a essa utilização de força era um gesto tradicional de descontentamento — a

súbita migração; a população de toda uma aldeia podia desaparecer numa só noite e ressurgir como refugiados em centros militares e civis do governo sul-vietnamita. O êxodo total dos montanheses talvez haja atingido o número de 300.000 pessoas, talvez um terço da população montanhesa total do Vietnã do Sul. A maior parte dessas pessoas foi finalmente reinstalada, e várias delas recrutadas para equipes anti-guerrilheiras.

A partir de fevereiro de 1964, a FLN iniciou uma campanha de terror contra os americanos no Vietnã, fortuita e indiscriminada. É provável que haja elevado o moral entre os terroristas; o bombardeamento da Embaixada Americana a 30 de março de 1965 teve com certeza o objetivo de elevar o moral. A morte de civis americanos, como em explosões em teatros ou campos de esportes, obviamente tornava a FLN conhecida nos Estados Unidos. O terror servia também para desorientar os americanos no Vietnã e criar entre eles um sentimento de isolamento psicológico. E finalmente, as medidas de proteção — barricadas e guardas — tomadas na Escola de Dependentes Americanos e outras instalações civis em Saigon tinham realmente o efeito de transmitir um sentimento de insegurança tanto a americanos como a vietnamitas.

A eclosão inicial de violência intensificada em fevereiro e março de 1964 cessou quase tão subitamente como começara. O autor pode oferecer uma explicação altamente especulativa: a liderança da FLN no Sul, por seu próprio alvitre, tomou a decisão de lançar uma campanha geral de terror contra os americanos a que a liderança de cúpula em Hanói reagiu negativamente — julgando-a taticamente injustificada — e ordenou que cessasse imediatamente, e essa tese é reforçada pelo espaço de tempo decorrido.

XIV. BINH VAN: O PROGRAMA DE PROSELITISMO

Em certos sentidos, a campanha de proselitismo da FLN entre os oficiais e praças do ERVN e entre os funcionários públicos do governo sul-vietnamita era a arma mais mortífera de seu arsenal. Enquanto o governo e seu complexo militar permanecessem intactos e viáveis a FLN não podia pretender uma posição política superior a de um mero pretendente ao trono. A destruição das forças armadas da nação era por conseguinte de importância capital para a liderança da FLN, e destarte ela: procurava atingir os militares e os funcionários públicos de duas maneiras básicas: através de seu programa de; violência, com ataques armados, assassinatos, sequestros; e outros atos de terror destinados não tanto a eliminar quanto a paralisar, e através de seu programa de proselitismo, o binh van.

Este último programa constitui uma tarefa estratégica, dizia um documento do Partido, “que deve ser levada a cabo até o fim da Revolução. (...) Procurar destruir cada inimigo individual. Isso desintegrará um elemento após outro em toda a organização militar do inimigo. Procurar conquistar o inimigo para nosso lado. Infiltrar agentes no exército para o dia da Rebelião Geral. Essas ações devem ser empreendidas

militantemente, pois de outra forma o movimento binh van não logrará êxito.”

Objetivos

A finalidade geral do binh van consistia em destruir a força militar do governo do Vietnã do Sul. O programa, entretanto, era orientado segundo uma gama de objetivos específicos que podem ser classificados em ordem descendente de prioridade para a FLN.

A realização suprema estava em induzir deserções de unidades, preferivelmente acompanhados por algum ato final de sabotagem por parte do elemento desertor, que então unia-se ao exército da FLN. Em ordem de importância seguia-se a indução à deserção individual de militares ou civis, de preferência acompanhada por um ato final de destruição ou roubo de documentos chaves, com o indivíduo unindo-se então à FLN. Seguia-se a indução de deserção de indivíduos ou grupos sem transferência de lealdade para a FLN. Na maioria dos casos o indivíduo voltava para sua aldeia natal e reencetava sua vida de agricultor. O quarto objetivo prioritário consistia em induzir oposição de vulto e significativa entre as forças armadas ou o serviço público, aberta ou clandestina. As greves eram também incentivadas. Depois desses seguiam-se quaisquer atos que metessem uma cunha entre o militar ou funcionário civil vietnamita e os assessores norte-americanos, envolvendo geralmente um suposto ato por parte de um americano de que o vietnamita se ressentisse.

Em sexto lugar vinha a indução de atividade pró-FLN em baixo grau entre oficiais militares ou funcionários públicos, que eram muitas vezes extremamente vulneráveis a medidas

de retaliação por parte da FLN, mas de maneira encoberta de modo que o indivíduo não ameaçasse sua posição. Na prática essa era uma das forças mais eficientes, e certamente a mais insidiosa, do movimento binh van. Sobretudo em áreas inseguras e principalmente para funcionários públicos subalternos, a FLN podia persuadir de que não faria mal algum a um representante do governo, desde que este conseguisse que os programas pelos quais era responsável não fossem postos em prática de nenhum modo eficaz. Isto podia ser obtido através de uma “operação-tartaruga” nas repartições, através de empecilhos burocráticos no programa, ou por falsificação direta de relatórios a escalões superiores. Um comandante de uma patrulha militar, por exemplo, podia dirigir seu grupo ruidosamente por um caminho público e depois de passada uma hora voltar à vila, sem ter feito qualquer esforço real para averiguar a presença de guerrilheiros na área, sem que seus superiores soubessem disso. O efeito era tornar generalizada a mediocridade nos níveis subalternos da administração, numa época em que todo esforço se fazia necessário. Um funcionário público era levado a procurar obter as melhores vantagens possíveis de ambos os lados: podia desempenhar suas tarefas suficientemente a contento para não despertar as suspeitas de seu superior, mas não tão bem a ponto de atrair a hostilidade da FLN.

Finalmente, se nada mais era possível, incentivava-se qualquer ato que servisse para baixar o moral do pessoal militar ou do funcionalismo público. A grande maioria, dos membros do governo eram leais à causa. Alguns odiavam a FLN devido ao que ela estava fazendo ao Vietnã; outros temiam o que uma vitória da FLN significaria pessoalmente para eles; alguns estavam presos a laços familiares que os tornavam automaticamente inimigos da FLN; outros combatiam-na por motivos doutrinários ou religiosos; a oposição resultava de uma vasta gama de motivos. Mas todos

esses indivíduos eram vulneráveis á ataques da FLN contra seu moral, e a FLN empregava contra eles todo o espectro de apelos: certeza de vitória da FLN; traição endêmica, comiseração pelos funcionários públicos empobrecidos, patriotismo, em suma, qualquer palavra ou ato que tendesse a levar o funcionário leal a desanimar.

O programa binh van era aplicado pelas associações funcionais de libertação, pelos próprios dirigentes, indiretamente através de parentes, mediante apelos nos meios de comunicação em massa, e como função do exército da FLN. Especificamente, havia nove técnicas importantes de binh van:

1. Enunciação e constante reafirmação, por todos os meios possíveis, de uma política liberal da FLN com relação a militares e funcionários públicos que abjurassem a causa governista, inclusive prisioneiros.

2. Uso amplo e intensivo de terror e intimidação seletivos, principalmente de natureza psicológica, contra funcionários e unidades militares importantes. Onde possível, as forças guerrilheiras deveriam eliminar inflexivelmente as unidades de elite do ERVN, como as de montanhistas e paraquedistas, embora de modo geral, como observado anteriormente, o exército da FLN não estivesse interessado em matar os militares vietnamitas sem motivos importantes para isso.

O terror era usado frequentemente contra as famílias dos soldados. A chantagem era muito comum. Como a duplicidade desempenhava um papel de grande importância, uma das técnicas mais eficazes consistia em libertar um prisioneiro capturado quase imediatamente após a captura e sem explicação; ao voltar à sua unidade, o soldado verificava que seus oficiais recebiam com grande ceticismo o relato de que a FLN o havia simplesmente soltado, supondo que ele houvesse virado de lado. O soldado era tratado como um

espião inimigo, talvez até mesmo desmobilizado, após o que a FLN tinha nele um alvo fácil para seus esforços de recrutamento.

3. Uso de agentes de infiltração para criar apoio entre os militares e o funcionalismo público.

4. Uso de laços familiares e de amizades para induzir ou coagir o pessoal militar e os funcionários públicos a desertarem, ou servir ocultamente à causa.

Uma campanha de cartas adquiriu proporções gigantescas durante 1963. Muitas cartas continham apenas declarações sutis destinadas a minar o moral; outras estavam cheias de relatos lamentosos sobre tribulações na frente de batalha. Com frequência os dirigentes redigiam as cartas em nome de camponeses analfabetos. Cada associação de libertação de aldeia devia manter um fichário dos nomes das famílias que tivessem filhos ou parentes servindo nas forças armadas do governo.

A comemoração do ano novo lunar (Tet), devido a seu caráter sentimental e porque esperava-se tradicionalmente que cada vietnamita voltasse à sua aldeia natal durante a ocasião, proporcionava à FLN uma oportunidade especial para dar curso à campanha de binh von. A cada Tet havia uma trégua, e solicitava-se de modo geral que cada vietnamita podia viajar com impunidade em qualquer lugar do país, até mesmo na área libertada, desde que a FLN estivesse segura de que ele não era um espião.

5. Movimentos gerais de luta entre os civis, fosse para uso quando entrassem tropas na aldeia ou para finalidades ofensivas, como uma demonstração numa base militar. A luta clássica de binh van envolvia tipicamente uma velha de língua ferina pegando um recruta jovem e ignorante no mercado, censurando-o pela matança e destruição da guerra,

fazendo-lhe perguntas de estratégia militar e de maneira geral fazendo-o sentir-se forasteiro, desprezível e impatriota. Eram frequentes os movimentos de luta nas forças armadas, sobretudo entre as forças de defesa. “Incentive o movimento de luta no exército”, rezava um documento, “incentive as tropas a exigirem licenças para visitarem suas famílias, a exigirem rápida desmobilização, (...) consiga que se recusem a obedecer ordens, (...) e finalmente prepare-as para a Rebelião Geral. (...)”

6. Vários tipos de apelos dirigidos aos militares e funcionários públicos destinados a tornar máximo o dano à máquina militar e administrativa do governo.

A partir de 1964, o movimento binh van aumentou seus esforços com relação aos funcionários públicos. Folhetos distribuídos em repartições públicas informavam ao funcionalismo que “é possível que você não se julgue culpado se não serve ao inimigo com uma arma, mas mesmo aquele que usa uma simples pena contra nós é culpado”. Um memorando instruía os “cadres”: “se um funcionário público simpatiza com nossa causa, ele não merece confiança, estimule-o a desertar; se for simpatizante e merecer confiança, estimule-o a desertar; se for simpatizante e merecer confiança, estimule-o a permanecer em seu emprego e nos ajudar do lado de dentro. (...) Muitos funcionários públicos podem ser persuadidos a nos ajudar através de intimidação.” Com a crescente presença de americanos entre os funcionários públicos nas áreas rurais, a FLN tentou fomentar o ressentimento contra as autoridades do governo.

7. Recompensas tangíveis e intangíveis para desertores.

8. Uso de desertores e prisioneiros. O tratamento dispensado pela FLN aos prisioneiros não era tão generoso quanto propalado. Um camponês ou qualquer outra pessoa

que não gostasse de um prisioneiro podia fazer com que ele fosse julgado por um tribunal na FLN, e os desertores declararam que praticamente todos os prisioneiros submetidos a julgamento era condenados e executados.

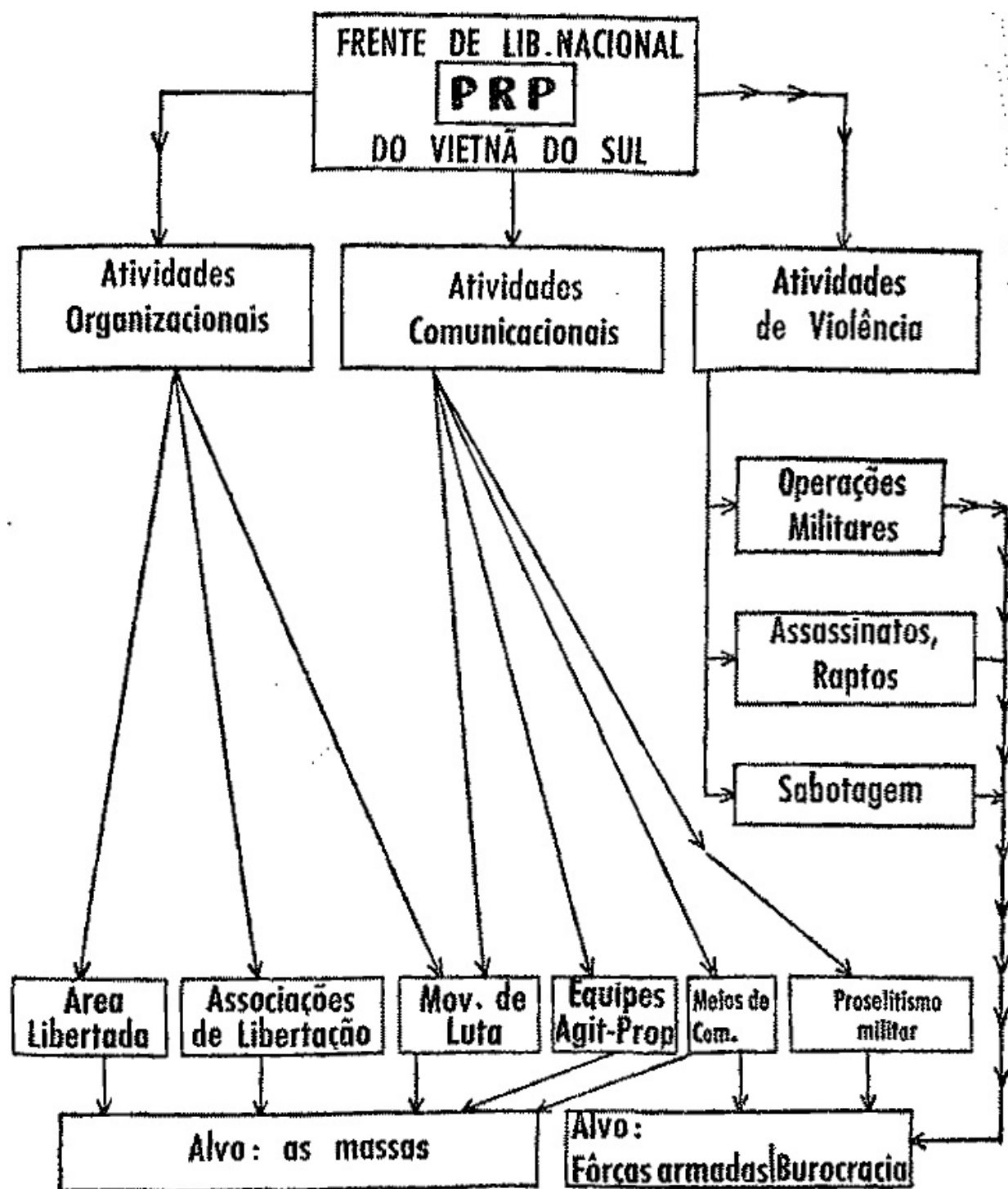
A FLN enfrentava frequentemente um dilema com os vira-casacas voluntários: os desertores eram muitas vezes tipos indesejáveis. Além disso, a FLN enfrentava o problema causado pelo fato de muitos dos aparentes desertores serem agentes do governo sul-vietnamita em missões de infiltração.

Os prisioneiros eram classificados como “prisioneiros capturados”, aqueles realmente aprisionados em combate, geralmente feridos, e “prisioneiros rendidos”, os aprisionados em combate sem resistência ou em resultado de sequestro em estradas. Aqueles que simplesmente entravam espontaneamente na área controlada pela FLN eram olhados com maior suspeita do que aqueles que realizavam um ato aberto de compromisso, como matar um oficial do ERVN, antes de desertar. Os dois tipos de prisioneiros e o primeiro tipo de desertor eram vigiados cuidadosamente, ainda que geralmente não ficassem encarcerados. Todos os quatro eram submetidos a sessões intensivas de doutrinação e frequentemente “examinados” por dirigentes que verificavam a modificação de suas atitudes políticas. Mais cedo ou mais tarde todos os prisioneiros eram libertados, desde que ninguém levantasse contra eles a acusação de “inimigos do povo”. O principal uso de desertores, prisioneiros cooperantes e “partidários” estava na fomentação do movimento binh van.

Os prisioneiros americanos (pelo menos os libertados) recebiam um tratamento razoavelmente humano. O autor conversou com quatro, inclusive um civil, e todos disseram que embora a vida como prisioneiros fosse dura não era muito pior que a dos próprios guerrilheiros. Em pelo menos

dois casos, prisioneiros americanos foram fuzilados pouco depois da captura, mas aparentemente em ambos os casos para impedir seu salvamento. Em 1964 a atitude da FLN com relação aos prisioneiros americanos tornou-se mais drástica e é possível que haja ocorrido a execução imediata deles. Há motivos para se acreditar que a FLN estivesse interessada em conservar um certo número de americanos para utilização como peões de troca em negociações futuras.

9. Vários esforços entre reservistas em potencial para se oporem à conscrição militar,

É difícil fazer uma avaliação geral do êxito do movimento binh van. É de parecer, apesar do esforço intensivo realizado, que a campanha não afetou substancialmente a eficiência das forças armadas vietnamitas. Até onde o autor pôde observar, o soldado médio do ERVN, quando adequadamente dirigido, era um combatente duro, resoluto e eficaz. A aparente falta de maior sucesso do movimento binh van constituiu-se num tributo tanto à sua sagacidade como ao seu patriotismo. Vale também notar que nenhuma autoridade importante do governo sul-vietnamita ou nenhuma figura notória do país jamais desertou para a FLN.

Organograma 15-1: atividades da FLN/PRP

XV. A ÁREA LIBERTADA: PROGRAMA

Introdução

O interesse da liderança da FLN por sua "área libertada” nasceu diretamente da experiência do Viet Minh e dos comunistas chineses: a necessidade de uma base segura de onde as forças militares da FLN pudessem operar e para onde pudessem periodicamente voltar para recuperação e novo treinamento; a necessidade de evidenciar que a FLN era uma entidade político-governamental permanente e não um simples aglomerado de grupos guerrilheiros; e a necessidade de começar a fazer as mudanças sociais fundamentais necessárias para a criação da nova sociedade que um dia seria organizada.

A área libertada era considerada essencial: “Um estudo das guerras no Vietnã, Cuba, Coréia, Argélia e outros países mostra que a combatividade do povo e suas áreas de retaguarda compactamente consolidadas foram os principais fatores de suas vitórias sobre os agressores imperialistas”, escreveu o general norte-vietnamita Hoang Van Thai.

As primeiras referências públicas da FLN à área libertada foram vazadas em termos vagos. Já em 1962 tanto a FLN como a RDV afirmavam que “três quartos do país e metade

da população encontram-se atualmente libertados”, e continuaram a usar o número de três quartos durante os três anos seguintes. Nenhuma parte do Vietnã e certamente nada parecido com três quartos do país foi vedado ao ERVN durante esse período, e a maior parte do país podia ser atravessado com relativa segurança por unidade do tamanho de companhia.

Na verdade, qualquer discussão a respeito da área libertada versus não libertada como uma categorização nítida e definitiva, era tanto inútil quanto irrealista. Para a FLN uma área libertada era aquela onde ela exercia um controle social contínuo e predominante; isto podia ou não significar a presença de militares ou funcionários do governo do Vietnã do Sul. A área não tinha de ser inviolável, segura ou remota.

Em outras áreas, o Viet Minh, e mais tarde a FLN, organizaram as vidas da população durante quase duas décadas em algo muito semelhante a um estado comunista. Nessas áreas — nunca mais de 10% das aldeias da nação — criou-se uma situação inédita, uma sociedade quase-comunista dentro de uma sociedade não-comunista. Seus objetivos, demonstrados por uma grande quantidade de documentos, diretrizes e memorandos internos aos dirigentes eram ordem interna, segurança externa, bem-estar coletivo e justiça de classe, nessa ordem; sua economia, coletivismo e competição socialista; seus instrumentos políticos, hábito e violência; seu manto de autoridade, ritual e simbolismo. Onde possível, usava a estratégia de persuasão e consentimento racional, provavelmente insuficientes sem o uso adicional de coerção ou ameaça de coerção. A obediência política era gerada pelo interesse pessoal e pelo hábito do camponês, mas também pelo medo e pela força. Os camponeses vietnamitas nas áreas de antigo controle comunista não se lembravam de

outro governo e olhavam a administração da FLN com inércia, deferência, simpatia ou entorpecida resignação.

Em prol dos interesses da FLN atuavam as organizações sociais criadas especificamente por ela, principalmente a célula, que proporcionava uma forma ampla e direta de controle social, e as associações funcionais de libertação, que eram instrumentos para o lançamento de diversos projetos de interesse mútuo, bem como dispositivos de controle social auto-normativos. Contra o processo atuavam o ceticismo e o cinismo inatos do camponês vietnamita; resistência à agitação constante; a eterna ameaça de desmoralização representada por Saigon como uma alternativa; e, finalmente, a natureza um tanto alienígena de toda a experiência, que equivalia a desarraigar toda uma situação social e substituí-la por outra, transplantada de outro lugar e de outro tempo.

Vigorosas sanções sociais — físicas, psicológicas e econômicas — eram empregadas para levar os recalcitrantes à conformidade, o grau de controle variava amplamente; era determinado sobretudo pelo tamanho da aldeia, a extensão de tempo em que a FLN exercera influência e pela viabilidade das organizações criadas, em grande parte reflexos da capacidade dos dirigentes,

Para os de fora a FLN pintava a área libertada como uma espécie de Shangri-La e tranquila, onde não só a hostilidade como até mesmo a animosidade haviam desaparecido. Para os que viviam nela, entretanto, a área era um lugar de tarefas urgentes, um vasto canteiro de construção social. Havia vilas de combate a construir, produção alimentícia a aumentar, unidades militares a serem formadas e treinadas, impostos de “defesa nacional” a pagar e espiões a expulsar.

Sistemas de doutrinação

O sistema de doutrinação da FLN nas áreas em que exercia controle firme, e em condições de continuidade, tomava três direções básicas:

1. O atrelamento das forças sociais. O que a FLN levava para a aldeia vietnamita que controlava era ordem e sistema; levava interpretação e respostas a perguntas, valiosas sobretudo para os jovens; levava interesse pelos problemas da população em parte fingido, mas geralmente real. Acima de tudo, levava organização e, na falta de qualquer competição adequada, isto não podia deixar de ter impacto.

2. Apelos a um idealismo latente que oferecia ao camponês vietnamita um novo caminho através do qual ele podia ajudar os infelizes do mundo, inclusive ele próprio. Mobilizava seus melhores impulsos — infelizmente para os piores objetivos finais.

3. Apelos racionais ou interesse pessoal. A FLN propalava dever existir uma relação entre o zelo revolucionário e recompensas, que o envolvimento pessoal na luta pela libertação devia trazer honra, prestígio e posição social, ou mais ganhos materiais. Em muitos casos isto equivalia praticamente a suborno; ao camponês vietnamita, oferecia-se aquilo que ele mais desejava: terra. Em torno da terra e da solução para a posse agrária, a FLN construiu seu sistema de doutrinação.

Posse agrária

Numa sociedade essencialmente agrícola como é o Vietnã, o interesse suscitado pela terra e pela posse agrária só perde para o interesse pelas condições do clima, e nas áreas em que terra era uma questão importante — o delta do Mekong e as planícies do litoral — a FLN fez uso pleno dela. Os dirigentes eram instruídos a transformarem todos os problemas em problemas de terra. Por exemplo, a vila estratégica era descrita como uma técnica para privar o agricultor da terra (a área sobre a qual a vila estava edificada) ou como um meio de dar terras más aos agricultores em troca de terras boas.

A FLN começou seu programa administrativo com relação à terra dando continuidade ao programa de redistribuição agrária do Viet Minh. Procurava servir ao camponês dando-lhe terra, mas em circunstâncias que, pelos padrões do governo sul-vietnamita, eram ilegais. Assim, o agricultor que aceitava a terra da FLN prendia-se à sua estrutura socioeconômica. Passava a ter interesse no sucesso da FLN. Em suma, a própria terra que o sustentava tornava-se um meio de doutrinação.

Especificamente, a expropriação e a redistribuição de terras consistiam em, primeiro, o confisco de “toda terra pertencente aos imperialistas e seus agentes”, uma classificação vaga e sujeita a várias interpretações locais, e subsequente distribuição dessas terras aos agricultores locais; ou, segundo, na compra, dos “proprietários patriotas”, de parte de suas propriedades, “dependendo a área a eles deixada para cultivo da situação local”, sendo também a terra comprada entregue a agricultores locais. Em ambos os casos o lavrador recebia a terra gratuitamente, em geral em cerimônias em que se entregavam imponentes “títulos” agrários; o sistema do governo sul-vietnamita exigia que a terra fosse comprada.

A primeira ação — tomada de terras em posse do inimigo — não apresentava problemas internos à FLN; a segunda, sim. O “latifundiário rico” era um inimigo; o “proprietário patriota”, não; às vezes era difícil estabelecer distinção entre os dois. O “proprietário patriota” era uma pessoa com quem a FLN ainda esperava se entender; geralmente não era um proprietário ausente, e sim um fazendeiro próspero que cultivava parte de suas terras e arrendava o resto; Todo esforço era feito para não aliená-lo; muitas vezes permitia-se que ele conservasse toda sua terra, desde que cobrasse rendas apenas “razoáveis”. Abaixo dele, economicamente, vinha o fazendeiro “médio”, que possuía e cultivava sua própria terra, e, a seguir, o agricultor “pobre” ou sem terras.

A FLN não se opunha ao direito de o camponês vietnamita possuir ou arrendar terras, um fato que criava entre os marxistas mais ortodoxos a convicção de que a política era burguesa, insuficientemente revolucionária e uma negação do antigo lema “Terra para os Lavradores”. Para resolver essas discussões, o PRP publicou uma declaração de política agrária, mais tarde republicada pelo Nhan Dan a 1 de fevereiro de 1965, que afirmava que a política agrária da FLN não era antirrevolucionária e era, de qualquer forma, uma tática provisória necessária.

Contudo, para que o camponês vietnamita fosse beneficiado pelos programas agrários, esperava-se também que ele mantivesse a FLN através de “impostos de arroz” que iam diretamente para os dirigentes da FLN. Como maior produção significasse maior renda para a FLN, havia um esforço intensivo para elevar os rendimentos agrícolas. A campanha resultante, o conhecido artifício coletivista chamado movimento de emulação, não só enchia os cofres da FLN como também servia como um segundo instrumento de doutrinação para aumentar o apoio ideológico e o comprometimento com a causa.

O movimento de emulação

Antigo dispositivo social comunista, o movimento de emulação era um intensivo esforço de mobilização a curto prazo para algum fim específico, desenvolvido principalmente entre os agricultores e destinado a aumentar a produção agrícola, aumentar a vigilância revolucionária contra espiões ou ajudar a resolver qualquer outro problema específico enfrentado no momento pela liderança. Um documento interno descrevia a campanha de emulação como “um meio essencial e patriótico de produzir feitos que aceleram a Revolução”. Relacionava os principais tipos de emulação na área libertada como sendo: produção, frugalidade, eliminação de desperdício, campanhas de arrecadação de fundos, campanhas contra o analfabetismo, alistamento em grupos guerrilheiros, binh van e treinamento. As campanhas podiam jogar indivíduo contra indivíduo, célula contra célula, aldeia contra aldeia, organização contra organização, ou, dentro da aldeia, uma associação de libertação contra outra associação de libertação, seção administrativa contra seção administrativa, ou comitê executivo contra comitê executivo. O resultado era julgado por um representante do escalão imediatamente superior, que concedia o devido reconhecimento público e às vezes recompensas mais materiais. Declararam os desertores que um dos meios mais rápidos pelo qual um dirigente podia crescer em prestígio ou ser promovido consistia em realizar algum feito extraordinário durante um movimento de emulação.

Em tom, direção, fases de atividades, declarações de objetivos, recompensas — de todas as formas a campanha de emulação da FLN correspondia à conhecida instituição

comunista, a campanha de competição socialista, como o movimento estacanovista na URSS.

Educação

Na área libertada, as atividades educacionais distinguiam-se da doutrinação em termos de organização, mas não em conteúdo.

A FLN abriu ou tomou ao governo sul-vietnamita numerosas escolas primárias, de três a seis séries; classes de educação de adultos, chamadas geralmente de programa de educação das massas; escolas culturais suplementares; uma escola normal; e classes especiais para o treinamento de dirigentes, como, por exemplo, um curso de seis meses em inglês, para representantes da FLN em missão no exterior. O programa de doutrinação da FLN ressaltava a educação de adultos, dando ênfase especial à leitura e à aritmética. As professoras eram cuidadosamente selecionadas e supervisionadas.

Um manual datado de meados de 1961 observa que "os professores devem ser escolhidos entre os rapazes e moças da área, membros da Liga de Juventude Lao Dong, e outros que compreendam a necessidade de se promover a consciência de classe. (...)" Os currículos eram destinados a servir aos interesses do partido, as lições baseavam-se geralmente em experiências "práticas" como luta revolucionária e esforços de produção.

A utilidade do ódio

Se havia uma essência no esforço de doutrinação da FLN, se havia uma emoção que a liderança julgava ser mais útil do que todas as outras juntas — era o ódio. Todo ato da FLN era cercado por uma aura de ódio. O movimento de luta, com seu tema implícito de que não havia neutros, apenas amigos e inimigos, tentava levar os camponeses a frenesis de ódio. O sistema de doutrinação decretava que os melhores líderes eram aqueles com maior capacidade para odiar. “Para conduzir as massas para a Revolução, a divisão de agitação-propaganda deve fazê-las odiar o inimigo”, declarava uma diretriz do Comitê Central. Os líderes eram criticados por seu fracasso em explorar a emoção, e instruções específicas determinavam o uso liberal de exemplos de supostos sofrimentos e atrocidades. A única limitação imposta à utilização de temas de atrocidades para promover o ódio estava em não levá-los longe demais a ponto de provocar temor.

XVI. À ÁREA LIBERTADA: ADMINISTRAÇÃO

A FLN procurava criar uma área libertada em que a ordem fosse mantida autonomamente. Que isto nunca foi conseguido foi evidenciado à saciedade pela preocupação da liderança com as condições e acontecimentos que juntava em memorandos internos como tendências contrarrevolucionárias, ou seja, qualquer desvio por parte de indivíduos sob o controle da FLN ou qualquer ameaça gerada ou apoiada internamente contra o sistema, que representava os principais problemas administrativos.

Princípios administrativos

Várias práticas administrativas da FLN estavam evidentes nos documentos da FLN examinados, das quais as mais significativas eram:

1. Em determinação e execução de política, a principal prática seguida era grande centralização em planejamento e formulação — quase toda no nível do Comitê Central nacional — e descentralização em execução. Concedia-se latitude a comitês de baixo nível na adaptação de diretrizes a circunstâncias locais, mas suas atividades eram

submetidas periodicamente ao mais detido escrutínio por equipes itinerantes de inspeção de níveis mais elevados.

2. Na divisão de trabalho, a estrutura funcional consistia em (a) o nível supremo para planejamento e supervisão do trabalho de organização; (b) o nível de interzona para treinamento, doutrinação e orientação política para atividades de agitação e propaganda; (c) um nível administrativo em nível de província que transformava diretrizes em planos operacionais e tinha a seu dispor vários especialistas em arrecadações de fundos, campanhas de agitação e propaganda, infiltração em organizações não-comunistas (como os grupos budistas) e peritos em informações, sabotagem e terror.

3. A área operacional era quase exclusivamente rural, como uma estrutura administrativa que excluía deliberadamente as cidades maiores; mesmo nos escalões inferiores, como no nível provincial, criavam-se unidades especiais para trabalhar nas maiores cidades das províncias.

4. Para recrutamento a FLN estava interessada apenas nos jovens; e os desertores declararam que pouco interesse era demonstrado por maiores de 25 anos, a menos que exibissem algum talento especial.

5. O comportamento administrativo era estruturado de forma a sugerir legalidade e governo legítimo.

Acima de tudo, na área libertada a administração constituía um esforço para criar e manter uma população isenta de desencanto, imune à influência do governo sul-vietnamita, e na verdade hostil a qualquer atividade contra a FLN, qualquer que fosse sua fonte. Além disso, naturalmente, a FLN enfrentava os problemas normais de governo. Um problema importante originava-se da atitude tradicional do

vietnamita com relação a governo; o governo ruim era odiado, o governo bom era considerado melhor, mas o melhor era não haver governo nenhum, ou um governo que nunca se imiscuísse nas atividades diárias do cidadão. Quando "soavam os tambores” do representante da FLN, o camponês vietnamita sem muita pressão adiantava-se e assinava uma petição que outra pessoa qualquer entregaria ao chefe distrital. Entretanto, qualquer solicitação além de tal gesto simbólico seria recebida com indiferença, evasivas convincentes ou, pior ainda, hostilidade.

Um dos meios empregados pela FLN para vencer essa atitude consistia em recrutar como presidente do comitê da associação de libertação da aldeia a pessoa de maior prestígio local, em torno de quem ela congregava, sobretudo na vida de combate, uma rede de verdadeiros crentes. O comitê da associação administrativa de libertação da aldeia e aqueles que lhe estavam ligados deviam agir como "cidadãos patriotas e vigilantes”, ou seja, vigias e delatores de seus vizinhos, informando o nível distrital das heresias ocorridas.

Autoridade e adjudicação

Havia um esforço para tratar as questões de autoridade e mais tarde de adjudicação com uma certa medida de racionalidade — com mais racionalidade na última do que na primeira. A autoridade era essencialmente negativa, negando ao governo acesso ao povo, negando que tivesse o direito a acesso. A FLN temia ameaças reais ou imaginárias à sua autoridade.

A área libertada tomava o caráter de um romance de espionagem, cheio de agentes, contra-agentes e agentes

duplos. Documentos da FLN advertiam os dirigentes sobre um número interminável de estratagemas e artifícios do governo sul-vietnamita. A duplicidade tornava-se a norma, a suspeita o meio de sobrevivência.

Além do agente secreto, a FLN enfrentava as atividades do inimigo nativo, o camponês que resistia ao controle da FLN e procurava ocultamente minar sua autoridade. Maiores esforços de doutrinação, dizia-se aos dirigentes, eram a principal defesa contra tais atividades.

Uma seção de segurança no nível interzonal era responsável por questões de contrainformação e segurança. Atuava também como uma espécie de divisão de polícia para tratar de crimes cometidos ou dentro das fileiras da FLN, como roubo de fundos, ou dentro de áreas controladas pela FLN. Dois outros sistemas de execução legislativa ajudavam a administrar justiça. Em cada sede de comitê central provincial, e possivelmente em outros níveis, um assistente de proteção policiava a equipe da sede. Dedicava-se principalmente a casos de não-cumprimento do dever, corrupção e suborno. A Associação de Libertação dos Agricultores em nível de aldeia tratava, numa base quase judicial, daquilo que se poderia denominar casos cíveis — disputas sobre posse agrária, por exemplo. Em áreas seguras, a associação de libertação da aldeia tratava de crimes pequenos ou de, contravenções mais ou menos como um distrito policial, mas crimes dessa espécie eram raros na aldeia vietnamita.

Recrutamento

Depois das medidas de segurança estavam para o “Cadre” administrativo da FLN os esforços visando a fortalecer a

estrutura organizacional, inclusive a tarefa contínua de recrutamento.

O recrutamento, sobretudo para as unidades guerrilheiras, muitas vezes, senão normalmente, envolvia a manipulação de laços familiares. Se um membro de uma família era recrutado, o recrutamento dos outros membros tornava-se infinitamente mais fácil. A maioria dos infiltradores da RDV, principalmente nos primeiros tempos da FLN, retornavam às suas aldeias natais, estabeleciam contato com seus parentes e procuravam seu apoio. A lealdade familiar quase sempre fazia com que o infiltrador não fosse denunciado ao governo; tal ato traria vergonha para a família, primeiro porque um membro era desleal, e segundo porque a própria família cometia a traição. A fuga à conscrição militar lançava não só o insubmisso nas fileiras da FLN como também sua família. O mais eficiente de todos os métodos de manipulação familiar era o sistema de refém duplo: um rapaz era alistado, muitas vezes à força, entre os guerrilheiros e levado a servir numa parte distante do país. Era advertido de que a menos que servisse hem sua família sofreria represálias; a família, por sua vez, era obrigada a servir à FLN em movimento de luta ou fornecendo alimento, abrigo, informações e dinheiro aos guerrilheiros locais, sob ameaça de represálias contra o filho. Muito raramente o filho e sua família conseguiam estabelecer contato entre si e combinar uma evasão ao mesmo tempo, ele de sua unidade e a família da aldeia, encontrando-se em algum ponto seguro.

A vila de combate

Como a área libertada só tinha significado na medida em que era acompanhada por presença e permanência da FLN, a presença clandestina teve finalmente de ser substituída por um símbolo mais concreto. Tal símbolo era a vila de combate. Cumpria negar acesso ao governo a essas vilas, e isto exigia medidas militares defensivas, sendo a vila de combate uma vila estratégica em sentido contrário. As unidades guerrilheiras desempenhavam papel importante na construção da vila de combate e suas defesas assemelhavam-se bastante às da vila estratégica.

A administração dessas vilas levou mais além o sistema administrativo semiautônomo e multifário da estrutura de comando da FLN. O comitê administrativo da aldeia, as organizações funcionais da Frente e as equipes guerrilheiras paramilitares estavam consolidados num único comitê administrativo a que estavam ligados diversos comitês especiais para o tratamento de feridos, manipulação de suprimentos, trabalho de higiene e realização de atividades educacionais e culturais. Havia na vila de combate uma entidade organizacional distintamente nova, a equipe de auxílio mútuo, uma espécie de cooperativa rudimentar, um típico primeiro passo, numa nova sociedade comunista. A equipe era usada para agricultura e para projetos de irrigação e drenagem.

Assistência médica

A assistência médica, um fator moral óbvio, recebia considerável atenção na área libertada, ainda que permanecesse rudimentar, mesmo segundo os padrões vietnamitas. Cada vila de combate devia manter um posto de assistência médica, que consistia num complicado

conjunto de primeiros socorros manejado por um especialista em primeiros socorros, geralmente uma mulher; a vila mantinha também uma ou mais parteiras, uma figura tradicional na zona rural vietnamita.

Nos primeiros tempos os grupos guerrilheiros foram até mesmo tentados a proporcionar tratamento e assistência aos feridos e enfermos, mas tiveram contra si a falta de instalações fixas próximas. Mais tarde criaram-se instalações mais completas, geralmente aglomerados de casas cobertas de sapé que serviam como hospitais centrais para os guerrilheiros e às vezes para civis. Eram dirigidos por médicos, inclusive alguns de Hanói, e seu pessoal era constituído na maioria por mulheres.

Organizações internacionais de frente comunista e grupos privados tanto do bloco comunista como fora dele anunciavam frequentemente o envio de drogas e instrumentos médicos para a FLN via Hanói. As drogas eram tiradas do ERVN e de instalações médicas e de leprosários durante ataques, de comboios de suprimentos médicos em emboscadas ou através de compras ilegais. Drogas e principalmente antibióticos eram comprados em Saigon ou em Phnom Penli com facilidade, pois de modo geral o governo sul-vietnamita não fazia esforços sérios para deter o fluxo de materiais médicos.

A comunicação entre os vários níveis de comando da FLN consistia num sistema primitivo de esconderijos de mensagens secretas e postos intermediários ligados por corredores, mensageiros ou viajantes simpatizantes em quem se podia confiar. Através desse sistema passavam diretrizes, relatórios e mensagens gerais. No Comitê Central nacional e nos níveis de interzona e no Exército de Libertação usavam-se meios de comunicação mais sofisticados, principalmente o rádio.

A RDV afirmava que a FLN possuía no Vietnã do Sul um completo serviço postal, telegráfico e telefônico. No princípio de 1964 a RDV pôs a venda para filatelistas de todo o mundo uma série de selos que dizia estar em utilização no Vietnã do Sul; levavam a inscrição “Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul”. Na realidade a FLN não possuía qualquer espécie de serviço postal que exigisse selos, nem tampouco operava o mais rudimentar serviço telegráfico ou telefônico.

Sistema de inspeção

Pode-se reunir uma descrição da equipe de inspeção da FLN através de um estudo minucioso de relatórios de inspeção capturados. Isto significa olhar o processo apenas através dos olhos do inspetor, pois infelizmente não dispomos de qualquer descrição de como o processo era visto pelos inspecionados, embora não devesse ser uma experiência agradável. A atitude geral que a equipe de inspeção tentava demonstrar era de crítica construtiva. A equipe não só descobria erros e fazia preleções aos líderes faltosos como também tentava, através de sessões de doutrinação, corrigi-los. Os inspetores vinham de sedes provinciais e talvez zonais. Seus relatórios caracterizam-nos como pessoas obstinadas, sérias e experientes; indubitavelmente eram comunistas dedicados e ferrenhos, talvez os melhores dirigentes disponíveis. Em seus relatórios se percebe, além de uma extraordinária ausência de elogios, uma crítica universal, impaciente e vigorosa. Nada aquém da perfeição satisfazia o inspetor, e ele nunca a encontrava.

Uma equipe típica consistia num chefe de equipe e dois inspetores. Passava em média duas semanas numa área

mais ou menos do tamanho de um distrito, dois terços desse tempo dedicado a sessões com os líderes distritais e um terço a reuniões e conferências com a associação de libertação e com líderes das associações funcionais. Sempre que dispunha de um momento livre, um inspetor vagava entre a população de uma aldeia, conversando com as pessoas e tentando avaliar suas atitudes com relação a vários projetos chaves. Uma equipe de inspeção verificou que

a organização de peritos era fraca e eles não eram capazes de conduzir adequadamente o movimento de luta. (...) As relações entre os líderes e as massas eram precárias. (...) Havia dentro das organizações muitas deficiências, como um número excessivo de membros idosos e de pessoas jovens demais. (...) O moral dos membros era baixo, (...) seu conhecimento de política, dever e de sua missão era medíocre, (... os líderes não conheciam suas tarefas, o Partido e o comunismo, (...) não compreendiam os princípios do movimento de luta. (...) Quando interrogamos os líderes sobre esses assuntos, verificamos que suas respostas eram confusas e imprecisas, (...) Os membros da equipe de investigação ficaram muito fatigados. (...)

Parte disso deve ser descontado como crítica comunista tradicional. Contudo, ilustra que a FLN achava mais fácil organizar o povo do que mantê-lo organizado e dinamizado.

Atividades fiscais

A atividade era para a liderança da FLN, como tudo mais, um instrumento de motivação. Se uma família rural não podia dar outra coisa à Revolução, podia doar parte de sua colheita anual de arroz, um gesto importante, não só porque os guerrilheiros necessitavam de alimentos como porque a doação constituía um ato de compromisso, uma identificação psicológica com a causa.

O tema mais comum nas diretrizes referentes à atividade econômica era autossuficiência e frugalidade. A regra de requisição nas forças militares era: se quer alguma coisa, tire-a do inimigo. Na economia civil a regra era passar sem o desejado. O resultado era uma menor drenagem dos recursos econômicos da organização, bem como uma máquina econômica um tanto simplificada. Algumas despesas, entretanto, não podiam ser evitadas: os custos de subsistência e de manutenção das unidades militares não empenhadas em trabalho de produção; salários ou despesas pessoas de líderes e especialistas em tempo integral da FLN; e material militar, material de impressão, máquinas operatrizes e outros materiais que não podiam ser obtidos localmente.

A estrutura financeira da FLN consistia numa série de comitês financeiros interligados desde o Comitê Central nacional até a aldeia. O nível mais importante era talvez o comitê financeiro provincial, que realizava o planejamento orçamentário, supervisionava todo o trabalho de produção na província e cobrava os impostos nas cidades e nas áreas urbanas.

Para financiar sua Revolução, a FLN contava com quatro fontes de renda. A primeira era a contribuição espontânea, um sistema de arrecadação de fundos em que se aplicava pressão social, mas não força. Nos primeiros tempos da FLN

essa contribuição espontânea, mais o dinheiro recebido de Hanói, era a única fonte de renda da organização.

A partir de meados de 1985, a FLN começou a fazer maior uso do chamado Bônus de Guerra do Viet Cong. Esses bônus eram vendidos ou impingidos a sul-vietnamitas como um meio de arrecadar fundos adicionais. Os bônus eram supostamente restituíveis em cinco anos. Pelo menos 50 por cento da renda da FLN no princípio de 1966 provinha da venda desses bônus.

A segunda fonte de renda era o imposto de libertação, concebido e apresentado aos camponeses como um imposto legítimo, embora na realidade fosse pura extorsão. A maior parte do imposto advinha de tributação sobre três atividades econômicas: rizicultura, produção de borracha e de chá e madeiração. O resto vinha da indústria de transportes, beneficiamento de arroz e fabricação de tijolos e carvão.

A estrutura tributária, como todas outras atividades da FLN, baseava-se primordialmente em considerações sociopolíticas. Por exemplo, uma diretriz da FLN sobre impostos declarava que “o principal objetivo do sistema tributário consiste em fazer com que o povo reconheça seu dever para com a Revolução. (...)” O agricultor era o principal esteio econômico da FLN, Até mesmo o lema da FLN, usado em campanhas de arrecadação de recursos, proclamava: “Rendas agrícolas — sangue da luta pela libertação do Sul”. Como esforço colateral para sua própria cobrança de impostos, a FLN impedia a cobrança de impostos pelo governo onde quer que fosse possível, até mesmo a ponto de assassinar os coletores nas aldeias. Quando o governo deixava de cobrar os impostos, a FLN se proclamava como o único “coletor legítimo de impostos” na área.

A terceira fonte de renda da FLN era o dinheiro extorquido dos ricos e vulneráveis. Os métodos incluíam extorsão, resgate, chantagem, exigências de dinheiro a grandes firmas sujeitas a sabotagem ou simples assaltos a mão armada. Na prática, a FLN arrecadava dinheiro de toda atividade econômica que pudesse pelo menos parcialmente controlar. Até onde ia esse controle, ninguém podia dizer com segurança. Compreensivelmente, como tais pagamentos eram ilegais de acordo com a lei do país e como os violadores estavam sujeitos a multas severas, esses empresários negavam veementemente as alegações.

Outra forma de renda extorquida era o confisco, ou aquilo que se chamava “a ração de necessidade”, na qual o grupo guerrilheiro tirava o que necessitava, geralmente dinheiro, e oferecia em troca ou um recibo ou vale a ser resgatado depois da vitória. As mercadorias e o dinheiro arrecadados deviam ir para os cofres da FLN e não permanecer com a unidade militar. Outra forma de renda extorquida era o assalto de motoristas em estradas, que serviam também como instrumento de propaganda.

As empresas de produção constituíam a quarta fonte principal de renda da FLN. Os camponeses das áreas fora de controle do governo eram congregados em várias atividades econômicas, principalmente agricultura coletiva. A vila de combate servia de base econômica para esse esforço de produção. Um documento interno do Comitê Central datado de 1963 declarava que embora a principal fonte de renda continuasse a ser as contribuições dos camponeses, os líderes deveriam procurar desenvolver vários empreendimentos econômicos na área libertada, não só para criar autossuficiência como também para proporcionar rendas para as atividades da FLN.

O orçamento da FLN para o ano de 1964 foi estimado em um bilhão de piastras, ou seja, cerca de US$ 75 milhões. Até onde se pôde determinar, os recursos levantados no Sul representavam apenas cerca de 80 por cento das despesas totais, sendo o déficit coberto pela RDV.

Como grande parte da economia do Vietnã era de troca, os pagamentos à FLN tomavam muitas vezes a forma de produção que era entregue a seus representantes como pagamento em espécie. De modo geral, cerca de 10 por cento dos impostos de libertação coletados ficavam no nível fiscal, mais ou menos 30 por cento iam para os dirigentes no nível distrital, e os 60 por cento restantes eram encaminhados ao comitê central provincial. De vez em quando, na medida das necessidades, o Comitê Central nacional fazia incidir tributações especiais sobre os comitês provinciais. As despesas, como observado, eram dirigidas quase totalmente pelos comitês financeiros provinciais.

XVII. EXTERIORIZAÇAO: A PROJEÇÃO DA IMAGEM DA FLN NO EXTERIOR

Um exame das tentativas da Frente de Libertação Nacional para se tomar conhecida e estender sua influência além das fronteiras do Vietnã do Sul lança-nos imediatamente num mundo de faz-de-conta. Pouco depois de sua formação, a FLN assumiu a posição pública de ser o "verdadeiro representante" do povo sul-vietnamita. Durante cinco anos a liderança trabalhou infatigavelmente para desenvolver a idéia de que governava a maior parte da população e desprezou o governo de Saigon como um mero pretendente ao trono, uma "autoridade rebelde". Apesar dessa posição e de seus adornos quase-governistas, a FLN nunca se declarou formalmente como o governo do Vietnã do Sul.

Em seus primeiros tempos, a liderança da FLN ocultava-se em pântanos, fugindo à aproximação de qualquer força militar vietnamita considerável. Mesmo mais tarde, nunca teve os atributos de um governo ou de um ministério do exterior. Como uma organização governamental que dirigia as relações exteriores, só existia nas cabeças de seus planejadores e nas daqueles que, mesmo vivendo fora do Vietnã, beneficiavam-se representando a farsa. Entretanto, o esforço de exteriorização não podia ser negado com

tamanha facilidade. O que fora afirmado, por mais que patentemente inverídico, após cinco anos de esforço tomou-se relevante, pois pessoas e governos agiam como se se tratasse de uma realidade.

Primeiros esforços

Um exame do esforço de exteriorização da FLN demonstra sua orientação internacional e mostra mais graficamente que qualquer outro meio sua natureza altamente comunista. Ao procurar apoio no exterior, a FLN, desde o começo, não se voltou para indivíduos, organizações e nações liberais não-comunistas, como teria feito uma revolução autenticamente favorável à democracia. Ao invés disso, estabeleceu e manteve vínculos com organizações internacionais de frente comunista e com nações do bloco comunista, com nações como Cuba, Indonésia e certas nações africanas cujas políticas exteriores serviam à causa comunista em praticamente todas as maneiras.

O anúncio da formação da FLN em dezembro de 1960 foi recebida com indiferença geral pelo mundo, mesmo em muitas nações comunistas. No fim de 1961, provavelmente em dezembro, o Comitê Central da FLN decidiu lançar uma grande campanha de exteriorização. Um estudo das declarações públicas externas no primeiro ano indica que a FLN buscava um objetivo tríplice: apresentar-se e propagandear-se à mais ampla audiência mundial possível; remover o mais possível qualquer estigma de ilegalidade; e tomar-se aceita e tratada como parte autêntica do cenário diplomático mundial. Inicialmente o esforço consistiu na emissão de uma inundação de comunicações não solicitadas — congratulatórias, denunciatórias e explanativas — a

nações do bloco comunistas e nações mais receptivas não-comunistas. O leitor pode levantar a questão da autenticidade nessa atividade. Fez-se um esforço para corroborar os relatórios, extraídos principalmente de jornais clandestinos da FLN e da Rádio Libertação. Contudo, o que dominava era a fantasia, não fatos. For exemplo, se a FLN enviara realmente uma mensagem ao Conselho de Segurança da ONU não importava; o que valia era que os sul-vietnamitas ficariam convencidos de que a FLN tinha autoridade para despachar tal mensagem ou que a imprensa comunista e, talvez, com otimismo, a não-comunista, noticiaria o que ela dizia ter feito. O que contava não era o ato e sim a aparência do ato.

A missão Van Hieu

Em 21 de junho de 1962, a Rádio Libertação anunciou que o Comitê Central nomeara uma delegação para fazer visitas de amizade a vários países e comparecer a conferências de organizações mundiais. A delegação era chefiada por Nguyen Van Hieu, secretário-geral do Comitê Central da FLN. Essa missão era responsável por "apresentar" a FLN ao mundo. Viajou para o exterior como uma "delegação do povo do Vietnã do Sul", de modo a manter ambígua a questão de quem ela representava.

Embora a missão tenha passado por Hanói e por Moscou, sua primeira escala pública foi Praga. Em Moscou, onde chegou a 5 de julho, a missão foi hóspede do comitê soviético da Organização de Solidariedade Popular Afro-Asiática. A delegação compareceu ao Congresso Mundial para Desarmamento e Paz, patrocinada pelos comunistas e realizado em Moscou. Viajou pela URSS e depois dirigiu-se a

Budapeste, onde Hieu compareceu Quinto Congresso da Organização Internacional de Jornalistas, a organização de frente do comunismo internacional dos jornalistas. Da Hungria, a delegação seguiu para Berlim Oriental e depois para a Indonésia, onde pela primeira vez um representante da FLN pisou oficialmente fora do mundo comunista. A visita de dez dias da missão Hieu à Indonésia constituiu um marco, pois o Presidente Sukarno deu à Frente uma declaração pública de aprovação.

De Jakarta a missão Hieu viajou a 23 de setembro para Pequim, onde a delegação teve uma recepção mais entusiástica que em qualquer dos sete países com exceção do Vietnã do Norte. O grupo foi recebido por todos os líderes de cúpula, prometeu-se apoio e determinou-se que as multidões saudassem a delegação.

Da China o grupo voou para Hanói, provavelmente a escala mais importante de toda a excursão. Preparou-se uma campanha de boas-vindas sem precedentes, ligada ao que se chamou de Grande Movimento de Emulação de Bons Amigos, destinado a aumentar o senso de identidade Norte-Sul nas mentes dos sulistas. Realizaram-se várias recepções e reuniões com líderes de Hanói. No fim, foi assinada uma declaração conjunta que ressaltava apoio mútuo e delineava, ainda que de forma vaga, o rumo estabelecido para a "libertação” e depois a gradual reunificação através de consultas entre o Norte e o Sul. De Hanói o grupo dirigiu-se para a Coréia do Norte, onde foi firmado uma declaração conjunta que expressava solidariedade.

A missão Hieu realizou o trabalho principal no primeiro ano, ainda que delegações menos importantes hajam comparecido a outras reuniões de frentes internacionais comunistas e também visitado a Argélia e a RAU. Deve-se notar que os delegados da FLN eram sempre hóspedes de

uma organização comunista nas nações visitadas, nunca dos próprios governos.

Relações formais no exterior

No começo de 1963 a FLN criou uma organização mais formal para tratar das relações exteriores. O Comitê de Ligação de Relações Exteriores foi promovido para Comissão de Relações Exteriores. A FLN explorou as dificuldades entre Diem e os budistas, cujas consequências foram incalculáveis em países budistas. Após a queda de Diem, a Comissão de Relações Exteriores passou a atuar como um Ministério do Exterior, emitindo notas diplomáticas e declarações oficiais, publicando comunicados e apelos e despachando emissários para o exterior.

Dentro do bloco comunista, a Comissão trabalhava mais de perto com o Conselho Mundial de Paz e com a Organização de Solidariedade Popular Afro-Asiática. As relações com os países não-comunistas consistiam principalmente na troca de cartas e na publicação de declarações unilaterais. Entrevistas coletivas com a imprensa, concedidas por seus representantes no exterior, eram um método comum pelo qual a FLN se comunicava com o mundo não-comunista. A comissão enviava também emissários ao exterior com o propósito específico de desempenhar atividades de informações, e organizava “excursões guiadas” no Vietnã do Sul para jornalistas comunistas. Um ponto alto na campanha da FLN para aceitação internacional ocorreu em dezembro de 1964 quando Nguyen Van Hieu embarcou para Phnom Penh a fim de "negociar” o problema de fronteiras com a Camboja. Entretanto, nenhum acordo ficou estabelecido.

XVIII. RELAÇÕES EXTERIORES DA FLN

Contexto

Nos termos da PLN, o esforço para tomar o poder político no Vietnã do Sul podia ser realizado através de três meios básicos: militar, os três estágios da luta de guerrilhas revolucionárias ou, possivelmente, até mesmo uma guerra convencional limitada; político, o movimento de luta que culminaria na Rebelião Geral; ou diplomático, o estabelecimento de um governo de coalizão com elementos de Saigon, que necessariamente só poderia ocorrer se forças exteriores, sobretudo os Estados Unidos, concordassem com essa coalizão, devido a pressões diplomáticas e outras pressões externas. O apoio externo seria de importância máxima se a PLN optasse pela primeira ou terceira solução e seria mínima se optasse pela segunda.

Os pontos específicos das relações exteriores da FLN devem ser considerados da perspectiva de sua associação com as principais potências que tinham interesses no Vietnã do Sul, a saber, os Estados Unidos, a RDV, a China Comunista, a União Soviética e, em menor grau, a Grã-Bretanha e a França. Os objetivos básicos dessas potências em meados de 1985, quando a luta de guerrilhas revolucionárias em

pequenas proporções passaram para uma fase mais ampla, pareciam ser os seguintes:

Os Estados Unidos, Seu objetivo desde o começo estava em impedir o domínio do Vietnã do Sul pelos comunistas. Embora os Estados Unidos considerassem que esse esforço exigia força militar, ou seja, o tivessem na conta de um esforço contra-rebelde, nunca eliminou ele a possibilidade de realizar seu objetivo por negociação. Os Estados Unidos estavam empenhados no auxílio do Vietnã do Sul e indicaram por palavras e atos, no princípio de 1965, que nenhuma força no mundo os afastaria desse objetivo.

A RDV. O principal objetivo e interesse do Vietnã do Norte no Sul era a unificação. Julgavam os lideres de Hanói que haviam sido logrados na vitória alcançada na guerra do Viet Minh, e estavam resolvidos a conquistar o controle de todo o Vietnã. Nessa unificação o elemento tempo nunca foi indicado, provavelmente por motivos táticos. A RDV queria a unificação o mais breve possível e relutava em considerar qualquer proposta que a adiasse indefinidamente, tal como a proposta de “dois Vietnãs” ou as várias idéias de “neutralização do Sul”. A unificação fortaleceria enormemente o regime do Norte. Demonstraria que a fé que os vietnamitas tinham na RDV era justificada; significaria maior viabilidade, pois os arrozais do Sul reduziriam apreciavelmente os problemas econômicos da RDV e diminuiriam sua dependência de Pequim; e a unificação seria o primeiro passo no sentido daquilo que era talvez o objetivo supremo da RDV, uma federação indochinesa que incluísse o Laos e a Camboja, com o Vietnã como membro dominante. A unificação prometia também grande quantidade de benefícios colaterais. Contudo, a RDV não desejava uma escalada e tinha muito a perder com isto; o fato de suas ações terem acionado o maciço envolvimento norte-americano resultou de erro de cálculo.

A China Comunista. O objetivo primordial da China Comunista no Vietnã do Sul parecia ser a eliminação da força militar norte-americana, como parte de seu objetivo geral de eliminar o poderio militar americano em volta de seu perímetro. Embora publicamente defendesse a unificação, a lógica sugere que Pequim não estava tão comprometida com essa meta como Hanói e que os chineses talvez não se opusessem aos “dois Vietnãs” se o regime sulista alijasse os americanos e seguisse uma linha pró-chinesa. À medida que a disputa sino-soviética se agravava, a defesa chinesa da doutrina de guerras de libertação tendia a envolver o prestigio chinês no Vietnã do Sul mais que até então.

A União Soviética. O principal interesse da URSS, era claramente que os acontecimentos no Vietnã forçassem a uma posição em que ela tivesse ou de confrontar com os Estados Unidos num choque militar ou abandonar o Vietnã do Norte. Como reflexo da disputa com a China, a URSS procurava também uma diminuição da influência de Pequim. Com relação ao Vietnã do Sul, a URSS parecia estar profundamente interessada no término da luta e na retirada das forças militares dos EUA, preferivelmente sob uma aparência de derrota; mas também em condições que não fossem consideras como uma vitória inconteste da tese de guerrilhas revolucionárias dos comunistas chineses. Ambos objetivos poderiam ser atendidos pelo estabelecimento de um governo não-alinhado mas pró-soviético no Vietnã do Sul. De modo geral, entretanto, a União Soviética parecia concentrar seus esforços em Hanói e não sobre FLN.

Relações com a RDV

Nenhum aspecto do problema do Vietnã foi submetido a mais debate, quase todo ele carente de informações, pela

imprensa dos Estados Unidos e de outros países, do que a natureza da relação entre a RDV e a FLN. EM geral, atinha-se à indagação: “Quanto auxílio Hanói dá, ao Sul?” Nesses termos, a pergunta nem tinha muito sentido nem estava em contexto com os sistemas de referência empregados tanto pela FLN como pela RDV, pois a resposta a essa interrogação tanto podia ser que o Norte fornece apenas assistência mínima como que o norte fornece toda a assistência necessária. Ambas as respostas estariam fatalmente corretas. Num extremo estava a afirmação pelo governo sul-vietnamita de uma relação ininterrupta, ou seja, que os dirigentes da FLN eram agentes de Hanói e, por extensão, de Pequim.

A tese deste livro é que a RDV era, na realidade, o pai da FLN, que seu apoio no decorrer dos anos foi evolucionário, de menor para maior, que até meados de 1964 esse auxílio limitava-se sobretudo a duas áreas — técnica doutrinária e pessoal de liderança — e que após meados de 1964 a EDV forneceu armas antiaéreas e alguns outros tipos de material bélico que não podia ser obtidos por captura, mas que em todos os momentos, desde 1960 a EDV esteve sempre pronta a ajudar a FLN de toda forma que fosse absolutamente necessária.

Até certo ponto, a discussão é de semântica. De uma imensa quantidade de declarações da RDV sobre a FLN e sobre o Vietnã do Sul pode-se extrair uma paráfrase da mística dessa relação. Essa era a posição da RDV: o Vietnã é um só país; o Vietnã encontra-se em revolução; a revolução começou em 1945 e ainda perdura; a revolução avançou de maneiras diferentes em todo o país; no Norte encontra-se na fase socialista, marchando para o comunismo; no Sul a revolução ainda não chegou a essa fase; todo vietnamita, não importa onde viva, tem obrigação de contribuir para a revolução; cada um deve desempenhar sua própria tarefa revolucionária; como cada vietnamita arca com suas tarefas

revolucionárias, não é justo pedir-lhe que tome sobre si o encargo de outros; cada um deve ser autônomo; cada um deve ser autossuficiente; no Norte temos nossas tarefas revolucionárias; da mesma forma, os sulistas têm as suas; ajudamo-nos mutuamente; desenvolvemos um sentido de unidade e solidariedade; embora cada um deva ser auto-suficiente, quando as exigências da revolução sejam tais que haja necessidade de auxilio, nós o daremos sem hesitação; se, por exemplo, as necessidades da revolução fossem de molde a obrigar, a nós nortistas, a combate r no Sul, assim faríamos sem vacilar.

As primeiras declarações da RDV indicam apoio de um tipo que não era negado, ou seja, know-how e técnicas de administração. Le Duan, membro do Politburo da RDV e primeiro secretário do Partido Lao Dong, por exemplo, declarou no congresso do Partido, em setembro de 1960, em Hanói: "Devemos intensificar constantemente nossa solidariedade e a organização e educação do povo do Sul — principalmente os operários, camponeses e intelectuais — e devemos manter o espírito de luta revolucionária de todas as camadas dos conterrâneos patriotas". Pediu a formação de uma "frente ampla unida e nacional, dirigida contra o grupo EUA-Diem no Vietnã do Sul", Em 8 de maio de 1961 a Rádio Libertação transmitiu um relatório de trabalho sobre a execução das instruções do congresso do Partido Lao Dong:

De modo geral a decisão do congresso (...) concernente à Revolução a ser realizada no Vietnã do Sul tem sido executada a contento pelo Partido no Vietnã do Sul e em diferentes escalões do Partido. (...) A fim de atender às necessidades da Revolução e resolver a nova situação enfrentada pela Revolução, todos nós — dirigentes e membros da Frente, bem como aqueles que amam sua Pátria

e a Revolução no Vietnã do Sul — devemos executar à risca a missão básica e imediata determinada pelo Partido [Lao Dong]. (...)

No Congresso do Partido Lao Dong, em setembro de 1960, os delegados ouviram também um esboço dos estágios para a libertação do Sul: (1) derrubada do governo de Diem, (2) estabelecimento de um governo de coalizão e (3) negociações abertas com o Norte para a reunificação. De Hanói veio a doutrina Mao-Giap original, bem como diretrizes específicas que adaptavam experiências anteriores ao ambiente diferente do Sul.

Nenhuma linha significativa poderia ser traçada entre instrução doutrinária e liderança pessoal, entre o contrabando para o Sul de um memorando ou livro e o envio de um observador, assessor ou administrador. Na trilha de Ho Chi Minh, a certeza desaparecia. Não havia praticamente ninguém nos últimos tempos que negasse haver trânsito de pessoal pela trilha. Em meados de 1963, especialistas treinados no Norte estavam sendo capturados em grande número. O autor viu armas fabricadas na China ainda quentes de combate e conversou com prisioneiros do exército da FLN que admitiam francamente terem vindo do Norte. Juntou pelo menos 200 documentos internos da FLN que faziam referências frequentes a memorandos do Partido Lao Dong e ao papel capital da liderança dos especialistas do Partido,

Numa contra-rebelião é um truísmo que uma organização guerrilheira seja mais vulnerável com relação a liderança. Armas perdidas podem ser substituídas, e o manancial de pessoal combatente quase nunca se esgota. Mas a perda de um líder experiente constitui para uma organização uma perda que nunca pode ser completamente remediada. A FLN

sofreu perdas dessa espécie tão sérias de fins de 1962 a meados de 1963 que a RDV foi obrigada a compensar a escassez de pessoal de liderança da FLN. Compunha-se esse pessoal de três tipos principais: primeiro, elementos com qualificações técnicas e experiência real na direção de homens em movimentos de luta e em combate, necessários em grande parte para substituir baixas em batalha; segundo, elementos capazes de manter uma organização disciplinada, porquanto o programa de vilas estratégicas do governo sul-vietnamita causava tensões severas na organização da FLN; e terceiro, elementos que, devido a uma longa doutrinação, acreditavam firmemente que a causa estava fadada a um êxito inevitável e que estavam imunes a seduções de transigência ou a deserção. Além disso, havia a necessidade de regularizar o sistema e eliminar dirigentes com tendências separatistas cujos interesses pudessem terminar por colidir com os de Hanói. Utilizando-se várias fontes é possível, com certa extrapolação, juntar as estatísticas dadas na Tabela 18-1 sobre o número de especialistas e dirigentes enviados para o Sul. (O autor acredita que esses dados estejam corretos, com uma margem de 10 por cento para mais ou para menos.) Nos primeiros anos, quase todos eram sulistas que haviam ido para o Norte em 1954. Em 1965 calculava-se que pelo menos metade do total de 35.000 especialistas civis da FLN fossem os sulistas "reagrupados” ou nortistas "puros”. Muitos desses morreram antes de 1965; por conseguinte, dos que ainda estavam vivos em 1965 (um corpo de especialistas de mais ou menos 35,000 elementos), metade era do Norte. As estimativas constantes da Tabela 18-1 são provavelmente conservadoras. Em abril de 1965, McNamara, Secretário de Defesa dos Estados Unidos, declarou que os oficiais de informações do Pentágono calculavam o total de infiltração de 1963 a abril de 1965 em 39.000.

TABELA 18-I Especialistas nortistas da FLN, 1954-1965

Ano	Número	
1954 a 1960	1.900	
1961	3.700	
1962	5.800	
1963	4.000	
1964	6.500	(pelo menos um têrço nortistas)
1965	11.000	(quase todos nortistas)
	32.900	

A ajuda material prestada pela RDV no período anterior a meados de 1964 era provavelmente mínima, não porque a RDV respeitasse os acordos de Genebra, mas porque não considerava necessário esse auxílio. Mas com o lançamento da ampliação militar da FLN em meados daquele ano e com o advento de maiores operações aéreas, mais armas, inclusive antiaéreas, se tornaram necessárias e foram prontamente despachadas do Norte. Uma ficção da luta do Vietnã era que 0 exército da FLN era capaz de capturar armas em qualquer número a unidades e postos do ERVN sempre que desejasse. As coisas não eram tão simples assim, nem tão hem sucedidas como geralmente se acreditavam. No período 1960-1965, 0 exército da FLN capturou aproximadamente 39.000 armas; durante o mesmo período perdeu mais ou menos 25.000. Mas isto deixa ainda um salda de 14.000 armas, que, acrescentadas às mais ou menos 10.000 armas utilizáveis que a FLN recuperou em esconderijos, e que haviam sido ocultadas no fim da guerra do Viet Minh, equivalia a apenas 24.000 armas para uma força de pelo menos 110.000 homens. As armas para os 86.000 homens restantes tinham de vir de algum lugar; vieram do Norte.

Talvez a melhor maneira de se descrever a relação entre a RDV e a FLN nos primeiros tempos seja usar a analogia entre pai e filho. É possível que de vez em quando o filho enfrente uma crise pessoal e o pai o aconselhe quanto ao rumo a tomar. Se estiver enfrentando dificuldades financeiras é possível que o pai lhe empreste dinheiro. Talvez não faça nada, porque nada seja necessário. O que importa é o potencial. O pai está pronto a ajudar o filho em termos maciços; talvez ele próprio não saiba até onde iria para ajudar o filho se fosse necessário. O mesmo ocorria com a RDV, pai da FLN. Se a ajuda material era marginal seu potencial de boa-vontade era praticamente ilimitado. Disso se deduz que a RDV e a FLN eram entidades separadas mas estreitamente relacionadas. A FLN não era uma organização independente e nativa como asseverava mas nem tampouco era simplesmente um martelo na mão do longo braço da RDV.

Outra maneira útil de se abordar as relações entre a RDV e a FLN consiste em examinar a avaliação dos acontecimentos no Sul pelos norte-vietnamitas. Estes padeciam constantemente de um otimismo excessivo sobre a maneira como as coisas iam no Sul. O lançamento da própria FLN seguiu-se ao golpe de estado abortado contra o governo Diem por elementos de unidades de paraquedistas do ERVN em dezembro de 1960; a formação da FLN foi ordenada porque a RDV acreditava que uma extrema insatisfação existisse entre as forças armadas vietnamitas indicando iminente desintegração. A derrubada do governo Diem em 1963 foi também considerada pela RDV como o portal da vitória. A instabilidade que seguiu-se a Diem pareceu confirmar essa convicção.

Gradualmente a euforia morreu outra vez, e de fato sérias dúvidas surgiram evidentemente entre a liderança nortista. Em julho de 1964, as publicações de Hanói continuam uma enxurrada de argumentos que procuravam demonstrar que a

FLN estava vencendo, que indubitavelmente estava destinada a vencer. Diatribes furiosas foram lançadas contra incréus não nomeados. “Quem mostra indiferença em relação à luta justa de nossos compatriotas no Vietnã do Sul ou não a apoia, não comete um crime pequeno”, advertia o chefe de unificação Nguyen Van Vinh na edição de julho de 1964 de Hoo Tap. Novamente a RDV começou a falar mais sobre um acordo negociado no Sul entre os próprios vietnamitas “de acordo com o programa da FLN” e a incentivar privadamente a FLN a aumentar seu movimento de luta armada e, para esse fim, a fornecer a liderança o material necessários para tanto.

A base organizacional original para as relações RDV- FLN era a Frente da Pátria, a frente unida da RDV mencionada anteriormente. Em abril de 1961, realizou-se o congresso nacional da Frente da Pátria, tomando conhecimento da FLN numa organização que louvava sua formação. A FLN não se filiou à Frente da Pátria simplesmente porque isto teria prejudicado a afirmativa de que a FLN era uma organização independente, sul-vietnamita. No fim de outubro de 1962, representantes da FLN e da Frente da Pátria reuniram-se em Hanói, e em 30 de outubro emitiram um comunicado:

Os 16 milhões de norte-vietnamitas continuarão a dar seu apoio positivo à luta libertária dos compatriotas do Vietnã do Sul (que estão) lutando por tornar a FLN uma forte base para a luta e com intenção de unificar a Pátria,

Um comunicado da conferência da Frente da Pátria, datado de 29 de setembro de 1964, descreve sua associação com a FLN como concebida para “desenvolver atividades de amizade entre o Norte e o Sul, estreitar a união entre o Norte

e o Sul, e dar toda contribuição possível para a luta política de nossos compatriotas no Sul".

Um ponto alto no esforço de exteriorização da EDV em favor da FLN ocorreu quando Hanói patrocinou a “Conferência Internacional para Solidariedade com o Povo do Vietnã Contra a Agressão Imperialista Norte- Americana e para a Defesa da Paz" em fins de novembro de 1964,

Superficialmente, a conferência era uma reunião normal de solidariedade de comunistas e simpatizantes. O tema ostensivo era antiamericanismo, isto é, agressão e repressão norte-americana no Vietnã do Sul, no Laos e na Camboja, no Japão, no Congo e na América Latina e racismo nos Estados Unidos. Outro objetivo era a “internacionalização" da luta no Sul através da criação de uma base ampla de apoio exterior, e tentou-se desestimular os Estados Unidos através da insinuação de um amplo apoio estrangeiro à RDV.

Após a conferência, a RDV anunciou a criação de uma repartição com a atribuição de “manter ligação com organizações e indivíduos participantes da conferência, executar suas resoluções e proporcionar aos membros informes sobre a situação no Sul”. A repartição tornou-se o principal órgão da FLN em Hanói para a conduta de relações diplomáticas com o mundo e o principal meio de controle da RDV sobre tais atividades. Seu nome formal era Repartição da Conferência Internacional para Solidariedade com o Povo do Vietnã do Sul contra a Agressão Imperialista Norte-Americana e para a Defesa da Paz. Compunha-se de quatro organizações vietnamitas, tanto do Sul como do Norte. A sede da repartição estava situada em Hanói, e tanto seu presidente como secretário-geral pertenciam à organização norte-vietnamita.

Embora a RDV tentasse ao mesmo tempo desenvolver seus controles diretos no Sul em sua ofensiva de regularização e

sistematizar os esforços de exteriorização da FLN através da repartição em Hanói, ela continuava a afirmar publicamente que a FLN era a única representante do povo sul-vietnamita.

As relações de Hanói com a FLN eram também complicadas por uma série de fatores. Por exemplo, a RDV estava irrevogável e totalmente comprometida a apoiar a luta no Sul. A RDV prendera-se à FLN com cadeias de aço que não podiam ser rompidas. Não só se comprometera com o Sul, como a liderança da RDV jogara seu prestígio na meta de reunificação.

O resultado de várias campanhas em apoio à luta “sulista” foi colocar demasiado a FLN e suas atividades no primeiro plano da consciência do cidadão médio da RDV; qualquer tentativa da parte de Ho Chi Minh para se descomprometer punha em risco intoleráveis perdas psicológicas entre seu próprio povo. Além disso, como a liderança dera tanto realce à questão de reunificação, praticamente equiparando-a à vitória, o sucesso veio a ser medido não simplesmente em termos de uma vitória da FLN no Sul, acompanhada de retirada dos Estados Unidos, e sim em termos de reunificação. Ademais, qualquer perda de entusiasmo ou qualquer demonstração de timidez por parte da liderança da RDV poria em perigo as relações da RDV com a China; como outros vizinhos, a RDV sabia que jamais devia exibir fraqueza diante dos chineses.

Relações com a China-Comunista

Desde o começo o melhor amigo no exterior com que a FLN contava em seus esforços de exteriorização era a China Comunista. Por mais desiguais que fossem em tamanho e poder, as duas forças tinham um máximo de interesses comuns e virtualmente nenhum interesse em conflito. Para a

FLN, a China era uma potência que lhe podia dar prestígio e assistência e cuja amizade era pelo menos a mais protetora na Ásia. A China, por sua vez, via na FLN um exemplo valioso da correção da posição de Pequim na disputa sino-soviética; um veículo para minar a posição e a influência dos Estados Unidos e para gerar sentimentos antiamericanistas, não só no Vietnã do Sul como em toda a Ásia; um meio para depreciar as Nações Unidas; e um exemplo do apoio inabalável que ela, a China, estava disposta a conceder a quaisquer grupos, em qualquer nação, interessados numa luta de guerrilhas revolucionárias.

No princípio os chineses aceitaram a posição da RDV de que o Vietnã era uma única nação. A visita da missão de boa-vontade de militares chineses ao Vietnã do Norte em dezembro de 1961, por exemplo, foi marcada pela declaração do Marechal Yeh Chien-ying, à sua chegada, de que “a China e o Vietnã são Vizinhos como lábios e dentes’, um estreito companheirismo em armas unindo nossas lutas contra o imperialismo agressivo”. O Marechal Yeh além disso lançou ameaças a torto e a direito, de inestimável valor para uso interno da FLN; vários folhetos da FLN citavam sua declaração de que “a intervenção imperialista norte-americana no Vietnã do Sul e sua agressão contra esse país tornaram-se extremamente sérias. O povo chinês jamais se sentirá indiferente ante a essa ação aventureira (...) Os chineses não podem absolutamente ignorar essa conduta aventureira”.

Após a primeira delegação da FLN ter visitado a China — a missão Van Hieu em 1962 — numerosos outros grupos foram lá recebidos e festejados. Mas não foi senão em setembro de 1964 que se instalou uma delegação permanente da FLN em Pequim. Desde então tem sido tratada como uma missão diplomática, ainda que não acreditada formalmente junto ao

governo, e tem participado em numerosas atividades de propaganda.

As declarações públicas chinesas dirigidas à FLN e a respeito dela tendiam a ser militantes e altamente carregadas de propósitos. A primazia do ódio pelas forças que se opunham à FLN era uma característica geral. As declarações chinesas excediam em contundência todas as outras. No uso imaginativo do tema de atrocidades, não tinham igual. E a FLN servia como texto para os chineses com relação a vários aspectos da campanha anti-imperialista e como arma na disputa com Moscou. Para os chineses, a FLN constituía uma prova admirável em sua disputa com a UESS. Aqui está a prova, diziam, de que a revolução está a caminho.

Embora o apoio chinês fosse sobretudo verbal, tomava também formas mais tangíveis. Em 14 de julho de 1963, a Cruz Vermelha Chinesa anunciou ter doado dinheiro à Sociedade Cruz Vermelha de Libertação da FLN. A 19 de julho anunciou-se outra doação pela mesma organização de remédios e instrumentos médicos. Carabinas semiautomáticas de fabricação chinesa começavam a aparecer no Vietnã do Sul em julho de 1963; embora esse tipo de arma (fabricadas originalmente em 1944 na União Soviética) fosse produzido em diversas nações do bloco comunista, cada uma trazia uma marca perto da alça do gatilho para identificar a fábrica, e as que foram capturadas no Vietnã do Sul haviam sido indubitavelmente fabricadas na China em 1960. No fim de 1964 estavam sendo capturados em quantidade no Vietnã do Sul lança-foguetes de 90mm, morteiros de 60mm e fuzis sem recuo de 75 e 57mm, carabinas, pistolas e granadas de iluminação, tudo de fabricação chinesa. Presumivelmente eram embarcadas para 0 Vietnã do Norte para serem trazidas para o Sul através da trilha de Ho Chi Minh.

Competindo com a União Soviética, as declarações da China Comunista de apoio à FLN tornavam-se cada vez mais militantes e menos equívocas no primeiro semestre de 1965, culminando na oferta aberta de tropas e material em 25 de março, quando o Diário do Povo declarou:

Declaramos solenemente que nós, o povo chinês, respondemos firmemente à declaração da FLNVN e nos uniremos ao mundo no envio de toda ajuda material necessária, inclusive armas e todos outros materiais de guerra, para o heróico povo sul-vietnamita que está combatendo indomitamente. Da mesma forma estamos prontos a enviar nossos homens, sempre que o povo sul-vietnamita 0 desejar, para combaterem a seu lado. (...)

Embora se pudesse duvidar da boa fé chinesa nessa oferta, Pequim estava seriamente interessada em propagandear a FLN no exterior. Contudo, há tênues indicações de que Pequim desaprovou, pelo menos depois de consumado o fato, a mudança de Hanói e da FLN para uma política mais militar e menos política no conflito. Ademais, Pequim tem tomado com relação a negociações uma posição mais inflexível do que a FLN e Hanói e demonstrava preocupação com a possibilidade de Hanói se dispor finalmente a estabelecer um acordo insatisfatório (aos olhos de Pequim).

O que se pode então concluir a respeito das relações entre a China e a FLN durante o período de 1960-1965? A China tudo tinha a ganhar e nada a perder apoiando a FLN. A meta chinesa principal com relação ao Vietnã do Sul era a eliminação da força militar norte-americana. Procurava um governo no Vietnã do Sul que, embora fora de controle chinês, pelo menos “consultasse Pequim” antes de tomar

qualquer decisão importante. Os chineses talvez não estejam tão comprometidos com a unificação do Vietnã quanto Hanói, mas a questão nunca passou por um teste. De modo geral, os chineses agiam como se o Vietnã do Sul devesse ser sua esfera de influência natural.

Relações com a União Soviética

A imagem da FLN na URSS era a de um irmão: grande mais ou menos distante, poderoso e bem sucedido. A relação era uma espécie de ação reflexa doutrinária. A experiência revolucionária soviética era considerada como outro modelo para a FLN, apesar da falta de similaridades. A atenção soviética concentrava-se principalmente na RPV, e não na FLN. Contudo, muitas delegações desta foram recebidas na URSS. Os soviéticos prestavam apoio publicitário, ainda que relativamente inócuo, e eventualmente forneciam materiais médicos. Depois da, queda de Khruschev em outubro de 1964, a URSS começou a dirigir maior atenção diretamente à FLN; o Premier Kosygin, por exemplo, enviou uma mensagem de solidariedade diretamente ao Comitê Central da FLN, algo que, ao que se saiba, nunca fora feito por Khruschev.

Um janeiro -de 1965 a União Soviética anunciou que um delegado permanente da FLN fora credenciado junto a seu governo. Três meses depois, Dang Quahg Minh chegou para assumir funções como chefe da missão da FLN em Moscou, acompanhado pelo menos por quatro outros vietnamitas, tornando a missão na URSS a maior mantida pela FLN. A delegação da FLN apresentou suas “credenciais” ao presidente do Comitê Soviético de Solidariedade Popular. Durante este período a União Soviética começou a afirmar em termos cada vez mais diretos a primazia da FLN nos assuntos sul-vietnamitas e a aumentar o apoio publicitário

que dava a Frente. À diferença da China, a União Soviética tinha muito a perder e nada a ganhar numa continuação das hostilidades no Vietnã do Sul. A luta no Vietnã abrandava a détente com os Estados Unidos. Nada seria ganho em ter de escolher entre aceitar ataques americanos à EDV ou um confronto militar com os Estados Unidos. Em suma, a União Soviética se beneficiaria com qualquer resultado da luta no Vietnã que não fosse uma vitória dos Estados Unidos e do governo sul-vietnamita.

A disputa sino-soviética não afetou especialmente o esforço oculto de exteriorização da FLN. A FLN, como muitas organizações vietnamitas anteriores, podia manter uma política dupla, mostrando duas faces ao mundo: uma para Pequim e outra para Moscou. Podia adotar o rosto duro e sério do marxismo-leninismo puro dos chineses e falar de sua luta militante; ou podia adotar o rosto soviético mais suave de coexistência pacífica e ressaltar neutralidade e a unificação pacífica do Vietnã. A utilização do termo “unificação pacífica” implicava adesão à tese soviética de que os países pequenos podem ser arrancados do campo imperialista por muitos meios, inclusive pacíficos; seu grito de libertação e ênfase na luta armada era uma óbvia deferência para com a China.

XIX. POLÍTICA E METAS DA FLN

Declarações de política

Como seu primeiro ato público em dezembro de 1960 a FLN deu a conhecer seu “Manifesto de Dez Pontos”, relacionando o que descrevia como seu “programa de ação”. Em forma ligeiramente modificada esse manifesto foi reproduzido e distribuído aos milhares em todo o Vietnã do Sul e mais tarde em todo o mundo comunista. Com poucas alterações continua a ser o programa básico da FLN e, assim, merece um exame de certa profundidade, Se chegasse ao poder, dizia a FLN, pretendia fazer o seguinte:

1. Estabelecer um governo de coalizão. “O atual governo é um regime colonial disfarçado instalado pelos imperialistas norte-americanos. O grupo governista sul-vietnamita é uma administração servil que executa as políticas imperialistas dos Estados Unidos. Tal regime e tal governo devem ser derrubados e substituídos por um governo de coalizão amplo, nacional e democrático, composto de representantes de todos os setores da população, várias nacionalidades, partidos políticos, comunidades religiosas e personalidades patriotas. O controle dos interesses econômicos, políticos e sociais pelo povo deve ser recuperado, realizando-se

independência, democracia, melhoria dos padrões de vida do povo, paz e neutralidade para a consecução de uma unificação nacional pacífica”.

2. Promover a democracia. “Aboliremos a atual constituição do governo ditatorial de Ngo Dinh Diem e com sufrágio universal elegeremos uma nova Assembléia Nacional. Será promulgada liberdade de expressão, imprensa, reunião, associação, movimento, religião e outras liberdades democráticas. As organizações religiosas, políticas e patrióticas será permitida liberdade de atividade, sem distinção de crenças e tendências. Será concedida anistia geral para todos os presos políticos, os campos de concentração serão dissolvidos, e a Lei fascista 10/59 e outras leis antidemocráticas serão abolidas. (Não houve qualquer apelo, de acordo com essa lei, com relação a sentenças capitais ou a prisão perpétua do Tribunal em casos de sabotagem, atos contra a segurança nacional ou ataques à vida ou propriedade de cidadãos.) As pessoas que deixaram o país devido ao regime EUA-Diem estarão livres para voltar. Serão proibidas prisão ilegal, encarceramento ilegal, tortura e punição corporal. Aqueles que aterrorizaram e massacraram o povo e não se arrependerem serão punidos”.

3. Desenvolver a economia. “Construiremos uma economia independente e soberana e melhoraremos os padrões de vida do povo. Os monopólios estabelecidos pelos Estados Unidos e seus lacaios serão abolidos, as propriedades dos imperialistas norte-americanos confiscadas e nacionalizadas, e uma economia e um sistema financeiro independentes e soberanos serão organizados para servir aos interesses do país. A indústria será incentivada pela limitação ou interrupção da importação de produtos estrangeiros que possam ser fabricados no país e pela redução dos impostos de importação de matérias-primas e

maquinaria. O artesanato e a indústria rural serão estimuladas através da abolição de impostos sobre seus produtos. A agricultura, a pesca e a pecuária serão estimuladas, novas terras serão abertas, desertos recuperados, a produtividade agrícola promovida, as colheitas asseguradas e a venda de produtos agrícolas garantida. Será encorajado o comércio entre as cidades e a zona rural, entre a área do delta e as montanhas. O comércio com os países estrangeiros será feito sem consideração de política, segundo um critério de igualdade e reciprocidade. Será estabelecido um sistema tributário equitativo e racional; as multas arbitrárias serão abolidas. Será promulgada legislação trabalhista e proibida a demissão arbitrária e maus tratos de empregados. As condições de vida dos trabalhadores serão melhoradas. Serão executadas as leis referentes ao trabalho de menores cobrindo medidas de saúde, condições de trabalho e remuneração mínima. Será organizada a assistência social: trabalho para os desempregados, assistência aos órfãos e pessoas idosas e inválidas, auxilio para as vítimas da luta, resultado da guerra dos imperialistas americanos e seus lacaios. Será dada assistência às vítimas de fracassos de colheitas, incêndios ou calamidades naturais. Os naturais do Vietnã do Norte que desejarem voltar a seus lares poderão fazê-lo. Para os que ficarem, serão criados empregos. Ficarão proibidas a relocação pela força, a destruição de lares, a concentração de pessoas em centros especiais. Será proporcionada segurança tanto aos agricultores nas áreas rurais como aos operários nas cidades".

4. Instituir a reforma agrária. "Reduziremos os custos da utilização da terra como primeira medida na reforma agrária. Aos agricultores será garantido o direito de lavrar suas terras atuais; as terras recuperadas serão garantidas àqueles que as recuperarem; a posse da terra já distribuída será assegurada. Serão abolidos as agrovilas, as zonas de

prosperidade e os centros agrícolas de desenvolvimento. Aqueles que foram obrigados a se instalarem nessas áreas estarão livres para voltar a seus lares. As terras pertencentes aos imperialistas americanos e seus lacaios serão confiscadas e distribuídas aos agricultores. A terra comunitária será distribuída de uma maneira equitativa e racional. Através de negociação e mediante pagamento de um preço equitativo e racional o Estado comprará terras de fazendeiros que possuam mais do que uma determinada área de arrozais, sendo essa área determinada de acordo com a situação agrária em cada localidade. Essa terra será distribuída aos agricultores sem terras ou a fazendeiros com terras insuficientes. Aqueles que receberem essas terras nada pagarão e não estarão obrigados por quaisquer condições".

5. Promover a educação. "Será lançado um programa cultural e educacional de cunho nacional e democrático. A cultura e a educação decadentes americanas serão eliminadas; uma cultura e uma educação progressistas servirão à Pátria e ao povo. O analfabetismo será erradicado através da construção de mais escolas, universidades e escolas profissionais. O ensino será ministrado em vietnamita. As anuidades serão reduzidas e eliminadas no caso de estudantes pobres. O sistema de exames será reformado. Serão desenvolvidos a ciência, a tecnologia, a literatura e a arte. Estimular-se-á os intelectuais, escritores a artistas proporcionando-lhes condições para exercerem sua capacidade no serviço à Pátria, Será iniciado um programa destinado a desenvolver a saúde do povo, sendo lançado um movimento de cultura física".

6. Desenvolver as forças armadas. "Será criado um exército nacional para defesa da Pátria e do povo. O atual sistema de assessores militares americanos será abolido. O serviço obrigatório será abolido. As condições de vida dos

soldados serão melhoradas, e lhes serão concedidos direitos políticos. O mau trato de soldados é condenado. Será prestada assistência à família de soldados pobres. Os oficiais e soldados que se desincumbirem bem contra o grupo ETJA-Diem serão recompensados. Será garantida leniência para com ex-agentes da camarilha EUA-Diem que hajam cometido crimes contra nossos compatriotas se se arrependerem e servirem ao povo. Todas as bases militares estrangeiras no Vietnã serão eliminadas".

7. Proteção de direitos de minorias. "Criaremos igualdade entre as diferentes nacionalidades e entre homens e mulheres. Às minorias nacionais será assegurado o direito de autonomia em zonas criadas como parte da família do Vietnã. Direitos iguais prevalecerão e todas as nacionalidades terão liberdade para usar sua própria língua e sistema de escrita e para manter ou mudar seus costumes e hábitos. A política da camarilha EUA-Diem de perseguição, opressão e assimilação das minorias será abolida. Os grupos minoritários terão auxílio no desenvolvimento econômico e cultural; técnicos serão treinados. Será realizada a igualdade entre homens e mulheres; as mulheres estarão habilitadas aos mesmos direitos que os homens em todos os campos — político, econômico, cultural e social. Os interesses legítimos de estrangeiros residentes no Vietnã serão protegidos. Os interesses de vietnamitas residentes no exterior serão protegidos".

8. Política exterior de não-alinhamento. Será executada uma política exterior de paz e neutralidade. Todos os acordos injustos que violem a soberania nacional, firmados pela camarilha EUA-Diem serão revogados. Serão estabelecidas relações diplomáticas com todos os países, sem distinção de seu regime político, de conformidade com os princípios de coexistência pacífica estipulados na Conferência de Bandung. Unir-nos-emos estreitamente as

nações pacíficas e amantes da paz e desenvolveremos relações cordiais com as nações do Sudeste da Ásia, principalmente a Camboja e o Laos, não participaremos de qualquer aliança militar e receberemos auxílios econômicos de qualquer nação, desde que seja concedido sem condições".

9. Trabalhar em prol da reunificação. "A reunificação pacífica da Pátria é o anseio de nossos compatriotas em todo o país. A Frente de Libertação Nacional defende a reunificação gradual através de negociações entre as duas zonas em condições benéficas a ambos os lados. Durante a unificação, os lados devem comprometer-se a não usar de propaganda ou violência mútuas. O intercurso econômico e cultural deve ser estabelecido, devendo haver liberdade de movimento para atividades comerciais, turismo e liberdade de correspondência".

10. Condenação da guerra. "Combateremos as guerras agressivas e todas as formas de escravidão do imperialismo. Opomo-nos às propagandas de guerra e apoiamos o desarmamento geral e a proibição de armas nucleares; defendemos o emprego da energia atômica para fins pacíficos. Apoiamos os movimentos de luta pela paz, democracia e progresso social em todo o mundo e (...) contribuiremos ativamente para a defesa da paz no Sudeste da Ásia e no mundo".

Em seu primeiro aniversário, 20 de dezembro de 1961, a PLN deu a público uma lista de exigências de "ação imediata", que, segundo ela, não alterava o Manifesto de Dez Pontos, mas que era uma série de exigências intermediárias. As declarações de política iniciais eram resultados de ações tomadas no congresso de organização da PLN em dezembro de 1960 e de decisões subsequentes do Comitê Central nacional.

O tema do primeiro congresso regular era a união e certeza da vitória através da Rebelião Geral. As políticas básicas anteriores da Frente foram reafirmadas. Uma declaração oficial circulou em todo o Vietnã do Sul após o congresso que relacionava os objetivos da PLN como a criação de "um governo de coalizão nacional e democrático no Vietnã do Sul, conquista de independência nacional e de democracia, liberdades democráticas, melhoria das condições de vida do povo, (...) defesa da paz, execução da política de neutralidade". A versão transmitida pela Rádio Hanói acrescentava "promoção da unificação pacífica da Pátria".

O resto da declaração oficial nada acrescentava de novo ao programa nacional da FLN. Um dos principais atos organizacionais do congresso foi a criação de um Comitê Central de 52 homens, do qual 31 cadeiras foram preenchidas; os outros 21 membros deviam "ser escolhidos pelo Comitê Central numa data posterior". Isto constituía uma isca para outros grupos interessados virem a filiar-se à FLN.

Em meados de 1962, foi ressaltado o tema de que os sul-vietnamitas deviam resolver seus próprios assuntos. No fim desse ano a FLN começou também a se referir à possibilidade de um cessar-fogo, separando-o da exigência de retirada das tropas e materiais americanos. Essas referências cessaram no princípio de 1963.

O Presidio do Comitê Central da FLN reuniu-se periodicamente durante todo o transcurso dos anos de 1962 e 1963, mas suas declarações nada continham de novo. Quando a intranquilidade no Vietnã atingiu um ponto crítico em 4 de setembro de 1963, o Presídio realizou uma sessão extraordinária, após a qual emitiu um comunicado condenando as ações do governo de Diem contra os budistas, mas asseverando que a responsabilidade maior

cabia aos americanos, Essa manobra foi feita em antecipação ao fim do governo Diem, cuja queda praticamente todos os vietnamitas consideravam inevitável naquela época. A ênfase passou do governo sul-vietnamita para os Estados Unidos.

Em 11 de setembro de 1963, a FLN deu a público um "plano de paz em três pontos", que enviou às Nações Unidas. Solicitava "fim à assistência militar americana, retirada das forças americanas e um governo de coalizão de organizações políticas e religiosas. (...)" Aparecendo naquele momento exato, a declaração trazia em si uma curiosa irrelevância. Diem e os budistas estavam engalfinhados numa luta de morte, que os americanos assistiam imóveis, e a FLN sugeria a retirada dos americanos como solução. Nas semanas seguintes, a FLN calou-se com relação aos fatos internos. A liderança parecia não querer ou não poder capitalizar o mais importante movimento de luta na história vietnamita. Houve uma tentativa pouco resoluta de infiltração de algumas organizações budistas.

Vietnamitas bem-informados atribuíam á inação por parte da FLN a uma falta de vontade de se envolver num movimento de luta alienígena. A FLN e os comunistas, explicava-se, evitam atividades de massa sobre as quais não exerçam controle total; hesitam em se unir a movimentos tendentes à violência sobre os quais não tenham domínio. A liderança budista esclareceu que não procurava o auxílio da FLN porquanto desejava a todo custo evitar o estigma comunista. Outras explicações menos convincentes foram aventadas, mas na verdade a posição da FLN durante esse período permanece um tanto misteriosa.

A Rádio Libertação foi um clarim vacilante nos dias imediatos à queda do governo Diem. Cinco dias depois (7 de

novembro), a FLN emitiu sua primeira declaração de política pós-Diem, uma lista de “oito exigências”, que eram:

1. Destruição de todas as vilas e setores estratégicos e outros campos de concentração disfarçados.

2. Libertação de todos os presos políticos, quaisquer que sejam suas tendências políticas.

3. Promulgação sem delongas de liberdade democrática — liberdade de expressão, reunião, imprensa, culto, comércio, etc.

4. Erradicação de todos os vestígios do regime ditatorial fascista e militarista.

5. Cessação de toda perseguição e repressão e das operações militares.

6. Dissolução de todas as organizações nepotistas, todas as formas de controle, organizações da Juventude Republicana e de todas outras organizações paramilitares de jovens, mulheres, estudantes e empregados públicos.

7. Cessação imediata da conscrição e militarização compulsória de jovens, mulheres e servidores públicos.

8. Revogação de toda espécie de impostos injustos.

Como o governo Huong Van Minh já estava realizando todos esses pontos, menos um (cessação da conscrição militar), as exigências, que mais tarde apareceram em folheto, constituíam uma tentativa óbvia de atribuir à FLN modificações na política do governo sul-vietnamita quando ocorressem.

Como observamos anteriormente, a liderança da FLN acreditava que o fim do regime de Diem quase certamente levaria a FLN ao poder. Em meados de novembro, suas esperanças começavam a se dissipar, mas ainda não estavam esmagadas. Foi nesse momento (17 de novembro) que o Comitê Central divulgou sua primeira declaração oficial séria desde o fim do governo Diem. Mais uma vez a declaração apresentava uma série de exigências, em número de seis:

1. Eliminar os vestígios do regime Diem, "Abolir incondicionalmente o regime ditatorial e fascista de Ngo Dinh Diem em tudo, inclusive as linhas dependentes dos Estados Unidos, as políticas anticomunistas que equivalem a políticas antipopulares, a ditadura em geral em assuntos internos e externos, as organizações políticas reacionárias, (...) a rede de policiais e agentes secretos, etc., que constituem os instrumentos para manipulação, controle e contenção do povo; as ‘vilas, zonas e setores estratégicos’, as políticas de militarização de jovens e mulheres, as leis antipopulares como a Lei 10/59, as leis fascistas que controlam a imprensa, a ordem de emergência, a ordem referente a mobilização e requisição, etc. Libertar todos os presos políticos sem distinção de tendência, revelando os crimes do regime EUA-Diem, e levando a julgamento e punindo aqueles que hajam perpetrado crimes sangrentos contra o povo”.

2. Estabelecer liberdades democráticas. "Pôr em prática sem demora uma democracia verdadeira e ampla, que inclua liberdade de pensamento, de expressão, de imprensa, de organização, de reunião, de demonstrações sindicais; liberdade para se criar partidos políticos e organizações sociais, culturais e profissionais; liberdade de movimento, de comércio, de religião e de culto; liberdade física; e garantir por lei não-discriminação para todo o povo; cessar a

perseguição, prisão e detenção de patriotas e pessoas e partidos da oposição; abolir o bárbaro regime de prisão, principalmente tortura, penitência, lavagem cerebral e maus tratos a prisioneiros, Evitar estabelecer no Vietnã do Sul qualquer forma de regime ditatorial, militarista ou de um grupo ou partido, e evitar executar uma política de um só partido ou uma só religião, uma política de ditadura cultural, política, religiosa e econômica".

3. Eliminar a influência americana. "Dar fim imediato à agressão norte-americana no Vietnã do Sul, retirar todos os assessores americanos das unidades do exército republicano e de repartições militares e civis como começo da retirada de todas as tropas e pessoal militar americanos, inclusive o comando militar de Paul D. Harkins, armas e outros meios de guerra. Os imperialistas norte-americanos devem respeitar a independência e a soberania do Vietnã do Sul e não interferirem em seus assuntos internos. A Embaixada Americana deve cessar as atividades de espionagem para fomentar problemas no Vietnã do Sul. O Vietnã do Sul deve gozar de completa soberania em todos os campos políticos, militares, econômicos e culturais, tanto em negócios interiores como exteriores. Não deve depender de qualquer país e deve gozar de uma posição internacional igual a dos outros países. Somente assim é que as relações entre o Vietnã do Sul e os Estados Unidos podem normalizar-se, garantindo-se os interesses e honra dos Estados Unidos no Vietnã do Sul".

4. Realizar reformas sociais e econômicas. "Executar uma política de (construir) uma economia nacional independente e democrática; elevar gradualmente o padrão de vida do povo como passo preliminar para a eliminação do desemprego e da pobreza. Revogar todas as leis econômicas drásticas; reconhecer a liberdade de negócio e comércio; abolir completamente toda espécie de impostos

escorchantes, impostos suplementares e cobranças executivas; reduzir outros impostos e diminuir as multas. Garantir e estimular a economia nacional; reduzir a entrada de mercadorias estrangeiras que prejudicam o mercado do Vietnã do Sul. Abolir o monopólio dos imperialistas americanos e da família Diem. Aumentar os salários dos trabalhadores, militares, servidores públicos e empregados de companhias privadas".

5. Cessar a luta. "Cessar imediatamente os atentados, tiroteios e operações terroristas e o uso de veneno químico, gás tóxico e bombas de napalm; de modo geral, pôr termo à guerra; restaurar a paz e a segurança e estabilizar a situação na zona rural e na outra parte (área não-libertada) do Vietnã do Sul; fazer cessar o derramamento de sangue entre o povo vietnamita. Por fim ao achacamento da imprensa; desmobilizar os soldados do exército Republicano cujo tempo de serviço haja expirado e permitir que retornem às suas famílias e ganhem seu sustento. Declaramos veementemente que 18 anos de guerra é mais que suficiente! Não há razão para se procrastinar o estado de luto em nosso solo meramente por causa da ambição dos imperialistas americanos beligerantes e seus seguidores".

6. Criar um governo de coalizão. "Os partidos interessados do Vietnã do Sul devem negociar entre si para alcançarem um cessar-fogo e resolver os problemas importantes da nação, estabilizar as políticas internas e externas básicas, com vistas a se obter eleições gerais livres para eleger os órgãos estatais e formar um governo nacional de coalizão composto de representantes de todas as forças, partidos, tendências e camadas do povo vietnamita".

Essas exigências nada apresentavam de novo quer em substância quer em ênfase, em relação às declarações de setembro. Tinha-se quase a impressão de que constituíam

uma espécie de ação de consolidação. A declaração reiterava também a posição da FLN-Hanói com relação ao tema de unificação, embora esse assunto não estivesse relacionado como uma das “exigências”.

O Segundo Congresso da FLN, marcado originariamente para fevereiro de 1963, mas adiado diversas vezes pelo Comitê Central porque “as condições não estavam favoráveis”, realizou-se finalmente de 1 a 8 de janeiro de 1964. O Presidente Nguyen Huu Tho denominou a reunião “um congresso de vencedores”. A principal declaração do congresso foi um discurso de Tho. Clara e inequivocamente, ele pediu um acordo negociado através de “uma cessação da guerra e mediante a retirada das forças militares americanas, e negociações de todas as forças e partidos do Vietnã do Sul para se encontrar uma solução racional para a realização de uma política de paz e neutralidade”.

Em sua mensagem de aniversário em dezembro de 1964, a FLN reiterou prévias declarações de política. Nada foi acrescentado; nenhuma mudança de ênfase foi percebida. Sua fórmula para resolução das questões continuou a mesma: “A FLN mais uma vez reitera sua posição de que os Estados Unidos devem sair do Vietnã do Sul, e que o problema do Vietnã do Sul deve ser resolvido pelos próprios sul-vietnamitas”.

A declaração de “Cinco Pontos” da FLN, divulgada em fins de março de 1965, constituí de modo geral uma exortação ã intensificação da luta armada e tem pouco efeito direto sobre a questão de negociação, exceto que exige “uma voz decisiva” para a Frente em qualquer acordo.

A declaração mais recente e mais definida foi divulgada em 8 de abril de 1965 pelo governo norte-vietnamita. Continha seus famosos “Quatro Pontos” que, segundo declaração,

deviam ser a base de qualquer acordo político da guerra no Vietnã. A declaração foi repetidamente endossada pela FLN. Em meados de 1966 continuava a ser a política básica tanto da EDV quanto da FLN:

1. Reconhecimento dos direitos nacionais básicos do povo vietnamita: paz, independência, soberania, união e integridade territorial. O governo americano deve retirar do Vietnã do Sul todas as tropas, pessoal militar e armas de todos os tipos, munições e materiais bélicos dos Estados Unidos, desmontar todas as bases norte-americanas nessa área e pôr fim à sua política de intervenção e agressão no Vietnã do Sul. O governo dos Estados Unidos deve cessar seus atos de guerra contra o Vietnã do Norte (e) parar todas suas intromissões no território e na soberania da RDV.

2. Durante a unificação pacífica do Vietnã, enquanto o país ainda estiver dividido temporariamente em duas zonas, as cláusulas militares dos acordos de Genebra de 1954 devem ser respeitados rigorosamente, as duas zonas devem abster-se de firmar qualquer aliança militar com países estrangeiros, não deve haver quaisquer bases militares, tropas e pessoal militar estrangeiros em seus respectivos territórios.

3. Os assuntos internos do Vietnã do Sul devem ser resolvidos pelo próprio povo sul-vietnamita sem interferência estrangeira, de acordo com o programa da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul.

4. A unificação pacífica do Vietnã deve ser resolvida pelo povo vietnamita em ambas as zonas sem qualquer interferência estrangeira.

Grande parte do objetivo declarado da FLN é comum a qualquer governo. A FLN dizia desejar, entre outras coisas,

estabelecer democracia, desenvolver a economia nacional, promover a educação, construir uma força armada e dar direitos iguais a grupos minoritários. Não há governo que não afirme esposar esses anseios. Entretanto, três elementos da política da FLN são críticos e merecem exame em separado: as questões de governo de coalizão, neutralização e unificação.

Governo de coalizão

A FLN definia publicamente um governo de coalizão como aquele que representasse “todo setor da população, várias nacionalidades, partidos políticos, comunidades religiosas e personalidades patriotas”. A FLN excluía especificamente o governo sul-vietnamita que, segundo declarava, devia ser derrubado.

Isto não sugere um governo de coalizão em qualquer sentido significativo. Um verdadeiro governo de coalizão seria um esquema em que a FLN tivesse a mesma força que o governo vigente no Vietnã do Sul e não mantivesse exclusivamente o poder de decisão no país. No decorrer dos anos os vietnamitas de Saigon têm sentido que o problema político básico envolvido na questão de levar a paz ao país consistia em eliminar os elementos leais à RDV da FLN e trazer de volta os elementos nativos restantes à arena política. Talvez esse venha a ser o resultado final. Pode-se afirmar com certeza que a estabilidade política não ocorrerá no Vietnã enquanto a FLN, como força sociopolítica, permanecer segregada do resto da sociedade. No entanto, tampouco a FLN pode ser integrada de qualquer forma enquanto ela defender ou representar os interesses da RDV.

Há alguns indícios de que em certas ocasiões a liderança da FLN considerou a possibilidade de um autêntico governo de coalizão. Um documento interno sigiloso da FLN, datado de agosto de 1962, por exemplo, tecia especulações sobre a fatura possibilidade de participar de uma coalizão semelhante ao governo tripartite do Laos:

Em virtude de nosso esforço perseverante, o inimigo poderá ver-se encurralado, incapacitado de vencer. Quanto mais prolongada for a luta, pior será sua situação. Por conseguinte, talvez sejam obrigados a negociar e transigir. A natureza das negociações variará, dependendo da força relativa de nós próprios e do inimigo. O resultado poderia ser semelhante ao que se vê hoje no Laos. Ou poderia ser semelhante à derrota francesa pelos argelinos, e nesse caso o inimigo seria obrigado a reconhecer nossa soberania e independência.

Entre os membros fanáticos da FLN e principalmente entre os regulares que passaram a controlar completamente a FLN depois de meados de 1964, uma coalizão era apenas um esquema transitório que deveria dar lugar ao pleno controle comunista. Mesmo como tática, a coalizão veio a ser considerada duvidosa depois de meados de 1964, provavelmente porque a liderança não a julgava necessária. Em julho de 1964 o Hoc Tap estampou uma declaração significativa com relação à questão de negociação:

As leis e acordos compatíveis com os interesses básicos do povo e do país só podem ser conquistados através de uma luta longa e acirrada do povo contra o inimigo. É ilusório

esperar persuadir o inimigo cruel do povo a cumprir acordos. As contradições entre o povo sul-vietnamita e os imperialistas norte-americanos e seus lacaios são antagônicas. A solução correta consiste não em conciliar as contradições e as classes e sim fazer uma revolução para eliminar as contradições. É impossível (...) contar-se com "palestras" e "negociações" com ((os imperialistas), como afirmam os modernos revisionistas. (...) A libertação do Vietnã do Sul só pode ser conquistada pela força.

Essa declaração tinha um tom obviamente antissoviético, mas indicava as vagas perspectivas para qualquer espécie de acordo negociado com a FLN, inclusive a negociação de um governo de coalizão.

Após a queda de Diem a FLN afirmou que as hostilidades só prosseguiam no Vietnã devido aos esforços dos Estados Unidos e que os governos pós-Diem só continuavam viáveis devido ao apoio norte-americano. For isso, a FLN exigia a retirada das forças americanas como pré-condição para qualquer solução. Numa transmissão da Rádio Libertação em 10 de fevereiro de 1964, Nguyen Huu Tho detalhou a política da FLN que vigorou durante o transcurso de todos os acontecimentos subsequentes: "Os Estados Unidos (devem) (...) cessar sua guerra agressiva no Vietnã do Sul, e os vários partidos e forças da área (devem) negociar entre si para encontrar um acordo razoável nos interesses da Pátria numa base de paz, independência e neutralidade".

As primeiras declarações da FLN sobre a questão de coalizão davam a entender que a FLN devia dominar qualquer governo de coalizão, porquanto representava todos os "elementos do povo", na realidade todos menos os diemistas. A mudança de linguagem sugeria que a liderança

da FLN reconhecia importantes forças políticas fora da Frente, principalmente os budistas, com as quais podia negociar e às quais estava fazendo uma proposta séria. Dizia a declaração de 20 de julho de 1982:

A Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul está pronta a colaborar numa base de igualdade com todas as forças, partidos, grupos, associações e indivíduos para se opor à guerra agressiva dos imperialistas norte-americanos no Vietnã do Sul, ainda que essas forças não aprovem completamente os princípios básicos da Frente de Libertação Nacional. Essa disposição de colaboração é extensiva às forças existentes no país e no exterior e até mesmo àquelas que no passado colaboraram com o imperialismo norte-americano mas que agora se opõem a esse imperialismo. É extensiva aos grupos políticos, culturais, sociais e profissionais e às organizações armadas que até agora têm-se oposto à Revolução no Vietnã do Sul, ou que ainda façam parte do governo ou do exército do Vietnã do Sul, mas que agora procuram erguer-se para a salvação do país. A Frente de Libertação Nacional deseja pôr-se em contato com todas essas forças para trocar idéias, procurando uma compreensão mútua de nossos pontos de vista, e para discutir métodos concretos para salvar o país. A base para negociações serão as políticas acima ou partes específicas dessas políticas.

Essas propostas nada produziram e portanto é impossível determinar se eram sinceras. Não obstante as propostas beneficiaram a FLN, pois ajudaram a preparar o palco para a terceira fase da evolução da FLN, na qual o principal objetivo era tentar legitimizar a organização.

Em meados de 1964 a FLN teria realizado sondagens com relação ao que parecia ser uma proposta de autêntico governo de coalizão. Consistiria de 18 ministros, 6 dos quais membros do FRP; 8 não-comunistas escolhidos entre os vietnamitas residentes em Paris estreitamente ligados a Tran Van Huu; e 4 do governo sul- vietnamita. De acordo com o estilo organizacional vietnamita tipicamente emaranhado, os 18 não seriam ministros de gabinete e sim vice-ministros ou ministros adjuntos, "auxiliando" um gabinete composto de não- comunistas vietnamitas destacados; os cinco vice-ministros cujos "assistentes" seriam comunistas deteriam os postos de defesa, interior, relações exteriores, economia e assuntos rurais — todos os postos chaves. Nunca ficou bem claro se essa proposta emanou realmente da FLN e se, em caso positivo, era meramente uma manobra divisiva. É de duvidar que a proposta de participação num governo de coalizão haja a qualquer época parecido promissora a políticos não-comunistas do Vietnã, e certamente não pareceu depois de meados de 1963. Mesmo na ocasião da formação da FLN os políticos profissionais, autoridades do governo e líderes religiosos em todo o país avaliaram corretamente a FLN como um grupo de frente de dominação comunista que procurava ardilosamente o poder para os comunistas. Em 1934 todos estavam cônscios do esforço de regularização que ocorrera dentro, da FLN, e ninguém, com a possível exceção dos budistas, julgava-se em igualdade de condições de tamanho e força para se arriscar a entrar numa coalizão, temendo serem engolidos. O governo de coalizão como uma FLN forte não era uma idéia de fácil aceitação no Vietnã do Sul, ainda que constituísse um produto útil para o mercado exterior da FLN.

Neutralização

No sentido de não-alinhamento em política exterior, cumpre distinguir o verdadeiro neutralismo do neutralismo antiimperialista do pensamento marxista que é considerado simplesmente como um passo no caminho para o comunismo. Para os sul-vietnamitas na década de 1960, o neutralismo era um atrativo vigoroso, pois era o apelo de retirada e de fuga da tensão na Guerra Fria. Para muitos era a panaceia áurea. Significava paz e a eliminação de todas as forças militares do país. Significava uma terceira alternativa, uma solução de compromisso que todos podiam aceitar. A FLN manipulou com habilidade o sentimento neutralista.

Em seu congresso de 1962, a FLN divulgou uma declaração a respeito de um Vietnã e possivelmente uma Indochina neutralizados:

Continuaremos a respeitar os acordos de Genebra e a exigir que os imperialistas norte-americanos cessem sua agressão armada e retirem as armas, assessores militares e tropas do Vietnã do Sul e renunciem aos sangrentos planos Staley, Taylor e Nolting. (Exigimos) restauração imediata da paz no Vietnã do Sul, de tendo sem tardança a guerra contra o povo. (...) (Propomos) executar uma política exterior de paz e neutralidade (...), que estabeleçamos uma zona neutra da Indochina, que inclua o Vietnã do Sul, a Camboja e o Laos, mas com plena soberania e independência para todos os países.

A FLN indicava até mesmo boa-vontade para aceitar inspeções policiadas. Isso parecia sugerir que a FLN concordava com um esquema em que as potências mundiais

estabelecessem uma zona neutra e depois empreendessem a tarefa de fazer cumprir a neutralidade.

O fator crítico em qualquer proposta dessa natureza estava na definição da palavra “neutro” e, além disso, na questão de boa fé. Para a liderança do PRP, neutralização era uma tática que não se devia confundir com não-alinhamento. Dizia um memorando de agitação e propaganda sobre neutralismo, datado de julho de 1963:

A neutralidade pacífica proposta por nosso Partido é inteiramente diferente do neutralismo do capitalismo num país nacionalista. Nossa neutralidade é uma nova forma de luta e parte da revolução proletária internacional. Assim, na realidade não há neutralidade, e sim a escolha do lado socialista e a determinação de rechaçar o imperialismo, principalmente o imperialismo norte-americano. (...) Uma política pacífica de neutralidade não obsta a revolução nacional democrática. (...) Se a liderança do Partido estiver correta e souber explorar as circunstâncias para ampliar a força anti-Diem-EUA, a Revolução marchará com facilidade. O termo “neutralidade pacífica" explora as circunstâncias favoráveis para apressar a revolução nacional democrática e a reunificação do país.

O PRP acreditava obviamente que um Vietnã do Sul neutralizado significaria um virtual vácuo político em que, através da altamente organizada FLN, o PRP teria vastas oportunidades. O neutralismo era um meio de superar o poderio militar americano. Era também uma poderosa arma diplomática e de opinião pública a ser virada contra os Estados Unidos.

Dentro do Vietnã do Sul, entretanto, o tema de neutralidade era silenciado, uma vez que ele tendia a deter os esforços da FLN para desenvolver o movimento de luta militante e total contra o governo vigente; seria, muito fácil para a população apegar-se ao neutralismo como uma terceira força, uma saída, e destarte atuar contra os esforços da FLN para sublevar a população rural.

Como tema externo depois de meados de 1962, a Comissão de Relações Exteriores da FLN tratou o neutralismo como seu principal instrumento de política externa. Em 18 de agosto de 1962, o Comitê Central da FLN divulgou uma “Declaração de Quatorze Pontos sobre Neutralidade”. À parte os pontos mais comuns havia a afirmativa de que a independência e a neutralidade do Vietnã do Sul seriam respeitados e garantidos pelos países e partes obrigados pelos acordos de Genebra de 1954 sobre o Vietnã.

Sihanouk, o mais sincero (e provavelmente o único) defensor da neutralização do Vietnã, propôs em dezembro de 1963, a criação de uma federação neutralizada da Indochina, que consistiria no Camboja e no Vietnã do Sul. Afirmava que a unificação do Vietnã era no momento prematura, senão impossível, e que a federação serviria como uma solução transitória. As relações exteriores dos dois países, dizia ele, seriam conduzidas em conjunto; cada um dos países controlaria o outro nesse respeito. Através da neutralização poderia advir a paz e a federação traria benefícios econômicos para ambos os países. Tal esquema, ele afirmava, seria aceito por Hanói — um ponto muito discutível — e depois de consumado tenderia a favorecer o mundo não-comunista. Ao que se saiba a FLN nunca fez comentários públicos com relação à idéia da federação, ainda que apoiasse uma solução de "zona”, mais frouxa e mais vaga com o Laos e o Camboja.

Nada indica que os próprios comunistas acreditassem na perspectiva de um Vietnã "neutro” no sentido cambojano. E depois do período 1960-61, poucos vietnamitas de qualquer um dos lados consideravam a idéia seriamente, com a possível exceção de alguns líderes budistas no Sul.

Unificação

Três atitudes distintas com relação à unificação pareciam existir entre as fileiras da FLN: havia aqueles que insistiam que ela devia ser a meta suprema, aqueles que a apoiavam em princípios mas consideravam-na inexequível, e aqueles que se opunham sob a alegação de que unificação significaria absorção pelo Norte. Quando os dirigentes nortistas começaram a preencher as vagas da FLN, surgiu um apoio mais forte à idéia mas isso não significava necessariamente que as perspectivas de unificação estivessem mais brilhantes.

No Norte, e entre os sulistas profundamente leais ao Norte, a unificação trazia uma aura mística que Ho Chi Minh expressava com frequência. O Comitê Central do Partido Lao Dong possuía um Comitê de Reunificação desde 1960. Um grupo paralelo foi formado no governo e também na Assembléia Nacional da RDV.

Durante toda sua história, as referências à unificação no material divulgado pela FLN têm variado de uma por dia a nenhuma em meses. Por outro lado, o material de Hanói refere-se mais continuamente à unificação. Não está claro se essa diferença em ênfase é simplesmente tática (em vista da suspeita sulista geral com relação à unificação) ou se ela representa um verdadeiro conflito entre os líderes da FLN e o Politburo de Hanói. Tem sido dada pouca atenção a esse

tema através de eleições livres no Norte e no Sul, de acordo com os acordos de Genebra; em lugar disso, tem-se defendido a unificação mediante "negociações graduais de representantes das duas zonas”.

O PRP, acima de tudo leal a Hanói, permaneceu fortemente comprometido com a unificação direta e imediata. Vo Chi Cong, o presidente do PRP, declarou numa transmissão da Rádio Libertação em 23 de julho de 1963:

Leal ao ponto de vista de que o Vietnã e a nação vietnamita são indivisíveis, o PRP não renuncia jamais à luta por um Vietnã unificado. A primeira tarefa com que nos defrontamos é a libertação do Vietnã do Sul e (...), o estabelecimento de uma política exterior neutralista. (...) Ao libertar o Sul nosso povo criará também condições práticas para unificação (...) pois então a unificação tornar-se-á um problema interno. (...) O PRP julga essa posição oportuna e necessária (...) e de acordo com o espírito e com as palavras dos acordos de Genebra de 1964. Os marxista-leninistas do Vietnã do Sul sentem-se felizes por seguir essa correta linha de luta.

Sumário

O estudo das declarações de política da FLN, a inspeção de seus esforços de exteriorização e a comparação de suas ações e seus atos deixa-nos com uma impressão subjetiva do desígnio geral das metas da FLN e dos parâmetros dessas metas, que parecem ao autor serem os seguintes:

1. Alcançar o controle político operativo do Vietnã do Sul; uma possível disposição, mas relutância, de aceitar um acordo em troca de algum poder político, ao invés de todo ele, se estivesse claramente demonstrado que a alternativa a algum poder político fosse ou impasse ou derrota total.

2. Buscar uma política governamental sul-vietnamita de não-alinhamento nas relações exteriores (mas segundo uma definição que classificaria as relações com a RDV como internas e não como exteriores), uma política que permitisse a redução ou eliminação de tropas americanas, possivelmente em troca da retirada das forças do EPVN do Vietnã do Sul.

3. Trabalhar em prol da unificação dos dois Vietnãs através de um processo gradualista, cujos métodos e prazos seriam negociáveis.

4. Forjar uma base ampla de apoio mundial, alicerçada sobretudo nas nações do bloco comunista e não ligada excessivamente a qualquer país estrangeiro. (Em termos da FLN, as relações com a RDV seriam consideradas internas e não externas).

5. Depreciar os Estados Unidos, mobilizar contra eles a opinião mundial, e incrementar seus sentimentos de frustração e inutilidade de seus esforços no Vietnã do Sul.

6. Explorar toda fraqueza americana e do governo sul-vietnamita no exterior, não importando quão insignificante ou efêmero qualquer exemplo pudesse ser.

7. Com relação ao cisma sino-soviético, contribuir com o pouco que pudesse para remediar a cisão, mas não ser obrigada a uma posição em que tivesse de tomar partido.

8. Com relação à RDV, evitar ser completamente submergida por Hanói. É fora de dúvida que existia algum grau de conflito; a maioria dos defensores politizados da FLN compreendiam que os interesses do Norte, e do Sul não eram idênticos. Os dirigentes e os membros do PRP ligados à FLN compartilhavam as metas da RDV; tornaram-se cada vez mais fortes e praticamente monopolizaram a hierarquia em 1965.

9. Lutar pela retirada das forças americanas do, Vietnã do Sul, com base no cálculo de que os Estados Unidos poderiam ser persuadidos a aceitar um governo neutro de coalizão se sua posição no Vietnã do Sul se tornasse suficientemente insustentável.

10. Evitar uma “solução negociada" numa conferência internacional sob o fundamento de que com quase toda certeza tal solução equivaleria a uma liquidação da FLN. (Mas isso não impedia a aceitação, como tática, de um governo de coalizão). No caso de ser necessário uma solução negociada, por ser impossível uma vitória completa ou pôr estar iminente uma derrota, as condições que a FLN esperava impor incluíam (a) um autêntico governo de coalizão que incluísse elementos da FLN no nível de ministério; (b) um entendimento de que o Vietnã do Sul seguiria uma política exterior não-alinhada mas pró-chinesa segundo o modelo da Camboja; (c) laços econômicos mais estreitos com a RDV; (d) anistia para seus membros, ou permissão para que se mudassem para a RVD; (e) retirada da maior parte, mas não necessariamente, de todas as forças militares americanas.

XX. MÍSTICA

Quem não vivia no Vietnã tinha uma impressão, não compartilhada nem por vietnamitas nem pelos estrangeiros residentes no país, que o Vietnã do Sul era um lugar de terror e morte súbita, de golpes de estado e de bombardeios, de alarmas e ataques noturnos. Tudo isso existia realmente; de certa forma, entretanto, essas coisas permaneciam em perspectiva e não dominavam as vidas de americanos ou de vietnamitas, em Saigon ou fora da cidade. Milhares de aldeões vietnamitas passaram todo o período de 1960-1965 sem se envolverem e quase sem serem molestados tanto pela luta armada da FLN como pelas operações militares do governo sul-vietnamita. Embora submetido a uma enorme atenção organizacional e política da FLN, o camponês vietnamita médio era raramente vítima direta de seu programa de violência. A imagem que a maioria dos estrangeiros fazia do Vietnã rural era um vasto e fervilhante campo de batalha, de inúmeros choques militares de dia, de aldeias destroçadas repetidamente por batalhas entre o ERVN e os guerrilheiros, de um povo em meio a uma luta sanguinolenta constante, sem ter onde se esconder, vivendo numa espécie de terra de ninguém entre dois exércitos antagônicos — essa imagem simplesmente não resiste a um exame.

A arma organizacional

As características básicas da FLN e de suas atividades eram o uso de uma organização de frente unida para criar uma base de apoio popular; organização da população rural, empregando tanto apelos racionais ao egoísmo como coação, e depois utilizando os movimentos sociais de criação especial em atividade antigovernamental; uso intenso de várias técnicas para a comunicação de idéias a fim de fomentar conflito social; uso de ações militares especializadas, de natureza seletiva e intenção psicológica; uso do aparelho do partido comunista, e da doutrina comunista entre os líderes e especialistas em tempo integral, para criar ortodoxia e manter a disciplina. A meta era o controle da população e, através desse controle, a organização do povo contra o governo. Mas era algo mais do que isso. Era mais que simplesmente a inculcação de novas crenças ou de atitudes diferentes das existentes. O objetivo supremo da FLN, entrelaçado com outras atividades, estava em criar uma nova espécie de socialização.

A FLN estava dedicada aos mais profundos valores sociais. Procurava criar um novo sistema de agrupamentos formais e informais mediante o qual se alcançaria a socialização e se regulamentaria o comportamento. Manipulava as atividades econômicas, a base de todas as atividades humanas, de maneira tal a aumentar o grau de comunalismo ou coletivização e assim, até certo ponto, alterar os meios de produção da aldeia; introduzia uma nova estrutura política para manter a ordem interna e normalizar o contato dentro do Vietnã do Sul, principalmente com relação a camponeses hostis à FLN; manipulava o sistema de ensino e outras atividades intelectuais nas aldeias. Tentou evidentemente substituir as crenças religiosas tradicionais por uma forma

disfarçada de marxismo, e introduziu uma nova terminologia de linguagem, mitologia social e folclore.

O segredo do sucesso da FLN nos primeiros anos foi a organização. É provável que a FLN tenha gasto mais dinheiro, tempo e mão-de-obra na atividade organização que em todas as outras atividades combinadas. Além disso, esse esforço concentrava-se no que era um vácuo organizacional.

Nas áreas do país em que desfrutava de um controle social firme e contínuo, a FLN era, na realidade, uma sociedade dentro de uma sociedade, com sua própria estrutura, valores e instrumentos coercivos sociais. Os especialistas da FLN faziam um esforço consciente e maciço para ampliar a participação política, mesmo que manipulada, no nível local, de maneira a envolver a população numa revolução fechada e que prescindisse de apoio externo. As associações funcionais de libertação em nível de aldeia tentavam servir a cada membro individual em termos de seus próprios interesses, enquanto simultaneamente desenvolvia uma profunda consciência revolucionária. Ironicamente, em decorrência de crescente coação por parte da FLN, à medida que seu apoio popular diminuía, sua autoridade real aumentava. O que fora essencialmente um mecanismo de persuasão tornou-se basicamente um instrumento de coação, não tanto devido ao fracasso do esquema original de organização social da FLN quanto devido à chegada de especialistas do Vietnã do Norte que não estavam dispostos a confiar na fórmula original por acreditarem que a longo prazo ela não atenderia aos interesses do Partido e podiam, com efeito, tornarem-se uma ameaça para ele. Mas a organização, persuasiva ou coerciva, foi sempre a atividade básica da FLN nas aldeias.

A estrutura que criaram evidencia que os líderes dessa empresa eram profissionais. É difícil, entretanto, calcular o número de líderes e especialistas da FLN que eram revolucionários profissionais. A maioria deles tinha vasta experiência, alguns por desejo, outros por circunstâncias. Os líderes iniciais da FLN eram ex-membros do Viet Minh. Eram competentes e gozavam de elevado prestígio entre seus seguidores. A maioria deles havia tomado parte no movimento, quer no Viet Minh ou na FLN, durante a maior parte da vida, embora de modo geral o líder guerrilheiro tivesse servido mais tempo que os civis. Na FLN esses antigos líderes vieram a ocupar os postos administrativos principais ou tornaram-se comandantes de unidades da força Principal. Inclinavam-se a ser mais nacionalistas e menos doutrinários que seus sucessores. Aqueles que adquiriram preeminência após o lançamento da FLN, ou seja, em princípios da década de sessenta, eram mais politizados, menos sujeitos a ter tido experiência profissional, e por conseguinte gozavam de menos prestígio aos olhos dos seguidores. Eram mais doutrinários, mais antigovernistas, mais favoráveis à RDV e ao comunismo. Com a regularização, vieram do Norte tanto especialistas como líderes supremos. A maior parte deles havia sido de jovens técnicos de revolução durante a guerra do Viet Minh que haviam galgado a escala hierárquica no Norte de acordo com os padrões da RDV, o que vale dizer que possuíam em alto grau virtudes comunistas, competência, técnica, zelo, disciplina e inabalável fé na causa. Tinham interesse em que a vitória fosse alcançada através das ordens emanadas da RDV, pois era lá que estavam seus lares, sua família e as raízes de suas carreiras. A motivação deles era inteiramente diferente; era uma motivação norte-vietnamita, tivessem eles ou não nascido no Sul. Acima de tudo, esses líderes treinados no Norte, encontrados sobretudo na máquina militar da FLN, eram profissionais. Eram menos movidos pelo profundo sentimento de frustração que impelia os primeiros

líderes, e sua devoção à causa originava-se mais de carreirismo que de ideologia ou ódio.

Uma das perguntas mais comuns feitas sobre o membro da FLN era “Por que ele se ligou à Frente?” A implicação envolvida na pergunta era que por uma ou mais razões racionais ou emocionais" o vietnamita individual decidiu alistar-se na causa, fê-lo e assim ingressou na organização como um crente. Como quase certamente provam os capítulos anteriores, pode-se quase dizer que o contrário é que acontecia. O jovem vietnamita era primeiramente cercado por uma organização social para cuja criação ele em nada contribuíra, mas a que de algum modo pertencia. Através de um processo de insinuação, o rapaz compreendia que fazia parte da FLN, nunca inteiramente certo de como tal sucedera e nunca com qualquer possibilidade franca de opção. Por conseguinte, para se compreender o padrão de recrutamento e sua contribuição para a mística da FLN há que se considerar não os motivos, mas as circunstâncias.

A resposta mais comum dada por um desertor a perguntas relacionadas com as circunstâncias em que veio a fazer parte da FLN indicava que ele fora inicialmente arrastado para a organização e só mais tarde recrutado. Era possível que primeiro lhe pedissem que servisse de mensageiro, ou que participasse num movimento de luta, ou que entregasse folhetos a um agente na capital da província. Depois era concitado a se reunir a amigos num grupo de estudo que podia ser também uma aula de literatura. Depois era-lhe solicitado que cometesse algum ato de violência; nesse ponto, soubesse disso ou não, ele já estava preso na rede. Quando tratado com habilidade, sutileza e gradualmente, um adolescente não compreendia estar sendo envolvido senão quando já se encontrava completamente capturado. Essa técnica funcionava, de modo geral, não em áreas onde o governo sul-vietnamita exercesse sua autoridade, e sim

nas aldeias remotas onde a FLN e antes dela o Viet Minh eram o único “governo” visível que a juventude jamais conhecera. É claro que uma pequena minoria procurou e uniu-se à FLN. Entre esses estavam insubmissos ao serviço militar, desertores das forças armadas, aqueles que odiavam o governo por alguma razão pessoal, oportunistas, ambiciosos que procuravam status, desajustados e aventureiros.

Na maior parte, entretanto, os seguidores eram recrutados em circunstâncias em que não lhes sobrava alternativa. A maior parte do recrutamento era realizado entre grupos sociais como as seitas religiosas, que tinham queixas contra o governo, e menos esforço era feito com relação ao recrutamento de indivíduos ao acaso. Ao mesmo tempo a FLN procurava criar situações que dessem origem a queixas entre tais grupos de modo a facilitar o recrutamento. Uma vez recrutado o jovem, o treinamento e a doutrinação proporcionavam a justificação para a participação.

Os estrangeiros supunham amiúde que os membros do exército da FLN fossem fanáticos. Por se portarem bem em combate, dizia-se, tinham alta motivação, o que significava dedicação a uma causa ideológica. Ao buscar a vitória por meio do terceiro estágio de Mao-Giap. Isto, porém, provocou uma escalada na reação americana, o que significou que de um ponto de vista doutrinário, a militarização do esforço falhara tanto quanto a tese da Rebelião Geral.

Em suma, de uma perspectiva de mística, a Rebelião Geral serviu bem à FLN nos primeiros tempos da Revolução. Não era um simples enfeite, mas justificam, o que se buscava era a essência dessa convicção, que se mostrou ilusória, sobretudo porque não existia. As melhores unidades militares — as da força Principal — eram altamente eficientes porque eram compostas de profissionais, não

jovens camponeses vietnamitas verdes, apenas havia pouco apresentados ao fuzil, mas guerrilheiros experientes que haviam estado a lutar durante a maior parte de sua vida adulta.

Cimento doutrinário

A força da PLN resultava de um cuidadoso trabalho de organização, não de algum espírito diferente. A mística, no grau em que existia e ligava os tijolos separados do movimento, resultava de esforços de doutrinação, mitos sociais comuns e relações entre chefes e chefiados.

Rumo da Revolução

As várias leis pseudocientíficas que no entender da liderança regiam a Revolução não foram em tempo algum desafiadas pelos membros da FLN, como tampouco o dogma de que tais leis existiam.

A liderança julgava ser sua principal tarefa doutrinária a tradução de teoria abstrata no ambiente de uma sociedade tradicional. Obtinha isso dando valor prioritário à lealdade. A Revolução tomava um tom pragmático, não muito intelectual. Tanto para a FLN como para o PRP, dois eram os determinantes do êxito: capacidade revolucionária, inclusive a propensão para revolução do próprio povo vietnamita, e liderança do PRP, ou seja, liderança comunista. A potencialidade revolucionária do povo era mais afirmada que provada, e a liderança monopolista do Partido era antes imposta que prescrita. Ambas transformaram-se em artigos

de fé, uma crença mística no poder e na lealdade do povo e um sentimento de confiança na onisciência do Partido. O que se fazia necessário então era aplicar a fórmula: o povo apoiaria a Revolução bastando para tal que os dirigentes lhes mostrassem que o interesse popular identificava-se com a causa, fizessem agitação constante de modo a evitar uma perda de ardor, e os transformassem em pessoas de iniciativa que agissem e não meramente reagissem.

Nunca se descobriu qualquer prova da ocorrência de cismas nos primeiros anos no rumo adequado da Revolução. A disputa que se formou, como vimos, referia- se à redação do último ato do drama revolucionário. A disputa resolveu-se em favor da solução militar — a tese Mao-Giap — não através de discussão, mas porque a supra-liderança em Hanói chegou a conclusão de que essa solução representava o rumo certo e usou seus especialistas treinados no Norte e a ele fiéis para forçar a aceitação da decisão. Sem dúvida os fracassos contribuíram para a decisão de se "militarizar" a luta e buscar a vitória por meio do terceiro estágio de Mao-Giap. Isto, porém, provocou uma escalada na reação americana, o que significou que de um ponto de vista doutrinário, a militarização do esforço falhara tanto quanto a tese da Rebelião Geral.

Em suma, de uma perspectiva de mística, a Rebelião Geral serviu bem à FLN nos primeiros tempos da Revolução. Não era um simples enfeite, mas a justificação e racionalização para a rebelião, o cimento que uniu o esforço, e um poderoso instrumento para utilização das equipes de agitação e propaganda nas aldeias. No fim falhou por não estar suficientemente alicerçado na realidade, porque só podia funcionar se a avaliação dos comunistas do ambiente social no Sul estivesse correta, e não estava.

A FLN e as pessoas a quem influenciava viviam num mundo místico de pretos e brancos, bem e mal, um mundo simplista inteiramente em desacordo com aquele com que os vietnamitas estavam acostumados. Mas criou uma poderosa imagem externa para o vietnamita mergulhado na causa, reestruturando sua realidade, proporcionando-lhe uma nova identidade e um ilimitado senso de unidade. Quatro eram os elementos dessa mística. Primeiro, ela se caracterizava por grande moralismo e era muito mais moral que ideológica. Segundo, era caracterizada por extremo romantismo. A organização clandestina composta de multidões de grupos e sociedades secretas jogava com o amor do vietnamita pelo tortuoso. Terceiro, sua mística era imitativa e portanto militantemente defensiva, o que provavelmente deve ser contado como uma deficiência. E, finalmente, havia uma vontade de crer, talvez uma característica de qualquer mística. Baseava-se numa avaliação do meio-ambiente mundial que, no entender da FLN, tornava a Revolução no Vietnã irresistível e condenava o poderio do governo e dos Estados Unidos a constante deterioração. Baseava-se em fé na capacidade revolucionária do povo vietnamita, fé no lado doutrinário, fé na luta de guerrilhas revolucionárias composta da combinação de luta armada e política, e na sabedoria infalível dos líderes do Partido, que devido à longa experiência podiam adivinhar as leis da história.

O papel do comunismo

O marxismo-leninismo, filtrado através do pensamento chinês e vietnamita, contribuiu em muito para a mística da FLN. Após os esforços de regularização, não só o pensamento comunista como também a meta de sociedade comunista passaram a ser proclamados abertamente, da

mesma forma que antes eram afirmados internamente. Por exemplo, numa transmissão da Rádio Libertação de 9 de dezembro de 1964, o PRP afirmou que seu objetivo supremo era um estado comunista, sendo a única questão se isto aconteceria cedo ou tarde.

Uma condição comunista prevalecera dentro da FLN desde o começo e era tida como ponto pacífico pelos vietnamitas de todos os matizes políticos. Com relação à mística, a questão de supremacia do comunismo tornava-se um pouco mais complexa. Em parte era uma questão de definição. Se um comunista é aquele que jura lealdade cega ao movimento mundial cujo fulcro é Moscou ou Pequim, de onde, nesse exemplo, ele recebe, através de Hanói e mediante um cordão umbilical político, a nutrição e a força que ele não pode, e não quer, fornecer a si próprio, então a maioria dos líderes, especialistas e verdadeiros crentes da FLN, eram comunistas. Mas os vietnamitas da FLN achavam dificílimo compreender o marxismo-leninismo, porquanto se tratava de uma doutrina nitidamente anti-vietnamita em natureza e em desacordo com suas concepções mais profundas do universo. A FLN era comunista não porque incorporasse a doutrina comunista, mas porque se ligava aos estados estrangeiros que o faziam. Essa diferença, ou fraqueza, significava que as forças que uniram os comunistas e os movimentos comunistas durante tempos difíceis em outros lugares do mundo quase não existiam no Vietnã.

Palavra final

É incontestável que a combinação representada pela FLN era poderosa. Contudo, surge uma questão fundamental — para a qual não temos resposta final: se a vitória, ou seja, a

tomada do poder político total, poderia ser realizada por meio das técnicas social-políticas-militares imaginadas ou aperfeiçoadas pela FLN. Em termos da FLN, percorrer quase todo o caminho da vitória, chegar ao limiar da vitória e depois ver os reforços retrocederem ou serem rechaçados só podia significar que toda a empresa fora inútil e fracassara. Como no esporte, é o resultado final que importa. Usando a tese da Rebelião Geral, a FLN chegou perigosamente perto da vitória — esteve em seu portal em dezembro de 1963 e novamente na primavera de 1965 — mas ambas as vezes a vitória lhe fugiu. A conclusão dos nortistas, que em 1965 dominavam a FLN, foi que a tese da Rebelião Geral podia levar o movimento em direção à vitória, mas que não era capaz de levá-la até o fim do caminho. E foi assim que nasceu a ordem de mudar de doutrina e dar seguimento ao esforço segundo o esquema da guerra do Viet Minh. Alguns membros sulistas da FLN julgaram que essa decisão constituía um erro desastroso, que apenas a tese da Rebelião Geral podia vencer — mas nunca saberemos se tinham razão. A possibilidade de a FLN voltar à tese da Rebelião Geral era considerada remota pelos vietnamitas.

No computo geral talvez os nortistas tivessem razão. Ás associações funcionais de libertação da FLN eram altamente eficientes, mas, no entanto, seus esforços organizacionais entre grupos religiosos e étnicos importantes tinham muito menos êxito. As reformas sociais levadas à área libertada eram talvez mais aparentes que reais. A associação administrativa de libertação da FLN era mais manipulada que participativa, e tal condição geralmente trás em si os germes de sua própria destruição. A grande ênfase dada à comunicação de idéias fracassou na realização de sua meta principal: o camponês vietnamita, carecendo de um lastro de informação, deixava frequentemente de compreender em contexto o significado da mensagem. O camponês vietnamita pouco sabia sobre as forças sociais em atuação

em seu pais e menos ainda sobre o mundo exterior, e recebia os esforços da FLN para remediar essa deficiência com indiferença — a condição de paroquialismo dentro da qual duas aldeias próximas parecem distar mundos entre si não morre com facilidade na Ásia. Finalmente, o esforço empreendido pela FLN exigia um tipo de especialista — talentoso, hábil, dedicado e quase sobre-humano — que talvez não existisse em quantidade suficiente para assegurar sucesso.

Entretanto, os princípios envolvidos permaneceram intactos. Quanto mais se aprofundava no estudo da FLN, mais forte se tornava a impressão de se estar prestes a descortinar uma estagnação social futura, apenas entrevista. Sentia-se que aqui estava a sociedade de amanhã, o começo de 1984, quando paz é guerra, escravidão é liberdade, desorganização é organização.